

MARCO ABREU



As Crônicas de Arian

LIVRO 1 - O Guardião Sem Memórias

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Marco Abreu

AS CRÔNICAS DE ARIAN

LIVRO 1 - O GUARDIÃO SEM MEMÓRIAS

Ilustrações por Diego Cunha

Agradecimentos

Don, Meo e, principalmente, Marcelo, que me ajudaram na revisão e feedback da obra, muito obrigado. E claro, a meu pai, por sempre me incentivar em quase tudo que eu tentava fazer, mesmo que fosse algo simples, como escrever um livro, onde queria criar meu próprio mundo de fantasia. E claro, a Diego Cunha, por suas lindas ilustrações de cenas do livro.

Essa obra é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, locais, e incidentes, são produtos da imaginação do autor, ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos, ou locais, é mera coincidência.

Essa obra é protegida por direitos autorais, não distribua sem autorização.

Mapas (para versões coloridas visite www.cronicasdearian.com)

Os mapas são apenas uma ajuda visual, as distâncias não são totalmente precisas.

MAPA 1 - MIDVORN (Continente)



MAPA 2 - REGIÃO SUL



Capítulo 1 — Uma noite ruim

— Tem certeza? Precisamos de pessoas como você! Se não fizermos nada aqueles malditos do norte vão acabar com nossa fonte de água, e o Sul inteiro irá perecer. Você pode fazer a diferença...

O oficial estava o amolando na porta do bar há mais tempo do que conseguia lembrar. Robert não queria desrespeitá-lo, mas começou a, educadamente, ignorar o discurso de recrutamento, voltando sua atenção para o que ocorria dentro do Bar. Esse, afinal, era seu trabalho.

A conversa na mesa próxima a ele parecia muito mais interessante do que a ladainha daquele oficial.

— Dois moradores da cidade viram um vulto circulando pela floresta próxima, parecia vestir um manto negro todo rasgado. Três dias depois, todos os mercenários da redondeza desapareceram. Estão o chamando de cavaleiro da morte... — disse um dos militares mais jovens da mesa, tentando fazer uma voz fantasmagórica.

— Acredita mesmo nessas bobagens? São só histórias para afastar bandidos que o povo anda inventando — falou um outro militar bem gordo e com aparência mais velha, à frente dele.

— Eu até pensei isso, mas cada dia mais cidades do sul dizem tê-lo visto — argumentou o jovem.

— Na vila anterior que acampamos, dizem que ajudou um casal sendo atacado pela milícia. Na manhã seguinte, todos do quartel da milícia que havia tomado a pequena cidade há 1 ano, estavam mortos, empilhados sem cabeça na frente do quartel — falou outro dos oficiais na mesa.

— Dizem que há alguns meses apareceu um cavaleiro de mais de 2 metros, usando uma armadura negra, servindo de guardião na vila de Alivis, que fica a pouco tempo daqui. Será que é ele? — voltou a comentar o jovem.

— Acredito mais nisso do que na versão de cavaleiro da morte que veio pegar a alma de bandidos... Seja quem for que inventou isso, é um gênio. A atividade dos mercenários e bandidos nessa região reduziu bastante nos últimos meses, muito graças a esses rumores. — disse o oficial mais velho.

Robert já tinha ouvido falar do tal vulto de capa rasgada. Era um maluco vestido de preto, ou uma assombração de verdade? Tinha ficado curioso com esse cavaleiro negro em Alivis. Talvez valesse a pena dar uma passada na cidade durante sua próxima folga.

O bar estava mais cheio que o normal, graças a uma guarnição militar voltando da fronteira do Sul com o Norte. A maioria deles ficara de prontidão no acampamento que fizeram perto da cidade, só os de maior patente estavam ali. Se o bar estava cheio só com os oficiais, Robert imaginava em quantos eles deviam estar contando os soldados.

Era tanta gente que eles precisaram colocar mesas extras do lado de fora, algo bem raro. Em dias normais era difícil juntar mais de 50 pessoas ali dentro, o que era o limite para aquele modesto bar. Por sorte, Jeff, o dono daquele bar, também possuía o único mercado da região, que ficava a alguns metros dali. Então, suprir a demanda acentuada de clientes daquele dia não era um problema.

O clima do lado de fora era melhor. O vento vindo do lago que ficava a alguns metros do bar, era extremamente refrescante naquele calor. E a floresta de árvores gigantes a volta do local, junto a lua cheia, acabava gerando um belo cenário. O dono do local o disse uma vez que foi por isso que construiu o bar aqui, ao invés de dentro do vilarejo próximo, como seria mais natural. "Devia ter feito da área externa a principal então...", pensou Robert, suando sem parar. Dentro do bar, com toda aquela gente, estava um inferno de quente.

"Que droga Jeff, pare de usar tantas velas...", pensou o homem. A madeira interna era clara, o que ajudava a deixar o ambiente bem iluminado com poucas velas, mas Jeff fazia questão de ascender todas as velas dos quatro candelabros presos ao teto. Isso podia

deixar o ambiente bem claro, destacando o quanto o local era limpo, mas também ajudava a esquentar muito mais o local.

Robert trabalhava ali há 1 ano como segurança. Não era um serviço ruim, na maioria do tempo nada acontecia, só precisava ficar na porta fazendo cara de poucos amigos. Os seus 2 metros de altura e físico avantajado, devido aos anos trabalhando no campo, faziam o resto. E claro, sua cara feia unida a um cabelo preto curto e bagunçado.

Quando mais novo trabalhava na fazenda dos pais, mas depois que morreram e uma praga tomou conta do campo, ele teve que vender a fazenda. Não sabia o que fazer depois disso. Tentou trabalhar em outras fazendas, mas todos pareciam ter medo dele. Quando o dono do bar o viu na rua e lhe ofereceu o emprego, não conseguia acreditar em sua sorte.

Ele achava engraçado como ser feio tinha ajudado a conseguir a vaga. "Quanto mais assustador melhor", disse o dono do bar, Jeff, enquanto ria. Nada a reclamar. Pagava bem, e a maioria do tempo era um serviço tranquilo. Mas infelizmente, de vez em quando, haviam noites mais turbulentas, como aquela.

Vozes altas, e alguns oficiais, já bêbados, começaram a falar bobagem para as garçonetes. "Vamos lá, só bebam até cair e vão embora, não quero problemas com o exército", pensava o segurança repetidamente. O suor do calor e nervosismo já começava a aparecer em sua camisa branca com a gola desabotoada.

Na beira do bar, clientes comuns do vilarejo batiam papo. Quer dizer, menos um. Um homem coberto em um manto verde desgastado.

A cabeça sempre coberta pelo capuz que fazia parte da capa. Ele ia lá toda noite. Bem tranquilo o homem. A idade era difícil dizer pela barba cobrindo o rosto, e o capuz, mas parecia ser novo.

Tinha o hábito estranho de falar sozinho olhando para o lado, e de vez em quando começava a rir do nada. Inicialmente, Robert achava

que ele era maluco, mas, como todo resto do comportamento era normal, não tinha certeza.

Não parecia fraco, mas o físico não era muito proeminente, nem a altura, perto de 1 metro e 80 centímetros. Se chamava Arian, um nome que andava ficando bem popular atualmente. Ficou surpreso quando ele foi contratado como guardião do vilarejo próximo, a 2 meses. Desde então, visitava o bar toda noite para comer algo.

Sempre desejou aquele ofício. Guerreiros solitários que protegiam as pessoas, era o que imaginava quando ouviu falar neles pelo seu pai: "Guardiões são mercenários contratados que valem por vários homens juntos. Eles conseguem manter uma cidade inteira segura sozinhos! ".

A verdade, no entanto, não era tão bonita. Muitos deles morriam e outros andavam em grupos. Os que andavam sozinhos por aí, hoje em dia, eram raros, e tinham casos em que exploravam a vila, virando praticamente os donos da mesma. Nesses casos, era possível pedir ajuda ao lorde que governava aquela área, e habitava, normalmente, um castelo, na maior cidade da região. Mas dependendo do lorde, ele podia achar mais barato ignorar, do que gastar com soldados para retomar o vilarejo. Desde que pagassem os impostos em dia, o estado interno das vilas muito pequenas do seu território não importava tanto.

Já as cidades grandes, tinham muitos soldados cuidando de sua proteção, e as de médio e pequeno porte guardas pequenas, financiadas por parte dos impostos dos moradores. Mas vilarejos com menos de 5.000 habitantes, como aquele, conhecido como vila de Mot, não podiam arcar com esse luxo. O máximo que os impostos deles podiam pagar era um guardião que cobrasse pouco, e foi o que fizeram.

Alguns moradores foram falar com o guardião. Estavam sorrindo, provavelmente agradecendo. Desde que aquele homem chegara, as tentativas de roubo e invasão das fazendas à volta do local eram cada vez menores, assim como os saques no pequeno centro

comercial da cidade. Nunca o vira em ação, mas ou aquele homem tinha sorte ou sabia bem o que estava fazendo.

No momento Robert pensava nele como seu melhor amigo, já que, se houvesse uma confusão muito grande ali, era o único com experiência em combate a quem poderia pedir ajuda. E lá estava o maluco falando sozinho de novo...

Sua atenção saiu do Guardião, se voltando para uma pessoa saindo da cozinha.

— Mas que droga... Jeff, seu velho burro — falou para si mesmo.

“Brilhante, coloque a garçonne mais desajeitada e atraente para servir um bando de militares bêbados...”, pensou.

Jeff, o dono do bar, era uma boa pessoa, mas bom-senso não era seu forte. Não demorou nada para os temores do segurança do Bar virarem realidade.

— Uma meio-elfa? É sério? Ei, quanto você cobra? — perguntou o oficial, agarrando a mão da garota de vestido branco e um avental verde, que acabara de lhe servir uma bebida. A garota, loira, com olhos verdes, e orelhas levemente pontiagudas, corou um pouco.

Sara era uma meio-elfa, comuns no sul. Os elfos puros os desprezavam, e a maioria dos humanos, em más relações com os elfos há anos, também não gostavam deles. Sem apoio com nenhuma das raças, as mulheres eram frequentemente capturadas e escravizadas. Os homens pior, eram mortos. Mais fracos que um humano normal, não tinham grande utilidade como trabalhadores.

Aqueles olhares de desprezo... era como se visse a si mesmo quando criança.

A garota era a filha adotiva de Jeff, que começara a cuidar dela depois da morte do pai biológico por uma doença 10 anos atrás. A mãe havia sido sequestrada por bandidos e morta, pouco antes. Preferiu não ter muitos detalhes fora isso.

— Desculpe senhor, não sou uma... não faço esse tipo de serviço — disse a garota, tentando parecer o mais composta que podia.

— Ah, desculpe — O militar soltou seu braço, envergonhado.

Robert respirou aliviado, não esperava por essa. Não era incomum as garçonetes se prostituírem naquelas regiões isoladas, então o homem não estava tentando ofendê-la, ao que parece.

— Ei, elfa, encha o copo dos meus homens — gritou um dos oficiais do outro canto do bar.

A garota atendeu prontamente. Mas ao terminar de servi-los, e se virar para ir embora, o homem agarrou sua coxa. A força com que ele fez isso foi tanta, que ela deu um grito abafado.

— Nossa... Tem um bocado de carne ai em baixo para uma elfa. Vamos lá, te pagamos dez vezes o que vai ganhar em 1 mês aqui — falou o homem, agora de pé e agarrando os braços da garota.

Aquele não parecia tão gente boa quanto o anterior... Robert começou a se mover em direção ao homem, mais atento a sua aparência. Cabelo preto, rosto fino e nariz comprido. Uma camisa creme e calças pretas, como todos os militares do bar. Parecia a roupa mais à vontade deles.

— Por favor, me solte, já disse que não faço esse tipo de coisa — reagiu a garota, agora já nervosa, usando o que tinha de coragem para manter a voz firme.

— Irmão, deixe a garota — falou um dos homens sentados em sua mesa.

— Sempre um covarde. Você com certeza puxou ao idiota do nosso pai — respondeu, com desgosto. — Depois não diga que eu não tentei negociar pacificamente — O homem prensou a garota na parede, virada de costas, e meteu a mão entre suas pernas, por baixo do vestido.

A garota estava paralisada e suando frio. Mas antes que pudesse ir mais longe, o homem foi puxado para trás com tanta força que foi parar a alguns metros dali, batendo em uma mesa cheia de militares. Muitos riram dele. Mas seus amigos, que estavam na mesma mesa, levantaram furiosos. Um total de seis.

Arian estava de costas para eles, falando com a elfa, que estava com uma cara meio assustada. Estava acostumada a aguentar alguns assédios, mas nada tão invasivo.

Robert estava a uns 15 passos da garota. Ele planejava apenas falar com o militar e acabar com tudo pacificamente, mas o guardião, Arian, não parecia tão sensato, pela forma que separou o militar da garota.

Todos do local encaravam a cena com curiosidade, provavelmente esperando ver uma briga para se entreter e fazer apostas.

— Se acalmem, o homem claramente bebeu demais, e meu amigo exagerou também — falou Robert, tentando acalmar a situação.

Infelizmente, não pareceu ter muito sucesso. Dois amigos do militar que Arian puxou o empurraram, sem falar nada. Ele então se virou.

— Querem mesmo fazer isso? Estão bêbados, não conseguem manter postura ou reagir dire- — Antes que terminasse a frase, o homem que ele arremessou voltou correndo com um soco de direita. Arian recebeu o soco sem reagir.

— Merda... — falou Robert, baixinho, enquanto tentava bolar um plano para aplacar a briga, ou ao menos se preparar para caso ela aumentasse de tamanho. Primeiro olhou no punho dos homens cercando Arian procurando algo. “Ok, nenhum deles tem braceletes de contenção, ao menos o Bar não vai acabar destruído”, pensou.

— Feliz? — Arian estava olhando irritado para o homem que o socou. Seu lábio sangrava levemente. — Eu estou bem... Não, isso é uma péssima ideia. — falou ele, desviando seus olhos para o lado.

— Com quem diabos está falando? Está debochando de mim?

O militar, furioso, tentou acertar outro soco na cabeça de Arian. Mas dessa vez, Arian não estava disposto a receber.

Ele desviou levemente com a cabeça e segurou o braço do homem com a mão direita. Depois torceu e usou o outro punho para aplicar um soco em cheio no cotovelo do sujeito. Deu para escutar o som dos ossos quebrando em todos os cantos do bar. O militar gritou desesperado.

— Philip! Ajudem ele, rápido! — falou seu irmão, que era muito parecido com o tal Philip.

— Você vai morrer por isso! — gritou Philip, agora com os olhos vermelhos, provavelmente devido a dor que estava sentindo. Mais homens se levantaram, alguns para socorrer o colega e outros para cercar o agressor. — Não matem ele... Quero que veja o que vou fazer com ela — falou o homem, tentando manter a voz firme, enquanto segurava o braço quebrado junto ao corpo.

Todos estavam preparados para sacar suas espadas. Arian observava, sem se mexer, parecia preocupado com a elfa atrás dele. Robert estava respirando fundo, enquanto buscava em sua mente uma forma de acabar com aquilo pacificamente, sem muito sucesso. Foi quando o guardião voltou a falar sozinho.

— Que tipo de plano é esse?! Que tal uma ideia onde quem estou tentando ajudar não acabe morta? — disse ele. — Não, sua falta de compaixão com os outros não é engraçada... — murmurou olhando para o lado.

“Esse cara é louco! Isso é uma técnica de distração ou o que?”, pensou Robert, ainda na dúvida sobre a melhor estratégia para sair vivo e acabar com o problema ao mesmo tempo.

Arian podia tentar abrir caminho, mas a Sara acabaria morta ou machucada no processo. Era por isso que não estava se mexendo? Ele estava com uma armadura suja nas pernas e braços, mas o peito parecia desprotegido só com a camisa preta. Se não tomasse cuidado, acabaria morto.

O guardião preparou para pegar sua espada na cintura. Robert engoliu a seco, “Espero que esses bêbados sejam péssimos espadachins”, pensou, enquanto cerrava os punhos, se preparando para ajudar.

Mas assim que Arian abriu a capa para pegar a espada, um dos homens sentado em uma mesa próxima gritou:

— Já chega! O homem estava só defendendo a pobre garota, e ainda levou um soco de graça como pedido de desculpas por agredir esse idiota — falou um militar de idade mais avançada, se aproximando.

— Senhor, ele quebrou meu braço, ele precisa ser punido! — reclamou Philip.

— O homem tem direito de se defender. E Sargento, continue me retrucando e eu quebro seu outro braço também. Acha que não ouvi o que queria fazer com a garota? Seu pai não vai te salvar se eu escutar algo parecido vindo da sua boca de novo — O velho falou em um tom rígido.

Depois disso, Philip virou de costas, com os dentes rangendo, passou do lado de Arian, falou algo em seu ouvido, e foi embora do local.

— Obrigado — falou o guardião, enquanto abaixava a cabeça para cumprimentar o oficial de idade que parou a briga.

— Ele que devia agradecer, acabei de salvar sua vida. Se quer esconder sua identidade não está fazendo bom trabalho, Arian, reconheço essa espada enferrujada em qualquer lugar. Não sei como sobreviveu naquelas missões suicidas com esse pedaço de ferro caindo aos pedaços — disse o homem, soltando uma sonora risada.

Arian sorriu e balançou a cabeça, parecendo meio desconfortável.

— O que, não lembra de mim?

— Claro que lembro, comandante. Sempre alegre, não importa a desgraça à sua volta... Bem, obrigado de qualquer forma — Arian

parecia meio sarcástico. Como Robert sempre o via falando pouco e de forma séria, achou curioso o comportamento debochado.

— Por que um oficial condecorado está servindo como mercenário nesse fim de mundo?

— Perdi meu status quando saí do exército, senhor. E bem, preciso me alimentar como todo mundo.

— Pare de me chamar de senhor, Arian, ou sou eu que vou tentar chutar a sua bunda. — reclamou o oficial, de mal humor. — E tente ser mais convincente quando mentir. Você ficou bem conhecido depois que virou o guardião daquela cidade, embora eu duvide que alguém aqui vá acreditar que você é aquele Arian.

O guardião riu.

— Desculpe, General Ford, tenha uma boa noite então.

Arian se virou e foi para a saída logo depois. Robert, que estava distraído com a conversa dos dois, foi até a elfa, ainda estática atrás de Arian, e a levou para a cozinha. Não deveria haver mais problemas ali com o velho general no local, pensou ele.

Quando voltou, viu Arian, na porta do bar. E pelo seu olhar, estava esperando por ele.

— Algum problema? — perguntou Robert, se aproximando.

— Ela está bem?

— Vai ficar, foi só um susto.

— Fique de olho neles essa noite, Robert, estou com um pressentimento ruim. — disse o guardião, enquanto virava de costas para ir embora.

— Espera, o que o tal Philip te disse antes de sair?

Arian, já de costas para Robert, virou a cabeça levemente para o lado, e falou em um tom de deboche.

— Ao que parece eu vou morrer essa noite... E o que ele falou da Sara... Acho que você vai preferir não escutar.

Robert pensou em oferecer ajuda, mas rapidamente desistiu da ideia. Primeiro, porque não era pago para isso, e segundo, entre ajudar Arian e manter Jeff e Sara em segurança, ficava com a segunda opção.

— Acha que eles vão arriscar desobedecer aquele oficial?

— Ele fala muito, e gosta de se impor na frente dos outros, mas nunca age, ou se importa de fato se suas ordens são seguidas. Ele está sempre calmo porque ele não se importa com nada.

— Então eles...

— Fique de olho no seu chefe e Sara por precaução — Dizendo isso, Arian saiu pelo breu da noite, enquanto sussurrava olhando para a frente: — É, eu sei que gostou daqui, mas meu tempo acabou, ou improvisado agora ou esses 2 meses terão sido em vão.

Robert respirou fundo olhando para dentro do bar. Pelo jeito, seria uma longa noite.

MAPA 3 – VILAREJO DE MOT



Capítulo 2 – A Elfa Idiota

Robert estava com Sara e seu pai na cozinha.

— Não se preocupem, é a primeira vez que isso ocorre em meses, e no fim tudo acabou bem. Me lembrem de agradecer ao Arian quando o virmos de novo. E Sara, fique ajudando na cozinha o resto da noite.

Sara ainda estava nervosa, mas forçou um sorriso e se dirigiu à pilha de louça suja.

— Rob, pare de me olhar assim, eu estou bem — disse a meio-elfa, ainda forçando um sorriso.

Robert suspirou, não muito satisfeito, enquanto limpava a testa suada e voltava ao seu posto na porta, onde encontrou Arian o esperando.

Pensou que ele pediria ajuda, mas em vez disso o mandou apenas cuidar de Sara e Jeff. Sem problemas, de certa forma ele era pago para isso.

Quer dizer, na verdade seu serviço era evitar brigas e ladrões, não se preocupar com a filha do chefe... Continuou tentando se convencer disso, sem muito sucesso. Por que se importava tanto afinal?

Após pensar por algum tempo, chegou a conclusão de que não havia muito como evitar, pelo menos não com Sara. Era a única garota de aparência tão chamativa que o tratara bem sem nunca pedir nada em troca. Ele sorriu olhando para uma cicatriz no braço, que ganhara enquanto tentava parar uma briga de dois bêbados lutando com garrafas quebradas. Sara ficou desesperada ao vê-lo sangrando, e fez questão de refazer o curativo diariamente, mesmo a contragosto dele. Tentou até usar magia de cura, sem muito sucesso, repetindo as palavras de um livro infantil que leu sobre sacerdotes, enquanto punha a mão em sua cabeça ferida. A lembrança sempre o fazia rir.

A garota era inocente demais, muito devido à proteção do pai, e só viver próxima a alguém conhecido. Mas se foi isso que ajudou a moldar sua personalidade, talvez não fosse algo ruim. Ele odiava admitir, mas vê-la feliz todos os dias contando suas histórias banais o alegrava.

O bar finalmente esvaziou e as portas foram fechadas. Robert estava ajudando na limpeza, como sempre fazia. Todos os funcionários já tinham ido embora, menos ele, Jeff e Sara.

— Sara, pegue o queijo no armazém, vou fazer algo para levarmos para casa e comermos de manhã.

— Certo — disse Sara, fazendo uma careta.

Sara odiava queijo, mas nunca contou a seu pai adotivo, que adorava e parecia feliz ao pensar que ela apreciava também. Robert notou isso faz algum tempo, o que o levou a rir, enquanto carregava as cadeiras de um lado para o outro dentro do bar.

— Faça um pouco pro Robert também — disse ela.

— Não precisa... — Tentou retrucar Robert rapidamente. Também não era fã de queijo.

— Mas claro, e grato novamente por sempre ficar até sairmos Rob — respondeu o senhor de uns 60 anos, dando uma batidinha amigável nas costas de Robert.

Robert engoliu seco, fazendo cara de nojo. Na porta, Sara estava rindo, e mostrou a língua para ele antes de sair. Parece que ela não era tão inocente quanto pensava. Ao menos não o convidaram para dormir na casa deles, como ocorria às vezes. Sara tudo bem, não tinha maldade, mas Jeff? "Que tipo de pai deixa um cara enorme e de aparência suspeita dormir dentro de sua casa, com sua adorável filha lá?", pensou Robert. Ficava feliz de confiarem tanto nele, mas ao mesmo tempo incomodado pela falta de bom senso dos dois.

Enquanto pensava sobre isso, Robert ouviu um grito, e suou frio. Era Sara...

Correu para a porta de trás do bar, mas parou assim que viu o que estava acontecendo. Haviam oito, não, onze soldados cercando Sara, que estava acuada próxima a parede da casa deles, que ficava ao lado do bar. Seu pai estava nos braços dela, com um corte enorme na cabeça. Já havia morrido.

Rob respirou fundo. Sabia o que viria a seguir. O líder era o homem com o braço quebrado de mais cedo. Ele pensou que a raiva do indivíduo tinha sido direcionada à Arian, e ele eventualmente esqueceria de Sara, mas não. Será que já tinham matado o guardião também?

Robert sabia o que tinha que fazer. A saída pela porta da frente do bar era a fuga mais fácil. Ficar ali dentro era arriscado. Provavelmente iriam saquear o bar depois de se divertir. A porta do bar estava aberta a poucos metros deles.

Seu chefe estava morto, qualquer tentativa de ajudar Sara seria estúpida, era um contra onze. Ele podia dar conta de dois ou talvez até três, mas 11? Sara iria acabar morta da mesma forma, e ele junto.

— Não... pai, por favor, não me deixe... — soluçava Sara, abraçando o corpo de Jeff. Não parecia ter aceitado a morte dele ainda.

O homem com braço quebrado, Philip, separou a garota à força do corpo do pai, e rasgou a parte de baixo do seu vestido. A garota reagiu o empurrando com os braços e gritando.

— Quieta! — O homem lhe deu um soco no rosto com toda a força e Sara caiu de bruços no chão, sentindo as pedras pontiagudas machucando sua pele.

Com um gemido, e uma expressão cheia de raiva, fez força com os braços, tentando se levantar. Ela então se virou e cuspiu o sangue em sua boca em Philip.

— Sua vadia, já disse para ficar quieta! — Veio mais um soco no meio do rosto, e mais um, seguido de outros, a garota já parecia atordoada.

O irmão do Philip, Lucio, parecia incomodado.

— Não está fazendo isso por causa da amante do papai, está? Já se vingou o bastante fazendo aquilo com a filha dela....

— Cale a boca! Se quiser culpar alguém culpe nosso pai. Parece que herdei o mesmo gosto ruim — retrucou ele, colocando o joelho sobre o peito da meia-elfa, na tentativa de fazê-la parar de se mexer. — Mas pelo menos, não sou estúpido o bastante para largar minha mulher para ficar com uma vadia dessa raça. Me divirto e me livro delas, como ele deveria ter feito — E veio mais 2 socos na cabeça da garota, que ainda tentava se desvencilhar. — Nunca vi uma tão resistente — Philip tirou uma pequena faca da cintura. — Foi você que pediu!

Ele então cravou o objeto na coxa da garota, que gritou com toda força.

— Calma... eu só cortei o músculo, não vai morrer enquanto estiver me divertindo — disse ele, retirando a faca lentamente, enquanto a garota agonizava de dor.

Robert apertou seu punho e se forçou a ficar calado. Sua respiração estava ofegante, seu pulso acelerado, nunca sentira tanta raiva na vida. Não sentia calor, frio, só conseguiu ouvir a voz de Sara.

— Rápido Philip, não temos muito tempo antes que perguntem onde fomos.

"Calma", pensou Robert, "ela ainda está viva". Se fosse levado pela raiva ali estaria tudo perdido. Daria tempo para pedir ajuda na cidade? Eles iriam tentar se divertir com Sara antes de matá-la, talvez se...

Foi quando ele viu... Sara estava olhando para ele. Ela não pediu ajuda, pelo contrário, fez uma cara resoluta de que sabia o que viria a seguir. Virou de leve o rosto ensanguentado e coberto de lágrimas para a esquerda, repetidas vezes. O que ela queria dizer a ele era óbvio: 'Fuja'.

— Sua Idiota – Robert perdeu o controle sobre seu corpo. Estava calmo, todo som à sua volta se foi, enquanto seu lado racional era dominado pelo emocional. Ao sair pela porta, sorriu, conformado com o que aconteceria a seguir. Seu único pensamento, foi de que ao menos seria por alguém que valia a pena.

Capítulo 3 - Por alguém que vale a pena morrer

“Fique aqui e feche os olhos, Sara, tudo vai ficar bem”, as últimas palavras de sua mãe lhe vieram à cabeça. Ela estava lá quando os mercenários invadiram sua casa, escondida no porão. Podia ver o que acontecia acima dela pelas frestas da madeira. Ela fechou os olhos e tapou os ouvidos, mas ainda podia escutar os gritos de sua mãe, bem acima de onde ela estava.

Tinha pesadelos com aquele dia até hoje, mas tentava ignorar e seguir em frente. Nunca pensou que acabaria da mesma forma.

Já tinha desistido de reagir. E então que viu Robert, claramente pensando em ajudá-la.

"Não!", pensou. Ele era forte, mas não tinha como lutar contra todos aqueles homens. Só um deles precisava morrer ali, e ela tentou falar isso com os olhos.

Ele pareceu ter entendido, e sumiu de sua visão logo depois. Uma sensação de tristeza e alívio a tomou. Talvez, lá no fundo, quisesse ser salva, mas ao mesmo tempo estava aliviada, pois Robert sairia vivo. Já fazia tempo que sentia algo mais por ele do que amizade, e embora nunca tivesse coragem de se declarar, tentou várias vezes demonstrar o que sentia, na esperança que ele tomasse uma iniciativa. Seu pai, que também gostava de Robert, chegou até a tentar dar uma ajuda com isso. Infelizmente, o avoado nunca notou.

Teve um dia que sonhou ter casado com ele, e que ambos, junto a seus dois filhos, cuidavam do Bar, no lugar de Jeff. A parte dele ser um monstro na cama foi detalhada até demais nesse sonho, o que fez Sara ficar vermelha por vários dias, sempre que olhava para ele. Robert, como sempre, interpretou tudo errado, e achou que ela estava brava com ele, por estar o evitando.

Mas nada disso importava agora. Só queria que aquilo acabasse logo, e talvez, pudesse ir se encontrar com sua mãe.

De repente, uma das dez cabeças dos homens que estavam olhando para ela e Philip, desapareceu. O homem deve ter morrido antes

mesmo de chegar ao chão, tamanha a violência do golpe que acertou sua cabeça. Era Robert, usando um tronco enorme de madeira. Todos os homens se viraram para ele, antes que conseguisse acertar mais um deles.

Philip instintivamente parou de rasgar sua roupa, olhou para trás e se levantou, a mantendo deitada, pressionando o pé direito contra seu peito. Podia sentir a terra úmida e algumas pedras machucando suas costas.

Eram dez contra um, ou na verdade nove, já que Philip não avançou, se mantendo encostado na parede da casa de Jeff, junto a ela.

Os homens o cercaram. O espaço era muito pequeno, as paredes do Bar e da casa formavam um beco de no máximo 4 metros de largura.

Um deles tentou acertar Robert pelas costas, mas ele foi mais rápido e girou o tronco com toda força, repelindo a espada. Quando o fez, no entanto, outro soldado conseguiu abrir um corte em sua perna, usando sua arma.

Com um grito de dor ele tentou revidar, mas ao fazê-lo, sua outra perna foi ferida. Ele caiu, e os cinco homens à sua volta caminharam em sua direção, lentamente, preparando o golpe final, enquanto os outros quatro olhavam.

— Não, por favor, não o matem, façam o que quiserem comigo, mas não matem ele! Por Favor! — gritava a garota, chorando.

Sara não entendeu como, mas Robert se levantou neste momento. Com as pernas bambas devido aos ferimentos, tirou a espada do homem distraído pelas súplicas dela, e a cravou no meio de seu peito.

Depois disso, deu um grito furioso. Estava com cortes nas duas pernas, mal podia andar, mas nunca o vira tão ameaçador. Seus olhos eram pura raiva.

Os homens se afastaram instintivamente.

— Deixem ele comigo — falou o maior dos homens de Philip, se aproximando de Robert.

O sujeito avançou, despreocupado, sem sequer tirar sua espada. Desviou do soco que Robert tentou dar nele e acertou um em seu queixo.

Rob cambaleou, estava zozinho. Tentou agarrar o homem com os dois braços, mas quando o fez, levou um chute no meio das pernas.

Robert caiu, estava quase desmaiando, quando seus olhos se cruzaram com os de Sara. Foi então que ela viu a motivação daquilo tudo em seus olhos. Ele podia nunca ter tomado a iniciativa para com ela, mas, do seu próprio jeito, gostava muito mais dela do que Sara podia imaginar. E por causa disso, iria morrer.

— Robert, não! — gritou Sara em desespero, sendo pressionada contra o chão pelas botas de Philip, que observava a situação com sadismo.

— Deve estar muito bem para ter tempo de se preocupar com os outros — falou Phillip, lhe dando um chute no estômago, e depois voltando sua atenção para a luta.

Com um grito furioso, Robert tentou se levantar novamente, mas foi parado e caiu de novo com um soco de Evan em seu rosto. O soldado então montou em cima de Robert, e começou a aplicar vários socos em seu rosto, até que ele finalmente parou de se mexer.

— Evan, não é você que prefere homens? Sinta-se à vontade — falou Philip, com um sorriso maldoso, apontando para Robert, que estava quase inconsciente.

— Amigo, quando eu terminar, acho que você vai desejar que tivéssemos te matado — disse Evan com um sorriso, enquanto falava baixinho no ouvido de Rob.

— Desculpe... Sara... — falou Robert, com os olhos fechados. Sangue escorria pela boca cheia de dentes quebrados, mas parecia em paz, como se fossem suas últimas palavras.

Evan, ainda encostado no ouvido dele, deu uma risada, provavelmente admirado pela persistência.

Foi quando Rob abriu os olhos e mordeu sua orelha, puxando até arrancar um pedaço.

— Desgraçado! — gritou o homem, com a orelha sangrando.

Evan começou a pisotear o rosto de Robert ferozmente depois disso. O sangue escorria e espirrava mais a cada pisada da bota de couro desgastada, até que ele parou de se mexer.

— Não, p-por favor... — implorou Sara, enquanto ainda agonizava de dor pelas costelas quebradas do último chute que levou.

— Eu falei... para... ficar... calada! — Cada palavra de Philip veio com um chute na direção do peito e estômago.

Sara tossiu, não conseguia respirar. Sentia como se todo seu corpo estivesse quebrado. E então aquelas mãos começaram a apalpar seu corpo. Gemia de dor e nojo.

Desesperada, decidiu seguir o antigo conselho de sua mãe e fechar os olhos, não queria ver o que aconteceria com Robert, nem a si mesma.

Mas a dor não veio, e as mãos não estavam mais em seu corpo, mas alguma outra coisa estava.

Abriu os olhos no susto, mas não conseguia ver nada, tinha algo em cima dela, alguém...

— Irmão, irmão! Lucio, fale comigo, Lucio! — Philip estava desesperado balançando o corpo do irmão, que estava caído, sem vida, em cima dela.

Diante de seus olhos estava uma figura que ela reconheceu na hora.

Seus sentidos voltaram. E foi então que ela percebeu que fechar os olhos não deixaria sua morte menos dolorosa. Devia os manter abertos para se aproveitar de qualquer oportunidade de sair viva.

Lhe foi dada outra chance, e agora, cabia a ela fazer com que sua história terminasse de uma forma diferente da de sua mãe.

Capítulo 4 - 8 contra 1

— Não se mexa, Sara! — falou Arian, nervoso. A menina nunca havia o visto falar daquela forma antes.

— Matem ele! — gritou Philip, largando o corpo sem vida de seu irmão e avançando em fúria na direção de Arian.

Ele foi cercado rapidamente, a mesma estratégia usada com Robert.

— Arian não... — Sara parou de falar antes de terminar a frase. Ele não estava a ouvindo. Concentrado em alguma coisa, não movia um músculo, enquanto esperava por uma reação dos adversários.

— Ao mesmo tempo, ataquem! — ordenou Philip.

Ele bloqueou o primeiro com um de seus braceletes, e o segundo, terceiro, Arian girava para frente e para trás defletindo as espadas. Era um total de cinco o cercando, e três mais atrás, em guarda.

Um dos golpes o acertou na perna, mas não teve efeito contra sua armadura.

— Ele está com armadura, mirem na cabeça e pescoço, idiotas! — ordenou Evan, o soldado de 2 metros que derrubou Robert, agora com uma espada em punho.

Arian desviou do ataque de um dos soldados mais baixos, e depois puxou o atacante para perto de si. Ele então o fez de escudo para a espada do soldado de 2 metros que veio em sua direção.

Evan parou o golpe antes de ferir o companheiro gravemente.

— Mas que droga, Lud, não o treinei para isso! — reclamou o gigante.

Se aproveitando da confusão deles, Arian jogou Lud contra Evan, o mais experiente dos inimigos.

Quando o fez, um dos soldados que o estava o cercando deu um passo para frente e tirou os olhos dele por 1 segundo.

Arian agarrou a cabeça do soldado com uma das mãos, e levou ao solo com tanta força que o barulho do crânio quebrando ecoou pela noite. Depois disso, o clima mudou.

Os homens rapidamente se afastaram dele, aumentando o tamanho do círculo, e perdendo parte da confiança que vinham demonstrando. O homem com bracelete de contenção, mais atrás, se preparou para fazer algo, mas antes que conseguisse, Arian arremessou uma das espadas que tinha nas costas em seu peito, o matando na hora. Depois disso, um homem que se aproximou dele, achando que ele tinha se distraído, foi arremessado vários metros para trás com um soco no rosto, caindo desmaiado.

Philip estava suando frio enquanto segurava sua espada. Ele recuou um pouco, e como as paredes do bar e da casa de Jeff só tinham poucos metros de distância uma da outra, Philip estava quase encostando em uma delas com as costas.

— Por Alizen, o que demônios é você? — perguntou Evan, dando passos para trás, vagarosamente.

Arian continuava girando lentamente dentro do círculo, esperando o próximo ataque.

Sara nunca vira Arian assim: sua boca estava contorcida, os olhos gélidos, era uma criatura em fúria se passando por calma.

Sua atenção se perdeu com algo agarrando seu braço. Era Phillip, ele não estava mais no grupo dos atacantes. Ela tentou resistir com a pouca força que ainda restava, mas foi prensada contra o chão, com Philip apertando seu pescoço.

Não ia morrer assim, não sem fazer nada, enquanto duas pessoas sacrificavam a vida por ela. Gritando de dor, conseguiu mover a perna perfurada pela faca, e acertou com o joelho no meio das pernas de Philip, que estava sobre ela.

Ele soltou um gemido leve e a mão no pescoço de Sara afrouxou. Ela então mordeu o braço de Philip com toda a força, até sentir o gosto do sangue dele em sua boca. Assim que ele recolheu o braço,

assustado, a garota usou sua própria cabeça para acertar o outro braço dele, que estava quebrado. Como resultado, ele se afastou instintivamente, gritando de dor, e tirou as pernas de cima dela. Sara, cambaleando, conseguiu se levantar, mas o que fazer depois disso...? O local mais e seguro que sua perna machucada permitia chegar era... o depósito de alimentos!

Arian ainda estava ocupado com 4 homens, daquele ela teria que dar conta sozinha.

Capítulo 4.1 — 1 contra 8

Chegara tarde demais. Novamente julgou errado a ação do inimigo.

Dizem que você aprende com seus erros, mas ele se perguntava se era mesmo verdade neste momento. Já perdera as contas de quantas vezes falhou da mesma forma.

Pensou que os soldados iriam atrás dele, até tinha se preparado em sua cabana perto do bar. Mas julgou errado. O interesse na garota era maior que a raiva por ele.

Se não fosse o dono do bar avisá-lo, seriam mais corpos para ele se lamentar.

Correu o mais rápido que pôde, e felizmente, dessa vez chegou a tempo.

A Lua estava cheia, iluminando perfeitamente o beco entre o bar e a casa de Jeff, assim como os homens que estavam lá com Sara. Precisava usar a surpresa a seu favor. Tirou uma de suas espadas, que ficavam cruzadas nas costas, e arremessou ela no homem em pé olhando para Sara, o alvo mais fácil.

O homem morreu no mesmo instante, caindo em cima do corpo de Sara. Ao notar o que aconteceu, seu irmão, Philip, se desesperou.

Arian se aproximou e os oito soldados entraram em posição de guarda. Quatro deles se aproximaram, enquanto os outros três ficavam mais atrás, e Philip permanecia segurando o corpo do irmão. Era um beco muito fechado, seria complicado lutar ali, mas não tinha opção.

Foi então que notou o estado físico de Sara, toda machucada. A raiva tomou conta. Seus dentes rangiam, a respiração ficou irregular. A terra úmida em baixo de seus pés descia conforme ele pressionava o chão involuntariamente, com os músculos da perna e pés se contraindo.

"Se acalme, idiota! Fingir estar calmo é a única coisa que tem a seu favor. Se for tomado pela raiva eles vão ganhar confiança..."

Qualquer erro aqui e a garota acaba morta".

Arian respirou fundo e tentou se acalmar.

— Matem ele! — gritou Philip, deixando o corpo do irmão, ainda com a espada curta de Arian cravada nele, e indo em sua direção com espada em punho.

Não podia usar espadas. Sara estava próxima demais, o espaço entre a parede do depósito de lenha e o bar era muito pequeno para arriscar uma luta de grande movimentação. Uma espada podia facilmente acertar. A opção era uma luta corpo a corpo, com o mínimo de movimentação possível.

Ele observou rapidamente o pulso de todos os soldados. Um deles, que estava mais atrás, tinha uma pulseira com um cristal azul nela. O conhecido bracelete de contenção. Tinha que tomar cuidado com aquele.

"Isso é mal..."

Eles se posicionaram à volta dele. Permanecer em um cerco era suicídio estrategicamente falando, mas se movimentar muito estava fora de questão. Dois deles não pareciam saber lutar direito pela forma que seguravam suas espadas, mas o resto já devia ter alguma experiência.

— Ao mesmo tempo, ataquem! — ordenou Philip.

Arian bloqueou com seu bracelete os primeiros golpes, enquanto girava esperando o próximo. Os tempos eram bagunçados, não tinham coordenação para atacar ao mesmo tempo, caso contrário já teriam o ferido. Um acertou sua perna, mas a armadura repeliu o golpe.

— Ele está com armadura, mirem na cabeça e pescoço, idiotas! — Falou o gigante de 2 metros, que estava esmurrando Robert quando ele chegou.

Um dos soldados de menor estatura avançou adiantado demais em comparação ao resto do grupo. Arian o agarrou e usou como escudo

para o golpe que vinha pelas costas. A espada do aliado parou pouco antes de matar o soldado. Era agora!

— Mas que droga, Lud, não o treinei pra isso! — reclamou o gigante, recuando a espada que quase matou o soldado.

Nenhum deles esperava o que aconteceria a seguir. Arian jogou o soldado que fez de refém em cima do soldado de 2 metros, que tinha acabado de o repreender. E se aproveitou da confusão para agarrar a cabeça de outro mais desatento que se aproximou dele, a esmagando contra as pedras no chão com toda força. Menos um.

Os três à volta dele recuaram depois disso, e apenas dois se mantinham em guarda... "os experientes", deduziu Arian. Assim que se afastaram, o soldado com o bracelete de contenção, que parecia estar se concentrando faz algum tempo, colocou a mão para frente, e se preparou para dizer algo, mas antes que o fizesse, Arian arremessou sua segunda espada presa nas costas, no meio do peito do homem, que caiu no chão agonizando. Menos dois. Agora, só a espada na cintura de Arian sobrara com ele.

Achando que ele tinha se distraído com o soldado mais atrás, um dos que estava a volta dele, avançou com a espada em punho. Arian desviou da arma do adversário e acertou um soco no rosto dele que o fez voar vários metros para trás. O homem caiu inconsistente, com o rosto completamente deformado. Menos três.

— Por Alizen, o que demônios é você? — falou o maior deles, Evan, perdendo a confiança, e já desconfiado de que Arian provavelmente não era humano.

"Ele está mesmo chamando o nome da deusa que protege os indefesos enquanto ataca uma elfa por diversão...?"

Foi então que Arian viu o homem do braço quebrado que o atacara mais cedo, Philip, recuar e tentar chegar até Sara, provavelmente em uma tentativa de fazê-la de refém.

"Faça alguma coisa! Se ele pegar uma refém...".

"Mas o quê?", pensou. Antes que pudesse decidir, a garota acertou seu agressor e fugiu, com aparente dificuldade, por causa da perna cortada. Arian ficou pasmo, sem acreditar no que viu. Logo depois, Philip se levantou e foi atrás dela, ainda lento, devido à dor do chute que levou no meio das pernas.

Arian sorriu, finalmente se acalmando um pouco.

— São quatro contra um, se renda e o deixamos ir — falou um dos que ainda estava perto dele com a espada em punho, totalmente inseguro.

— Não, a partir do momento que deixaram a garota sair daqui, sou eu contra apenas quatro de vocês.

Eles se irritaram com a provocação e avançaram contra ele.

— Todos ao mesmo tempo! — falou Evan, descendo sua espada sobre o guardião. Os outros o seguiram.

— Já tiveram chances o bastante. É a minha vez! — Arian desviou da espada de Evan, e logo depois desembainhou sua espada bastarda, que estava na cintura, em uma velocidade tão grande, que o homem à sua frente teve o peito e parte da cabeça cortados, sem os outros sequer entenderem o que havia acontecido. O corpo caiu no chão com um baque seco.

— Menos quatro... — contou Arian. Os três militares restantes congelaram onde estavam.

— Sargento Evan...não... — lamentou o soldado que Arian usou de escudo contra Evan.

Uma espada veio pelas suas costas, era o segundo soldado experiente. Arian girou com sua espada e a arma do adversário foi defletida. O choque das armas gerou um barulho ensurdecedor, como um trovão.

A arma do soldado quebrou, e o que sobrou dela estava cravado na parede da casa de Jeff. Enquanto o homem urrava de dor, devido ao pulso quebrado pelo impacto do golpe em sua espada., Arian

atravessou ele com sua espada bastarda no meio do peito, enquanto tentava manter a atenção nos outros soldados à volta dele.

— E-eu s-só estou... cu-cumprindo ordens... — tentou falar o homem, vomitando sangue.

— Ninguém é obrigado a aceitar esse tipo de ordem.... — Arian girou a espada no ar e a cabeça do militar foi arrancada. — Menos cinco!

Os dois soldados restantes olharam para ele, desesperados.

O beco não tinha saída para correrem, era bloqueado por uma parede de madeira cheia de barris encostados nela. Se quisessem fugir, teriam que passar pelo guardião.

— S-se renda e prometemos não machucar a garota, não vai ter tempo de salvá-la antes que Phillip a pegue.

— Devia se preocupar é com você mesmo — falou, ainda com olhos cheios de raiva, enquanto avançava para cima dos dois.

Com a garota ali, eles podiam até chegar a feri-lo gravemente, se soubessem se coordenar. Sem ela, eram apenas sacos de carne lentos. Arrancou a cabeça do primeiro, menos seis. Mas quando se virou para atacar o segundo, algo inesperado aconteceu. O homem desviou da arma com facilidade. Em seguida, sua expressão de medo sumiu, como se estivesse apenas fingindo até ali.

— Sabe o quão trabalhoso é se fingir de humano para passar despercebido como um soldado qualquer? — questionou ele, parecendo aliviado de sair de seu papel. — Entendo terem me mandado para infiltração devido a minha audição muito superior a dos humanos, mas é um trabalho extremamente desgastante. Como se não bastasse, graças a você, me pergunto, como eu vou fazer para não chamar atenção, sendo o único sobrevivente desse grupo?

"Um espião do norte..."

Arian prestou mais atenção no sujeito, que parecia um humano comum com o cabelo quase raspado. Não tinha uma dica sequer

para conseguir identificar sua raça. Ele comentou sobre sua audição superior, mas tinham várias raças com essa característica.

— Aquela elfa não tem mais muito tempo, se é que Philip já não a pegou. Já aviso que não luto tão mal quanto esses idiotas que acabou de matar... — disse o espião, aparentando estar calmo. — E então, vai me deixar ir ou arriscar morrer?

Arian desviou rapidamente o olhar, em busca de Sara. É quase certo que ela iria se trancar no armazém. E se não fosse burro, Philip não precisaria de muito tempo para conseguir arrombá-lo.

"Pare de pensar na garota! Se deixar um deles fugir, vai avisar a tropa, e toda a vila seria destruída por atacarem militares. O plano que tinha em mente desde que chegou naquele vilarejo estaria arruinado."

Se aproveitando da distração de Arian, o homem à frente dele, com sua espada em punho, avançou contra o guardião em uma velocidade anormal.

Enquanto isso, a 30 metros dali, Sara tentava fechar a porta do armazém para se trancar.

Tarde demais, Philip surgiu chutando a porta pouco antes da garota conseguir fechá-la por completo. A elfa voou para trás.

Sara levantou, com dificuldade, e correu para dentro do depósito, sumindo em meio ao labirinto de caixas empilhadas. Mesmo na escuridão, conseguia ver tudo perfeitamente, uma das vantagens de sua raça. Sentia uma dor enorme no peito devido as costelas quebradas, mas ainda conseguia respirar, mesmo que isso lhe causasse muita dor. E sua perna, mesmo com o furo da faca, ainda era capaz de se mexer devidamente. Seu corpo estava dando tudo de si para ela ter uma última chance, não podia desperdiçar.

Philip estava gritando algo, mas ela não estava prestando atenção, só pensava no que fazer para sair dali viva.

Pegou uma das foices presas na parede, no fundo do armazém, e tirou os sapatos para não fazer barulho. Foi então que pensou em

um plano, conforme escutava Philip se aproximando.

Lançou um dos sapatos para atrás de uma das várias caixas empilhadas do armazém, e esperou pelo agressor.

Quando ele caiu na isca, ela foi com tudo em direção a suas costas. Infelizmente, ele a ouviu e virou a tempo.

Ela era fraca, o golpe foi bloqueado pela tocha que Philip estava carregando, e Sara foi jogada para trás, enquanto a tocha acertou o rosto de Philip de leve.

— Eu vou te matar! — gritou furioso, com o rosto levemente queimado.

Sara levantou e tentou correr, mas Philip jogou algo em suas costas antes que conseguisse escapar.

Ela caiu e bateu a cabeça em uma das caixas. Estava tonta, não conseguia levantar. Philip então começou a chutá-la na cabeça, uma, duas, três vezes, enquanto ela agonizava, tentando se arrastar para a porta.

No quarto chute na cabeça, ela desmaiou.

— Faça suas preces garota, nem você vai conseguir se reconhecer quando eu terminar...

Capítulo 5 - O vulto da morte

Philip se levantou com dificuldade e deu a volta no armazém, perseguindo a garota, enquanto se perguntava onde as coisas deram errado.

Sua vida estava indo muito bem até ali. Conseguira ser promovido rapidamente no exército, graças às contribuições do seu pai, e nunca o mandavam para a linha de frente. Ao invés disso, só ganhava serviços fáceis.

Nas cidades pequenas por onde passava, tinha as mulheres que queria. Isso, ao menos, até chegarem àquela vila. Ser recusado o excitou, deu ainda mais vontade de conseguir a garota.

E então surgiu aquele idiota, parecia uma maldição. Era um ex-oficial militar pelo que pesquisou quando voltou para o acampamento, e atualmente o guardião daquela pequena vila. Os dados sobre o rank dele eram sigilosos, mas pelos boatos exagerados que escutou, achou melhor evitá-lo e se focar na garota.

Não esperava que ele fosse aparecer ali e matar seu irmão... Era um covarde, mas se davam bem na maior parte do tempo. O que diria a seu pai?

Sentiu ainda mais raiva de Arian nesse momento. Precisava da garota, se ele estava tão preocupado em salvá-la, poderia usá-la para fazê-lo baixar a guarda.

Estava a uns 30 metros do bar. As pegadas na lama davam para a porta de um armazém de madeira, do mesmo tamanho do bar. A porta estava se fechando.

Correu e a chutou com toda força. Pode ouvir o corpo da garota caindo no chão do outro lado, mas não conseguia ver naquela escuridão. O vulto dela levantou e correu para dentro do armazém.

Pegou a tocha na entrada e acendeu com um aparato que ficava ao lado dela. Estava cheio de caixas de madeira empilhadas e com um cheiro agradável de vinho e comida dentro do armazém.

— Apareça e acabaremos logo com isso, não vou te fazer mal. No momento, meu único interesse é aquele homem lá fora. Venha aqui e resolveremos sem que você se machuque mais — Ele estava mentindo, é claro, após usá-la para matar o guardião se divertiria e a jogaria no lago próximo do local. — O guardião não vai vir te ajudar, está ocupado demais, são muitos contra um, mesmo que seja habilidoso, não vai conseguir vir até aqui a tempo.

Foi então que escutou a garota no fundo do armazém. Estava atrás de três caixas grandes empilhadas a esquerda.

Quando se aproximou, viu que havia sido enganado, tinha apenas seu sapato ali. Ouviu um barulho atrás dele.

Ao se virar, viu a garota com uma foice, correndo em sua direção. Bloqueou com a tocha, mas não com força a bastante para impedir que o objeto fosse empurrado contra o seu rosto. Ele gritou de dor quando o fogo encostou em sua pele.

— Eu vou te matar! — gritou furioso, enquanto via a garota correndo dele de novo, tentando despistá-lo entre as caixas empilhadas. Mas antes que a garota pudesse virar, jogou com toda a força a tocha em suas costas.

Sara caiu na hora com o impacto, batendo a cabeça em uma das caixas à sua frente. Estava desorientada e sem forças, se arrastando desesperadamente.

Ele sorriu, finalmente as coisas começavam a dar certo. Chutou a garota, uma, duas, três vezes, descontando sua raiva enquanto ela chorava, ainda tentando se arrastar para a porta. No quarto chute na cabeça, ela desmaiou.

— Faça suas preces garota, nem você vai conseguir se reconhecer quando eu terminar...

— Será? — uma voz sussurrando veio de suas costas, ele virou rapidamente, mas não tinha ninguém.

— Faça suas preces... — de novo, a voz em suas costas tinha um tom fantasmagórico.

Se virou. Nada ali.

— Apareça seu covarde! Eu sei que é você guardião! Apareça de uma vez!— gritou suando frio. Sua respiração estava acelerada, e os ouvidos se atentando aos passos silenciosos sobre a terra em volta dele.

— Nem você vai conseguir... — a voz sussurrou em seus ouvidos.

Se virou de novo. Sentia o coração pulsar em todas as partes do corpo, a respiração completamente fora de controle. Estava com medo, como nunca antes sentiu na vida. Se era o guardião, por que não aparecia?

— Se reconhecer... — novamente, um sussurro arrastado, como um fantasma.

— Quando... eu... terminar... — Philip sentiu um calafrio rápido passar pelo seu corpo. De repente, ficou desequilibrado e instintivamente se encostou em uma caixa de madeira do depósito. Tentou correr para porta, mas não conseguia... Por quê...? Foi quando notou que lhe faltava metade da perna direita.

Caiu no chão berrando, enquanto a dor vinha toda de uma vez. Estava tão nervoso com a situação que não sentiu cortarem sua perna? Quando aconteceu? Foi na hora do calafrio?

Ouvia o barulho de passos atrás dele, mas não conseguia ver nada. Ele então começou a se arrastar com toda força que lhe restava até a porta do armazém. O som dos passos continuava.

— Pare, pare, me deixe em paz! — gritou. Foi quando veio outro calafrio, seguido de uma dor que quase o fez desmaiar. Um pedaço da outra perna foi cortado. Não tinha coragem de se virar para olhar, só continuou se arrastando desesperadamente para a porta.

Quando chegou na saída, se virou rapidamente, e a luz da lua revelou o que estava atrás dele. Não era o guardião... Um vulto negro, com um manto escuro todo rasgado cobrindo o corpo.

— Mas o que... arg... ug... — A dor e desespero por não conseguir respirar veio do nada. A ponta de uma foice tinha atravessado seu pescoço de um lado ao outro.

A morte em pessoa viera buscá-lo, mas não foi ela que selou seu destino. O rosto cheio de raiva de uma elfa, foi a última coisa que viu...

Sara estava tonta. Não conseguia parar de tremer, ajoelhada ao lado do corpo de Philip, encarando as próprias mãos. O que ela fez?

Começou a chorar, só conseguiu pensar que tinha que parar aquele homem, e foi o que fez quando acordou tonta e o localizou pelo grito na porta do armazém.

Estava segura, então por que se sentia-se tão mal? Seu estômago começou a revirar quando encarou o corpo de Philip sem vida na sua frente. Tinha matado alguém...

Tentou ignorar a sensação. Não tinha tempo para se sentir assim, tinha que ver se Robert ainda estava vivo e ajudar Arian. Tentou se levantar cambaleando.

Foi então que notou o ser em um manto negro a observando nas sombras do armazém. Foi ele que impediu Philip de pegá-la quando caiu? Sua visão estava ficando turva.

O ser coberto no manto negro começou a avançar em sua direção.

— Obrigá... — Sara desmaiou antes de completar a palavra.

Capítulo 6 – A verdade sobre o Guardião

Sara recobrou a consciência lentamente. Estava sendo carregada. Se desesperou por um breve segundo, até notar que era Arian a segurando. Ela, debaixo do braço direito, e Robert, apoiado em seu ombro esquerdo.

Não acreditou no que estava vendo... O rosto de Rob estava em carne viva, mas ele estava respirando. Pensou que ele estava morto, que os dois não iriam sobreviver...

Estavam no caminho de pedras no meio da floresta entre o bar e a cidade, ele era mais curto comparado a estrada de terra. Dava para ver tudo em volta graças à luz da lua.

— Como quer que eu te carregue com os dois braços ocupados? — falou Arian, olhando para o lado. — Não vou largar um deles! — Não parecia irritado, era quase como se estivesse achando graça de alguma coisa. — Está exagerando... Como carregar alguém pode ser categorizado como um abraço?

Sara já tinha visto isso no bar, mas nunca se acostumou com ele falando sozinho. Ele era mesmo louco? Não tinha coragem de perguntar.

Foi quando reparou em outra coisa. Aquele homem tinha 1,80 m no máximo, como conseguia carregar ela, e Robert, com seus 2 metros, ao mesmo tempo?

Seus pensamentos foram interrompidos pela volta repentina da dor em suas costelas e rosto. Tossiu com o cheiro de terra suja em seu rosto, misturada ao sangue se acumulando em sua boca.

— Oi, Sara, você está bem...? — A garota o olhou, tentando acenar com a cabeça, com dificuldade, devido a dor. — Certo, foi uma pergunta idiota... Consegue andar? — Arian a colocou no chão.

— Sim, acho que sim — Estava mentindo. Seu corpo todo latejava, o rosto devia estar todo ensanguentado e inchado, e seu abdome e costelas doíam muito, a ponto de mal conseguir ficar em pé.

Arian parecia ter notado a dificuldade dela, mas se mostrava em dúvida quanto ao que fazer. Devia achar que voltar a posição anterior, a carregando igual um saco de batatas, era meio humilhante para ela.

— Bem, que tal se apoiar no meu ombro? — Sugeriu sem muita confiança. Parecia uma pessoa completamente diferente do que viu quando ele estava enfrentando os soldados...

— Obrigada — disse Sara tentando sorrir, o que fez Arian rir. — Qual a graça?

— Ah, bem... Quando chegarmos, se olhe no espelho e tente sorrir — respondeu, desfazendo seu sorriso lentamente.

Sara o encarou, perplexa, ao notar como ele estava relaxado depois daquilo tudo.

— Desculpe... mas, bem... vocês estão vivos, e em melhor situação comparado a muitos que conheci que passaram por coisa similar... Não tenho um bom histórico com situações assim, então entenda que estou bastante feliz por terem saído vivos. Não acreditei, quando vi que Robert ainda estava respirando.

Foi quando Sara olhou para as próprias mãos, todas machucadas e sujas de terra, e se lembrou do que fez... Seu estômago se revirou novamente e começou a suar frio. Se sentia culpada, tinha que falar para alguém.

— Arian, eu... Aquele homem...

— Eu sei... — respondeu o guardião, sem olhar diretamente para ela.

— O que eu faço? E-eu...

— Tem várias palavras reconfortantes que dizem nesses momentos, mas nenhuma delas resolve grande coisa.

Arian olhou para o céu, com um ar de quem estava vislumbrando o passado.

— Acho que quase todo mundo sente alguma coisa na primeira vez... culpa, arrependimento, tristeza. Na guerra, vi alguns ficarem loucos com isso, outros superarem, outros se acostumarem. No meu caso, depois de algum tempo, parei de me importar... Não sei se isso é uma boa coisa, mas se acovardar por causa da culpa, como eu já fiz, também não é... — Arian fechou o punho com força, como se estivesse com raiva, enquanto lembrava de algo. Depois respirou fundo, e continuou. — Você lutou pela sua vida, Sara, não tem motivo para sentir culpa. Ainda assim, vai sentir, e felizmente, posso dizer que isso passa. Conte para alguém de confiança se achar que precisa, mas não tenha vergonha do que fez. E um conselho, tente não ficar pensando muito nisso. Aceite o que fez e siga com sua vida. E se um dia precisar fazer de novo, não pense, só faça! Só... faça...

A voz de Arian deu uma leve oscilada no final. Estava falando com ela, mas ao mesmo tempo, era como se estivesse falando consigo mesmo, se lamentando de algo. Sara ficou em silêncio por um tempo enquanto caminhavam. Mas só de falar sobre aquilo para alguém, e Arian acreditar que ela tinha feito o certo, já a fez se sentir melhor. Foi então que recobrou sua última lembrança, antes de desmaiar no armazém.

— Tinha alguma coisa... alguém me ajudou, eu acho, usava um manto negro... não consegui vê-lo direito — disse Sara, tentando recordar sua visão do vulto coberto em uma capa rasgada.

— O tal cavaleiro da morte de que andam falando? Não tinha ninguém quando te achei... Mas se ele existe mesmo, ao menos está servindo a uma boa causa.

— E aqueles homens, eles... — perguntou, enquanto continuava andando apoiada no ombro de Arian, e ele a segurando pelo quadril.

— Não me preocuparia mais com eles se fosse você — Arian parecia em dúvida do que dizer a seguir, até que, do nada, virou o rosto para o lado. — <E>, eu juro que você parece sádica às vezes....

Sara olhou na mesma direção, mas não viu nada.

— Com quem você fica... falando? — Ela não aguentava mais aquilo, tinha que perguntar. E precisava pensar em outra coisa, como Arian a recomendou.

— Ah, bem... acredita em... fantasmas? — perguntou ele, inseguro.

— Claro que não — Sua mãe adorava contar histórias sobre isso, mas sabia que eram só contos para assustar, nunca conheceu ninguém que tenha realmente visto um fantasma. Mesmo aquele vulto que viu, acreditava ser apenas uma pessoa com uma capa negra.

— Hum... certo... imaginei... então... tenho um trauma com a morte da minha irmã e fico fingindo que a vejo e falo com ela para me acalmar... — falou ele em um tom meio inseguro.

— Ah... entendo, sinto muito. — Sara achou que era porque não costumava se abrir daquela forma para ninguém, e ficou tocada com sua situação.

— Por que nisso todo mundo acredita...? — sussurrou de forma que ficou difícil escutar.

— Como?

— Deixa pra lá... — disse com uma cara meio infeliz.

Ela reparou na roupa dele completamente encharcada. Reconhecia o cheiro leve de musgo. Ele foi no lago?

Ao notar a garota olhando para a roupa úmida, Arian acrescentou:

— Se ficassem à vista, os militares iriam encontrar os corpos pela manhã, e se vingar nos moradores do vilarejo. No fundo do rio ninguém vai encontrá-los. Cortei as cabeças e amarrei uma pedra junto do corpo de cada um, para garantir que não voltem a superfície por causa da maldição, ela é muito forte nessa área — respondeu ele, sanando a dúvida quanto a roupa encharcada. — Desculpe não ter ajudado contra o Philip. Um dos soldados não era humano, e meu deu mais trabalho do que o esperado.

Quando ele falou dos corpos, Sara lembrou de seu pai morto e começou a chorar.

Não tinha mais nada, era a segunda vez que lhe tiravam sua família. Se sentiu completamente sozinha, enquanto caminhava lentamente por aquela trilha de terra. Ao longe já podia ver a vila.

Após alguns minutos, ganhou coragem para confirmar:

— Meu pai, ele...

— Eu enterrei seu pai ao lado do armazém. Tem uma marcação com pedras, caso queira visitar seu túmulo um dia — falou com um ar mais sério dessa vez.

— Obrigada...

Arian parecia meio sem jeito, sem saber se olhava para ela ou desviava o olhar. Ficou pensativo por alguns segundos, e então disse:

— Sei que as coisas estão ruins, mas prometo que vai ter uma vida feliz daqui pra frente Sara. E não que sirva de consolo, mas tenha um pouco de esperança para o que vem a seguir...

Ele não falou mais nada depois disso. Só continuou olhando para frente, enquanto ela o acompanhava, chorando e soluçando. Algum tempo depois, chegaram ao centro do vilarejo, com várias casas de madeira e algumas poucas lojas, todas fechadas a essa hora.

Arian bateu na porta de um dos fazendeiros mais ricos da vila, proprietário de uma casa enorme com mais de dez quartos, no meio da pequena cidade. Ele era dono de metade das terras à volta dali.

— Josep, sou eu, Arian — Alguns minutos depois, a porta se abriu.

Ambos, ela e Robert, foram limpos e tiveram as feridas tratadas pela empregada da casa. Arian ficou conversando com o dono na sala, com quem parecia bastante a vontade.

Sara queria entender o que estava acontecendo ali, tinha tantas perguntas... mas estava cansada demais para isso. Assim que se

acalmou, depois de se lavar e ter os ferimentos limpos, desmaiou de cansaço na cama.

Quando acordou, na manhã seguinte, e se olhou no espelho, entendeu porque Arian estava rindo. Um de seus dentes da frente estava quebrado dos socos que levara, e seu rosto, todo inchado e cheio de feridas, estava muito feio. Pensando agora, foi meio rude dele rir disso...

Ao deixar o quarto de hóspedes, no primeiro andar da casa, mancando, devido ao corte na perna, viu Arian, saindo do quarto onde Robert estava.

Ele caminhou até ela, provavelmente já sabendo o que ela queria perguntar.

— Robert está bem, as feridas na perna não parecem ser tão graves, deve estar andando normalmente em umas 3 semanas. Já o rosto... vai demorar alguns meses para se curar completamente, e mesmo assim, ele não deve conseguir mais falar direito. — Arian pareceu meio triste nessa parte. — Vários ossos da mandíbula foram esmigalhados. E além das partes fraturadas do crânio, ele perdeu alguns dentes... Fora isso, está bem... — Estava parecendo meio perdido no que dizer. — Não parece tão positivo quando descrevo assim... nunca fui bom nisso... então... cuide dele até ficar bom.

Sara estava com um leve sorriso no rosto, parecendo aliviada. Robert não conseguir falar era ruim, mas ao menos ele estava vivo.

Foi então que reparou no rosto de Arian. Estava sem o capuz, e de barba feita, pela primeira vez desde que chegou na cidade. O cabelo era castanho escuro, curto, e os olhos verdes. Não era muito mais velho que ela, aparentando ter perto dos 20 anos.

Ao notar que estava sendo averiguado, sorriu para ela, sem graça.

— Devo estar meio diferente. Odeio barba, mas tenho que ficar assim em todo vilarejo que vou porque, caso contrário, os habitantes não me levam a sério. Segundo eles pareço um... 'pirralho, moleque,

e...' quero esquecer as outras definições... — disse ele com uma cara infeliz.

Sara, acostumada a ver Arian quase sempre sério, relaxou ao notar que ele ficava emburrado também, como qualquer pessoal normal. Sorriu, mas logo lembrou de seu dente quebrado e tapou a boca.

— Ah, não se preocupe, quando chegarem lá procure uma mulher chamada Elza, ela pode ajeitar esse tipo de coisa, eu acho... Já o seu rosto, vai demorar um pouco para voltar ao que era... — disse Arian, achando graça da reação de Sara.

Sara ficou perplexa com que ele falou.

— Chegarem lá?

— Eles vão te explicar tudo. Nos despedimos aqui — Ele se aproximou e deu um abraço de leve, meio sem jeito. Provavelmente com medo de machucá-la, já que estava com várias costelas quebradas. — Sei que passou por muita coisa ruim até hoje, e não posso lhe compensar pelo que perdeu. Mas posso te prometer um futuro feliz. — Ele se afastou um pouco e olhou nos olhos dela. — Seja feliz Sara, você, dentre muitas pessoas que conheci, com certeza merece.

— Ai! Para com isso <E>! Ai! Foi só um abraço! Minha cabeça! — Ele saiu andando meio bambo e resmungando até a porta e quase caiu. Sara entendia o problema com a irmã, mas ainda assim, era estranho vê-lo imaginando a menina. Devia ser muito ciumenta...

Quando saiu pela porta, um homem segurando um cavalo o esperava. Era o dono da casa.

— Foi o melhor que conseguiu com o que lhe dei? — Arian olhou com desgosto para o cavalo.

— O que esperava nesse fim de mundo seu moleque esnobe? Sobe logo nele, ou vai sair daqui a pé — o dono da casa retrucou mal-humorado.

Arian subiu no cavalo e colocou seu capuz sobre o rosto.

— Espero nos vermos de novo um dia Sara, até lá. — Ele então tocou o cavalo e partiu.

— O-obrigada. — Foi só o que conseguiu dizer.

Nesse momento, Robert saía do quarto com a ajuda da empregada da casa, parecendo atordoado. Seu rosto estava todo enfaixado.

— Robert! — Sara se adiantou, indo até ele — Como você está?

— Viv-o... — disse ele, com dificuldade. Parecia estar sentindo muito dor para falar. — Ele já foi?

— Acabou de sair.

— Me deu... Isso... Le-var você a Dynasty. — Robert parecia estar comendo as palavras da frase, propositalmente, para falar o mínimo possível. Ele então mostrou uma sacola de dinheiro, cheia de moedas de ouro, que, aparentemente, Arian deu a ele como pagamento. Sara arregalou os olhos. Tinha dinheiro o bastante ali para comprar aquela casa em que estavam.

— Como...? — Sara estava boquiaberta. Correu para fora para tentar falar com Arian, mas ele já estava longe.

— Quem era ele, afinal? — falou balbuciando para si mesma.

O homem de uns 50 anos, dono da casa, sorriu com o espanto dos dois. Arian revelou suas intenções a ele na noite anterior, pouco antes do incidente no bar, e o que iria precisar.

— Arian, um dos sete guardiões de Distany — falou ele.

Sara olhou de novo enquanto ele ia embora a cavalo, não podia acreditar no que estava acontecendo ali.

— Parabéns, Sara. E seja lá onde estiver, seu pai deve estar feliz também — disse o homem, dando um tapinha em suas costas.

Distany, uma cidade perto da fronteira do sul com o deserto de fogo, no meio de uma floresta e perto de um grande lago. Só elfos e meio-elfos podiam habitar, além de humanos que fossem seus

familiares. Mas hoje em dia mesmo meio-elfos precisavam de aprovação para entrar lá.

Era considerado o paraíso da sua raça. A todos lá dentro era garantida moradia e alimentação, além de serem ensinados um ofício. A cidade era nova, mas rapidamente ficou famosa por materiais confeccionados usando magia élfica, que alguns dos meio-elfos eram capazes de empregar.

Hoje em dia, tudo feito lá era considerado de luxo, e vendido a preços caríssimos, devido à qualidade. A cidade dos sonhos de qualquer meio-elfo, e Sara acabou de ganhar permissão de viver lá.

— Vai ter que ficar aqui em casa mais umas 4 semanas, no entanto, até Robert e você poderem andar normalmente. Não se preocupem, já está tudo pago. E mandei um de meus funcionários cuidar do bar a partir de amanhã, para evitar suspeitas do exército. E pare de me olhar com essa cara desconfiada, Robert, não sou louco de voltar atrás em um trato com aquele garoto.

Pela segunda vez naquele dia Sara chorou, mas dessa vez, não foi de tristeza.

Capítulo 7 — Sem Opção

Em um barranco enlameado, no meio de um campo aberto, uma garota loira de uns 20 anos, usando uma espada de lâmina branca e um manto azul, lutava contra dois homens. O primeiro deles caiu.

— Eu não aguento mais, é o terceiro dia que isso acontece! — disse Lara furiosa, enquanto desviava de um mercenário que usava duas facas.

Uma das facas quebrou ao encostar na espada da garota. E enquanto ele mostrava surpresa pela perda repentina da arma, ela aproveitou para dar o golpe final, cravando a ponta da arma no peito do inimigo.

— Cuidado, Lara! — gritou um garoto de uns 16 anos de cabelo preto, se jogando em cima da garota loira para evitar que fosse atingida por um inimigo, que vinha correndo pelas suas costas.

Os dois caíram de mau jeito no chão enlameado, mas evitaram o golpe.

— Mas que mer... — Lara empurrou o garoto, que saiu rolando barranco abaixo. Ficou de pé rapidamente e bloqueou, com sua espada, o ataque de um porrete infestado de pregos, que outro adversário carregava.

A garota caiu para trás com o impacto. Estava ofegante. As vantagens de sua espada eram inúteis contra uma arma de madeira. E como tinha usado o maior trunfo dela para acabar com um grupo de mercenários, duas noites atrás, a arma perdeu quase todo seu potencial, temporariamente. Não fosse isso, poderia acabar com aqueles homens com facilidade. O artefato que carregava com ela estava drenando suas forças, e a luta se prolongara demais, mal tinha energia para brandir sua espada. O terreno encharcado pela chuva também dificultava a locomoção.

Não paravam de ser atacados desde que saíram da base. Seu corpo estava pesado, cheio de lama e sangue dos mortos à sua volta. Acamparam naquela área ontem à noite, e como os ataques viraram

algo comum, já aguardavam por uma investida de mercenários em algum momento. Só de manhã cedo, quando ninguém esperava, que o inimigo se mostrou, em um número muito maior comparado aos ataques anteriores.

Pela segunda vez, Lara tentou se levantar daquele chão cheio de barro, mas escorregou na lama e caiu de costas no chão, enquanto a arma com pregos do inimigo vinha a toda velocidade na direção de seu peito. Desviou do segundo golpe girando para o lado, mas bateu em um corpo quando o fez.

— Me ajude — disse um soldado agonizando a seu lado.

Outro golpe, o porrete desceu rápido em sua direção. Lara nem sequer pensou. Puxou o homem a seu lado para cima dela, o usando de escudo. O peito do homem foi completamente destruído com o golpe.

— Descanse em paz — disse com sarcasmo ao morto, enquanto perfurava o meio das pernas do mercenário tentando matá-la.

Ele ajoelhou de dor, com as mãos se apoiando no chão úmido. Lara deu um sorriso ao ver a cara de dor do homem, ao menos não era só ela que estava sofrendo aquela noite. Mas para sua surpresa, ele não parou.

Levantou rapidamente. Com uma das mãos que estava no chão, jogou lama nos olhos de Lara, e na outra vinha com a arma mirando sua cabeça. A garota, desesperada tentando limpar os olhos, não tinha como bloquear.

— Jon, abaixe! — O garoto subindo o barranco obedeceu, e uma flecha acertou a testa do homem lutando com Lara.

— Lara, Jon, estão feridos? — Perguntou a líder do grupo, correndo na direção deles.

O garoto estava pálido observando os corpos à sua volta. Nos outros ataques conseguiu ficar afastado da batalha, mas dessa vez não teve esse luxo.

— Se vai vomitar faça logo — disse uma das mulheres vestidas em capas azul-escuras, olhando para ele.

— Arg... que droga! — Lara cuspiu a lama misturada a sangue em sua boca, e depois começou a tossir como se quisesse vomitar. — Esses idiotas não servem para nada! — gritou ela, chutando o homem que usou de escudo.

Começou a vomitar logo depois. Jon, a seu lado, fez o mesmo assim que a viu colocar sua última refeição para fora.

— Gritar não vai ajudar. E veja pelo lado bom, você é a pessoa mais camuflada do grupo — Falou Joanne, com um claro sorriso de satisfação, ao ver a situação deplorável da subordinada.

Aos 28 anos, Joanne, a líder da missão, tinha uma grande maturidade. Lara a respeitava. Nunca se abatia, nunca ficava nervosa, e tinha um estranho prazer em fazer piadas sem graça em situações extremas. Era muito bonita, e com um corpo mais chamativo do que Lara gostaria de admitir. E embora seus olhos azuis e cabelo loiro fossem um pouco mais escuros que o de Lara, as pessoas frequentemente achavam que elas eram parentes.

Enquanto pensava nisso, do nada, Lara foi arremessada para o lado, com um soco de um dos guardas da escolta.

— Sua vaca, porque usou o Barth de escudo? Ele estava vivo!

Lara segurou sua espada com força e olhou com ódio para o homem, enquanto limpava a boca do sangue da pancada, misturado com o vômito.

— Era ele ou eu! Vocês deviam estar me protegendo para começar... Ao menos ele morreu fazendo isso!

O homem avançou de novo para cima de Lara, que encostou a espada em seu pescoço na mesma hora. Os dois ficaram parados, se encarando por alguns segundos.

— Parem com isso. Lara é uma idiota, mas ela tem razão, vocês estão fazendo um péssimo trabalho, e a vida dela tem prioridade...

Por que não está usando sua armadura, falando nisso?

— Não consigo lutar com aquilo, já estaria morta se ainda estivesse usando.

— Três feridos e cinco mortos, já perdemos vinte pessoas desde a partida, devíamos voltar — disse a arqueira, Irene, com a roupa mais limpa do grupo.

— Fomos emboscados quatro vezes, não pode ser coincidência — disse Lara, tentando desesperadamente retirar a lama grudada em todo seu corpo. A calça e bota de couro estavam completamente enlameadas, o mesmo para o espartilho marrom protegendo seu abdômen. A camisa por baixo do espartilho era o artigo mais limpo, além dos braceletes de metal.

— Voltar é impossível, já passamos da metade do caminho, se voltássemos teriam ainda mais oportunidades de nos emboscar — disse Joanne, pensando em outras opções. — Jon, qual a cidade com proteção militar mais próxima?

— Segundo me lembro, Lancaster fica a 5 dias daqui. É a opção mais viável, as outras cidades à volta são muito pequenas — disse ele, tentando pensar com clareza, enquanto ainda em choque depois do ataque que sofreram.

— Não, melhor irmos para Arc — disse Lara.

— Ficou maluca, Lara? Demoraríamos no mínimo sete dias e a cidade é grande demais para garantir proteção. Fora que o Rei é um idiota, capaz de nos entregar em vez de ajudar — argumentou Joanne, impressionada com tamanha estupidez. — A lama entrou no seu cérebro por acaso?

— O Rei é um idiota, mas o conheço e deve favores ao meu pai. Talvez eu consiga uma escolta de verdade lá — disse, tentando organizar suas ideias, enquanto esfregava o rosto, ainda nervosa com a sujeira. — Não vamos achar ninguém de valor em Lancaster fora mais guardas meia boca como os nossos. — Ela estava

apontando para o líder dos guardas que a socou, ainda próximo deles. O homem queria matá-la com os olhos.

Joanne respirou fundo, e pensou por um momento.

— Estela, enterre os mortos onde achar devido. E cuidado com a maldição, está se ativando cada vez mais rápido. Junte os sobreviventes que ainda podem andar e peçam ajuda na cidade mais próxima. Depois voltem para a Torre de Luz. O que eles querem está com Lara e eles sabem disso, não vão atacar vocês na volta. Eu, Jon, Lara, Irene e Zek, completaremos a missão.

Irene, a garota usando o arco, que salvou Lara, só acenou com a cabeça. Zek, a única do grupo usando uma armadura completa, e não parecendo nem um pouco cansada ou abalada depois daquilo tudo, também acenou. A garota raramente falava algo, e mesmo quando o fazia, geralmente era uma pergunta direcionada ao Jon, sobre coisas completamente aleatórias.

— A escolta está dispensada — disse Joanne ao líder dos soldados, que após olhar furioso para ela, como se a mulher tivesse o ofendido, encarou Lara, a amaldiçoando com os olhos. Depois, se virou e foi reunir os soldados ainda vivos.

— São muito poucos, eu e mais 4 que podemos ir com vocês.

— Estela, você é minha melhor amiga, mas luta mal, e os cavaleiros enviados para nos proteger não valem nada. — Joanne olhou rapidamente em volta, receosa que o líder da escolta ainda estivesse por perto, mas não era o caso. — Pelo que Lara falou, podemos negociar com o Rei de Arcadia por uma escolta, e até lá estaremos melhor sozinhos. A princesa mimada, Zek, e eu, valem pelo triplo dos soldados do templo que morreram aqui. É uma perda de tempo levar mais.

Estela pareceu claramente triste com o que ouviu, e mais ainda pela frieza de Joanne para com os mortos. Mas já conhecia a personalidade dura e sinceridade de sua líder faz tempo. Acenou com a cabeça e seguiu suas ordens.

Joanne e seus 4 companheiros montaram nos poucos cavalos que sobraram depois do ataque, e seguiram para Arcadia.

Lara respirou fundo, e depois fez uma expressão triste:

— Eu espero que você esteja certa quanto a isso, seja lá quem for..... — sussurrou a garota, olhando com desconfiança para o céu nublado.

Capítulo 8 – O Guardião, a Fantasma e o Bêbado

Arian estava saindo do pequeno vilarejo onde passou 2 meses como guardião, enquanto admirava a vista e aproveitava a sensação agradável do vento fresco em seu rosto. O Sul era muito bonito no geral. Todas as estradas de terra eram cercadas por florestas ou campos verdes, e nesta área não era diferente.

Quando estava perto do fim da pequena estrada que levava ao vilarejo, viu dois homens, com vestimentas simples, recolhendo uma montanha de fezes de cavalo, que estava na beira da estrada, e jogando em uma carroça, na beira do local.

— O que pensam que estão fazendo? — reclamou o guardião, falando com os homens.

— Tirando isso daqui, ué... Fede muito, e está espantando visitas. Algum idiota está espalhando essa porcaria por todo canto. Deve ser o pessoal do vilarejo de Lupica, sempre nos odiaram, por nossa vila ser mais popular — disse um dos homens.

Arian olhou feio para os dois.

— É isso que tem impedido os goblins de atacar esse vilarejo, eu coloquei aí de propósito! Não mexam nisso, e quando ficar velho e perder o odor, coloquem mais. Aquelas criaturas nojentas odeiam o cheiro de fezes de cavalo.

— Mas...

— Preferem ter menos visitas a seu vilarejo ou serem atacados por goblins com mais frequência?

Sem argumentos, os dois desistiram e voltaram ao vilarejo, meio emburrados, enquanto Arian continuou seu caminho.

Aquele trabalho virou quase um vício para ele, uma forma de esquecer o passado. Alguns se viciavam em bebida, ele em ajudar meio-elfas, ou pessoas que o lembrassem dela... Ihe trazia uma momentânea e grata felicidade.

No entanto, não podia simplesmente ir pegando todas que via e mandando para Distany. Hoje em dia a entrada era bem mais rígida, de forma a não terem problemas com excesso populacional na cidade e pessoas de mau caráter.

Ele e mais alguns foram enviados para coletar dados de meio-elfos em todo continente Sul, e se os acharem merecedores, os escoltavam até Distany, ou mandavam a pessoa para lá com uma escolta. O merecimento era, basicamente, julgado por sua personalidade, já que só queriam pessoas boas naquela cidade. Entender o psicológico e pormenores da vida de cada um deles levava tempo, daí seu disfarce como guardião em pequenas cidades, para lhe dar tempo de aprender mais sobre o alvo.

Para sua sorte, nem precisaria escoltar a garota até a cidade, achou alguém perfeitamente capaz disso. Outra coisa que estava pesquisando há tempos: Robert, o segurança do bar. Ele parecia gostar de Sara, não sabia se como irmã ou mulher, mas sempre a tratava com respeito e sorria inconscientemente ao vê-la fazer algo desajeitado. E Sara também parecia mais consciente dele do que dos outros homens à sua volta. Mas, só isso não era o bastante, precisava de uma prova mais forte da lealdade dele. Que prova poderia ser melhor do que ele quase morrendo para tentar salvá-la? Não tinha mais dúvidas que encontrara a pessoa certa para a escolta.

Um humano normal poderia ir sozinho. Mas meio-elfos? Era quase certo que acabaria sequestrada por bandidos e escravizada. Já com um homem enorme a seu lado, e usando as rotas mais seguras durante a viagem, a possibilidade de terem problemas era bem menor.

Enquanto pensava nisso, lembrou a conversa com Robert aquela manhã:

— *Como... nos... encontrou?* — *perguntou Robert lentamente, deitado em uma cama encostada na parede. Estava com dificuldade*

para falar. Nada mais natural depois de ter vários ossos do rosto fraturados.

— Jeff me guiou — respondeu Arian, observando o pequeno quarto que só tinha uma cama e uma cabeceira de madeira.

— Jeff estava... morto... antes que eu... conseguisse fazer algo — disse com um olhar triste.

— Sim, mas não foi com seu corpo que falei... — Robert olhou perplexo para o rosto sério de Arian, que continuou. — Como quase todo mundo que me conhece, deve estar muito curioso para saber por que fico falando sozinho, eu imagino.

Robert continuou olhando atentamente para ele.

— Bom, eu não estou falando sozinho, estou falando com fantasmas, mais precisamente uma que não sai do meu lado há anos — Robert estava completamente incrédulo nessa parte. — Bem, cabe a você acreditar ou não. Mas Jeff, depois de morto, estava desesperado para proteger sua filha adotada. O fantasma dele apareceu na minha cabana pedindo ajuda. Sem isso, nunca teria conseguido chegar a tempo de fazer algo.

— Ele... ainda... está aqui? — Robert começou a olhar para os lados, meio apreensivo.

— Não parece estar mais neste mundo. Acho que o único desejo que tinha era que a filha fosse salva, por isso o espírito dele ficou por aqui. Realizado seu desejo, não tinha mais motivos para ficar. — O homem parecia confuso, então Arian acrescentou: — Não precisa acreditar em mim, o mais importante é que escute o que vou dizer agora. Sara e você...

Nesse momento, sua mente voltou ao presente, ao escutar uma voz conhecida.

— Está atrasado, salvador dos elfos fracos e oprimidos — falou um homem de aproximadamente 2,20 metros de altura, em uma armadura negra desgastada, cobrindo todo o corpo. Ele tirou o elmo

da armadura. Era negro e careca. Estava em cima de um cavalo cinzento, aparentemente infeliz com o peso de seu cavaleiro.

Arian sorriu ao ver o amigo, Marko, esperando na encruzilhada da pequena estrada que levava ao vilarejo em que estava. Agora se encontrava na estrada principal do reino, que era bem maior, devido à quantidade de pessoas usando-a diariamente para se locomover pelo Sul. À volta deles, apenas campos verdes e muitas árvores da floresta de Ark.

— O que foi? Falhou nessa? — perguntou o homem, ao notar seu semblante desanimado.

— Não, mas podia ter sido melhor se não tivesse calculado uma coisa errada — disse suspirando.

— Como assim? A garota estava viva quando passei lá de manhã para combinarmos a saída.

— Queria que o pai dela e ela fossem para a cidade, era um bom homem.

— Já te disseram que você é muito ganancioso?

— Não, na verdade, você sempre reclama do contrário... — Arian riu. — Mas como foi com a sua candidata?

— Não dei sorte, ela se deitava com qualquer um que pagasse bem, e roubava uns extras antes de ir embora de manhã...

— Imagino que testou para saber desses detalhes...

— Tudo em nome da missão! — falou ele, levantando ao ar uma garrafa de vinho que estava em sua mão direita, revelando a leve embriaguez.

— Sei... Ai!... <E> parece feliz em te ver — A garota de vestido branco, cabelos prateados e olhos vermelhos estava pulando nas costas do cavalo, apoiada nos ombros de Arian.

— Oi, <E>... E falando nisso, andei pensando uma coisa nos últimos dias. Já que ela está sempre grudada em você, me diga, ela fica

olhando quando você... — Marko parou antes de completar a frase, e depois olhou para Arian, fingindo inocência. — Deve ser desconfortável sempre ter alguém sempre olhando.

Arian ficou encarando Marko com os olhos semifechados e uma expressão meio irônica.

— Acho que vou deixar isso para sua imaginação... sua mente parece ficar trabalhando com ideias muito profundas quando você está entediado.

— Vai se arrepender disso quando eu espalhar histórias de um pervertido com uma fantasma miniatura — disse Marko com um sorriso desafiador.

— Não vai ser pior do que quando você convenceu a <E> que eu tinha dormido com todas aquelas mulheres do acampamento militar da fronteira, e ela ficou me chutando por 1 semana.

— Ah! Aquilo foi divertido, nunca pensei que poderia enganar um fantasma — disse enquanto ria. — Ela cresceu desde então?

— Não, continua com a mesma aparência de sempre; de uns 10 anos de idade. Só as roupas que mudam, nunca entendi como isso funciona — Arian olhou para <E>, intrigado. Suas roupas poderiam mudar para qualquer coisa que ela visse, embora geralmente usa-se um vestido branco simples ou copiasse parte das roupas de Arian, o homem que estava assombrando há 5 anos.

— Mudando de assunto. Já ouviu falar em um tal cavaleiro negro que anda matando mercenários por esta área? Comecei a receber o crédito por tudo que ele fazia no último mês. Não precisava fazer nada, nenhum mercenário tentou pilhar a vila em que estava nas últimas semanas, e os moradores ficavam me olhando com tanta admiração, que comecei a me sentir mal. Não queriam me deixar pagar por nada! Quer dizer, essa parte foi boa, mas todo dia um bando de gente das vilas próximas vindo me cumprimentar, não.

— Eu ouvi falar — disse Arian desinteressado.

— Ouviu falar, ou era você? É a sua cara fazer uma coisa dessas...

— Só me interesse por meio-elfas, lembra? Não estou nem aí para humanos.

— Sei... Continue dizendo isso até você mesmo conseguir acreditar... Bem, aonde vamos seu elfo maníaco? Não me chamou para ajudar mais elfos, espero... segundo o contrato tenho direito a 1 mês de férias depois de cada alvo testado.

— Não. Te chamei para um torneio, com um ótimo prêmio. — Ele não mentiu, mas deixou faltar um detalhe importante que geraria resmungos depois.

<E> adorava torneios. Estava sentada na frente de Arian agora, tentando fazer o cavalo andar mais rápido, mexendo os braços para frente e para trás repetidamente, sem muito sucesso. Não conseguia falar, só gesticular, e afetar objetos do mundo material era impossível também, tirando Arian.

— Agora está falando minha língua. Estou seco por um desafio. Qual cidade? — perguntou o gigante, parecendo bastante animado.

— Arcadia.

— A bebida de lá é péssima, mas pelo menos os bordéis são ótimos.

— Quer mesmo lutar embriagado e cansado?

— Eu luto melhor bêbado, e mulheres não me cansam, me dão forças!

— Isso não faz sentido...

— Diga isso quando eu ganhar o torneio e você estiver debaixo dos pés do bêbado. — Marko saiu gargalhando, montado em seu cavalo.

Arian sorriu e acelerou também. Sentia falta do bom humor daquele idiota. E de bônus, as chances de serem atacados no caminho eram baixas com um homem daquele tamanho do seu lado.

Dias depois, seguindo a estrada de terra principal do reino, chegaram à Arcadia, onde seus dias rotineiros de guardião estavam

prestes a acabar... e Marko, prestes a descobrir que foi enganado.

Capítulo 9 – Arcadia

O cheiro de toda aquela gente na fila suando não era agradável, e só estava piorando com o tempo. Ao menos o chão da cidade era todo de pedra, o que a tornava naturalmente mais limpa. Era uma das poucas cidades do Sul daquele porte que não fedia. Embora nada comparado a cidade de Amira, onde você podia ser preso por jogar lixo no chão, graças a obsessão do Rei por limpeza. À volta deles tinham um bando de tendas, vendendo de bijuterias até comida. <E> estava distraída, observando cada uma delas.

— Seu mentiroso filho da mãe! — Marko olhava emburrado para Arian, ambos em uma fila enorme de pessoas.

Estavam na frente da grande arena de Arcadia, o maior palco de shows do Sul, tanto os violentos quanto filosóficos. Tinha espaço para 50 mil pessoas nas arquibancadas. O centro a céu aberto era enorme, com perto de 800 metros quadrados. Era possível vê-la de qualquer ponto da cidade, com seus 50 metros de altura e formato circular. O local estava cheio de gente se inscrevendo para o torneio, anunciado faz 1 mês.

— Calma aí, eu não menti, eu disse que tinha um prêmio em dinheiro, e tinha. Veja a elfa como... um bônus? — disse Arian, se fazendo de bobo, enquanto esperava impaciente a fila andar, no meio do sol da tarde.

— Como pode ser um bônus, se é só o que te interessa? Eu tô fora, quero relaxar, e não entrar em mais uma de suas sagas para salvar uma elfa — Marko virou de costas e começou a caminhar para o centro da cidade.

— Espera! Eu preciso da sua ajuda. Eu pago se quiser, e você vai se divertir de qualquer forma — gritou Arian, sem sair da fila.

Ao escutar isso, Marko voltou para o lado de Arian na fila, com um olhar de satisfação.

— Agora a conversa está ficando interessante... Quanto vai me pagar?

- Espera, estava esperando uma proposta?
- Filhos para sustentar, lembra?
- Seu...
- Ei, você me enganou primeiro, só estou me vingando.
- Que tal economizar na bebida e mulheres em vez de me extorquir?
- E a oferta é... — disse, enquanto ameaçava sair da fila com o corpo.
- O dobro do pagamento por missões comuns de Distany...
- Pouco, aumenta pra cinco.
- Isso são 2 anos de trabalho.
- Não, é você desesperado, e eu não querendo perder a oportunidade — retrucou, com um sorriso maléfico no rosto.
- Três vezes.
- Estou indo embora.... — falou cantando, enquanto virava de costas novamente.
- Certo!

Marko virou de novo, estava rindo sem parar.

- Caramba, como você é fácil... Trato feito. Mas saiba que, como seu amigo, te ajudaria de qualquer forma.
- Aham... — Agora Arian é que estava de mau humor.

Marko parou de rir e ficou sério por um momento.

- É isso mesmo que quer da sua vida? Eu tenho filhos pra sustentar em mais locais do que posso contar, e mesmo assim me sinto aproveitando mais a vida que você. Quer mesmo morrer sendo lembrado apenas por isso? O grande guardião que salva meio-elfas? Não se sente meio... vazio?

Arian ficou perplexo com a pergunta, não esperava algo assim vindo dele, que dificilmente levava algo a sério.

A pergunta era pouco compreensiva para ele. Que outras opções tinham? Quer dizer, não sobrara nada, fora isso, para mantê-lo feliz consigo mesmo.

Marko suspirou vendo o rosto perplexo de Arian para a pergunta.

— Certo, como quer fazer isso?

— Entramos, e quem ganhar pega o prêmio, mas deixa a elfa ir. Com você, as chances de conseguir a Nya dobram.

— Nya? Pera, já conhece essa elfa?

— A conheci 2 meses atrás, até que foi capturada por guardas do Sul, pensando que ela era uma espiã do Norte. Só recentemente descobri que veio parar em Arcadia, e iria ser o prêmio do torneio, junto às 100 moedas de ouro.

— Como consegue essas informações?

— Parte do dinheiro de Distany é usada para manter olhos em todo Sul e parte do Norte, a procura de potenciais habitantes para a cidade. Servem para coletar esse tipo de informação também. Tem pelo menos 50 pessoas no Sul sendo muito bem pagas para isso — falou desinteressado, enquanto instintivamente procurava <E>.

A garota estava babando perto de uma barraca de frutas. Tinha alguma adoração estranha por morangos.

— Aquele velho realmente está levando sua obsessão a outro nível. Vocês maníacos por meio-elfos devem se dar bem.

Arian sorriu lembrando do amigo, e fundador, da cidade dos meio-elfos. Um homem que perdeu a filha, Distany, uma meio-elfa, morta por mercenários. Depois de superar a perda, resolveu fazer do objetivo de sua vida ajudar essa raça. Além de conseguir eternizar o nome da filha no processo.

— Sim, ele é uma ótima pessoa. Apesar do hábito chato de ficar perseguindo algumas garotas parecidas com sua filha pela cidade, contando suas histórias de vida, em vez de deixá-las trabalhar em paz.

— Vocês são dois doentes...

— Ei, eu nunca persegui nenhuma. Só estou tentando... — A fala parou por aí, não queria dizer o resto.

— Certo, vamos nos inscrever então. Há tempos que não tenho uma boa luta, isso vai ser divertido.

<E> estava pulando de um lado para o outro em volta deles. Arian não sabia se era excitação, ou impaciência pela demora. Minutos depois, voltou a brincar de copiar as várias armaduras dos participantes na fila. Não ficavam lá muito boas em uma criança de 10 anos. Ela podia ajustar o tamanho, mas o design não.

— Por que não copia um vestido em vez disso? — questionou Arian, analisando a armadura feia que ela tinha acabado de copiar para seu corpo.

<E> fez uma careta para ele como resposta, enquanto copiava uma mini versão de sua espada em frangalhos e brincava de cortar o ar.

Foi quando, do nada, a alguns metros à frente, um homem saiu voando 15 metros para a direita, e caiu no chão desacordado.

— Se alguém mais tentar me tocar, não vai ser só alguns dentes que vão perder — disse uma mulher de cabelo preto.

Cabelo longo, até a cintura. Não dava para ver o rosto direito, mas usava uma roupa de couro preta colada ao corpo, que a deixava impressionantemente sexy.

— Nossa! Espero não pegar ela nas preliminares, essa merece um contra um— observou Marko.

Vendo que perdeu a atenção, <E> começou a cutucar Arian, mostrando a roupa copiada da mulher de preto, o que fez Arian começar a rir.

— acredite <E>, um dia vai ficar muito sexy nessa roupa. Mas esse momento ainda não chegou.

— Você realmente não tem jeito com mulheres — falou Marko, em desaprovação.

A garota fez uma cara de decepção e voltou ao seu vestido branco até chegarem ao balcão de inscrição.

Ambos se inscreveram na entrada da Arena principal da cidade e depois foram procurar um local para ficar.

As regras deste ano mudaram de novo. Virou uma mania dos organizadores para dar mais emoção. Todo ano alteravam completamente as regras quanto ao que era permitido fazer e usar. Esse ano:

1. Armaduras de qualquer tipo são permitidas.
2. Pode-se usar qualquer tipo de arma de curta distância.
3. Só humanos! Se demônios forem detectados serão desqualificados.
4. Matar é opcional.
5. Quem chegar abaixo de 70% do bracelete de contenção será desqualificado. O uso é obrigatório.

— Duvido que vão seguir a número três, sempre deixam passar batido desde que não exagerem... — disse Arian pensativo, enquanto lia o panfleto das regras.

— Ainda bem, fica mais divertido assim. E sabe como é difícil imitar a força de vocês, fracotes? — falou Marko sorrindo. Sem magia e leves exageros físicos permitidos, era o tipo de torneio perfeito para ele.

— Então me considera um humano agora?

— Você é um pouquinho mais forte que um... Mas deviam proibir essa sua espada, acho que só não tem uma regra pra isso, porque

ninguém que pode comprar um negócio desses arriscaria a vida em um torneio.

— Se fosse uma Lâmina espiritual funcional, provavelmente pediriam para eu não usar, mas morta do jeito que está, duvido muito que liguem. Armas modificadas podem conseguir os mesmos atributos, e são permitidas.

— Não tenho problema com o bracelete. Nem sei usar magia. Mas e você? Acha que consegue se manter estável?

— Não vejo como "aquilo" acontecer aqui. Mas se houver um imprevisto, você sabe o que fazer — disse Arian, olhando sério para Marko.

— Sempre achei isso estúpido de qualquer forma. Se não querem as pessoas usando magia, deviam desqualificar quem fosse abaixo de 100%.

— Qualquer coisa que você faça gasta sua energia espiritual, incluindo andar. O único momento que as pessoas estão espiritualmente com 100% é quando dormem. Em momentos de tensão alguns usam uma boa porcentagem para se fortalecer, inconscientemente. Mas para descer de 70%, só usando alguma magia elaborada. Daí a regra padrão para detectar o uso de magia avançada ser o limite do 70%. Não aprendeu isso no treinamento militar?

— Hum... talvez tenham falado sobre. Nunca prestava atenção naquelas aulas chatas.

Depois de verificar as regras, foram para o centro da cidade, sempre populoso com seus largos corredores cheio de lojas e tendas. O cheiro agradável de comida estava por toda parte. A parte que realmente chamava atenção, no entanto, eram as estatuas do novo Rei, espalhadas por toda parte.

— Eu não acredito... — Arian estava pasmo observando alguns trabalhadores quebrando uma estátua. Pelos dizeres da base, pertencia a Lancaster, um famoso herói do Sul.

— Já tinha ouvido boatos... O quão egocêntrico você precisa ser para mandar destruir todas as estátuas de heróis de uma cidade, e colocar imagens suas no lugar? — questionou Marko.

— Isso explica porque as estátuas em volta da Arena sumiram...

— Uma pena, aquela estátua da Lunar era tão sexy...

— Pelo menos o templo de Arcadia ele não teve coragem de tocar, ainda... — Arian estava olhando para o centro da cidade, onde a estátua de 40 metros de altura de um dragão podia ser vista, imponente, como se estivesse vigiando a cidade.

Tinham pouco dinheiro, então escolheram uma pousada barata. A cidade, como sempre, estava abarrotada de gente.

Diferente de anos atrás, o esgoto a céu aberto não podia mais ser visto. O novo sistema de esgoto que implementaram na cidade parecia estar fazendo efeito. Era provavelmente esse o motivo do desespero do Rei em recuperar o grande lago da fronteira com o Norte. Só ele para suprir a demanda necessária de água para manter a cidade toda limpa.

Esse era um problema da maioria das grandes cidades. Algumas resolveram de forma bem peculiar, com o uso de magia, mas poucos magos aceitavam ficar o dia inteiro transmutando fezes humanas, mesmo que pagassem bastante.

Encontraram um hotel bem antigo, todo em uma madeira preta, com cara de malcuidada. Uma velhinha simpática os atendeu na recepção. Ficava a apenas 20 minutos da Arena, o que o deixava bem prático. Estava cheio, mas conseguiram dois quartos.

— Que tal sua cidade começar a te pagar um hotel melhor, e colocar um amigo e funcionário na conta? — perguntou Marko, enquanto se dirigiam para os quartos.

— Não acho que teria problema, mas não quero chamar atenção. Aqui está bom o bastante. Não é como se fossemos ficar por muito tempo.

— Vou dormir, estou cansado da viagem — disse Arian, entrando em seu quarto, ao lado do de Marko. Já começava a escurecer do lado de fora.

O quarto era simples: uma cama encostada na parede, uma mesa de cabeceira e um armário velho de madeira preta. A janela dava para a rua, deixando o ambiente meio barulhento, o que explicava aquele ser um dos últimos quartos restantes. Arian tirou as espadas médias das costas e foi se deitar na cama. Ela tinha lençóis brancos desgastados, mas parecia limpa.

A espada enferrujada e cheia de rachaduras que levava na cintura, dormia junto com ele, sempre na mão esquerda. Um velho hábito, e uma forma de se precaver contra tentativas de assassinato.

Marko passou a noite em um bordel próximo, só aparecendo de madrugada no quarto de Arian, extremamente bêbado.

— Ei, Arian, Arian! Acorda! — Marko o estava balançando na cama.

— Que foi...? — falou, sem abrir os olhos.

— Acho que vi aquele tal de Cavaleiro Negro. O maluco matou os donos de um bordel onde eu estava. Tinha umas garotas, aparentando maus tratos correndo, não lembro bem, devia estar usando trabalho escravo. Mas eu vi alguém de preto passando por lá — disse o amigo, em um tom de preocupação.

— Ei, me dá um espaço aí. — Marko o empurrou para o canto da cama.

— Quê?! Vai pro seu quarto! — Arian abriu os olhos e voltou a ocupar o meio da cama.

— Não vou dormir sozinho... Vai que aquele fantasma da morte aparece. — Marko estava suando.

— Cavaleiro da morte. Não disse que era só um maluco vestido? Não sabia que tinha medo de fantasmas, ainda mais conhecendo um — debochou Arian.

— <E> é legal, esse outro cara de preto eu já não sei... — Marko foi até o armário, estava pegando um bando de fronhas.

— <E>, está aí? — perguntou Marko, enquanto forrava as fronhas no chão.

O gigante olhou para Arian, esperando uma resposta.

— Está deitada do meu lado direito, olhando pra você.

— Avisa a gente se um maluco de preto aparecer — falou, enquanto deitava olhando meio desconfiado para a janela e para a porta do quarto.

<E> levantou o braço e fez um sinal positivo com o dedo. Mas logo depois, virou na direção do ombro de Arian e voltou a dormir, o que fez Arian dar uma risada contida.

— O que foi? — perguntou Marko, perplexo.

— Nada... boa noite.

Na manhã seguinte, Arian foi despertado por <E>, assim que o dia clareou. Sempre com seu método peculiar de pegar uma mecha do longo cabelo branco e ficar passando ele no rosto do guardião até ele acordar. A garota parecia ansiosa para o torneio, e para que alguém fizesse com que Marko, que estava dormindo no chão, ao lado da cama de Arian, parasse de roncar.

Comeram pães e frutas no café da manhã do hotel.

— Ainda não consegue sentir o gosto de nada? — perguntou Marko, observando que Arian estava bebendo água.

— Na verdade vem piorando, passo mal bebendo qualquer coisa que não seja água, e o gosto da comida vem ficando cada vez mais fraco — disse, enquanto observava <E> na cadeira ao lado. Estava babando vendo ele e Marko comendo. Infelizmente, fantasmas não podem comer. A parte curiosa, e provavelmente torturante para ela, é que podia sentir o cheiro de tudo à sua volta.

— Amigo, seja qual for a sua raça, ela é horrível. Ninguém deveria ser privado dos prazeres do álcool — disse Marko, esvaziando seu oitavo copo de cerveja aquele dia.

Depois disso, se dirigiram para a Arena, que esse ano, tinha um modelo bem diferente de preliminares.

Capítulo 10 – 100 entram, só 8 saem.

O primeiro combate eliminatório era bem injusto. Determinadas armas davam vantagem, e todos sabiam disso. Mas regularizar o armamento fez os combates perderem público no passado. Então agora valia tudo, tirando armamentos explosivos ou de longa distância.

Dentro da Arena, mais ou menos 100 pessoas estavam recebendo instruções.

Tiveram mais de 2000 inscritos, mas só selecionavam os 100 com melhor histórico. A pessoa podia oferecer uma lista com seus feitos no exército, rank em guilds conhecidas, dar apenas o nome caso fosse muito conhecida, ou até seu histórico de lutas dentro da própria Arena. No caso de Arian e Marko, bastou mostrarem alguns distintivos militares, dados a combatentes de alto nível, que já entravam fácil dentro da lista dos 100 escolhidos.

Ainda era cedo, mas no centro da Arena já estava bem quente, provavelmente devido à multidão nas arquibancadas gritando. Era um número absurdo de pessoas no mesmo espaço. Arian estava ficando incomodado com a areia, que estava esquentando suas botas.

Ele estava no centro do lugar com os outros participantes, todos à vista do público, recebendo instruções de um homem moreno. A roupa do homem era muito estranha, uma mistura de preto, amarelo e vermelho. Arian estava supondo que a ideia era chamar atenção mesmo. Os cabelos longos, entrelaçados, e a magreza, davam um aspecto ainda mais exótico.

— Este ano, estamos usando colares em vez de braceletes, mas o funcionamento é o mesmo. Se tirarem o colar de medição, serão desqualificados. Fiquem com ele enquanto estiverem na competição.

— O Cristal azul no colar apaga assim que você ficar abaixo de 70% de energia espiritual. Ninguém usa mais que 30%, mesmo em

reações involuntárias, então, creio que seja obvio, não usem magia... — O homem moreno continuou a dar instruções de forma bem tediosa. Devia estar cansado de repetir sempre o mesmo discurso, pensou Arian.

— Arian, se afaste de mim, não quero chutar sua bunda tão cedo, não iria ter graça. E não esqueça do trato que fizemos — disse Marko, assim que o homem à frente deles terminou as instruções.

Arian obedeceu o amigo e foi para outra ponta do aglutinado de pessoas. Minutos depois, entendeu o porquê do pedido.

Dividiram as 100 pessoas em oito grupos, cada um deles ocupando uma plataforma de madeira diferente, e todas distribuídas a uma distância semelhante uma da outra. Elas formavam duas linhas, cada uma com quatro plataformas uma atrás da outra e uma distância de 10 metros as separando. Isso ocupou quase todo o espaço do meio da Arena.

As plataformas se assemelhavam a palcos quadrados, a cerca de 1 metro do chão cada um. Assim que subiu nelas, Arian notou que eram muito pequenas para tantas pessoas, variando de 10 a 13 participantes por plataforma. Cada um deles estava a poucos metros um do outro.

Não houve sorteio, simplesmente pegaram as pessoas mais próximas para colocar em cada uma delas. Se tivesse ficado próximo a Marko, ambos acabariam na mesma plataforma.

— E neste belo dia, começamos mais um torneio na gloriosa Arcadia! Estão prontos? — falava o homem moreno no centro da Arena, se dirigindo ao público. Ele parecia bem mais alegre agora.

Uma gritaria intensa começou nas arquibancadas.

— Temos campeões demais aqui. Precisamos de uma eliminação. Portanto, só os sobreviventes de cada plataforma permanecerão no torneio.

A plateia voltou a gritar.

— <E>, de onde tirou isso? — perguntou Arian, observando o que a garota estava vestindo.

<E> apontou para uma mulher de armadura de aço, cobrindo o corpo todo, a esquerda deles. <E> estava saltitando de empolgação, vestida a caráter com a armadura copiada da mulher.

Ao observar melhor, entendeu porque achou a armadura familiar. Os símbolos em vermelho e design elegante eram difíceis de confundir. A vestimenta pertencia aos guardas de elite de Arcadia. Mas o que um deles estava fazendo ali? Eles ganhavam por mês quase o valor do prêmio do torneio. De qualquer forma, com aquela armadura reluzente e cheia de adereços em vermelho, ela seria o alvo mais chamativo da plataforma.

— As regras são simples. Quem cair para fora da plataforma, ou morrer, está eliminado. Os que quiserem desistir pulem para fora. Campeões, que o melhor vença! — disse o comentarista.

Arian estava prestando atenção nas instruções quando foi pego de surpresa.

— Ai! — Levou um soco na cabeça que o jogou no chão e deixou completamente zozinho. Pensou que haveria um aviso ou preparação, mas aparentemente não.

Parece que haviam esquecido dele depois que caiu. Olhou para o lado, e viu o caos nas outras plataformas. A maioria se atacando aleatoriamente, outros fazendo grupos para eliminar os adversários mais ameaçadores primeiro. Alguns usando armas enormes, muitas espadas, facas, poucos desarmados. Toda vez que alguém morria, ou era jogado para fora, a plateia vibrava.

Ele não chamava atenção o bastante para ser uma preocupação em sua plataforma. Não sabia se ficava feliz com a sorte, ou infeliz pelo orgulho ferido.

— O que está fazendo seu idiota? Levante e jogue essa gente pra fora! — gritou Marko, na plataforma ao lado. Parecia estar dominando seus adversários sem problema algum. Metade dos

participantes de sua plataforma já estavam fora, e a outra aparentava estar aterrorizada demais para atacá-lo. Ele estava segurando um homem no ar, pela cabeça, enquanto falava com Arian.

<E> estava tentando levantar Arian, puxando seu braço. O guardião deu uma risada leve, e rapidamente ficou de pé. Assim que o fez, um homem tentou acertá-lo com uma espada curta. Ele desviou, agarrou o braço do sujeito, e o jogou para fora.

"Já é hora de levar isso a sério".

Mais dois homens voaram da plataforma, um seguido do outro. Arian estava lutando sem as espadas, só derrubando os adversários com as mãos nuas e os jogando para fora. Matar era desnecessário, e causava mais problemas que vantagens na maioria daqueles torneios. Se você matar um nobre, pode acabar com um bando de assassinos contratados pela família atrás de você, pelo o resto da vida. A maioria sabia bem disso, e evitava tirar a vida do adversário adversário.

Agora parecia ter chamado atenção. Uma mulher, usando uma armadura leve de couro, se posicionou atrás dele, e um homem com um machado enorme, vinha em sua direção pelo lado contrário. Arian desviou do golpe do machado, que acertou parte do rosto da mulher.

— Martan! — gritou o homem, horrizado com o que fez, enquanto a mulher colocava a mão no rosto, tentando parar o sangramento. — Desculpe...

Mesmo parecendo um corte superficial, ele estava bastante preocupado.

"É um casal?".

Arian deu uma risada e acertou um chute nas costas do homem, seguindo com um soco no meio do peito da mulher. Ambos foram arremeados para fora da plataforma.

Foi quando Arian notou que estava esquecendo de se controlar. Um humano normal não teria força para chutar uma pessoa tão longe. Por sorte, tinham coisas demais acontecendo, e outros mais fortes que o normal ali no meio, chamando mais atenção que ele.

Duas pessoas no chão pareciam gravemente feridas. De pé, havia restado ele e mais três. Agora dois. A mulher de armadura militar, espada e escudo, que <E> copiou, acabara de atravessar sua espada pelo peito do homem com o qual estava lutando. Parece que nem todos estavam ligando para as possíveis consequências de matar alguém em um torneio.

Os três restantes se olharam, e depois observaram rapidamente dois participantes no chão, agonizando.

A mulher do escudo fez um sinal de trégua. Arian e o outro, que parecia um camponês inofensivo vestido em trapos, balançaram a cabeça, concordando.

A mulher puxou os dois feridos para fora, de forma a poderem receber cuidados antes que morressem. Arian achou aquilo irônico, depois de tê-la visto matar um homem sem nem piscar.

Podia parecer misericórdia, mas provavelmente, seu interesse era que os corpos não atrapalhassem a movimentação dos que ainda estavam de pé.

Assim que a mulher terminou de colocar os dois feridos para fora, o homem vestido em trapos avançou correndo contra Arian.

O guardião tentou agarrar seu braço e jogá-lo para fora, como fez com os outros, mas foi inútil. O camponês não se moveu quando ele o puxou, tinha uma força estúpida nas pernas, e era mais pesado do que parecia. Em vez disso, Arian que acabou arremessado para a beirada da plataforma.

Estava por pouco de cair, não esperava que o homem tivesse tanta força. O homem veio com um soco mirando seu rosto.

Arian parou o soco com uma mão. O chão abaixo dele, feito de madeira, trincou com a pressão da tentativa de segurar o golpe e se

manter na beirada da plataforma.

— Como você...? — Tendo perfeita noção de sua força, pelo menos três vezes acima de um humano normal, o homem parecia incrédulo em como Arian segurou o soco.

O guardião estava na vantagem, mas antes que pudesse contra-atacar usando a surpresa do adversário, o homem recuou para direita, e Arian não esperava o que veio a seguir.

Assim que a figura do camponês sumiu de sua vista, surgiu a mulher de espada e escudo, que estava atrás do homem, esperando uma oportunidade para atacar. A espada dela veio a toda velocidade na direção do pescoço do guardião.

Arian subestimou seu primeiro adversário, e ignorou a oficial, e iria pagar o preço por isso.

Capítulo 11 – Os 8 campeões

Arian desviou a espada da mulher, usando seus braceletes para redirecionar o golpe. Mas só viu o escudo avançando em sua direção no último segundo.

Desviou devagar demais, a extremidade do escudo cortou sua bochecha, e continuava acuado na beira da plataforma.

O que pensou que seria uma luta fácil, estava virando algo complicado.

— Que grande guardião, não consegue nem dar conta de um camponês e uma guardinha! — Marko estava sentado sozinho em sua plataforma, observando e rindo.

Arian, se sentindo acuado, instintivamente, se preparou para tirar sua espada.

— Nem pense nisso! — gritou Marko.

A aposta, Marko concordou em entregar a elfa se ganhasse, mas só se ele passasse pelas preliminares sem usar armas. Especialista em luta corpo a corpo, queria que Arian parasse de depender tanto de suas armas. Foi ele que o ensinou a lutar fisicamente, inclusive. Infelizmente, o aluno não tinha muito talento.

Os três adversários se encararam de novo, esperando alguém tomar a iniciativa. A plateia gritava empolgada.

Arian olhou rapidamente para <E>. Seu fantasma perseguidor estava sentado na beira da outra ponta da plataforma, com um sorriso no rosto. Parecia estar adorando a coisa toda.

A mulher de armadura avançou de novo contra ele, e o camponês também. Se esquivou do soco do homem, e usou o bracelete para bloquear a espada da guarda. Outro soco, escudo, espada, soco, só estava conseguindo bloquear e desviar.

A plateia parecia estar gostando, até que algo inesperado aconteceu.

A mulher acertou com o escudo na cabeça do camponês ao seu lado, distraído demais para notar a mudança repentina de alvo. Seria o bastante para derrubar um homem normal, mas ele só ficou meio bambo.

Era sua chance. Arian pegou impulso e acertou um chute com as duas pernas no meio do peito do homem, o jogando para fora da plataforma. Usou tanta força que ele foi parar em cima do Marko, que estava na beira da plataforma ao lado.

— Filho da mãe! — Marko agarrou o homem que caiu em cima dele e o jogou no chão.

A torcida gritou.

Arian caiu no chão depois do golpe. A militar não perdeu a chance e veio em sua direção com a espada. Não parecia nem um pouco preocupada se iria matá-lo, ou não.

Ele usou seus braceletes para bloquear a lâmina da arma.

— Mas do que demônios é feito esse negócio?

Parecia estar usando uma espada especial. Se fosse um bracelete normal já teria quebrado, daí a surpresa dela.

Arian aproveitou a distração da mulher para se levantar.

Ela avançou novamente. Os golpes continuavam oscilando entre a espada e o escudo, que também era usado na ofensiva. Já tinha visto aquilo. Na verdade, já usara escudos dessa forma antes, mas nunca pensou que veria militares se especializando nisso. Era uma técnica rara de ser tentada, devido à dificuldade de coordenação.

Desvia, bloqueia, desvia, desvia, bloqueia, desvia, desvia, agora! Arian se aproveitou do cansaço dela depois da sequência de golpes. A mulher abriu a defesa, e ele tentou um soco na parte desprotegida do elmo, que deixava o rosto a mostra.

— Seu desgraçado! — o escudo dela veio na direção do rosto de Arian a toda velocidade.

Desviou por alguns centímetros. Ela não estava cansada depois de toda aquela sequência? Ao que parece, ela abriu a guarda de propósito para ele tentar o ataque. Tinha muita experiência, mas porque estava tão nervosa?

— Posso perguntar o que eu fiz? — disse Arian, perplexo com a atitude agressiva da mulher.

— Por que não está usando suas espadas? Pareço tão fraca assim?

— Ela tirou o elmo, e o cabelo longo e avermelhado, preso de alguma forma dentro do elmo para evitar que alguém agarrasse no combate, caiu para trás.

A mulher estava com muita raiva. A boca contorcida, os olhos negros levemente avermelhados na parte branca, com as veias saltando. Finalmente a reconheceu.

— Desculpe, Alna. Não tem nada a ver com você. Meu amigo me meteu nesse sufoco por uma aposta. — Tentou falar da forma mais calma possível.

Olhando para o rosto da mulher, se sentiu mal pelo que estava fazendo. Ele estava com dificuldades em lutar daquela forma, e ela se sentindo humilhada. Pensou se valia a pena o que estava fazendo.

Olhou para Marko. Estava fazendo um sinal de “não” com a mão. <E>, atrás da mulher, deu um sorriso leve e balançou a cabeça. Como se entendesse o que ele buscava.

Arian então fechou os olhos lentamente, respirou fundo e refletiu.

Pensou no por que estava ali. Abriu seus olhos, viu a meio-elfa sendo exibida como prêmio junto aos nobres na arquibancada, com um olhar preocupado.

Tomou sua decisão.

"Por que a dúvida? Se precisa pisar no orgulho de uma boa mulher para salvar a vida de outra, que seja".

O clima mudou, e sua expressão saiu de alguém em dúvida para pura frieza. Ele avançou de forma agressiva pela primeira vez na luta. A mulher não hesitou e veio com a espada mirando seu pescoço. Ele desviou do golpe, ao mesmo tempo que mirou um soco na junta do braço dela, onde a armadura não cobria.

E veio o estalo de leve, o osso fora fraturado.

Alna deu um grito ensurdecido que misturava dor e fúria, enquanto soltava a espada, e vinha com o escudo contra o rosto do guardião, com toda força que lhe restava.

Acabou! Ele desviou do escudo e acertou um chute na lateral do joelho da guerreira, fraturando mais um osso. A mulher caiu ajoelhada. Devia estar com muita dor, mas em seus olhos só existia raiva.

Ela soltou o escudo e pegou uma faca em sua cintura. Mas antes que pudesse fazer algo com ela, levou um soco no rosto, que jogou seu corpo inteiro ao chão com um tremendo barulho. O adversário desmaiou, a luta terminara.

A plateia gritou.

— E temos nossos oito campeões! — anunciou o apresentador.

Arian, no entanto, não se sentia um campeão.

Nas outras plataformas, restavam Marko, um senhor de idade com uma espada média muito bonita, um homem de capuz marrom usando uma espada, uma mulher de cabelo preto com uma espada de duas mãos e armadura de couro... Era aquela da fila? Agora que podia ver seu rosto, os olhos amarelo-claros eram muito chamativos.

Havia ainda um homem de cabelo preto e olhos azuis com uma espada e escudo, uma mulher musculosa, usando uma lança, e um loiro com uma armadura prateada reluzente, parecia um nobre.

Com ele, eram os oito que iriam para os duelos um contra um. Todos estavam olhando fixamente para Arian, já que era o último a finalizar o combate.

De repente, um calafrio percorreu sua espinha. Ao observar novamente os ganhadores, notou que a mulher de cabelo preto e olhos dourados parecia estar tentando matá-lo com os olhos. O motivo disso, só iria entender um pouco depois.

Capítulo 12 – A Mulher de Olhos Dourados

Marko foi em direção a Arian logo que os ganhadores foram liberados de suas plataformas.

Assim que os dois se encontraram, Arian foi lançado vários metros para trás com o soco no rosto que levou do amigo.

— Se era pra se acovardar no final e pedir para outro fazer o serviço, era melhor ter usado sua espada — falou Marko, furioso.

Arian se levantou devagar, com a boca sangrando. Não respondeu ou reagiu. Embora parecesse algo confuso para quem estava à sua volta, ele sabia exatamente do que seu amigo estava falando.

— Eu juro, Arian, se fizer isso de novo, vai ter que se virar sozinho no resto do torneio.

Marko sempre odiou ver aquilo acontecer.

— Eu a conhecia. Não queria ser eu... — disse ele em voz baixa, com um ar triste.

— Sua consciência pode se sentir um pouco melhor com isso, mas foi você que quebrou o braço dela, por mais que tente passar a responsabilidade para outra pessoa.

Ao olhar para o lado, <E> estava observando os dois, com uma cara preocupada.

— Concorda com ele?

A garota acenou com a cabeça e deu uns tapinhas nas costas de Arian, tentando o animar.

— Certo, chega disso. Daqui a pouco vão perguntar se somos malucos. O quadro dos combates é só amanhã, vamos dar uma volta por aí — falou Marko, respirando fundo depois do desabafo.

Se dirigiram para a saída da Arena, e quando estavam passando pelo portão principal, cheia de participantes deixando o local, uma mulher se colocou na frente de Arian.

Olhos cor de mel, quase dourados, lindos. Cabelo preto, longo, levemente ondulado nas pontas, chegando até perto da cintura. O corpo era chamativo, mas ficava ainda mais naquela roupa de couro colada no corpo. Na parte que cobria o peito, havia uma liga de metal, provavelmente com o propósito de proteger o coração. Era nova, parecia ter perto dos vinte poucos anos. Definitivamente uma mulher que chamava atenção.

— Por que não usou sua espada? — perguntou a garota de forma rígida.

— Eu pedi a ele que... — Marko tentou falar, antes de ser interrompido.

— Não falei com você. Responda a pergunta — disse ela olhando para Arian. Parecia ainda mais nervosa com a falta de atitude dele.

— Fiz uma aposta, apenas isso, tenho o direito de lutar como quiser — respondeu o guardião, agora nervoso com a grosseria dela com Marko.

— Aquela mulher te idolatrava desde que você a salvou na guerra, só queria uma luta justa com você usando espadas, estava há 2 anos treinando duro pra isso, e você a humilhou completamente.

Arian não respondeu. Sabia que ela queria um combate de espadas, mas não tinha ideia de que estava treinando tanto para tal. Se sentiu ainda pior.

— Reze para não nos encontrarmos em batalha, ou vou fazer você experimentar toda a humilhação que a fez passar.

— É sua amiga?

— Não — respondeu a garota, em um tom seco, antes de virar abruptamente, e ir embora.

A mulher estava realmente sentida pela outra. Mas sem a conhecer? Como ela sabia daquilo tudo?

— Você com certeza tirou o dia para enfurecer as pessoas... — disse Marko, pouco antes de começar a rir sem parar. Seu bom humor,

aparentemente, tinha voltado.

Arian sentou em um banco próximo dali, em um parque arborizado. Estava com uma cara de acabado, olhando para o chão e refletindo sobre o que ocorreu. <E> sentou ao seu lado, novamente dando palmadinhas em suas costas, tentando o consolar.

— Isso é tudo sua culpa Marko... — lamentou.

Marko foi passear pela cidade. Já Arian, não tinha mais humor para tal e voltou ao quarto na pousada, a contragosto de <E>, que queria explorar a cidade. Nesses momentos Arian se perguntava o que a prendia. Por mais que quisesse fazer outras coisas, a prioridade era sempre ficar a poucos metros dele. Na verdade, desde que se conheceram, nunca a viu ficar a muito mais que 20 metros de distância.

Depois de pensar um pouco nisso sem chegar a uma resposta, como sempre acontecia, Arian pegou um caderno pequeno de uma bolsa marrom, onde guardava seus pertences mais relevantes. Começou então a escrever algumas coisas que aconteceram naquele dia, e outras que estavam passando pela sua cabeça. Era a forma mais fácil que tinha para se acalmar. Enquanto isso, <E>, debruçada na janela do quarto, consolava sua curiosidade observando as pessoas passando pela rua.

Mais tarde, trocou de roupa e foi dormir, dessa vez sem camisa, por causa do calor.

Quando <E> o viu decidiu imitar, desmaterializando seu vestido branco e se preparando para pular na cama.

— Nem pense nisso! Coloque uma roupa, ou vai dormir fora da cama, sua fantasma depravada.

<E> fez uma cara de decepção e voltou a materializar seu vestido branco. Foi então se deitar ao lado de Arian, e ficou brincando com as correntes em seu pescoço até cair no sono. Cada corrente era um pedaço de sua vida: uma era da guild que ficou por 2 anos, a outra do tempo no exército, e por último a de Distany, com seu nome,

dados, e uma magia que permitia confirmar o usuário. Se outra pessoa usasse a corrente, os dados nas placas desapareciam. A da guild e a militar também tinham o rank da pessoa junto. Podiam ser usadas como prova de experiência na hora de conseguir trabalhos, ou entrar em torneios.

Arian ficou olhando para <E> um tempo antes de cair no sono. Após 5 anos juntos, não fazia mais ideia do que a menina representava para ele exatamente, se prendia apenas ao fato de que a considerava importante, e gostava da sua companhia. Ela era, afinal, a única coisa constante em sua vida. Enquanto pensava nisso, tudo se apagou.

Na manhã seguinte, era hora de ver com quem iria lutar. Não era religioso, mas rezou para não ser a mulher de olhos dourados. Algo lhe dizia que uma luta entre os dois não acabaria bem para o seu lado.

Sortearam o quadro dos combates:

Arian x Baldor

Marko x Zidha

Dorian x Alon

Kadia x Sigfrid

Sua luta seria a primeira.

Chegou ao centro da Arena com seu adversário, um senhor de uns 60 anos com uma barba curta e cabelo grisalho. Nas mãos, uma espada longa. O guarda mão da arma, decorado com joias, indicava uma arma cara. A vestimenta dele, no entanto, era bem simples: botas de couro, uma calça marrom e uma camisa de algodão branca, com a gola do pescoço aberta.

Ambos se cumprimentaram. Todas as plataformas do dia anterior foram retiradas. O local agora era um mar de areia, em formato circular. O tempo estava nublado hoje, para o alívio de Arian, que detestava calor.

— Que comece a luta! — gritou o apresentador.

A plateia fez barulho, empolgada.

O adversário e Arian, no entanto, não moveram um músculo, ambos aguardando o outro tomar a iniciativa. Ou talvez o velho estivesse esperando o guardião desembainhar suas espadas, o que ele não fez, na tentativa de testar se poderia ganhar sem elas.

Como o adversário não fazia nada, Arian avançou. O velho reagiu levando a espada em sua direção.

Arian usou o bracelete para bloquear. O que o homem, aparentemente, já esperava. Ao invés de parar o movimento no bracelete, ele inclinou a lâmina e seguiu arrastando sua espada pelo braço de Arian, o fazendo recuar antes que a espada tirasse um pedaço de seu cotovelo, que não tinha armadura.

Antes que Arian pudesse pensar, veio outro golpe, direcionado a seu pescoço, mas que rapidamente mudou de trajetória para sua coxa, logo acima da parte onde a armadura terminava. Saltou para o lado a tempo, mas por pouco não perdeu uma perna.

— Vai lutar direito ou vai continuar me entediando, garoto? — questionou o senhor, em um tom rígido.

Arian abaixou a cabeça para o homem, como um pedido de desculpas. Ele então colocou a mão nas costas, por baixo da capa, e tirou duas espadas médias.

— Que tipo de idiota anda com uma espada aprimorada na cintura, mas prefere usar as reservas comuns que tem nas costas? — indagou o velho.

De fato, o mais normal seria usar a espada da cintura, a que tinha acesso mais rápido, mas devido ao seu estado de degradação atual, tentava a usar o mínimo possível.

— É uma longa história — respondeu.

Chega de menosprezar seus adversários. Avançou com tudo dessa vez.

O homem desviou com primor dos golpes, e defletiu alguns usando sua própria espada.

— Finalmente está me dando uma luta de verdade, garoto! — disse o adversário sorrindo, enquanto aumentava o ritmo do combate.

As espadas se chocavam sem parar, e a luta continuava em uma mistura de bloqueios e esquiva. Ambos pareciam estar dançando. A plateia não gritava, ou fazia cara de tédio, só observava atenta. Era um combate muito bonito de assistir.

Arian aumentou o ritmo. Agora eram duas espadas se movendo a uma velocidade absurda, e com impacto fora do comum, devido a força sobre-humana dele.

O adversário não conseguiu acompanhar e ganhou um leve corte no braço esquerdo. Quando recuou para recuperar a postura, Arian avançou, usando uma de suas espadas para defletir a arma na mão direita do velho, e a outra deixou parado a 1 centímetro da garganta dele. O homem nem mesmo piscou. Ao invés disso, sorriu.

— Fascinante. Usar duas espadas é geralmente estúpido em um contra um, mas você consegue mover as duas com a mesma precisão e velocidade. Não sei quem foi seu mestre, mas o cumprimente por mim. Mesmo que desgastado, acaba de derrotar Baldor, o antigo instrutor mestre do castelo, e sem nem suar para isso. Honestamente, me senti um pouco humilhado... — disse o instrutor, com uma risada leve.

Arian sorriu, foi bom terminar uma luta com dignidade depois do seu vexame de ontem. Ele abaixou a cabeça em sinal de respeito ao instrutor e pensou no que ele disse. Infelizmente não poderia cumprimentar seu mestre, já que não fazia ideia de quem ele foi, e quando foi treinado.

Ambos se dirigiram para fora do centro da Arena.

Era a vez de Marko. Sua luta mal começou e já tinha terminado. A mulher musculosa com quem lutou caiu inconsciente depois de um

forte golpe na cabeça. Ela também lutava fisicamente, mas era uma luta desleal em termos de força.

A seguir veio Dorian, um homem usando uma espada longa, e um manto marrom com capuz, cobrindo o corpo. Não parecia ter armadura. Arian entendia o princípio de ganhar em agilidade sem todo aquele metal cobrindo o corpo, mas o risco parecia grande demais.

A luta foi bizarra, o garoto de uns 17 anos, usando uma armadura reluzente no corpo todo, correu até Dorian com sua espada em mãos. O adversário desviou e encostou a mão esquerda de leve no braço do garoto, que caiu no chão no mesmo instante. Que demônios foi aquilo?

Ao levantar, o adversário parecia perdido e tonto. Levou todos os golpes de Dorian, até cair de novo, com a espada do homem apontando para seu pescoço. Ele então se rendeu.

A seguir, veio a mulher de olhos dourados contra um homem de armadura grafite, cobrindo todo corpo. Usava uma espada simples e um escudo. Kadia tinha uma espada de duas mãos em mau estado, e estupidamente grande para o tamanho dela. Arian, como apreciador de combates, esperava que esse fosse menos anticlimático, comparado aos anteriores. Até ali, a coisa toda estava uma decepção.

Foi outra luta estranha. Kadia, como descobriu que se chamava a mulher através do quadro de lutas, desviava dos golpes do homem de armadura como se estivesse prevendo eles. Sigfrid parecia muito experiente também. Sempre que Kadia avançava com sua espada, o cavaleiro desviava com precisão e tentava acertar um golpe nela.

Kadia parecia ter se irritado e começou a usar sua força e agilidade, muito acima de um humano normal, sem se preocupar tanto em ser desqualificada.

O homem não conseguia mais desviar da espada a tempo, tendo que usar o escudo para parar a espada de Kadia. O golpe, no

entanto, era tão forte que fazia ele voar para o lado e rolar na terra, toda vez que acertava.

A luta parecia estar decidida. Mas foi então que algo estranho aconteceu. O homem tirou o elmo, revelando o cabelo preto curto e olhos azuis.

— Eu falei pra elas que isso seria divertido — disse o homem, com um sorriso de todo tamanho na cara.

Arian, que tinha uma visão privilegiada se comparado a um humano, notou um leve brilho nos olhos dele, que ficaram avermelhados. A partir daí, a luta virou. A espada de Kadia não conseguia mais arremessá-lo. Ao invés disso, ele estava defletindo a arma dela com o escudo, e sua agilidade aumentou muito também. Ele não era humano? Mas... era estranho, tudo nele batia com um humano normal. E não fazia sentido apanhar tanto no início da luta, se não fosse o caso. Se estava mesmo fingindo, foi a melhor performance que já viu. Quanto mais pensava no assunto, mais curioso ficava.

A plateia gritava, empolgada com a primeira luta realmente acirrada daquele dia. Estava empatado. Kadia prevendo os ataques com espada e escudo do adversário, e ele defletindo e desviando os dela. Até que a garota pareceu ter perdido a paciência.

Seus olhos brilharam, agora realmente dourados. Ela avançou para cima do homem fazendo uma quantidade absurda de terra voar abaixo dela, tamanha a força que pressionou o chão. O inimigo fez o mesmo, avançando em uma velocidade estúpida contra Kadia.

— Fim da luta! Sigfrid está desqualificado por uso de magia! — gritou o apresentador.

Ambos, Kadia e o homem, pararam.

— Sério? — O homem puxou seu colar, observando que a joia azul havia se tornado vermelha, indicando que desceu de 70% de energia. O cavaleiro passou a mão no cabelo dando uma risada, meio sem graça pela situação.

Ele então fez um gesto em direção a plateia, parecia ser direcionado à alguém. Prestando mais atenção, Arian viu duas mulheres, uma loira, claramente uma celestial pelo que estava saindo de suas costas, e a outra uma morena de ar exótico com... orelhas de elfo? Nunca viu um elfo de cabelo preto antes... Estavam na área VIP da arquibancada, a de cabelo preto com um sorriso contido e a loira a seu lado rindo de forma mais escandalosa. Tinha uma outra mulher atrás delas, com um sorriso no rosto, mas não conseguia ver direito sua aparência, só os cabelos vermelhos balançando ao vento.

Kadia foi na direção do cavaleiro e falou alguma coisa que o fez começar a rir novamente. Ficou curioso sobre a relação dele com as mulheres na plateia, e o que Kadia falou. Aliás, a luta toda era um mistério. Não tinha como se aprimorar daquela forma usando magia, algo mais tinha acontecido ali.

O quadro das próximas lutas foi definido, para o terror de Arian:

Marko x Dorian

Arian x Kadia

— Mas que droga... — resmungou o guardião, olhando infeliz para o quadro.

Marko estava rindo sem parar a seu lado.

A alguns metros dos dois, Kadia escutava os resmungos de Arian, com um sorriso de satisfação.

Capítulo 13 – Kadia vs Arian

No dia seguinte, a semifinal começou com a luta de Marko contra Dorian.

Ambos se cumprimentaram.

— Que comece a luta! — Falou o apresentador.

Arian estava observando a luta de um portão de ferro que dava para o centro da Arena. A seu lado, Kadia estava concentrada na luta, assim como <E>, poucos metros à frente dos dois. Diferente de ontem, o tempo estava limpo, dando total liberdade ao sol para tornar aquela arena um forno natural. Arian estava olhando com uma cara infeliz para o vapor saindo da areia a sua frente, quando Kadia chamou sua atenção.

— Seu amigo... Acho que ele não tem como vencer — falou ela, com uma voz mais amigável do que Arian esperava.

— Como sabe? Ele é mais do que aparenta — respondeu, na esperança de continuar a conversa e sair da zona de ódio da mulher.

— Eu sei, mas isso não vai ajudá-lo... Do que está rindo? — perguntou intrigada, ao observar Arian tentando segurar um riso.

<E> estava fazendo caretas e gestos pouco amigáveis bem na frente do rosto da Kadia, não parecia nada feliz com os comentários negativos quanto ao resultado da luta. Ela sempre gostou muito do Marko.

— Nada, lembrei de uma coisa.

Arian voltou sua atenção para o combate. Marko foi em direção a Dorian com tudo. Dorian se esquivou com um salto, mas não antes de encostar levemente no braço de Marko com a mão direita.

Logo depois, Marco parou por um instante e, de novo, avançou na direção do adversário, que ficava se mantendo a alguns metros dele, sempre que podia. Dorian parecia surpreso, e um pouco assustado.

— Mas o quê? — Arian notou que Marko estava muito mais lerdo do que de costume. — Ele bebeu demais?

"Não faz muito sentido. Ele sempre foi forte com bebida, quase não o afeta".

Dorian se mantinha na defensiva. Marko estava lento, mas um golpe seu ainda seria fatal para um humano. Sempre que o cavaleiro negro se aproximava com um golpe físico, Dorian se esquivava e tocava nele. Marko ficava cada vez mais lento.

A cena se repetiu mais sete vezes, até que Marko tirou o enorme machado de suas costas e foi com tudo para cima de Dorian.

Agora ele ficou sério. Quando recorria a sua arma geralmente era para matar o oponente.

— Acabou... — disse Kadia.

Dorian desviou do machado, enquanto a terra se abriu ao seu lado, onde a arma perfurou o chão com uma força absurda. Ele então atacou Marko com sua espada, mas esse defendeu com o bracelete de sua armadura. Assim que o bracelete e a espada se tocaram, Marko foi arremessado vários metros para trás e caiu inconsciente.

A plateia gritou em êxtase.

— E Dorian vence a luta! — anunciou o apresentador.

<E> e Arian olhavam incrédulos o gigante caído aos pés de Dorian.

Arian suspirou, estava preocupado por seu amigo, e pela elfa triste que decorava o palanque dos VIPs, ao lado das moedas de ouro. Agora, a única coisa que restava entre ela e a escravidão, era ele.

Ao olhar para o lado, Kadia estava o encarando com um sorriso sádico, claramente notando sua preocupação.

Marko se levantou pouco depois, e andou cambaleando até a saída da Arena.

— Você tá bem? — perguntou Arian, quando Marko se aproximou dele, claramente envergonhado pela derrota.

— Meio tonto, mas nada grave.

— Alguma ideia do que te derrubou?

— Magia, provavelmente. Mas não lembro de nenhuma parecida com essa. Toda vez que ele me tocava, sentia uma dor tremenda, e meu corpo ficava mais lento. Ele conseguia fazer isso com a espada também, detesto lutas assim...

Arian estava tentando pensar o que era aquilo. Não lembrava de nenhuma magia com esse efeito.

— Agora, para o próximo combate, Arian vs Kadia! — gritou o apresentador.

Ao olhar para a adversária, Arian reparou que Kadia estava analisando ele com um olhar nervoso, como se buscasse algo. Não era só a mulher que ele humilhou, tinha algo nele que a incomodava, e ele estava começando a ter uma ideia do que era.

— Vamos? — falou Arian para ela, enquanto esticava um dos braços na direção do centro da Arena. Um gesto comum de permitir que a mulher vá na frente.

— Se insiste — disse a garota com um sorriso, enquanto seguia para o centro, um pouco à frente de Arian.

Os dois chegaram ao meio, <E> se afastou de Arian e fez um sinal de positivo com o polegar, como se lhe desejasse sorte. Arian deu um sorriso, até a garota completar o gesto apontando para Kadia, e passando a dedo na própria garganta... “menos <E>...”, pensou ele, sem saber se ela estava falando sério ou não.

— O que está olhando? — perguntou Kadia, irritada pela desatenção dele com o combate.

— Ignore, eu vejo fantasmas — falou Arian sem pensar.

Kadia estava com cara de surpresa.

— Como eu disse, melhor ignorar — Arian se voltou para ela, agora sério.

— E que comece a luta! — falou o apresentador, enquanto a plateia gritava empolgada.

A espada de Kadia veio tão rápido que Arian quase perdeu o braço, sem nem saber o que tinha acontecido. Conseguiu desviar por pouco. Para mover uma espada daquele tamanho, a essa velocidade estúpida, ela, com certeza, tinha pelo menos quatro a cinco vezes a força de um humano normal.

Os dois começaram a esquivar e bloquear usando suas armas, enquanto se moviam constantemente a volta um do outro. Kadia tinha a vantagem de uma arma mais pesada, fazendo as espadas médias de Arian trincarem lentamente, a cada tentativa de bloqueio. Mas a espada de Kadia não parecia muito melhor, cheia de rachaduras devido ao modo bruto que a garota a utilizava.

— Pare de bater essa espada no chão, está me dando nos nervos...
— reclamou o guardião, com pena da arma dela.

— Deve estar muito confiante para bater papo no meio disso — respondeu a garota, com um olhar desafiador.

— Você tem oito padrões de ataque, sempre repete eles dependendo da posição. Mais forte que eu ou não, vai quebrar essa espada antes de me acertar — Arian a encarou com um olhar desafiador, enquanto continuava desviando com facilidade dos golpes de Kadia.

Kadia usava puramente de sua força e reflexos anormais, sem se preocupar com posicionamento, trabalho de pés ou tempo, lutava de forma bastante primitiva. Após mais algum tempo, já tinha levado três cortes: na bochecha, braço esquerdo e perna. Arian, por outro lado, ainda estava sem um arranhão sequer. A garota parecia frustrada, e respirava de forma ofegante, provavelmente, cansada de balançar aquele pedaço de metal desproporcional a sua estatura.

— Cansada? — provocou Arian, fazendo Kadia entrar na defensiva com sua espada e até a usar seus braceletes para bloquear.

— Vai perder esse sorriso quando eu arrancar seu pescoço — disse ela, sorrindo, enquanto a cor de seus olhos mudava de mel para dourado.

Arian partiu novamente para cima dela, mas, para sua surpresa, dessa vez a garota bloqueou seus ataques sem qualquer dificuldade.

— Mas o que...

Todos os movimentos que Arian fazia começaram a ser facilmente bloqueados, ou então ela desviava, como se soubesse exatamente o que ele iria fazer. Era a mesma coisa que ela fez com o cavaleiro do dia anterior.

Ela sabia de várias coisas sobre a garota que lutou contra Arian também, sem nunca ter falado com ela, analisava as lutas como se soubesse algo que ele não sabia e o olhava como se buscasse algo além... Só tinha uma explicação para aquilo, mas precisava testar para ter certeza... Arian pensou em acertar a perna da garota assim que ela abrisse a guarda, depois a cabeça, depois o braço, a cada segundo ele pensava uma coisa totalmente diferente. Kadia o olhou confusa, enquanto ele sorriu, ao constatar sua hipótese.

— Então você lê mentes? É a segunda vez que vejo... — Arian não conseguiu terminar a frase.

Com um grito assustador, Kadia levou sua espada na direção de Arian, ainda mais rápida que antes. Ele desviou com um salto para o lado, mas antes que pudesse se equilibrar, a espada da garota estava voltando em direção a sua cabeça.

Kadia mudara completamente de atitude. Antes era uma luta por diversão, agora ela parecia um animal acuado querendo matar o agressor. Só podia significar uma coisa.

— Espera, eu não... — tentou falar, enquanto desviava por milímetros de um golpe direcionado a sua cabeça. Desviou do próximo por muito pouco, mas não previu o que veio a seguir.

Kadia segurou sua espada de duas mãos com apenas uma, e enquanto Arian desviava do golpe da arma, a garota usou o outro braço, agora livre, para acertar um soco no flanco direito do guardião. Arian usou o bracelete para bloquear, mas a força era tão absurda que ele foi arremessado vários metros para esquerda. Kadia foi para cima dele para o golpe final, enquanto ele tentava se levantar o mais rápido que podia. Quando ela desceu com a espada, mirando na cabeça dele, Arian saltou na direção dela, desviando por pouco da lamina, agarrou um dos braços da garota, e usou o impulso para arremessá-la ao chão.

— Me escuta! — Disse Arian, enquanto tentava segurá-la no chão com os braços. Ela parecia completamente irracional. Foi quando os olhos da garota brilharam ainda mais.

— Ai! — De repente sua visão ficou nublada, e sentiu uma dor absurda na cabeça. Kadia se aproveitou para acertar um chute no meio de sua barriga que o fez voar para trás. Arian, ainda deslizando na terra devido ao impacto, colocou as mãos para trás, e com um impulso voltou a ficar de pé. Kadia se levantou e saiu correndo na direção dele, que pegou suas espadas no chão e foi até ela. A plateia gritou em êxtase.

Os dois se chocaram, terra voava para todo lado. Arian estava na defensiva. Sabia o padrão dos golpes de Kadia, mas não tinha como prever quando ela tentaria um soco ou chute de novo. Após alguns segundos, teve sua chance, finalmente conseguiu redirecionar um dos golpes dela com uma de suas espadas.

E então veio o barulho, a espada que redirecionou o golpe trincou, pedaços dela voaram no ar, esmigalhados pela espada de Kadia. A arma foi partida ao meio. Mas a guarda dela se abriu quando sua espada foi defletida.

"Agora!".

A espada da outra mão de Arian seguiu direto para a garganta de Kadia. Mas ao invés de entrar na defensiva, como ele esperava, ela levou sua espada com toda força contra a lateral do corpo de Arian.

"Ela é louca! Ambos vamos morrer!".

Sem tempo de esquivar, Arian parou sua espada, que estava indo na direção de Kadia, e se jogou para o lado, tentando conseguir mais algum tempo, mesmo que mínimo, enquanto trazia suas duas espadas para a lateral esquerda do corpo, na tentativa de bloquear a espada de Kadia. Mas foi em vão.

Quando a espada bateu na lateral de seu abdômen, Arian foi arremessado a uma distância absurda. Suas espadas médias, que formavam uma barreira ao lado do corpo, não resistiram, a lâmina da primeira foi esmigalhada, e a segunda espada, que já estava quebrada, terminou de ser destruída. A liga de metal por baixo da camisa de Arian também não segurou o golpe, só impediu que ele fosse partido ao meio. O guardião estava caído no chão, e zozzo. Ao olhar para a barriga, viu sangue escorrendo pela lateral do abdômen, onde agora havia um corte profundo do tamanho de uma mão.

— Adeus! — gritou Kadia, avançando contra ele, enquanto a terra explodia em baixo de seus pés, tamanha a pressão que estava fazendo sobre o solo.

<E> estava correndo, desesperada, na sua direção. Kadia vinha ainda mais rápido para o golpe final. Arian cuspiu sangue enquanto tentava se levantar. Tinha poucos segundos antes de desmaiar. Era tudo ou nada.

Capítulo 14 – Perspectiva

Kadia estava respirando fundo, com uma cara de extremo mau humor, enquanto aguardava na fila de inscrição da Arena. Detestava multidões, mas ao mesmo tempo adorava lutar, então não havia opção. Desejava com todas as forças poder desligar sua habilidade de ler mentes nessas horas. Podia não gastar nada de energia usando ela, já que era algo natural, mas vivia um verdadeiro tormento em determinadas situações. O pensamento de todos à sua volta estava fluindo para sua mente, ao mesmo tempo.

Como não podia bloquear, estava tentando ao menos se concentrar nas mentes da fila uma a uma, na tentativa de conseguir alguma informação útil, ou pelo menos interessante. Até que levou um susto. Uma das mentes não lhe dizia nada. Foi então que o viu: capa verde, estatura mediana, rosto bonito, mas não necessariamente chamativo. Não conseguia pegar nada dele e, por consequência, ao se concentrar só nele, tudo ficou em silêncio, algo que só conseguia se isolando em locais pouco povoados. Era uma sensação fantástica. Ficou tão absorvida nisso que não notou o homem atrás dela passando a mão na sua bunda. Assim que notou, no entanto, tinha menos um concorrente, já que o homem não iria acordar tão cedo depois do soco que levou.

Queria saber mais sobre aquele homem do manto verde. Como estava a bloqueando, afinal? Existiam pessoas que era complicado ler algo, mas isso era devido a treino, ficavam pensando superficialmente em coisas estúpidas, ou mais comumente em um muro de tijolos, como os militares ensinavam. Os pensamentos complexos eram feitos em segundo plano.

Por anos usou disso para tomar vantagem nas interações, sabendo exatamente que tipo de pessoa estava na sua frente. Com Arian, como descobriu que se chamava, não conseguia ver nem mesmo o muro de tijolos, ou um pensamento idiota, não conseguia pegar nada dele a longa distância. E aquele homem não parecia nem se esforçar. Nunca tinha encontrado uma raça com essa característica.

Quando viu a pousada em que ele e seu amigo estavam, tentou alugar um quarto do lado, assim ficaria a uma distância razoável e poderia se concentrar na mente dele sem ninguém ver. Mas estava tudo ocupado. Já escurecendo e sem conseguir sanar sua curiosidade, foi para um outro alojamento.

No dia seguinte, veio a preliminar. Acabou com seus oponentes em um estante, e depois foi rapidamente observar o grupo que Arian estava. Ele lutava bem, embora nem sequer parecesse estar levando aquilo a sério. Devia ser mais forte que o normal para bloquear o soco daquele outro homem com o qual lutou na plataforma, que não era humano.

Logo, no entanto, sua curiosidade se transformou em raiva, quando Arian humilhou uma mulher que o admirava e queria uma luta justa de espadas. Sabia que ela estava exagerando, se ele podia ganhar sem armas, não tinha obrigação de enfrentá-la com elas. Mas aquilo a deixou nervosa mesmo assim. Provavelmente, porque passou por uma situação semelhante quando mais nova.

Ao se aproximar para confrontá-lo, logo depois das preliminares, conseguiu pegar os pensamentos de Marko, e entendeu por que Arian fez aquilo com a garota. No fim das contas, ele não era uma pessoa ruim. Na verdade, começou a achar divertido a apreensão de Arian quanto a ela, então resolveu se manter na ofensiva, mesmo sabendo que ele só queria salvar uma elfa. Outra coisa que a fascinava, era o fato dele ficar olhando para o lado aleatoriamente, e vez ou outra falar sozinho.

No dia seguinte, estava disfarçadamente olhando para Arian, enquanto dividia sua atenção com a luta de Dorian e Marko. Não que fosse tão interessante, Dorian iria ganhar com facilidade usando aquela trapaça. Arian, por outro lado, era tudo, menos óbvio para ela.

Era uma sensação incômoda e boa ao mesmo tempo. Sabia o que as pessoas à sua volta estavam pensando o tempo inteiro. O que as interessa, se tem boas intenções, nada lhe escapava. Quer dizer,

nada superficial. Saber detalhes do passado de alguém era mais complexo, e exigia contato físico.

No caso de Arian, talvez com grande concentração fosse possível, mas isso mudaria a cor dos olhos dela. Não que fosse segredo que estava cheio de não humanos nesses torneios, mas eles só faziam vista grossa. Se ficasse claramente provado que você não era humano, seria desqualificado. E no caso dela, que podia ler mentes, seria ainda pior. Era uma habilidade rara, mesmo para demônios. Já ouviu histórias horríveis de vários que foram capturados e escravizados, na tentativa de fazerem uso dessa habilidade. Quase todo Rei pagaria uma fortuna para ter alguém assim, capaz de avaliar e descobrir segredos de qualquer pessoa com quem ele interagisse.

Estava curiosa para testar seus limites e descobrir o que aquele homem a seu lado estava pensando, mas ao mesmo tempo, com medo de ser descoberta. Valia o risco?

Quando finalmente o pegou nas quartas de final, não podia estar mais ansiosa pelo combate. Finalmente teria uma luta justa, contra um adversário cuja mente ela não conseguia ler direito.

Mas se enganou. Não era divertido, na verdade se sentia patética, desde que a luta começou Arian estava dominando completamente o combate. Tinha mais técnica, conseguia prever o que ela iria fazer pelo movimento de suas pernas. Sua força e velocidade, da qual ela tanto se orgulhava, não lhe ameaçavam.

Se sentiu humilhada, como a mulher que Arian derrotou antes. E quando ele a provocou dizendo que nunca iria acertá-lo, não aguentou. Liberou seu potencial completo. Força, agilidade, e outros aspectos. Agora, mesmo que só superficialmente, conseguia pegar até pensamentos vagos e instintivos daquele homem. E felizmente, a aquela distância das arquibancadas, a maioria não iria notar seus olhos brilhando.

Para sua surpresa, no entanto, Arian não se desesperou. Era uma das lutas mais difíceis que ela já teve desde que chegou naquele

mundo. Kadia deu um sorriso ao notar que, de fato, estava se divertindo, mesmo que se sentisse trapaceando. E assim continuou, até que seu adversário começou a pensar de forma totalmente sem sentido, e então...

— Então você lê mentes? É a segunda vez que vejo... — disse Arian, antes de ser interrompido pela sucessão repentina de ataques de Kadia.

Aquilo que sempre tentou esconder. Demônios eram mal vistos no mundo humano, mas isso não era problema, e sim ele saber de sua rara habilidade. Não era mais uma luta por diversão, era questão de vida ou morte. Se aquele homem revelasse seu segredo seria desclassificada, e provavelmente, capturada. Não podia arriscar. Ele tinha que morrer!

— Espere... — Arian tentou falar.

Kadia não estava mais escutando, só se concentrava no que ele iria fazer para desviar de seus golpes. Se ele achava que podia decorar seus padrões de ataque, bastava fazer algo inesperado. Tentou acertar um soco em sua cabeça, mas ele bloqueou com o bracelete. Do que era feito aquilo? Metal comum quebraria com facilidade.

Apesar de ter seu ataque frustrado, Arian ao menos foi arremessado e estava no chão. Kadia foi com tudo para matá-lo, mas ele se levantou antes dela chegar, agarrou seu braço e a jogou ao chão, usando uma técnica de luta corpo a corpo. Assim que subiu em cima dela e tocou sua pele, tentando segurar seus braços, Kadia não pensou duas vezes, usou magia para passar uma forte sensação de dor ao cérebro do adversário. Se usasse rapidamente, não seria o bastante para descer de 70% de energia.

Assim que ele foi ao chão, com a mão na cabeça, acertou nele um chute pra tirá-lo de cima dela. Mas ele rapidamente se recuperou e voltou correndo em sua direção, enquanto a garota corria até ele com a espada longa em punho.

Era ridículo como ele ainda conseguia lutar depois de tudo aquilo. Seja lá qual fosse sua raça, era muito mais resistente que um humano. Não conseguia mais ler a mente dele direito, já que estava frustrada e nervosa demais para se concentrar. Ficando mais e mais irritada, acabou fazendo um movimento em falso, o que deu a oportunidade a Arian de contra-atacar, logo depois de desviar a espada dela. A segunda espada de Arian estava vindo rápido na direção do seu pescoço. “Dane-se”, pensou Kadia, preferia morrer a ser escravizada por nobres. E se fosse acabar ali, ao menos morreria em um belo combate, levando seu adversário junto para o túmulo.

Kadia girou sua espada com toda a força contra à lateral do corpo de Arian, que para surpresa dela, parou o ataque em direção a sua garganta, tentando apenas bloquear a espada indo de encontro ao seu abdômen. As espadas dele não aguentaram o golpe e foram estilhaçadas. O homem foi arremessado vários metros, e parecia estar gravemente ferido. Era hora de acabar com isso.

— Adeus! — disse Kadia, correndo em direção a Arian para o golpe final. Suas espadas estavam quebradas, ele só tinha mais uma na cintura.

Quando ela chegou a poucos metros dele, o homem deu um salto para frente, enquanto tirava sua espada bastarda da cintura em uma velocidade absurda.

Um barulho de trovão ecoou pela arena enquanto a arma de Kadia era esmigalhada pela espada bastarda de Arian. E com os fragmentos da arma ainda no ar, Arian girou, vindo com a espada mirando o pescoço de Kadia. Ela fechou os olhos, era o fim.

Mas o fim não veio.

— P-por favor. Se renda. E-eu... — disse Arian, enquanto vomitava sangue, estava quase desmaiando.

Ele havia parado sua espada a centímetros do pescoço de Kadia.

— Não vou con... tar... – Tentou completar a frase, enquanto caiu de joelhos na frente de Kadia, provavelmente devido a dor e perda de

sangue.

Mas ele não precisava dizer, Kadia conseguiu ler seu pensamento claramente agora. Ele estava o gritando desesperadamente para ela: "Eu não vou contar! Eu não vou contar! Por favor, se renda!".

Kadia fechou os olhos, baixou os braços e soltou o que restava de sua espada.

— Eu me rendo — anunciou com uma voz firme, mas que ao mesmo tempo passava tristeza.

No desespero, julgou errado seu adversário, que nunca teve a intenção de revelar seu segredo. Física e psicologicamente se sentia derrotada. Não tinha mais vontade alguma de lutar.

— Arian é o vencedor! — gritou o narrador.

A plateia fez um barulho ensurdecedor, tendo recebido o combate mais brutal e inesperado até aquele momento. Enquanto isso, o homem na frente de Kadia caiu desmaiado, com sangue escorrendo por um enorme corte na lateral do abdômen.

— Ei, Arian, Arian! Não morra agora... Eu quero uma revanche! — gritou ela, se ajoelhando ao lado do corpo de Arian. Ao notar que tinha desmaiado, segurou o homem nos braços com facilidade, e correu em direção a ala de cuidados médicos. Se fosse esperar a equipe da Arena chegar, ele iria morrer.

Enquanto corria, os pensamentos do apresentador do torneio ecoaram rapidamente pela mente de Kadia. O primeiro a fez rir, ele estava incomodado ao ver uma mulher carregando um homem maior que ela no colo. Mas o segundo pensamento era uma dúvida que ambos compartilhavam: "Mesmo que sobrevivesse, como Arian iria lutar a final, que era no dia seguinte, naquelas condições? ".

Capítulo 15 – O Sonho

Arian acordou com muita dor. Pelo que a mulher que estava cuidando dele disse, seu oponente o trouxe, e um homem enorme que batia com a descrição do Marko, veio visitá-lo pouco tempo atrás.

— Não entendo como você está vivo depois um golpe daqueles. Qual sua raça? — perguntou a enfermeira. Arian olhou com desconfiança, então ela completou. — Até parece que eu não sei que metade dos lutadores aqui não são humanos, todo mundo sabe, só fingem não saber.

— Bem... para ser honesto, eu também gostaria de saber a resposta para essa pergunta. Eu... Ai! — Falar doía, então parou.

Olhando para o lado da cama, onde estava deitado, viu <E>, olhando para ele com os olhos inchados de chorar.

— Calma <E>, eu vou sobreviver — falou brincando, enquanto passava a mão de leve na cabeça dela. Não entendia como conseguia interagir fisicamente com um fantasma, mas a garota sentia quando ele a tocava, e o mesmo valia para ele. Isso claro, o deixava meio desconfortável durante a noite, mas depois de 5 anos, já tinha se acostumado a ter a garota colada nele enquanto dormia. Arian então se voltou novamente para a enfermeira, que estava cuidando de outra pessoa, em uma cama próxima. — E aí, como estou?

— Costelas quebradas e alguns órgãos rompidos com o corte. Costurei tudo o melhor que pude. Você é bem mais resistente, incluindo sua capacidade anormal de regeneração. Um humano normal teria morrido.

— É, não tenho do que reclamar disso. Mas acha que vou poder lutar amanhã?

— Se conseguir se levantar com a dor que deve estar sentindo, já iria me surpreender. Melhor desistir.

Ele já sabia a resposta, só queria ouvir de outra pessoa. Sua capacidade de cura era muito superior a uma pessoa normal, sabia disso por diversas experiências desagradáveis. Aquele ferimento estaria bom em alguns dias, enquanto para uma pessoa normal, demoraria meses.

Também não precisava dormir o mesmo que um humano, metade disso era o bastante, podia ver fantasmas, tinha uma o perseguindo há anos, podia ver no escuro, e sabia lutar com espadas instintivamente. A última parte não chegava a ser um mistério, só deixava claro que alguém o ensinou a lutar antes de perder a memória, e embora a lembrança das técnicas se perca, a memória muscular fica.

Tinha “aquilo” também, provavelmente a parte mais estranha. Já pesquisou e perguntou a vários sábios e especialistas, mas ninguém sabia dizer o que ele era. O maior problema é que misturava várias características de umas 10 raças diferentes, sem bater totalmente com nenhuma, seja misturada ou pura. Enquanto pensava nisso, adormeceu.

Uma mulher falava com ele, seu rosto estava coberto por um capuz azul, mas reconhecia a voz de algum lugar.

— Então se chama Arian agora? Eu... queria te ver, mas não me deixavam sair de lá. Quando ocorreu o acidente, eu fiquei desesperada, eu... Não encontraram ninguém depois da tragédia... Mas que bom que está vivo.

Ela o abraçou. Agora podia ver a parte de baixo de seu rosto. E de novo, aquilo o lembrava de algo. Queria perguntar, mas não saía nenhuma palavra de sua boca quando tentava dizer algo, ou mesmo podia se mexer.

— Não posso curá-lo totalmente, feridas internas demoram a se regenerar, mas se lutar amanhã é o que deseja, posso te ajudar.

A imagem dela foi sumindo depois disso, até que tudo ficou branco. Estava em um espaço vazio. Quanto tempo passou ali? Não sabia.

Isso era mesmo um sonho?

Acordou de repente com o som de uma porta batendo. Ao olhar para o lado, só conseguiu ver o pedaço de um cabelo loiro e uma capa azul, antes da porta se fechar. Levantou e correu para ela. Mas quando abriu a porta, não havia nada no corredor.

Foi então que notou algo errado. O ferimento em seu abdômen estava quase completamente curado, e embora ainda sentisse dor, não era nada comparado a antes.

— O que demônios?... Já é de manhã? — falou ele, reparando no sol vindo de uma das janelas à sua frente. Quanto lutou com Kadia, no dia anterior, já estava entardecendo, então devia estar ali faz quase metade de um dia.

Olhando ao seu redor, conseguiu entender mais ou menos em que parte da Arena aquele quarto hospitalar estava. Ao procurar <E>, viu a garota olhando na mesma direção que ele, mas com um olhar distante, como se estivesse pensando em algo.

Antes que pudesse perguntar algo, viu Kadia no corredor, caminhando velozmente em sua direção.

— Como você...? — Ela estava olhando assustada para o seu ferimento, o apalpando sem se importar nem um pouco se ele ligava ou não. <E> não estava feliz com isso, tentando desesperadamente tirar as mãos de Kadia do abdômen de Arian. Parece que seja lá o que a garota estava pensando anteriormente, perdeu prioridade.

— Como? — Perguntou pasma, ao notar o ferimento completamente fechado.

— Não faço ideia, nunca ocorreu antes, quer dizer, não tão rápido. Acho que foi alguém, mas... não tenho certeza. Viu uma mulher loira de capuz azul quando estava vindo pra cá?

— Não, a Arena está vazia, eu acho... não detectei nenhum pensamento enquanto vinha para cá, só se ela estava usando magia para me bloquear.

Arian ficou pensativo.

— Bem, se ainda vai querer lutar, por favor aceite isso como pedido de desculpas. Eu o entendi errado. Pensei... que queria me delatar — falou Kadia, enquanto entregou a Arian uma carta.

— Ah, eu entendo... percebi quando ficou agressiva de uma hora para a outra. Mas uma carta de desculpas não é meio formal demais?

— Isso não é o que está pensando... Estou apenas lhe dando uma chance de vencer a final — disse ela, dando um sorriso confiante. — Boa sorte na luta, vou estar torcendo para conseguir sua meio-elfa — e dizendo isso, se virou e sumiu no breu do corredor.

— Hum... ler mentes deve realmente deixar a vida mais fácil — falou Arian, para si mesmo, ao notar que Kadia sabia o que ele desejava no torneio sem ele nunca tê-la informado.

— E você <E>, tinha alguém aqui antes? Uma garota loira? — perguntou à fantasma mirim ao seu lado. A garota fez um sim com a cabeça, enquanto voltava a fazer uma cara pensativa. — Sabe quem era?

A garota voltou a fazer uma cara pensativa. Até sinalizar que não tinha certeza. Ou seja, provavelmente já a viu antes, mas não se lembra. O que levava a outro mistério à volta dele: <E>, assim como ele, não tinha memórias dos eventos antes de acordar ao lado de Arian, 5 anos atrás.

Bem, não adiantava ficar pensando muito nisso, então resolveu dar uma olhada na carta que Kadia lhe deu. Ao terminar de ler, um enorme sorriso de confiança surgiu em seu rosto.

Pela altura do sol tinha algum tempo até a final começar. Foi correndo pegar seus pertences, deixados pela enfermeira ao lado da cama. Se fosse um hospital de verdade teriam tirado suas roupas também, mas aqui não se davam ao trabalho.

— Vamos dar uma volta <E>, temos que comprar algumas coisas.

Dizendo isso, o guardião saiu pelo corredor, acompanhado de sua fiel fantasma. Pouco tempo depois, chegou o momento da final do torneio.

Capítulo 16 – A Final

— Preparados para a final? — gritou o apresentador no meio da Arena. — Depois de uma recuperação milagrosa, Arian volta à Arena para tentar a vitória. E sim, confirmamos através de uma dica anônima, é ele mesmo, o 7º Guardião de Distany! Um classe SS!

O barulho da plateia foi ensurdecedor.

— Maldição... — Arian choramingou silenciosamente. Arian não era um nome tão incomum atualmente, então nunca pensou que seria descoberto.

Seus preparativos para a luta demoraram um pouco mais que o previsto. Quando ele apareceu, já meio atrasado para se apresentar para a final, deram uma desculpa dizendo que tinham que checar todos os pertences dele antes de entrar na Arena, e acabaram vendo a corrente com a placa de metal, que o identificava como guardião de Distany.

Criaram vários mitos estúpidos sobre os guardiões de Distany: eram imortais, proteções divinas, semideuses, e mais um bando de outras coisas exageradas.

Como informações precisas eram difíceis de conseguir, por Distany ser uma cidade fechada a visitantes, as pessoas começaram a alterar o que escutavam, ou criar as próprias histórias. A maioria não fazia sentido, mas graças a isso, a Arena estava ainda mais cheia que o normal. Para Distany, a propaganda era ótima, os mercenários nem chegavam perto dela atualmente, mesmo sabendo que tinham apenas sete pessoas defendendo uma cidade de pequeno porte com uma fortuna em itens lá dentro. Era considerado suicídio chegar perto do local.

Ao procurar um certo alguém na plateia, Arian teve certeza de quem o entregou. Marko estava rindo igual um idiota na área VIP, com duas garotas a seu lado. Ele nunca pagaria para ficar ali, custava 5 moedas de ouro, um valor que seria o bastante para 5 dias em um

bordel de luxo. Provavelmente ganhou um passe livre para área VIP com acompanhantes, pela dica sobre o guardião de Distany.

— Maldito... — sussurrou o guardião olhando para o amigo, que estava fazendo um sinal de positivo para ele.

— Entre guardião, o público lhe aguarda! — convocou o apresentador.

<E> estava o empurrando. Adorava quando Arian ganhava muita atenção, provavelmente por lhe dar a falsa sensação de que aquela multidão estava a vendo também.

Arian respirou fundo. Detestava aquilo, mas ao mesmo tempo tinha orgulho de quem era, e da cidade que defendia. No fim das contas, aquilo poderia servir de marketing para cidade, e valorizar ainda mais o que produziam por lá.

— Muito bem, vamos lá!

Arian começou a caminhar para frente, confiante, embora levemente incomodado com o calor do sol. Era outro dia de céu limpo, para sua infelicidade. Seu manto verde ficou muito mais claro do que de costume, e um símbolo com três ondulações, a marca de Distany, apareceu nas costas, em um tom verde-claro. O símbolo foi inspirado nas ondulações da água do enorme lago que ficava à beira da cidade. Arian jogou a capa do seu manto verde para as costas. Com isso, veio à luz uma armadura prateada reluzente, cheio de belos símbolos cravejados. Assim como a capa, a armadura não batia com a dos dias anteriores. Se antes parecia velha e suja, agora parecia nova.

Armaduras completas tinham o problema de tirar mobilidade, o motivo que levava muitas pessoas a achar que não valia a pena usá-las. Mas aquela armadura era muito mais leve do que parecia. Ombreira, braceletes, botas, peitoral e uma liga de metal fina por baixo da camisa, nada era feito de um material comum. Sua liga de metal, formada por vários elos minúsculos de um metal especial, foi partida ontem pelo golpe de Kadia, mas hoje já estava intacta. A

vestimenta tinha várias inscrições mágicas. A armadura e a capa podiam mudar levemente de cor com a vontade do dono, e ainda se regeneravam sozinhas.

Arian deixava tudo bem escuro e com cara de velho, para não chamar atenção, o que agora não importava mais. O material era facilmente reconhecido também, uma liga de metal absurdamente mais resistente que ferro, chamada Zadium. Misturava um bando de minerais diferentes com magia em sua criação, só elfos, e alguns poucos humanos, conseguiam fabricar.

Era uma visão rara para a maioria, já que eram itens muito caros, geralmente só vistos em nobres de alto escalão, e claro, com os guardiões de Distany, onde os itens eram produzidos. Aquela armadura valia dez vezes mais que o prêmio do torneio.

Arian chegou ao centro da Arena, ao som de muitos gritos de empolgação da plateia. O apresentador então anunciou o adversário.

— E agora, seu desafiante, Dorian Grayne, ex-membro do alto escalão do exército.

Dorian entrou, não tão aplaudido. Afinal, não tinha lendas estúpidas sobre ele espalhadas por aí. Devia ter o que, uns 30 anos? A barba por fazer, e cabelo preto despenteado, dava uma cara de cansado a ele, mas pelo que Arian viu das lutas anteriores, o homem estava mais do que em forma.

Ao chegar no centro, Dorian deu uma risada ao notar o desconforto de Arian com tudo aquilo.

— Um dos grandes guardiões de Distany, é uma honra — cumprimentou ele, com claro tom deboche. — Quão famoso será que eu fico se te derrotar?

Arian não estava prestando atenção, olhando para algo estranho ao lado de Dorian em vez disso. Já havia notado antes, mas só quando viu de perto entendeu.

Dorian olhou para o lado sem entender o que o guardião estava olhando, não tinha nada lá, ao menos não que ele pudesse ver.

Arian então se virou para ele.

— O que pretende fazer com a elfa se ganhar?

— Ela é linda, fico tentado... Mas tenho um comprador em vista, um velho amigo que adora meio-elfas virgens.

— Quanto ele está oferecendo?

— Quer comprá-la? Acha que vai perder? Mas não faço isso com amigos... Se eu ganhá-la, já pertence a ele, para seja lá que fetiche doentio quiser usar.

Arian fechou os olhos e respirou fundo. Sabia que era uma provocação, mas infelizmente, não era frio o bastante para não cair nela.

— Então, eu creio que irá perder...

Arian esqueceu a dor em seu abdômen, e do que viu ao lado de Dorian. Estava totalmente concentrado em acabar com seu oponente. <E> estava ao lado de Arian, olhando preocupada para ele, que claramente não estava 100% curado do ferimento de ontem.

Arian acenou com a cabeça para ela, como se dissesse que estava bem. A garota então se afastou alguns metros para observar o combate.

— E que comece a luta!

Dorian tirou uma espada longa da cintura, e veio para cima de Arian com tudo. O guardião esquivou do primeiro golpe, do segundo, e bloqueou o terceiro. Sua movimentação estava mais lenta que o normal, tanto pela dor no ferimento, quanto pelo seu preparativo para enfrentar Dorian.

Dorian deu um sorriso quando as espadas se chocaram, e rapidamente encostou sua mão livre no braço de Arian. Um segundo depois tomou um susto, quando a espada na mão esquerda de Arian veio em sua direção. Ele desviou por pouco, mas ganhou um leve corte no pescoço.

Estava olhando incrédulo para o guardião. Dorian veio de novo, dessa vez, Arian estava apenas bloqueando com as espadas. Um, dois, três golpes, e novamente a mão de Dorian tentando tocá-lo. Dessa vez de raspão no ombro. Arian sorriu.

— Não faço ideia do que você usa, mas pelo jeito esse negócio realmente não funciona com solado de madeira.

Arian seguiu a orientação da carta de Kadia, aquela manhã, e conseguiu que um marceneiro fizesse um solado improvisado de madeira, que encaixava no solado de couro da bota, não deixando o couro encostar no chão. Era desconfortável e atrapalhava um pouco a movimentação, mas estava funcionando. Segundo Kadia, isso barraria a magia que Dorian estava usando, quase que por completo. Ele sentia um leve choque, mas não o afetava muito, diferente do que ocorreu com Marko.

— Como?!

— Recebi uma dica... Que tal acabarmos essa luta só com espadas? Se descobrirem que está usando magia será desqualificado.

Dorian sorriu, enquanto os dois continuavam trocando golpes.

— Infelizmente, não sou tão habilidoso com espadas quanto você. Então, se me permite, vou tentar novos truques.

Dorian se afastou dele e colocou uma mão nas costas.

— Só pode ser brincadeira...

Arian estava incrédulo. A espada longa de Dorian ficou levemente vermelha, e a outra, que tirou das costas, estava mais branca que o normal.

Magia não era permitida na maioria dos torneios, porque dependendo da escala, não havia como lutar contra, causavam destruição em área, e a luta não tinha emoção alguma. Mas Dorian, ao que parece, arranjou formas de disfarçar seu uso. Espadas mágicas, por exemplo, não eram proibidas. Embora fossem tão caras

que, dificilmente alguém que poderia comprar uma, arriscaria a vida em um torneio desses.

A luta recomeçou. Arian estava tentando desviar, mas a mera proximidade com as espadas de Dorian já o afetava. Uma estava a baixíssima temperatura, quando passava perto do seu corpo sentia como se estivesse congelando, e a outra tinha o efeito contrário, queimava sua pele só de passar perto.

Arian parou de esquivar dos golpes, e começou a tentar bloquear as armas do adversário com suas espadas.

— Exatamente. Bloquear ao invés de desviar impede que eu te afete com a magia dessas espadas. Mas me diga, quanto tempo acha que suas armas aguentam?

Arian sabia exatamente o que ele queria dizer. Eram espadas baratas, não durariam muito tempo tendo que bloquear duas espadas mágicas elementais. Tinha a outra espada, mas...

Não tinha muito tempo. Lembrando da luta contra Kadia, tentou a mesma estratégia, logo após bloquear as espadas de Dorian, o guardião girou, tentando acertar um chute na cabeça de Dorian. Infelizmente, ele parecia preparado para isso, e conseguiu trazer ambas as espadas para servirem de escudo.

Arian deu um grito de dor que ecoou por toda a Arena, assim que suas botas tocaram as espadas de Dorian.

Elas não podiam cortar a armadura em sua bota, mas a proximidade com as armas queimou e congelou sua perna ao mesmo tempo, o que causou uma dor terrível. Arian recuou um pouco para trás, com uma das pernas meio bamba. Ele se desequilibrou e caiu com um dos joelhos no chão. Dorian, se aproveitando da distração do inimigo com a dor na perna, veio com as duas armas em direção à sua cabeça. Arian bloqueou, cruzando suas duas espadas acima da cabeça. Dorian sorriu de forma sádica, enquanto forçava suas espadas contra as de Arian. Quando o guardião se perguntou o

porquê da confiança dele, notou suas espadas trincando, uma delas lotada de rachaduras.

Com um grito de dor, Arian usou toda a força que tinha para se levantar e empurrar as espadas de Dorian para atrás, fazendo o homem voar alguns metros. Não que o empurrão tivesse o afetado, ele continuava perfeitamente equilibrado e em guarda.

— Você é forte, e claramente mais habilidoso em batalha corpo a corpo do que eu, mas ainda assim, vai perder... Planejamento é tudo!

Os golpes continuavam, e Arian não sabia o que fazer. Dorian não era um mestre espadachim, mas era habilidoso o bastante para manter seu inimigo sob-controle usando de adversidades que só ele podia controlar.

Revezando uma espada a baixa temperatura, com uma a alta temperatura, contra uma espada normal, a arma rapidamente quebraria, devido a compressão e expansão do metal. Não foram feitas para aguentar aquelas trocas brutas de temperatura. Em pouco tempo a previsão de Arian se concretizou, com a espada em sua mão esquerda, já cheia de rachaduras, sendo esmigalhada no ar.

— Maldição! — gritou ele, cada vez mais acuado.

Bloqueia, desvia, bloqueia, bloqueia, a segunda espada trincou. Arian olhou para cara tensa de <E>, não queria vê-la naquele estado de desespero do dia anterior de novo, aquilo doía nele também. Continuar se negando a usar sua espada bastarda só ia lhe causar mais dor.

Arian jogou a espada trincada na direção de Dorian, que a bloqueou com facilidade. Mas aquilo era só a distração, o que veio a seguir o mago não esperava. Arian tirou sua espada bastarda da cintura como se não tivesse peso algum.

— Mas o quê?! — O adversário estava incrédulo.

Mesmo dando um salto para trás, para evitar o golpe, Dorian ganhou com um leve corte no peito, e sua liga de metal fora

rasgada.

— Chega de truques, a luta acaba agora! — Arian mudou para uma postura agressiva, preparado para arrancar a cabeça de Dorian se necessário.

Dorian bloqueou dois golpes com suas espadas, mas o terceiro o pegou de raspão no ombro, e depois na perna. Suas espadas não tinham efeito algum contra a nova arma de Arian, que embora em péssimo estado, defletia suas espadas mágicas como se fossem normais.

A luta continuou com Dorian pressionado devido à velocidade absurda que o guardião conseguia mover sua espada. De longe era um espetáculo lindo: as espadas coloridas de Dorian deixando rastros no ar, e liberando leves explosões a cada vez que colidiam com a espada no guardião. O homem estava ficando cansado, seu corpo estava cheio de cortes e Arian continuava aumentando o ritmo.

A vitória era dele, pensou Arian. Até que, inesperadamente, Dorian recuou, ofegante, e apontou sua espada para o guardião, que ficou o encarando, na espera do que ele iria fazer. Recuperado o fôlego, ele voltou a esboçar um sorriso confiante.

— Como eu disse, garoto, preparação é tudo! Sua vantagem física, sua experiência em combate, até mesmo essa espada estranha, nada disso vai te dar a vitória. Você se preparou para uma possibilidade do que o seu adversário iria fazer, eu me preparei para mais de 10!

Dorian apontou uma de suas espadas para o chão, e logo depois uma forte corrente de ar levantou a terra da arena, criando uma nuvem de fumaça que se espalhou por todo local. Não dava para ver mais nada direito.

Arian estava tentando não perder Dorian de vista no meio da fumaça, quando um feixe de ar veio em sua direção e o jogou vários metros para trás.

Ao se levantar, Arian sentiu uma pontada forte de dor e cuspiu sangue, o ferimento em seus órgãos estava abrindo, seu corpo estava chegando no limite.

Dorian se aproveitou do momento de distração para repetir a magia de ar que lançou, agora com ainda mais força. A fumaça era meramente uma distração que ele criou para não notarem o uso de magia. Arian desviou do primeiro feixe de ar, a fumaça que ela deslocava ajudava a prever de onde estava vindo, mas Dorian estava as lançando cada vez mais rápido. Outro feixe de ar, e outro. No terceiro, Arian não conseguiu desviar, e foi arremessado a toda velocidade contra o paredão da Arena.

O choque do corpo do guardião com o concreto gerou um barulho forte que tomou a atenção do público, ainda confuso com toda aquela fumaça cobrindo o centro do local.

A armadura o protegeu, mas alguns ossos foram fraturados, e ele estava tonto devido ao impacto do seu corpo contra a parede. Ao tentar dar um passo à frente, caiu de joelhos, apoiando suas mãos no chão. Quando levantou a cabeça para procurar o adversário, conseguiu vislumbrar Dorian tirando alguma coisa das costas, e depois lançando em sua direção. A velocidade era estúpida, estava na cara que usou magia para as conduzir. Eram lanças finas de metal. Arian quebrou a primeira com sua espada, mas a segunda penetrou seu ombro e o prendeu na parede de concreto da Arena, atrás dele.

Arian gritou, a dor era alucinante. A lança estava congelando gradualmente seu ombro, o que era aquilo?

— Adeus! — gritou Dorian, tirando mais duas lanças de metal das costas, e as arremessando contra Arian. Eram bem finas e do comprimento de uma espada curta. Ele parecia ter várias presas as suas costas.

Arian conseguiu bloquear uma com a espada, mas a outra o acertou no outro ombro. Estava completamente preso a parede agora, com seu corpo congelando gradualmente. Dorian, calmamente tirou outra

lança e arremessou em direção ao peito do guardião, que não tinha mais como bloquear.

"Saia logo dessa parede, seu idiota!"

"Agora você resolve falar algo?"

"Nunca deixei de falar, você que está confundindo seus pensamentos com o que eu digo".

Arian, tentando forçar o corpo para frente, na última esperança de se soltar, conseguiu ouvir o grito de desespero de várias pessoas da plateia, incluindo a voz volumosa de Marko. Tudo estava mais lento que o normal, ou então ele estava pensando mais rápido, não tinha certeza. Mas a última coisa que passou pela sua cabeça, foi o que Marko disse a ele: "É assim que quer terminar sua vida? ".

Ele queria se soltar por um instinto primitivo de permanecer vivo, mais do que isso, tinha medo do que poderia acontecer ao público se "aquilo" acontecesse. Mas medo? Se ele morresse ali tudo continuaria bem, algumas pessoas sentiriam sua falta, possivelmente. <E>, que estava ao seu lado, tentando o puxar da parede, choraria muito, um pensamento que o deixou triste. Mas ela era uma fantasma, viveria para sempre, ou até completar seja lá qual fosse seu objetivo. Um dia eles iriam se separar, de uma forma ou de outra. A elfa não seria salva, mas haviam várias morrendo a todo instante, por mais que o deixasse triste, logicamente, não era uma diferença tão grande. A maior diferença que ele podia fazer para os meio-elfos, já havia sido concluída 2 anos atrás, com a criação de Distany.

Foi então que Arian percebeu o que não tinha: uma pessoa que dependesse dele, uma família que ele tivesse que proteger ou manter, uma amante, um filho, em suma, alguém por quem ele quisesse viver. O que ele teve mais perto disso lhe foi tirado, e agora ele era só uma casca vazia, tentando compensar a si mesmo pelo que perdeu, mesmo sabendo que era impossível. Dizem que não ter medo da morte te faz mais forte, mas Arian finalmente notou que

isso só mostrava o quão pouco a pessoa se importava em viver, o que era triste.

Não havia mais tempo, a lança de Dorian estava a centímetros de seu peito. Desistindo de reagir, Arian fechou os olhos, e esperou, torcendo para que ninguém saísse ferido depois do que iria acontecer a seguir.

Capítulo 17 – Inesperado

Dorian estava ficando entediado com aquele torneio, então, por diversão, e na esperança de conseguir um desafio maior, resolveu tentar deixar Arian bravo. A provocação com a elfa foi mais efetiva do que ele pensou.

O garoto até mesmo descobriu uma forma de parar sua magia de choque, algo que demorou anos para desenvolver.

“Finalmente”, pensou Dorian. Já estava começando a achar que as preparações caso o choque desse errado tivessem sido perda de tempo.

Partiu para as espadas elementais. As pessoas deviam pensar que eram espadas mágicas, mas não tinha dinheiro para isso, eram apenas espadas com facilidade em absorver magia. Funcionaram a princípio, as espadas de Arian eram fracas e estavam sucumbindo pouco a pouco.

Felizmente, ninguém acreditaria que ele estava usando magia, já que poucos conseguiam usar por tanto tempo sem descer de 70% de energia. Foi bom ter levado o conselho de seu pai a sério. Gastou anos aprendendo a usar o mínimo de energia possível para executar magias, e isso lhe deu mais vantagens do que podia contar durante a vida.

Pressionado, Arian tentou chutá-lo, achando que o pegaria desprevenido. Sentiu até pena quando a perna dele queimou e congelou ao mesmo tempo ao encostar em suas espadas, aquilo devia doer.

"Fácil demais". Por um breve momento achou que a luta estava ganha. Mas do nada, vislumbrou os olhos assassinos de Arian e deu um salto grande para trás, evitando o golpe completo de sua espada.

Que espada era aquela que ele tirou da cintura? Ele a movia rápido demais, era como se não tivesse peso algum. Sua aparência era

mediocre, cheia de fissuras, mas o que conseguia fazer era absurdo. Por que ele esperou até ali para usá-la? Por que não antes?

Dorian bloqueou dois golpes com suas espadas, mas o terceiro o pegou de raspão no ombro, e depois na perna. Suas espadas elementais não tinham efeito contra essa, devia ser uma espada mágica de alto nível, ou os meio-elfos de Distany a fizeram para ele também?

Sem opções, se distanciou de Arian e tentou ganhar tempo com um discurso, enquanto recuperava o fôlego:

— Como eu disse, garoto, preparação é tudo! Sua vantagem física, sua experiência em combate, até mesmo essa espada estranha, nada disso vai te dar a vitória. Você se preparou para uma possibilidade do que o seu adversário iria fazer, eu me preparei para mais de 10!

Blefo sobre ter muitas outras estratégias guardadas, mas tinha que continuar parecendo confiante para manter o adversário apreensivo. A realidade era que essa seria sua última cartada, não tinha mais opções. Lançou uma corrente de ar em direção ao chão com sua espada esquerda, levantando a areia do local, e nublando a visão do público do que iria acontecer ali. Era agora! Com a outra espada lançou um feixe de ar na direção de Arian, que voou para trás. Estava bambo. Parecia estar com dor no ferimento da luta contra Kadia.

Dorian ficou com um olhar sério pela primeira vez, chegou o momento que estava esperando desde que o torneio começou. O garoto não parecia quem ele procurava, mas tinha que ter certeza, era agora ou nunca. Lançou mais dois feixes de ar, e no terceiro Arian não conseguiu desviar e foi lançado contra a parede da Arena. Guardou as espadas e tirou uma lança de metal, pequena e fina, das costas. Ninguém dava nada por aquilo, mas custaram uma fortuna, eram feitas do mesmo material raro da armadura de Arian, o que significava que podia penetrá-la, e que eram muito leves.

Lançou duas em direção ao adversário, usando uma magia de ar para dar impulso e direcionar. A primeira Arian conseguiu desviar com a espada, mas a segunda penetrou seu ombro e o prendeu a parede.

Arian soltou um grito agudo de dor que ecoou por toda a Arena.

Se aproveitando do inimigo com a guarda aberta, Dorian repetiu o ataque, e conseguiu acertar o outro ombro.

Era o fim, só mais um arremesso... Respirou fundo e hesitou por um momento... mas não podia parar agora.

— Adeus!

Lançou mais um, mirando o meio do peito do adversário. Mas pouco antes da lança o acertar, a terra da Arena a volta de Arian voou para todo lado. Dorian não conseguia ver nada direito. Um barulho de algo explodindo veio da direção de Arian. Dorian podia reconhecer o barulho em qualquer lugar, um portal de conversão acabou de ser aberto. E para gerar aquele barulho todo...

— Que droga é essa?!

Círculos de conversão, variam do tamanho de uma mão, a 2 metros de raio, quanto mais energia sendo drenada da dimensão, maior o círculo. Se quisesse canalizar uma quantidade muito grande de uma vez, teria que gerar múltiplos círculos, fazer um gigante deixava quase impossível de controlar o fluxo, e gastava uma quantidade estúpida da energia espiritual da pessoa. O que Dorian viu ali, era algo completamente fora da escala. Tinha um círculo de conversão ocupando toda a área acima da Arena, com símbolos que ele nunca viu antes, de que dimensão aquilo estava drenando energia?

Enquanto tentava entender o que estava havendo ali, viu Arian, ou o que parecia ser ele. A fumaça levantada ainda encobria o local, mas dava para ver que Arian estava solto, e vindo em sua direção. A espada com um leve brilho azul, assim como nos ferimentos dos ombros e olhos. O brilho deixava bem clara sua posição, mesmo no meio da fumaça.

Não pensou duas vezes, lançou uma enorme bola de fogo em sua direção, que acertou em cheio, criando uma grande explosão, e levantando ainda mais fumaça do meio da Arena.

— Só pode ser brincadeira...

Arian saiu do meio da explosão ileso, e continuava vindo na direção de Dorian. O mago pegou mais duas lanças e arremessou na direção do adversário. Só tinha 10, elas estavam acabando. Arian quebrou as duas com a espada e continuava correndo em sua direção.



“Como essa coisa quebrou o metal mais resistente que existe? “. Estava a poucos metros dele. Dorian fez uma barreira de ar e se preparou para bloquear o golpe do adversário com suas espadas. Quando Arian chegou, Dorian quase pulou para trás por impulso. Seus olhos estavam azulados, algo se mexia dentro deles, era como se tivesse energia fluindo dentro das pupilas. Ele atravessou a barreira de ar de Dorian como se não fosse nada, seja qual fosse o elemento azulado que o estava envolvendo, bloqueava completamente o ar e o fogo. Sua espada estava com uma aura azul, e quando encostou nas espadas de Dorian, ambas foram estilhaçadas no mesmo instante, enquanto ele voou uma distância enorme para trás.

Dorian tentou ficar de pé rapidamente, mas um dos pulsos quebrou com o impacto de tentar segurar o golpe de Arian, e o maldito estava vindo para matá-lo. Teve que usar só uma mão para se levantar.

Não tinha mais tempo. Dorian refletiu por um segundo, com uma cara que expressava bem sua mistura de sentimentos de tristeza e ódio. Por um lado, morrer não parecia uma escolha tão ruim, mas não podia cumprir sua promessa se o fizesse. Só havia uma opção possível. Como seu pai lhe disse uma vez: "Não tenha medo de errar, repita até ficar melhor, e saiba admitir a derrota. A morte não te ensina nada. Mas se permanecer vivo, pode aprender com seus erros e saber como ganhar da próxima vez".

Dorian respirou fundo, deu um sorriso, levantou os dois braços e gritou o mais alto que pode.

— Eu me rendo!

A espada de Arian parou quase encostando em seu nariz. A velocidade da lâmina era tanta, que quando o adversário parou a espada, o vácuo limpou boa parte da fumaça da área, ou seria a energia em volta da lâmina se dissipando? Não teve certeza. Que magia louca era aquela? Nunca viu nada parecido.

O apresentador parecia não saber bem o que falar, nem o que tinha acontecido ali. Mas improvisou.

— E-e Arian é o vencedor do torneio!

A plateia gritou loucamente. Com magia ou não, acabaram de ver algo mais épico do que esperavam de um combate que deveria ser puramente de armas.

Dorian sorriu, mesmo sabendo que seria desqualificado por uso de magia. Naquele ponto não tinha mais relevância, ele já tinha a informação que queria.

A luz nos olhos e espada de Arian sumiu, e ele caiu de joelhos no chão. Estava respirando com dificuldade. Seu pagamento também era ficar sem ar? Não, sua pedra ainda estava azul. Como ele criou aquele círculo absurdo sem gastar nem 30% da sua energia?

— Calma, <E>, ficar desesperada não vai ajudar. Eu vou ficar bem...

— falou Arian, segurando um dos ombros feridos, de onde uma quantidade razoável de sangue estava saindo agora. Seja o que for, aquela energia azul estava bloqueando o sangue que saía dos ferimentos antes, mas assim que ela sumiu, esse efeito se perdeu.

— Que dimensão era aquela que estava puxando energia?

— Dimensão?

— Você nem sabe o que estava fazendo?!

Arian deu uma risada, enquanto tentava se levantar. Parecia exausto.

— Ai, tudo dói... Parece que não pode prever tudo, afinal... Mas se souber explicar o que viu, eu agradeço. A única coisa que eu sei é que faltava pouco para eu perder a consciência, e quando acontece aquele estado, bem... digamos que não é bom para ninguém que esteja perto.

— Eu posso imaginar... — Dorian mudou de seu jeito descontraído para um olhar sério, por um breve instante.

Do alto da arquibancada, a elfa que seu adversário acabou de ganhar parecia estar chorando, provavelmente de felicidade.

— Atenção! Uma correção. Arian e Dorian foram desqualificados pelos juízes por suspeita de uso de magia.

Arian ficou pálido, e a elfa na arquibancada parecia tão perdida quanto ele. Depois de tudo que ocorreu ali era meio obvio que seriam desqualificados, mesmo com areia encobrindo, dava para ver claramente que tinha magia envolvida no combate.

— Não é o seu dia guardião...

Dorian começou a rir, para a irritação de Arian, que já devia estar arrependido de ter poupado sua vida.

— Pobre elfa, imagina se acabar na mão de um degene... — antes de terminar a frase, levou um soco de Arian no rosto com tanta força, que foi arremessado alguns metros para trás, antes de cair de costas no chão.

Tentou se levantar, mas estava tonto. Tudo foi ficando nublado, até que desmaiou.

— Finalmente acordou! Está dormindo desde ontem à tarde, já é de manhã Dorian.

Um homem de uns 30 anos, com corte de cabelo militar e barba bem feita, estava sentado em uma cadeira ao lado de sua cama. Dorian estava em seu quarto.

— Seu pagamento até que é brando, você fica sem conseguir respirar até desmaiar. Felizmente, você volta a respirar quando apaga. Até que é um bom pagamento.

— Como isso pode ser considerado bom? — disse o Dorian, se levantando emburrado da cama.

— Sabia que tem pagamentos que a pessoa morre? Alguns perdem a função de membros do corpo para sempre, começam a sangrar por todos os orifícios, outros perdem memórias, ficam sem conseguir

falar, a comida muda de gosto, ficam cegos, e mais tudo que conseguir imaginar. O seu não parece bom comparado a eles?

— É... Falando nisso, é verdade que bruxas não têm pagamentos?

— Hum, as bruxas das histórias que sua mãe conta são mulheres que nascem com dom para magia negra, mais precisamente, tem uma ligação forte com a dimensão escura. Elas drenam essa energia sem querer durante a vida, e isso vai as enlouquecendo com o tempo, até começarem a dar risadas exageradas e usar magia sem controle para destruir tudo à sua volta.

O garoto fez uma cara de desapontamento, o que fez o homem rir.

— Desculpe estragar o mito para você, ele sempre perde um pouco da graça quando alguém te explica isso. Mas, curiosamente, os pagamentos de quem têm afinidade com a dimensão negra não são muito ruins, é quase sempre a mesma coisa. Por isso alguns falam como se elas não tivessem pagamento. Bem, ficarem loucas devido a energia da dimensão escura já parece um pagamento o bastante, sorte a nossa que é raro homens nascerem com afinidade a essa dimensão.

— Como é o pagamento das bruxas?

— Quantos anos você tem? Oito? Quando for mais velho eu lhe conto. Agora levante e vamos voltar ao treino.

— Eu não vou desmaiar de novo?

— Só se exagerar. Agora que desmaiou deve ter noção do seu limite baseado no seu pagamento. Quando estiver começando a ficar sem ar, pare de usar magia por algum tempo. Você tem afinidade com mais de uma dimensão, o que é bem raro, quando tentou drenar energia delas, puxou muitas ao mesmo tempo, e acabou com toda a energia do seu corpo no processo de conversão.

— Mas eu fiz como você disse, tentei puxar energia de uma dimensão que eu conseguisse sentir, em vez de usar a minha própria energia para queimar o graveto.

— *Sim, mas não disse para puxar de mais de uma dimensão ao mesmo tempo, e em tanta quantidade. Não sabia que você tinha afinidade com mais de uma, então foi um erro meu também. Ao invés de puxar a que você sente com mais facilidade, no seu caso, que sente mais de uma, tem que haver uma escolha de qual puxar, o que é mais complicado. E você queimou aquela área inteira, não só o graveto. Nunca fui bom o bastante para aprender como se faz, mas existe uma forma de drenar a energia das dimensões gastando o mínimo possível da energia espiritual do seu corpo. Quando entrar na academia de magia, tente aprender sobre isso. Com o seu talento para usar magia de mais de uma dimensão, você pode ganhar muito dinheiro, caso aprenda a não esgotar sua energia rapidamente... moleque, mas o que... como está fazendo isso?!*

Dorian estava apontando uma das mãos para frente, o que estava gerando uma leve brisa no quarto. A outra mão estava com uma leve chama a cobrindo.

— *Não sei bem, mas acho que entendi a ideia... só preciso reduzir o que estou drenando baseado no tamanho desse círculo. Ele aumenta ou diminui de acordo com quanto eu puxo, fica fácil controlar assim.*

— *Você consegue ver os círculos de conversão?!*

Seu pai estava boquiaberto.

— *Sim... Você não? Eles aparecem quando eu tento drenar energia das dimensões. Consigo ver os que aparecem quando você usa magia também... Pai, por que está fazendo essa cara?*

— *Sabe quando alguns músicos superdotados dizem que escutam as notas musicais como se estivessem vendo cores no ar, de tão fácil que é para eles identificar cada uma delas? O que você está vendo é muito parecido com isso. Filho, você ainda vai ser muito importante algum dia! — disse ele, esfregando a cabeça do garoto.*

Dorian acordou na ala de feridos. Seu rosto doía muito, mas a lembrança de seu pai o alegrou. Levantou rapidamente, pegou suas coisas ao lado da cama e saiu pela porta. Só tinha uma coisa em sua

mente no momento, "se ele e Arian perderam, quem ficou com a elfa e o prêmio?".

Capítulo 18 – O Vencedor

— É sério? — Arian estava olhando incrédulo para Kadia, ambos estavam perto da saída da Arena. Era um local que já foi muito bonito, cheio de estátuas de heróis antigos, mas que agora só tinha esculturas do Rei de Arcadia em diferentes poses, para todo lado.

— Vai aceitar ou não?

— Claro.

A meio-elfa saiu do lado de Kadia e abraçou Arian com tanta força que ele quase caiu para trás.

— Posso te pagar por ela.

— Já recebi o bastante do prêmio, e honestamente, não teria o que fazer com ela — disse Kadia, declarada a campeã do torneio após Arian e Dorian serem desqualificados. Queriam fazer ela lutar contra Marko para decidir o terceiro lugar, mas ele desistiu da luta alegando que não estava com humor para tal. O guardião achava que ele estava receoso com o fato de Kadia poder ler a mente dele.

— Mas se insiste em me pagar, eu tenho uma ideia... — Kadia parou de falar quando algumas pessoas surgiram nas costas de Arian e o viraram sem aviso prévio, o puxando pelo ombro ferido no torneio.

— Ai! — resmungou de dor. Quase achou que alguém tinha o reconhecido. Depois de toda a atenção que ganhou na arena, teve que mudar a cor do seu manto para um marrom desgastado, e manter a cabeça coberta com o capuz.

— Pare de frescura, já vi você em muito pior estado do que essas feridinhas de nada. — falou um homem de estatura média, cabelo e barba avermelhadas.

— Oi, Banne... Delicado como sempre...

— Por que não falou que vinha à Arcadia? Teríamos reservado um lugar para você na guild.

— Estava tentando passar despercebido – falou Arian, olhando de um lado para o outro, com medo de ser reconhecido pelas pessoas que ainda estavam no local.

— É, deu pra ver, fez um ótimo trabalho — Banne começou a rir sem parar.

— Depois do seu show na luta final, até o filho do Rei ficou sabendo que voltou, melhor não ficar aqui por muito tempo.

— Fazem o que, 4 anos? Ele ainda guarda rancor por aquilo?

— Pode apostar que sim... Tente dar uma passada na Guild se puder, o lugar mudou muito, os membros mais antigos vão ficar felizes em te ver, principalmente Ludmira. Ela vive procurando notícias sobre você e comentando com os membros. Parece uma mãe exaltando os feitos do filho... Bem, até mais.

Banne se virou e seguiu em direção ao centro da cidade, onde agora ficava a sede da sua ex-guild em Arcadia.

Arian sorriu ao saber de Ludmira. Foi o mais perto de uma mãe que já teve. Colocou a mão no ombro e respirou fundo. Estava com ele todo enfaixado. Doía, mas pelo menos nenhum órgão vital fora afetado.

Se virou e olhou para a elfa, aparentemente com vergonha das pessoas que estavam por perto a encarando. Ela era, afinal, o prêmio que ficou exposto durante todo torneio. A garota estava com lágrimas nos olhos.

— Nya, pare de chorar, teve sorte de te acharem tão atraente que resolveram não te tocar porque valeria mais.

— Eu estava tão assustada, e você quase morreu, e-eu, e-eu....

Arian começou a rir ao notar que <E> estava olhando para Nya com cara de tédio. Depois fez um sinal para deixá-la aqui e ir embora.

— Certo... Vamos comprar alguns mantimentos e seguimos para Distany amanhã.

— Arian, como eu estava falando... — Kadia o indagou novamente, após os amigos saírem e ele parar de falar com Nya, mas de novo foi interrompida.

— Me dão licença?

Arian se virou ao ouvir a voz feminina em suas costas, e ficou paralisado com o que viu. A mulher loira em um manto azul, do sonho que teve logo antes da final, estava parada na sua frente.

— Olá, Arian. É assim que te chamam agora, não? — disse ela sorrindo para ele.

Capítulo 19 – A Proposta

Arian estava olhando confuso para a garota à sua frente. Seus olhos azuis já eram chamativos o bastante, mas todo o corpo se destacava, e tinha um ar nobre nela. A parte estranha, no entanto, era o sentimento familiar que ele estava sentindo.

— Marko me contou de sua amnésia... Bem... Eu me chamo Lara, nos conhecemos quando crianças fazem uns 9 anos.

Arian arregalou os olhos. Não conseguia acreditar. Depois de anos buscando pelo seu passado, finalmente teria respostas? Queria bombardeá-la de perguntas, mas não sabia por onde começar.

— Sei que deve ter um bando de perguntas. E pode fazê-las, sob uma condição... — Arian balançou a cabeça, e Lara completou. — Quero que venha com meu grupo ajudar a completar uma missão. Se o fizer, conto tudo que sei sobre você.

Arian ficou pensativo. Podia ser uma armadilha, ele fez muitos inimigos ao longo dos últimos 5 anos, mas de alguma forma tinha a sensação de que realmente conhecia aquela mulher. Ela parecia apreensiva pela resposta, como se estivesse se controlando sobre o que realmente queria fazer.

— Eu.... — Arian olhou para Nya atrás dele, e começou a pensar em alternativas. — Quanto tempo demoraria essa missão?

— Eu e meu grupo queremos chegar em segurança à Sunkeep, perto da fronteira. Pagaremos adiantado, 20 moedas de ouro agora, e mais 20 na chegada para cada um. A viagem deve demorar perto de 15 dias.

Ela parecia apreensiva para convencê-lo. Arian não dava a mínima para o dinheiro, seu interesse era na garota e suas memórias, não podia deixar a chance passar.

— Certo, pode me dar 2 dias para eu acertar meus negócios?

— Não vejo problema. Só vamos partir daqui a 5 dias — falou ela, ainda aguardando uma confirmação.

— Trato feito então, podem contar comigo. — Confirmou com a cabeça.

Quando Arian colocou a mão para frente, em um gesto comum de apertar as mãos, a garota pulou para frente e o abraçou. Estava chorando. Arian queria gritar de dor por ela estar apertando seu ombro, mas se conteve.

— Achei que estava morto — falou com uma voz triste.

Arian não sabia como reagir, só ficou parado até a garota soltá-lo. Tinha algo errado ali, ele só não sabia o que era. E para deixá-lo ainda mais perplexo, notou que <E> não estava reagindo, como fazia quando uma mulher se aproximava muito dele. Ao invés disso, estava imóvel, encarando a garota loira, enquanto fazia uma expressão confusa. Ela a conhece?

— Lara, o que eu falei sobre se controlar? — falou uma mulher loira de aparência um pouco mais velha, puxando Lara para trás e a separando de Arian.

— D-Desculpe. Essa é Joanne, a líder do meu grupo – disse Lara, com o rosto levemente vermelho.

Joanne cumprimentou Arian com a cabeça. A mulher parecia a irmã de Lara, se fosse levar pela aparência. Loira, e também de olhos azuis, devia ter perto dos 30 anos. Era muito bonita também, embora não tanto quanto Lara.

— Parece que eram velhos conhecidos, isso é excelente, preciso de gente de confiança. Espero que nos defenda tão bem quanto lutou por esse prêmio — disse Joanne, olhando para a elfa atrás dele.

— Lara, você vem comigo, temos coisas a acertar sobre a viagem, vocês dois conversam depois. Nos encontramos na saída da cidade ao raiar do sol, daqui a 5 dias.

Arian ainda estava meio sem palavras com tudo aquilo, mas balançou a cabeça lentamente. Lara acenou com a mão para ele, enquanto era puxada pela líder do grupo.

— <E>, tudo bem? — perguntou Arian, intrigado com o comportamento anormal de sua companheira.

A garota acenou positivamente com a cabeça, enquanto continuava a olhar na direção de Lara, como se estivesse pensando em algo.

— Kadia, o que queria falar... — Quando Arian olhou para o lado, Kadia não estava mais lá.

— Acho que a ofendi....

— Ela me falou que vai te encontrar em breve para cobrar seu pagamento, tinha que fazer algo antes — disse Nya, passando a mensagem.

— Hum, certo. Vamos aos preparativos para sua viagem então... Espera, que pagamento?

Capítulo 20 – A Demônio Curiosa

Kadia estava deitada em sua cama, em uma das pousadas mais afastadas do centro da cidade. Era noite, algum tempo depois da sua luta contra Arian.

"Será que ele está bem?", pensou ela. Não tinha certeza do que estava sentindo, mas era uma sensação semelhante a estar em dívida com alguém. Primeiro o caso da humilhação da mulher de espada e escudo, e depois quase o matou por achar que ele iria revelar que ela podia ler mentes. Tinha que pedir desculpas de alguma forma, já era a segunda vez que o interpretava errado.

O costume de resolver tudo lendo mentes sempre facilitou sua vida, então ficou frustrada ao notar o quão péssima podia ser em uma situação normal, onde não pudesse usar seus poderes para saber o que falar, e como agir. Por outro lado, podia finalmente ser sincera consigo mesma, o que era fascinante. Estava experimentando pela primeira vez a sensação de dúvida, nervosismo e expectativa ao lidar com uma pessoa, como quase todos os humanos faziam ao longo da vida.

Decidiu então ajudar Arian na próxima luta, como um pedido de desculpas pelo que fez até ali. Já viu aquela magia de Dorian antes, e sabia como bloqueá-la. Mas seria isso útil? Na situação de Arian, seria difícil conseguir lutar na final. Podia fazer um pacto temporário com ele, que o curaria bem mais rápido, mas ele dificilmente iria aceitar, devido ao efeito colateral.

Ficou surpresa quando chegou na ala hospitalar da arena e ele estava bem. Ainda mais fascinante, ela estava se sentindo feliz por isso, provavelmente porque queria vê-lo lutar na final. Deixou a proposta do pacto para lá e passou apenas a dica sobre Dorian. Ficava sem jeito de falar com ele por não conseguir saber o que estava pensando. Era algo novo para ela, e ainda não sabia exatamente como lidar. Algo sobre uma mulher em um manto azul e cabelo loiro, foi a única coisa que conseguiu tirar dos seus pensamentos superficiais.

No dia seguinte, a mulher dos sonhos de Arian estava na sua frente, literalmente. Kadia sentou atrás do grupo da garota loira, na arquibancada reservada aos Vips. O preço daquele lugar era caro, mas não o bastante para fazê-la querer ir para a arquibancada popular, onde teria que aturar aquela multidão de pensamentos.

A loira de capuz azul parecia conhecer Arian, mas tinha treinamento, não conseguia ler sua mente com clareza para saber detalhes.

A luta foi sensacional, Arian tinha superioridade técnica, mas Dorian conseguia disfarçar muito bem seu uso de magias, a cada momento usando de um truque diferente. Ela sempre admirou criatividade, mesmo que sendo trapaça. Arian, que lutava da forma bem simples e honesta, não sabia lidar direito com aquele tipo de luta, o que tornava tudo ainda mais interessante.

Foi então que a luta virou, quando Arian tirou novamente a espada que usou para derrotá-la. O que era aquela espada? Como ele conseguia movê-la tão rápido? Era como se não tivesse peso na sua mão, mas quando encostava na espada do rival parecia exercer o peso de uma espada comum para o tamanho... Quando a luta parecia ganha para Arian, Dorian conseguiu virar novamente. Usar a própria areia da arena para encobrir seu uso de magia. "Brilhante", pensou ela. Muitos pensariam que foi só um vento comum passando pelo local que levantou a poeira. Sua visão, no entanto, era muito melhor que a humana, e ainda tinha noção do que estava acontecendo ali no meio.

— Arian! – gritou sem notar, junto a loira na arquibancada. Mas ela usou um outro nome.

Arian fora jogado no muro que separava a Arena da arquibancada, e Dorian começou a arremessar lanças finas de metal, até prender o adversário na parede. A próxima foi em direção a seu peito, mas ele bloqueou. Não sabia como, parecia impossível naquela situação. A fumaça no meio da arena aumentou ainda mais, não dava para ver nada direito. Foi então que começou a pegar pensamentos soltos.

— Isso está ficando perigoso. Devo interromper?

— Ele ainda está sob controle... É o que o amigo dele está pensando pelo menos. Mas se prepare para pular.

Amigo dele? Foi então que Kadia viu Marko na parte mais à frente da arquibancada VIP, ele parecia bem mais atento, e sério, do que das outras vezes que o viu. Estava pensando repetidamente: "mantenha o controle, mantenha o controle, mantenha o controle!".

Voltou a pegar pensamentos soltos depois disso, de onde estavam vindo? Eram muito mais sonoros que o da maioria das pessoas na sua frente.

— Parece que ele só consegue manter o controle por um curto período de tempo depois que ocorre.

— É uma possessão?

— Não tenho certeza, nunca vi nada parecido com isso.

Kadia finalmente identificou de onde estavam vindo as vozes. O homem de cabelo preto e armadura grafite, com quem ela tinha lutado nas eliminatórias, estava conversando mentalmente com três mulheres, uma sentada à sua direita, que lembrava uma elfa, mas tinha um cabelo preto longo e olhos amarelos, e uma loira à esquerda, com cabelo caindo até a cintura e olhos azuis bem claros. Uma mulher de cabelo avermelhado estava atrás deles, fazendo a conexão mental entre o grupo, então dava a sensação que as vozes saíam todas dela, por isso acabou chamando tanto sua atenção.

— Consegue pará-lo sem mim, Lan? — parecia a mulher de vermelho falando, já que ela olhou na direção do homem à sua frente.

"Lan? Espera, o nome dele não era Sigfrid?", pensou Kadia rapidamente. Ao menos foi como ele se registrou.

— Não sei. Se for igual o Karus, como parece, vou precisar de tudo e mais um pouco para pará-lo, então, por favor, não brinque de alterar o fluxo do pacto como fez durante minha luta na arena, Amira, ou vou acabar morto.

— Você não tem permissão para isso, enquanto eu viver. — A elfa de cabelo preto, com um olhar sério, e rosto meio inexpressivo, aproximou sua cabeça do homem a seu lado, até os narizes se encostarem. O homem sorriu, e encostou sua testa na dela. A relação dos dois era fascinante, dava para ver o quanto gostavam um do outro só pelo modo como se olhavam, ainda que a elfa parecesse não conseguir demonstrar isso muito bem com expressões. Sentiu um pouco de inveja imaginando se poderia ter uma conexão profunda como aquela com alguém um dia.

— Falem por vocês, eu consigo pará-lo sozinha. — Agora era a loira, com um vestido branco, falando. Parecia incomodada de ter sido deixada de lado.

— Ele não vai parar só de olhar os seus peitos Lux — respondeu a elfa de cabelo preto, com um olhar apático.

O tal de Lan começou a rir sem parar, assim como a mulher de cabelo vermelho atrás dele. A loira ficou possessa, olhando para a elfa como se quisesse arrancar sua cabeça... Mas, era mesmo uma elfa? Difícil dizer, algum tipo de demônio que desconhecia era mais provável.

A loira era uma celestial. Humanos não podiam ver, mas as asas brancas em suas costas entregavam na hora. Apesar das marcações em dourado nas penas serem novidade para Kadia, as asas de celestial que viu até hoje eram completamente brancas. A mulher de cabelo vermelho atrás deles não era humana também, mas nunca viu nada parecido com ela, tinha uma presença muito diferente. O homem parecia um humano comum ligado por um pacto a elfa ao seu lado, mas tinha alguma coisa errada com ele, só não sabia exatamente o que.

— Bisbilhotar a conversa dos outros é feio...

Kadia arregalou os olhos. A mulher de vermelho ainda estava falando mentalmente, mas olhando para ela. Estava com um sorriso gentil no rosto, mas Kadia sentia como se a mulher fosse matá-la a qualquer instante. Engoliu seco e tentou desviar o olhar, se voltando

novamente ao combate. Estava muito curiosa com o que era aquele grupo exótico, mas ao mesmo tempo, com medo de acabar morta. Seja o que fosse aquela elfa de cabelo preto, ou a mulher de cabelo vermelho, não pareciam existências que poderia enfrentar.

Pelo barulho e movimento no meio daquela fumaça, Dorian e Arian deviam estar lutando. Pouco depois, viu o mago sendo arremessado para fora da fumaça, e logo depois se rendeu.

Arian parecia exausto, e com um ferimento grande no ombro, mas venceu. Estava feliz por ele, mas riu sem parar por algum tempo quando ambos foram desqualificados. Como Marko se recusou a lutar pelo terceiro lugar, ela acabou ganhando o prêmio.

Assim que recebeu o ouro, e a elfa, foi procurar Arian fora da Arena. Ele estava a aguardando, claramente querendo fazer uma proposta pela elfa. Não precisava, seria a forma perfeita de pedir desculpas pelos maus entendidos dela. E de bônus podia tentar convencê-lo a deixar que fizesse algo que desejava desde que o conheceu. Mas quando ia fazer a proposta, um amigo de uma antiga guild de Arian a interrompeu, e depois a mulher loira de manto azul chegou.

A garota era bizarra, aparentava uma coisa e pensava outra. Parecia calma, mas estava bem ansiosa internamente. Ficou frustrada de Arian não lembrar dela, mas se esforçou ao máximo para não aparentar. Também queria beijá-lo, mas o abraçou em vez disso, já que estava insegura quanto a reação dele com a aproximação agressiva. Lara era treinada para bloquear leitura de mentes, então só conseguiu pegar o mais superficial, mas definitivamente havia uma sensação de desespero dela em criar um vínculo com Arian.

Decidiu seguir Lara e a mulher que a estava puxando, Joanne. Uma missão longa juntos era a chance perfeita para conseguir o que queria de Arian. Sabia que eles precisavam de mais gente, e se ofereceu por um preço até mais barato do que estavam dispostas a pagar. Dinheiro não a interessava.

Infelizmente, teria pedido mais se soubesse que Joanne iria exigir que ela comprasse uma espada mais cara que o normal para essa

missão. Arian quebrou sua espada, mas já tinha comprado uma nova bem barata. O modo rústico que ela usava armas fazia com que quebrassem com frequência, então evitava qualquer espada mais cara.

— Muito bem, se ganhar de Lara pode ficar com sua espada. Se perder, compre uma nova melhor.

— Ela é meio pequena, não tem medo de eu machucá-la? — falou Kadia, com um olhar confiante para Lara.

— Sua espada de brinquedo vai quebrar antes de conseguir encostar em mim — disse Lara em um tom ríspido.

Kadia sorriu, ao notar que pela primeira vez o que Lara dizia estava batendo com o que estava pensando.

Apesar da aparência frágil, Lara lutava melhor que ela, e para piorar, tinha uma espada especial. Era linda, toda em um metal branco, e ficava emitindo uma fumaça. Era como se fosse um pedaço de gelo emitindo vapor. Tinha uma joia azul perto do punho que brilhava o tempo todo, ficou imaginando o quão cara devia ser. Ao primeiro toque daquela arma na espada de Kadia, o metal ficou frio como uma pedra de gelo, no segundo toque, trincou, e no terceiro, a lamina quebrou em pedaços, como se fosse vidro, e a luta terminou. Kadia se sentiu completamente humilhada pela garota.

— Viu? Por isso falei que precisa de uma espada mais resistente. O trato está feito, mas tem que aparecer com uma espada decente no dia que partirmos. Obviamente, não precisa ser uma arma espiritual como a de Lara, mas compre algo pelo menos resistente à magia — disse Joanne.

Não teve como discordar. Mas se iria gastar uma fortuna em uma espada decente era melhor encomendar uma com as especificações que queria. Mas em três dias, será que ficaria pronta?

Foi para a maior loja de armas da cidade ver suas opções. Uma arma espiritual seria legal, sempre sonhou em ter uma com super resistência, que não quebrasse em pouco tempo de uso. Ao observar

a loja viu uma espada enorme no mostruário, devia ter um pouco mais de 1,30 metro de comprimento. Os olhos dela brilharam quando leu as especificações:

"Tarrask Blade - Criada a partir das presas de um Tarrask, e com sua alma aprisionada, tem poder de corte muitas vezes maior que uma espada comum. Espadas normais são quebradas instantaneamente ao toque, cria ondas de choque, repele magia, e é quase indestrutível. Mesmo se sofrer uma fissura, se regenera sozinha em menos de um dia".

— Quanto custa aquela espada com alma de Tarrask? — perguntou ao vendedor.

— Aquela está reservada para um nobre. Ele pagou 100.000 moedas de ouro.

Kadia arregalou os olhos, levaria uns 200 anos ou mais até ter o bastante. Ao ver a expressão dela, o homem riu.

— Todos têm essa reação, mas nem foi muito. Uma Anchor, Lâmina de dragão, ou as quase extintas Lâminas do Sol, custam umas cinco a dez vezes esse valor.

— Compram mesmo armas a esse preço? Dá para comprar vários castelos ou uma pequena cidade com tanto dinheiro.

— Bem, dizem que leva anos e muitos especialistas para transplantar almas de animais lendários e criar as armas através de pedaços de seus corpos, então é um custo justificável.

— Parece que não vai ser hoje que vou conseguir uma dessas... Certo, preciso algo com zodium o bastante para bloquear magia. E uma espada de 2 mãos, odeio as pequenas, quebram muito rápido.

O homem lhe trouxe o pedido. Não era uma arma incomum, então costumam ter em estoque.

— 30 moedas de ouro.

— Isso não está meio caro?

— Claro que não.

Kadia fez uma cara de mau humor ao pegar os pensamentos do homem. Estava contando com o fato que ela parecia nova na cidade para lhe passar um preço acima do padrão. O correto seria...

— 20 moedas.

— Assim eu saio no prejuízo, o máximo de desconto que posso dar é 28.

O homem estava rindo internamente, comprou aquela espada por 15 moedas de ouro de um ferreiro.

— 15 ou eu conto a sua mulher que está traindo ela com sua assistente.

Uma mulher, bem próxima, à direita do homem, e conversando com um cliente, congelou, ao mesmo tempo que o dono do local arregalou os olhos.

— Do que você...

— Bia vai adorar saber o que vocês fazem toda noite no armazém da loja...

— 15 moedas, fechado! — falou o homem em um tom de desespero.

— Espero que você dure mais que as outras... — disse Kadia, olhando para a espada, de aproximadamente 1,2 metro.

— Atenção, estamos fechando mais cedo essa semana, até encontrarem aquele tal de cavaleiro da morte que está na cidade. Quem ainda não decidiu o que comprar, por favor, volte amanhã — anunciou o gerente da loja.

— Não vejo necessidade, ele só atacou um prostíbulo e um mercado de escravos no centro da cidade, até agora. Não parece ter interesse nesse tipo de loja — falou Kadia.

— Melhor não arriscar...

Depois disso resolveu ir atrás de Arian. Queria tentar aprender algo sobre ele que ajudasse nas aproximações futuras. Pesquisou indiretamente, lendo a mente de quem conseguiu na taberna da guild antiga dele, a Scarlet Dragons, mas só conseguiu informações vagas. Então apelou para o bom e velho bate-papo com a presa mais fácil: A tal mulher que era como uma mãe para ele, pelo que ouviu da conversa dele com os membros da guild. Cabelo castanho, uns 40 anos, ainda muito bonita para a idade. Ela administrava a taberna. Se gostava tanto de falar dele não devia ser complicado conseguir informações. Quando passou próximo de Kadia, a garota soltou a isca.

— Aquele Arian que lutou na Arena, soube que é dessa guild, é verdade?

— Sim, eu mesma o recebi faz uns 5 anos. Ele e sua irmã estavam em um estado deplorável quando chegaram aqui.

— Ele tem uma irmã?

— Bem, não é exatamente uma irmã. Era filha de um casal que o ajudou e...

A mulher travou nessa parte, claramente não querendo aprofundar esse assunto. Kadia então fez outra pergunta:

— Ele se voluntariou para a guild?

— Na verdade foi o pagamento que Banne, um dos fundadores, pediu para ele depois de salvarem os dois de mercenários. A guild era muito pequena naquela época, sendo difícil conseguir membros, e Bane ficou fascinado com alguma coisa que Arian fez. Eles não tinham para onde ir ou dinheiro, então aceitaram de bom grado.

— Tem ideia de qual a raça dele?

— Humano...

Kadia fez uma cara de cética. Dando a noção de que tinha certeza que era mentira.

—Bem... nem mesmo ele sabe. Trouxemos um bando de especialistas para examiná-lo, e nenhum conseguiu descobrir o que ele era.

Depois disso a mulher começou a contar sobre algumas missões que ela participou junto com ele, e como ele subiu rapidamente de rank na guild. Mas aquilo não lhe interessava muito, queria dicas de como ele bloqueava sua leitura de mentes, não suas aventuras. Até porque, a mulher tomava cuidado para não revelar nada muito íntimo. Dos pensamentos dela, a informação mais útil, e surpreendente, que conseguiu, era de que Arian podia ver fantasmas, e tinha um sempre a seu lado. “Isso explicava ele falando sozinho as vezes...”, pensou. Saindo de lá, Kadia foi espionar seu alvo.

A rotina de Arian enquanto aguardava o dia da missão de Joanne era simples, ficando a maior parte do dia na estalagem que alugou. Em um dos dias foi visitar a guild a que pertencia, levando a elfa, Nya. Uma coisa estranha que notou é que ele só bebia água. Seu amigo parrudo, por outro lado, passava o dia todo bebendo álcool.

Arian falava sozinho frequentemente, e parecia mais relaxado e feliz sempre que o fazia. Até chegava a rir sozinho. Estava conversando com a tal fantasma, obviamente. Kadia estava curiosa com a aparência do espírito. Se ela conseguisse tocá-lo, poderia vê-la também, mas não conseguiu pensar em uma desculpa para fazer isso, no momento. A cada curto período de tempo, Arian olhava a sua volta, como se quisesse confirmar que o fantasma estava perto dele. Fazia isso quase que inconscientemente.

Parecia ter interesse por cavalos também, ficou horas conversando com o vendedor e discutindo com Marko sobre eles no estábulo principal da cidade.

— Não seria uma boa ideia comprar um cavalo melhor? Essa porcaria que te deram naquele vilarejo parece um mestiço bem fraquinho.

— É tentador... Mas mesmo que eu deixe ele aqui de graça para o dono do lugar, ninguém vai comprá-lo. Fico com pena...

— Você tem problemas homem... Como consegue ter mais empatia com cavalos do que com humanos?... Falando nisso, que aconteceu com o Nightmare?

— Hum... Se apaixonou e decidiu virar um pai de família... Mais ou menos isso.

— Uma pena, sempre quis um cavalo monstruoso como aquele. Era lindo, e provavelmente me aguentaria sem suar.

"Pera, eles estavam mesmo falando daquele Nightmare, ou era apenas o nome do cavalo?", pensou Kadia, enquanto fingia observar alguns cavalos, a uma certa distância dos dois.

— Ele conseguiu puxar 5 carroças cheias de pessoas por 3 dias ininterruptos, carregar você não seria nada. De qualquer forma, se fosse uma missão mais urgente eu pediria a guild um White Astalon, mas para essa, que não devemos correr muito, esse mestiço deve aguentar.

Parecia ser mesmo o cavalo que ela estava pensando. Não conseguia imaginar aquelas criaturas servindo a um humano. Mas um cavalo normal nunca conseguiria puxar cinco carroças... "Devo ter ouvido errado", pensou.

Quando não estava os espionando, ia para uma loja de animais de estimação. Os donos ficavam bravos com as constantes visitas sem ela nunca comprar nada. Adorava todo tipo de animal, eles pensavam pouco e de forma primitiva. Gostava muito de cachorros e gatos, mas o que estava namorando há dias naquela loja era um falcão negro de olhos amarelos. O problema é que o preço dele era absurdo. Algumas noites saiu para tentar ver se tinha sorte e dava de cara com o tal cavaleiro da morte, que diziam estar na cidade. Estava curiosa para saber se era mesmo um espírito ou apenas uma pessoa. Infelizmente, não teve sorte em sua busca.

Chegado o dia da missão, Kadia comprou um cavalo negro que considerou um bom custo benefício e foi para a saída da cidade. Acabou adquirindo o falcão negro que estava de olho também, o que a deixou quase zerada em dinheiro.

Perto do portão norte, deu de cara com um rosto familiar.

— Olha quem está aí, a bisbilhoteira de mentes... Hum, vejo que tem apreciação por preto...

Sua preferência por cores era meio notória. Desde sua roupa, cavalo e sacos com mantimentos no cavalo, fazia questão de tudo ser preto, incluindo seu novo animal de estimação, no momento empoleirado no meio da bagagem, nas costas do cavalo de Kadia.

Marko estava passando a mão no próprio rosto, e tendo pensamentos bem safados enquanto o fazia.

— Você sabe que eu posso ler mentes, certo?

— Estou contando com isso — disse ele, pensando com todas as forças em como Kadia era debaixo daquelas roupas.

— Infelizmente para você minha adoração por preto se limita a objetos...

— Pode mentir para mim, mas não para si mesma.

— Vamos passar vários dias juntos, então com certeza descobriremos sobre isso...

— Vai na missão também? Vou estar cercado por aquelas loiras lindas e você? Estou começando a me sentir culpado de estar sendo pago.

Kadia não aguentou e começou a rir. Embora um canastrão, e claramente receoso com a habilidade dela de ler mentes, Marko estava fazendo o possível para ser simpático, do seu próprio jeito.

— Parece que vou estragar sua festa grandão.

Os dois olharam para trás, onde viram um rosto conhecido.

— Só pode ser brincadeira...

Resmungou Marko, enquanto Kadia fazia uma cara de curiosidade, sobre o porquê daquela pessoa estar ali.

Capítulo 21 – O começo

Arian estava na saída da cidade, como combinado com Joanne, para a missão de escolta.

— Nya, você vai com Adikitus, ele vai te levar para Distany em segurança. É um dos membros da minha antiga guild, é grande e luta bem, vai servir como um ótimo guarda costas. Os outros, bem... não sei. Daqui a 1 semana devem se encontrar com um dos guardiões de Distany, e aí sua escolta pelo trecho mais perigoso vai estar totalmente segura.

Ao seu redor, estava um grupo de seis pessoas armadas olhando feio para Arian. Cada um deles ganhara 10 moedas de ouro, pagos por Distany, para escoltar a garota.

— Muito bem... Espero encontrá-la de novo, e menos dramática da próxima vez. Quando escutar as histórias das garotas por lá, vai ver que deu sorte.

A garota estava olhando para Arian, mas não falou nada, estava nervosa demais com todo aquele pessoal a volta dela.

— Você faz o mesmo discurso para todas. Parece maduro quando você fala, mas sua cara de bebê com essa frase decorada não funciona.

Marko estava rindo enquanto chegava pelas costas de Arian.

— Maldição... o que está fazendo aqui? – perguntou, enquanto observava Marko vindo a cavalo em sua direção, do portão norte da cidade.

— Ah, não te falei? Fui chamado para a mesma missão que você. Vinte moedas de ouro não é algo que se recusa assim, ainda mais alguém falido como eu.

— Digo o mesmo. Quer dizer, menos a parte do falido.

— Kadia?

A garota estava vindo logo atrás de Marko, montada em um belo cavalo negro.

— Não vai se livrar de mim enquanto não pagar o que me deve — falou ela, sorrindo para Arian.

Arian fez uma cara de dúvida. Que pagamento era esse? Não lembrava de terem combinado nada em específico.

— Parece que chamaram todos os participantes de nível mais alto do torneio para a missão.

Outra voz que Arian reconhecia. Dorian estava chegando a cavalo logo atrás de Kadia. Parece que ele, Marko e a garota vieram juntos, ou então se encontraram no caminho para a saída da cidade.

— Na verdade só quatro, era o máximo que nossos recursos permitiam. — Joanne surgiu por trás deles guiando uma carruagem puxada por quatro cavalos brancos.

— Todos aqui já estiveram em guilds, ou no exército, então não preciso explicar muito — disse Joanne, parando ao lado deles.

— Temos uma carga preciosa, e Lara está a carregando, então deem prioridade à proteção dela. Nosso destino é Sunkeep, na fronteira. — Apontou para Lara, dentro da carruagem, que estava com uma cara meio infeliz.

— Por que eu não posso ir a cavalo? — perguntou Lara, de extremo mal humor, com os olhos disfarçadamente fixados em Arian.

— Ela reclama muito, se acostumem. — Joanne a ignorou.

— Essa ao lado de Lara é Irene. Do outro lado Jon, o rato de livros, e Zek, que não fala muito, mas é em quem mais confio nesse grupo.

A carruagem tinha espaço para seis pessoas, três em cada poltrona. Lara estava dividindo seu lado com uma garota de uns vinte anos, de cabelo castanho e olhos acinzentados, usando um rabo de cavalo, e com um arco e flecha a seu lado. Era Irene, que Joanne apontou. Na outra poltrona, Jon, um garoto novo, de uns 15 a 17 anos, os cumprimentou com a cabeça, e depois voltou a ler um livro enorme

que estava segurando. Ao lado dele, uma mulher de olhos verdes e cabelo preto, bem curto, estilo militar, e usando uma armadura completa, olhava para o grupo do lado de fora de forma inexpressiva.

— Provavelmente seremos emboscados mais de uma vez até chegar no destino. Vamos por estradas paralelas, a principal é muito visada. O resto eu informo no caminho.

— O que exatamente vocês estão carregando? — perguntou Kadia.

— Não posso dar detalhes, mas imagine como uma relíquia muito valiosa para algumas pessoas do norte.

Kadia não parecia muito feliz com a resposta vaga.

— Alguma outra pergunta?

— Lara me prometeu informações, posso conversar com ela durante a viagem? — perguntou Arian.

— Não, quero vocês atentos, conversem quando pararmos em uma cidade segura — disse com um olhar sádico na direção de Lara, que parecia ainda mais emburrada depois da resposta.

Arian montou em seu cavalo, meio insatisfeito com a resposta de Joanne. A chance de saber sobre seu passado estava à sua frente, mas só podia aguardar.

Kadia e Arian estavam seguindo a cavalo a frente da carruagem, enquanto Dorian e Marko ficaram uns metros atrás dela.

— Ei, Arian, ela não proibiu a escolta de conversar. Vamos falar do meu pagamento... — Kadia aproximou seu cavalo de Arian e começou a explicar como lia mentes.

Enquanto ela falava, Arian olhou para trás e notou Lara, com a cabeça para fora da janela da carruagem, com uma cara de quem queria arrancar a garganta de Kadia com os olhos. Na verdade não era só ela, <E> estava sentada à sua frente no cavalo, com um olhar gélido encarando a demônio. "Mulheres são assustadoras", pensou ele.

Mais atrás, na carruagem onde Lara estava, Joanne discutia com o grupo, enquanto guiava a carruagem.

— A garota de preto veio porque está interessada no guardião dos orelhudos, o grandalhão é amigo do guardião, e o guardião veio porque a Lara tem informações que ele quer, ou porque está interessado nela...

Lara deu um leve sorriso com a observação, enquanto Joanne olhava para Kadia e Arian, pensativa.

— Não se preocupe Lara, ele vai perder o interesse em você assim que revelar sua personalidade horrível – falou ela, dando uma olhada para dentro da carruagem.

Jon começou a segurar o riso, enquanto Lara olhava furiosa para ele.

— Se ele tivesse bom gosto teria vindo por mim, sou uma opção muito melhor — falou Joanne, de forma tão confiante que ficou difícil saber se era sério ou uma piada.

Agora era Jon que estava emburrado e Lara segurando o riso. Irene estava rindo dos dois, e Zek continuava inexpressiva, observando a situação.

— De qualquer forma, é aquele Mago que me preocupa no momento. Não faço ideia do porquê se ofereceu. Não parece particularmente interessado em ninguém do grupo, e podia fazer mais dinheiro do que estamos lhe pagando com as habilidades que demonstrou no torneio. Eu o aceitei porque prefiro inimigos perto do que nos espreitando, mas fiquem de olho nele.

Jon, Irene e Zek se fixaram em Dorian por um momento, como se quisessem ler sua mente. Lara, no entanto, continuava com sua atenção fixada em Kadia e Arian.

— Pelo que entendi através do seu amigo, não lembra do seu passado a partir de certa data, ou mesmo sua raça – perguntou Kadia de forma inocente, fingindo ter indagado Marko sobre isso. O que nunca fez.

— Desde que acordei com uma família, cinco anos atrás — falou Arian pensativo.

— Acho que posso te ajudar.

Arian ficou rapidamente interessado.

— Pode acessar essas memórias?

— Não sei, sua mente é muito difícil de ler. Mas posso tentar.

— Por mim tudo bem.

Kadia tocou no ombro dele.

— Relaxe sua mente, preciso tocá-lo ou não consigo ler mais que pensamentos superficiais. Tente pensar no que lembra de mais antigo.

— <E>, dá um tempo, ela tá querendo me ajudar.

A fantasma estava tentando, inutilmente, tirar a mão de Kadia do ombro de Arian.

— O que é isso? — disse Kadia, fingindo espanto. Já tinha noção de que ele podia ver fantasmas, apesar do espírito que o seguia ser uma criança tê-la surpreendido.

— Consegue vê-la?

— Quando toco em você consigo acessar o que está vendo...

— Que ótimo, ao menos tem alguém para atestar que não sou maluco.

— O que é ela?

— Um fantasma, está comigo desde que acordei sem minhas memórias.

Kadia continuou encarando <E>, intrigada, enquanto a garota tentava de todo jeito retirar a mão dela do ombro de Arian.

— Relaxe e volte a sua lembrança mais antiga, vou usar isso de guia.

Kadia sorriu de satisfação. Finalmente teria seu pagamento: as memórias da vida de alguém eram muito mais interessantes para ela do que mero ouro, e no caso de Arian, do qual era difícil tirar algo, valia ainda mais. Era hora de desvendar esse enigma, e quem sabe, descobrir algo sobre aquela magia estranha que ele usou na luta final na arena.

Arian obedeceu, e sua mente lentamente voltou a sua memória mais antiga, cinco anos atrás.

Capítulo 22 – O Homem Sem Passado - Parte 1 - Lar

Sua cabeça doía e a visão estava embaçada. Alguém estava falando com ele, talvez mais de uma pessoa, mas não sabia quem era, ou sequer conseguia entender.

Tentou levantar, mas as pernas não obedeciam. Conseguia notar que estava em movimento, em cima de algo, provavelmente uma carroça. O que estava fazendo ali? Quem era a pessoa tentando falar com ele? Antes que conseguisse pensar mais a respeito, tudo se apagou.

Acordou de novo, já era noite. Havia uma garota loira sentada a seu lado e outra de menor estatura, uma criança com um incomum cabelo prateado, olhando para ele com ar de preocupação.

— Pode me ouvir? Consegue entender o que digo? — perguntou a garota, com um aspecto simples, olhos azuis e um cabelo loiro maltratado preso em um rabo de cavalo.

— Sim — respondeu ele, dessa vez, sendo capaz de escutá-la com mais clareza.

— Encontramos você na estrada alguns dias atrás. Pensávamos que tinha morrido. Estava com um braço e uma perna quebrada, e um enorme ferimento na cabeça, sangrava muito... — A garota falava devagar, provavelmente com medo que ele não entendesse.

— Tentei parar o sangramento, mas foi tudo que consegui fazer. Você começou a se curar rapidamente depois disso. O ferimento na cabeça mal aparece. Mas seu braço e perna ainda parecem ruins.

— Ah... — Ele ainda estava atordoado demais para responder, mas tentou olhar para os ferimentos que estavam doendo. Conseguia mover os braços, mas a dor era enorme quando o fazia. A garota de cabelo prateado parecia aflita vendo sua cara de dor ao tentar se mexer, então ele decidiu parar.

— Você parece um humano, mas eles não se curam tão rápido. Qual sua raça? — perguntou a elfa.

— Eu... não sei... — Nada lhe vinha à mente a respeito de si mesmo. Sabia que a garota na sua frente era uma meio-elfa devido a mistura de traços humanos com as orelhas pontudas e olhos claros. Já o homem, dirigindo a carroça, parecia um elfo puro. A garota mais jovem a seu lado parecia uma humana, mas seu cabelo e olhos de cor incomum era característico de demônios. O conceito de raças lhe era perfeitamente comum, porque não conseguia lembrar qual era a dele?

— De onde você veio? Porque estava no meio da estrada nesse estado? — A garota continuava a perguntar com calma.

— Eu.... eu não me lembro... — Começou a respirar ofegante depois disso. Era algo que ele deveria saber.

— Sabe, pelo menos, me dizer o seu nome? — indagou a garota, com um tom de preocupação.

A pergunta foi ainda mais chocante do que ele esperava. Não só por notar que não conseguia lembrar o seu nome, mas por não conseguir lembrar de absolutamente nada, sua mente estava em branco.

Ele se sentiu uma concha vazia, e isso doeu mais que seus ferimentos ainda abertos. Em desespero, lágrimas correram de seus olhos.

— Quem diria que você era um chorão...

Arian riu.

— O desagradável do que está fazendo é que eu tenho que rever tudo junto com você...

— Pule algumas partes, se quiser, de preferência as chatas, fica até melhor assim.

— Bem, em resumo, teve uns incidentes desagradáveis depois disso, mas só serviram para eu descobrir que sabia lutar, como se alguém

tivesse me ensinado, e minha memória muscular lembrasse os movimentos, mesmo sem eu saber exatamente o que estava fazendo.

Quase 1 semana depois estavam na cidade de Cintra, uma das pequenas cidades em volta da gigantesca Arcadia. A família que o ajudou morava lá. O pai era um ferreiro, e a filha vendia doces na cidade. A viagem que fizeram foi para comprar matéria-prima a um preço mais em conta em uma cidade maior.

Seus ferimentos estavam quase que completamente curados, mas isso pouco o preocupava. O fato de não saber o que fazer, ou para onde ir, era o que o atormentava no momento. E o que aconteceu há 2 dias também. Alguém claramente tinha o ensinado a lutar, mas quem? Tinha uma espada com a lâmina ensanguentada com ele quando o encontraram, então era óbvio que já estivera em combate.

Mais estranho ainda era a garota de cabelo branco, que descobriu que só ele podia ver. Ela não falava, mas se expressava com gestos e olhares, e pelo jeito estava tão sem memória quanto ele.

Decidiu aceitar a proposta de Larkar, o pai da garota que o ajudará, chamada Emily. Ajudaria o pai dela em seu serviço de ferreiro, e em troca, poderia dormir no celeiro deles, até decidir o que iria fazer da vida. Achou estranho o aceitarem por perto depois do que o viram fazer há poucos dias, quando a carroça de Larkar foi atacada. Ele só se defendeu, mas pessoas normais não se defendem daquela forma. Depois de pensar a respeito, resolveu deixar isso para lá, tinha mais com o que se preocupar.

Como não sabia seu nome, o chamaram de Arian. Na verdade, foi Larkar que deu esse nome a ele, para a frustração de Emily, que reclamou do pai colocar o nome da mãe, Ariane, em tudo. O cavalo que os puxava, por sinal, se chamava Ari, e o cachorro deles, que morreu há alguns anos, Ar, de acordo com o que Emily lhe

contou. Não sabia sua idade também, mas pela aparência, Emily chutou algo entre 14 a 15 anos.

Eles tinham uma pequena casa na beira da cidade. Era feita de madeira. Simples, mas bem acabada. O celeiro era pequeno também, com apenas duas baias. Arian dormiria na que não estava sendo utilizada.

Ariane, de quem o pai da garota tanto falava, estava aguardando por eles na porta da casa. Cabelo e olhos castanho claro, usando um vestido azul desgastado. Apesar de ser mais velha, e humana, sua aparência conseguia chamar mais atenção que a de Emily. Arian ajudou a descarregar os materiais e levou para o porão.

— Você, definitivamente, não é humano para conseguir carregar isso com um braço — declarou Larkar, ao reparar que Arian estava levando um saco cheio de metal como se fosse um saco de palha.

— Hum, não é pesado... — disse Arian com um sorriso no rosto. Fazer aquilo com facilidade lhe deu um estranho senso de superioridade.

— Maldição garoto... dizer isso para alguém que tem que arrastar esses sacos com a ajuda da filha é meio cruel, sabia?

Na segunda leva Arian tentou pegar quatro sacos de uma vez para se mostrar, mas tropeçou no meio do caminho, caindo com sacos em cima dele, e espalhando vários dos metais.

— Você está bem? — Emily estava se segurando para não rir. Já a garota de cabelo branco ao lado dele não disfarçou, só começou a gargalhar mesmo.

— Estou, não foi nada — Arian levantou com o rosto vermelho de vergonha, e começou a juntar o material, que se espalhou, de volta no saco.

No porão ficava a forja, onde o pai da garota trabalhava. Várias armaduras e armas de todo tipo decoravam as paredes. Nada muito extravagante, mas pareciam bem feitas.

Era muito mais protegida que a casa. As portas eram de ferro, com um cadeado enorme. Daria trabalho arrombar.

Se sentia meio perdido sem nenhuma memória para o guiar, mas tinha algo que sabia: para começar a se restabelecer naquele mundo precisava de dinheiro, e para tal precisava de um ofício.

Acordou no celeiro na manhã seguinte. A garota de cabelo branco, que estava ao lado dele quando acordou dias atrás, estava dormindo junto de Arian, com a cabeça encostada em seu ombro, o que lhe causava um misto de alegria e desconforto. Se sentia menos sozinho graças a ela, mas ter uma garota dormindo encostada nele lhe deixava bastante envergonhado e nervoso. Devia ter o quê? Uns 3 a 4 anos a menos que ele, era difícil dizer, já que o corpo era relativamente desenvolvido, mesmo não sendo muito alta. O rosto lembrava alguém perto dos 10 anos, talvez 12. Cada vez que ele olhava para o rosto dela dormindo ficava ainda pior: era linda, com os cabelos brancos meio bagunçados descendo até um pouco depois da cintura, e um rosto que misturava gentileza e dignidade. Era como ter uma garota da nobreza atrelada a ele, sem saber o motivo. Ela acordou assim que ele começou a se mexer, e deu um sorriso. Arian sorriu de volta. Era estranho, às vezes tinha uma leve impressão de que a conhecia, mas não fazia a menor ideia de como e onde.

"Era um fantasma", foi a conclusão que chegou, ainda mais depois de descobrir que tinha mais gente que ele conseguia ver que ninguém mais podia. Emily pensou que ele era louco quando descreveu a garota na carroça. Mas por que o estava seguindo? Ele se perguntava. Ela também não era transparente, como alguns diziam sobre os fantasmas. Na verdade, isso o fez se questionar quem exatamente era real e quem era um fantasma, em sua visão. Até ali, a única forma de descobrir, era observando se o indivíduo em questão conseguia interagir com alguém, fora ele. Bem, ninguém estava vendo para o chamar de louco no momento, então era a oportunidade perfeita para questionar a garota:

— Pode me ouvir?

A garota balançou a cabeça.

— Por que está me seguindo?

Ela o abraçou, o que o deixou da cor de um pimentão. Mas isso não respondia muito, só podia supor que gostava dele por algum motivo.

— Certo... Você precisa de um nome... — Pensou por um tempo, sem muito sucesso. Parece que sua falta de memória incluía nomes também. — Que tal... Ariane?

A garota balançou a cabeça em negação.

— Não conheço muito nomes, ou pelo menos não lembro de muitos, vai ter que me ajudar. — Ele olhou para ela pensativo, até ter uma ideia. — A? B? C? D? E?

Ela sorriu no E.

— E... Já é um começo. — Animado, ele voltou repetir o processo. — De novo, A? B? C?...Z? Nada? — questionou frustrado. Sua ideia brilhante rapidamente se mostrou falha. — Que seja, vou te chamar de <E> então.

A garota acenou levemente para ele.

— Certo, <E>, preciso trabalhar, vamos ver se era um ferreiro na vida anterior — falou empolgado. Por ser algo que nunca fez antes, estava encarando mais como uma brincadeira do que como um trabalho.

<E> ficou com uma cara de preocupação ao ouvir isso. Provavelmente estava prevendo o desastre que estava por vir.

No final daquele dia, descobriu que não tinha destreza manual para ser um ferreiro, nem ajudar um. Também percebeu que era desastrado e detestava calor. Ficar perto do fogo da forja foi um tormento.

— Você sabe lutar, por que não tenta entrar na guarda da cidade? — sugeriu Larkar no final do dia, vendo o garoto cabisbaixo no celeiro, ciente de que tinha mais atrapalhado do que ajudado.

— O chefe da guarda se impressionou bastante com o que você fez na entrada da cidade, no dia que chegamos de viagem. Talvez consiga um trabalho com ele.

Ele tinha entrado em uma briga entre alguns guardas da cidade vizinha, Maver, com guardas de Cintra. Não era nada muito sério, mas o que ele fez chamou atenção do chefe da guarda, que estava no local.

— Ele achou que eu sabia lutar, mas... Não diria que aquilo era saber lutar, foi mais...hum... meu corpo se movendo sozinho?

— Consegue pensar em outra opção? É um bom garoto, Arian, mas não pode viver o resto da vida nesse celeiro. Se quiser descobrir quem era, primeiro vai precisar de dinheiro, quer queira viajar em busca de respostas, ou se estabelecer aqui por um tempo. Eu diria para vender aquela espada que encontramos junto com você, mas uma Soul Blade quase morta que faz aquilo com qualquer um que a toque, que não você, não deve valer grande coisa. Então sua melhor opção é trabalhar mesmo.

Ao ouvir isso, e refletir por um breve instante, o garoto se decidiu.

— Onde fica o comando da guarda? — perguntou.

Larkar sorriu para ele e começou a explicar. Na manhã seguinte iria tentar sua sugestão.

— Então <E>, acha que tenho jeito para um soldado?

<E> fez que não com a cabeça, para a decepção do garoto.

— Sério? No que eu sou bom afinal?

<E> o abraçou e Arian começou a rir, levemente corado. Estava ficando um pouco mais à vontade com a completa falta de senso comum dela quanto a proximidade dos dois.

— Acho que ganhar abraços ainda não é uma profissão... Vamos ver como me saio amanhã.

Na manhã seguinte, foi com Emily até a cidade. Ela o deixou na frente da central da guarda da cidade. Não queriam o deixar entrar para fazer o teste, até que Emily chamou um guarda que era amigo dela desde a infância, Knok. Ele acompanhou Arian até o chefe do pequeno quartel, além de ficar o incomodando com um bando de perguntas sobre qual era a relação dele com Emily, claramente querendo saber se era seu namorado. Arian negou, para o alívio do garoto, que parecia ser alguns anos mais velho que ele. Provavelmente uns 17 a 18.

O chefe da guarda, Cesar, o reconheceu na hora e foi testá-lo.

— Muito bem, faça o melhor que puder. Eu te vi lutando antes, mas quero ter certeza. Já temos gente o bastante aqui, então só vou aceitar alguém que saiba lutar.

Arian pegou a espada de madeira que lhe foi oferecida.

Os dois entraram em posição de guarda e o instrutor avançou. Arian ficou meio perdido inicialmente, mas desviou do golpe com um movimento simples de perna. E do outro, e outro.

— Pare de apenas desviar e use essa espada, moleque!

Arian bloqueou o golpe seguinte com a espada, desviou do outro, rebateu o próximo golpe com tanta força que a espada de madeira de Cesar saiu voando, e em seguida estava com sua espada de madeira encostando no pescoço do instrutor.

— Agora sim! Parece que sabe lutar melhor que eu. Mas eu sou péssimo, então isso não é grande coisa. Gostaria de lhe colocar na vigília e patrulhamento da cidade, onde suas habilidades seriam mais úteis, mas, infelizmente, se te der uma posição alta direto, vai haver reclamação, então vai começar como carregador. Venha comigo, vou mostrar o que fazer.

Basicamente, uma das funções dos soldados daquele agrupamento era auxiliar na carga e descarga de materiais em carroças na cidade. Os mais novos eram geralmente encarregados disso. Ele acabou fazendo dupla com o homem que o escoltou até o comandante.

Knok, o amigo de infância de Emily, era bem tranquilo e vivia o questionando sobre Emily, o que era estranho, considerando que conhecia ela há mais tempo do que Arian.

A partir daí, pelo próximo mês, sua rotina foi sair de manhã com Emily, realizar suas tarefas na cidade e voltar ao fim da tarde. Já a meio-elfa trabalhava em uma loja de doces e confeitaria, assim como sua mãe. O salário inicial dele era de apenas 1 moeda de prata ao dia. Ainda lembrava da divisão do dinheiro, felizmente. 100 moedas de bronze davam 1 de prata. E 100 moedas de prata 1 de ouro. Tirando a alimentação, sobrava apenas metade de sua moeda de prata para guardar, ou 50 moedas de bronze. Bronze era tão sem valor que as pessoas nem se davam o trabalho de catar se caísse, 10 moedas de bronze podiam te comprar no máximo um pão de péssima qualidade ou um doce pequeno.

<E> parecia gostar do serviço, ficava o tempo todo observando as pessoas na rua e copiando as roupas mais chamativas que via para mostrar a Arian, uma habilidade que o surpreendeu a princípio. Ele não entendia porque a garota não saía de perto dele, sempre a uns 10 a 20 metros. Estava ficando entediado com aquele serviço, e ficava invejando o pessoal da guarda responsável por patrulhar a cidade. Usavam o mesmo uniforme que ele: um casaco de couro, calça e botas pretas. O que os destacava era um símbolo no casaco, que significava que eram de patente superior. Eles também podiam carregar uma espada, o que os soldados na função de carregadores não podiam.

— Espero que consiga entrar para a patrulha logo, quero um salário melhor... — resmungou Arian, deitado no celeiro.

Emily já tinha oferecido para ele dormir dentro de casa, mas preferiu ficar ali. Não era tão desconfortável, e ao menos podia conversar com <E> livremente, sem ninguém ficar prestando atenção e o chamando de maluco.

— O serviço é fácil, apenas tenho que fingir que aqueles sacos são pesados para não chamar atenção, como Emily me alertou. É bem

chato, ainda bem que tenho Knok para conversar, ajuda o tempo a passar mais rápido. Quer dizer, mais ou menos... ele só fala da Emily o dia todo. Não acredito que ele é apaixonado por ela há 10 anos e ainda não teve coragem de se confessar...

<E> começou então a apontar para si mesma.

— Não <E>, se começar a falar com você durante o serviço vão me chamar de maluco...

Enquanto <E> fazia uma cara de mau humor, ele olhou para a espada envelhecida a seu lado. Pegou nela e tentou dar alguns golpes, mas não se sentiu muito confiante no que estava fazendo. Era uma arma estranha, principalmente o fato de que parecia muito mais leve do que deveria, pelo tamanho. Era como segurar uma espada enorme e se sentir movendo uma faca.

— Mas o que é você? — questionou ele, tentando ler as inscrições meio apagadas na lâmina da espada. Se era uma língua, ele não a conhecia.

— Arian, temos um problema, poderia ir ajudar meu pai...

Ele não pensou, assim que a garota chegou pelas suas costas e o tocou, ele virou a espada instintivamente, só conseguindo parar a lâmina quando já tinha feito um leve corte no pescoço de Emily. Ele arregalou os olhos e soltou a espada.

— Emily, desculpe, eu não queria, eu...

A garota se afastou dele quando tentou tocá-la. Olhava para ele com medo, enquanto tentava estancar o sangue escorrendo de seu pescoço com as mãos.

— O que demônios eu sou? — disse ele, assustado consigo mesmo, e sem saber o que fazer.

Naquela noite, não conseguiu dormir direito, e na manhã seguinte foi Ariane, a mãe de Emily, que lhe trouxe o café da manhã, em vez da filha.

— Como ela está? — perguntou.

— Um pouco assustada, mas não foi nada grave.

— Eu não queria, foi algo...

— Ela explicou que deve ter te assustado enquanto estava treinando com a espada. Não se preocupe. Só dê um tempo a ela.

— Eu juro que vou sair daqui o mais rápido que puder, só esperem mais um pouco... — disse ele, com uma expressão de raiva para consigo mesmo.

— Arian, eu sei que se lamentar e dizer essas coisas pode parecer um pedido de desculpas, mas na verdade só está me deixando triste... Se quer se redimir, só tome mais cuidado da próxima vez. Sabe quantas besteiras eu já fiz quando era mais nova? Nunca errar é impossível, o importante é o que você aprenda com seus erros. E honestamente? Ter um guarda particular no celeiro, protegendo a minha casa por um prato de comida, está muito barato. Do modo que eu vejo, é você que está nos fazendo um favor — disse a mulher sorrindo para ele.

Ariane passou a mão em sua cabeça e voltou para dentro de casa.

Arian sorriu, graças a ela se sentia um pouco melhor. Infelizmente, seu consolo se perdeu quando viu o corte costurado no pescoço de Emily. Aquilo iria deixar marca...

Na tarde daquele dia, ele estava descarregando uma carroça na cidade, enquanto Knok era extorquido por um dos soldados da cidade. Arian só ignorava, conforme o amigo lhe instruiu. Alguns guardas tinham o costume de extorquir os mais novos, pedindo para pagar bebidas, roupas, ou coisa parecida, uma ou duas vezes por mês. Esse, no entanto, todo dia tinha um novo pedido para Knok, o que estava deixando Arian mais nervoso do que ele já estava no momento, ainda abalado pelo incidente com Emily. Foi então que o soldado saiu do lado de Knok e pegou no ombro de Arian.

— Ei, novato, você ainda não me pagou nada, pagou? Como você recém começou eu peguei leve no começo, mas sua folga acabou. Que tal me comprar aquela bota ali no mostruário do armazém?

Arian se virou e encarou o homem. Careca e com uma roupa desgastada da guarda.

— Compre você mesmo, com certeza ganha mais do que eu — falou Arian, de forma ríspida.

— Com quem pensa que está falando, soldado? — respondeu o homem, agarrando o colarinho da camisa branca de Arian.

— Me solte! — disse ele com raiva, apertando o pulso do homem, que logo gritou de dor, soltando a camisa dele e recuando.

O homem então tirou sua espada, e entrou em uma postura ofensiva. Arian deveria estar com medo, mas só conseguia sentir raiva no momento, raiva de si mesmo, e agora daquele homem também.

— Arian, não faça isso cara, não vale a pena, ele é do grupo do Zack, só pede desculpas e eu compro a bota.

— Acha mesmo que desculpas são o bastante, Knok? Se seu amigo aqui não abaixar a cabeça, e me dar pelo menos uma moeda de ouro, como um pedido de desculpas, ele vai apanhar tanto que não vai nem se reconhecer amanhã.

O homem se aproximou de Arian, e tentou forçar a cabeça dele para baixo. Quando Arian se recusou, o soldado apontou a espada em direção ao pescoço do garoto, que em um movimento rápido, tomou a espada da mão do homem e depois o arremessou para dentro da carroça que estava descarregando.

Descontar a raiva que estava sentindo de si mesmo naquele homem estava o fazendo se sentir bem.

— O que estava fazendo Arian? Ficou maluco?

Arian estava ignorando Knok. O soldado saiu da carroça e foi para cima de Arian, que segurou o soco que ele ia dar, usando apenas uma mão, e depois acertou um murro no rosto do sujeito, o arremessando alguns metros para trás.

Ele estava tentando se levantar, enquanto cuspi sangue. A boca esta cortada e alguns dentes haviam quebrado. Arian o observava com frieza. Aquele sentimento de superioridade era viciante. Estava humilhando um homem muito mais velho que ele, sem que o mesmo pudesse sequer reagir.

— Talvez tenha mais sorte com a espada — disse Arian, arremessando a espada que tomou do homem na frente do mesmo. O guarda, parecendo tonto, se levantou e pegou a espada.

Ele veio correndo na direção de Arian, que desviou com facilidade dos golpes da espada. Não precisava fazer nada, seu corpo se movia sozinho por ele. Arian estava fascinado consigo mesmo.

"Por que aceitou aquele salário baixo? Alguém com as habilidades dele deveria ganhar bem mais. Olhe o que ele podia fazer? Aquilo não valia mais do que a porcaria que lhe pagavam?", pensou ele.

— Acabou? — disse o garoto, sorrindo, enquanto o homem a sua frente estava ofegante, já sem fôlego.

Foi quando Arian escutou uma voz desconhecida.

— É sério que está levando uma surra para um garotinho, Judas? Você não vale o dinheiro que eu te pago.

Um homem de cabelo preto, bem escovado para trás, e um casaco de couro de aparência cara, estava observando os dois. Atrás dele tinha cinco guardas com o símbolo da patrulha da cidade, um deles era enorme, e usava uma armadura pesada no corpo todo.

— Oliver, você entrou na minha equipe recentemente, não é? É hora do seu primeiro teste. Ajude Judas a dar uma lição nesse moleque — falou o homem de cabelo preto a um dos guardas de menor estatura, atrás dele.

— Zack, o Judas agrediu o Arian primeiro, deixa ele ir, por favor.

— Calado, Knok. Ele acertou um dos meus guardas, acha que vou deixar por isso mesmo? Mas, como está pedindo, não vou matá-lo,

só cortar... bom, eu deixo ele escolher depois, me parece o mais justo... — disse Zack, como se não fosse nada demais.

Arian hesitou com o comentário, mas tinha outros problemas para se focar. Recuou um pouco quando o tal Oliver junto de Judas se aproximaram dele, ambos com espadas.

Ele desviou do golpe de um, depois do outro, tomou a espada da mão de Judas pela segunda vez, e defletiu a espada de Oliver usando ela. Era estranho, já não sentia mais raiva alguma nele, estava apenas se divertindo, maravilhado com o que podia fazer.

— Isso está ficando interessante... Olhem a cara de arrogância desse garoto... Vocês dois, chega de brincadeira, lutem a sério! — falou Zack.

Ambos avançaram com intenção de matá-lo, o que fez Arian automaticamente adotar uma postura mais agressiva, sem notar. Ele não pensou, estava embriagado pela confiança de conseguir lutar contra os dois com tanta facilidade. Na primeira oportunidade agarrou o braço de Judas e o arremessou para trás, logo depois defletiu a espada de Oliver e voltou cortando seu pulso, da mão que segurava a espada. O homem se ajoelhou gritando. Arian se virou instintivamente para ver o outro homem que tinha arremessado. Ele estava correndo em sua direção com uma faca. Ele desviou da arma, e usando a espada em sua mão direita, cortou a cabeça de Judas. Sem parar o movimento, ele girou o corpo para trás rapidamente, e arrancou a cabeça do homem ajoelhado atrás dele, que ainda estava segurando seu pulso cortado. A cabeça de Oliver rolou no meio da rua, enquanto seu corpo caía sem vida para trás, e o sangue escorria pela terra.

— Arian, o que você...

Foi quando o garoto voltou a si. Ele matou dois homens? Não! Por que fez isso? Sua mente estava uma bagunça.

— Fantástico! Você tinha razão Stuart, esses dois lutavam muito mal... O que acha dele? — Zack tinha se virado, estava falando com

alguém atrás dele.

Um homem de mais de 2 metros com armadura completa, inclusive cobrindo o rosto, e com uma espada e um escudo em suas costas, atrás de Zack, balançou a cabeça, sem dizer uma palavra. Zack então se virou de volta para Arian.

— Muito bem... como alegrou minha tarde vou ser generoso. Tem duas opções: A primeira é virar um dos meus guardas pessoais, entrando no lugar dos dois que acabou de me privar. A outra, é enfrentar Stuart, se ganhar dele, o deixo ir e fazer o que quiser.

O homem gigantesco atrás de Zack andou calmamente para a frente do seu empregador.

Arian respirou fundo tentando organizar seus pensamentos.

— Eu... — Arian não conseguia pensar direito, seus olhos estavam focados no homem sem cabeça a sua frente, e sua mão com a espada estava começando a tremer.

— Eu...? É sério que está em dúvida? Seu salário vai aumentar em mais de vinte vezes... Prefere mesmo enfrentar o Stuart?

Dinheiro, era isso! Com aquele valor poderia sair logo da casa de Emily. Não era seguro para eles ficarem perto dele. Olha o que tinha acabado de fazer...

— Aceita logo, o Stuart não é humano, não vai ter chance contra ele! — sussurrou Knok, ainda aflito perto dele.

— Tudo bem... Eu entro para o seu grupo — falou Arian, da forma mais composta que conseguiu.

— Excelente, você começa amanhã! E Knok, ande logo com aquela garota, ou eu mesmo vou fazer o serviço. Emily, não era?

Knok engoliu em seco.

— Homens, peguem o que restou do Judas e Oliver, e joguem na vala atrás da cidade, depois estão liberados. Stuart, você vem comigo, temos mais uma casa para coletar imposto. Meu pai não

está pegando pesado essa semana, tem cada vez mais pessoas na lista.

Arian ainda olhava para as duas pessoas que acabou de matar, enquanto os guardas de Zack arrastavam seus corpos com eles.

— Calma Arian, você só se defendeu, ninguém vai te culpar... Mas não faça isso de novo cara, você me deu um susto. Podia ter me dito que sabia lutar assim... Acho que o pior já passou, só entre na guarda de Zack por um tempo e depois peça para sair por um motivo qualquer. Vai ficar tudo bem. Arian, suas mãos...

Arian soltou a espada que ainda estava em sua mão direita, que não parava de tremer. Naquela noite não conseguiu deixar de pensar nos homens que matou, se tinham filhos, esposa e como eles ficariam? Quando finalmente conseguiu parar de refletir sobre isso, tentou respirar fundo e se acalmar, lembrando do que Knok disse: "o pior já passou". Infelizmente, as palavras dele não podiam estar mais erradas.

Capítulo 23 – O Homem Sem Passado - Parte 2 - Tudo por nada

Algumas semanas já haviam se passado desde o incidente com Judas e Oliver.

— Finalmente consegui sair do grupo do Zack! A partir de amanhã vou só patrulhar a cidade, chega de servir de segurança para ele. Feliz?

Emily sorriu para Arian, assim como <E>, do seu outro lado. Knok, que parecia finalmente estar tomando a iniciativa quanto a Emily, vinha junto com eles. Os quatro voltavam para casa calmamente no final da tarde.

— A parte triste é o salário caindo pela metade...

— Você ficou com uma cara horrível o mês inteiro enquanto trabalhou com ele. Não sei exatamente o que faziam, só escuto os boatos, mas você não parecia estar apreciando nem um pouco. O dinheiro não vale a pena se te fizer infeliz...

— É...

— Admito que fiquei preocupada quando você me disse que não iria sair.

— Queria juntar dinheiro logo para poder sair dessa cidade, e viajar pelo continente em busca de respostas sobre mim. Era a forma mais rápida...

— Que bom que meu pai conseguiu convencê-lo a mudar de ideia. É até engraçado, porque minha mãe falou que ele cometeu o mesmo erro no passado, quando ofereceram muito dinheiro a ele para trabalhar exclusivamente para um grupo de mercenários.

— De qualquer forma, mesmo não tendo o bastante para viajar por todo o continente, com o que ganho já podia alugar uma casa sem grandes problemas.

— Tem uma boa, perto do centro, que não custa muito. Amanhã eu te levo lá — disse Knok, que parecia doido para Arian se mudar. Provavelmente não gostava da ideia de ter outro homem perto da Emily noite e dia.

— Olha, se ainda está se sentindo mal pelo que ocorreu...foi erro meu também, não precisa se forçar a sair — falou Emily, enquanto passava a mão no ferimento do pescoço causado pela espada de Arian, quase cicatrizado. Ela usava um lenço em volta do pescoço a maioria do tempo para cobrir.

— Não, eu...já é hora de começar a me virar, não posso ficar dependendo de vocês para sempre — Tinha a ver com isso também, e o que o pai de Emily disse sobre ele ter que tomar um rumo em algum momento.

Mais tarde, estava em seu quarto improvisado, dentro do estábulo, contando quanto dinheiro já tinha acumulado, até que o cavalo, Ari, relinchando, chamou sua atenção. Arian cuidava dele todo dia, como forma de passar o tempo.

— Não vai sentir minha falta se eu me mudar, Ari?

— É com o cavalo que você vive falando? — perguntou a mãe de Emily, Ariane, aparecendo com um prato de sopa. Arian sempre ficava admirado que, mesmo com quase 40 anos, ela não parecia muito mais velha que Emily. Era curioso como a cor de seu cabelo e olhos castanho claro era comum, mas ainda assim ela conseguia chamar muito mais atenção que a filha. Não apenas pelo rosto, era uma espécie de charme próprio, difícil de descrever.

— É... Ari, nunca reclama dos meus resmungos — mentiu, achando que o chamariam de maluco se dissesse que vê fantasmas.

Ariane se ajoelhou ao lado dele.

— Emily disse que deve se mudar em breve. Não se preocupe com o que o idiota do meu marido disse, ele gosta muito de você, só está preocupado com sua situação vivendo em um celeiro. Se sentir que

não está pronto, fique conosco mais um tempo. E se quiser voltar, sempre será bem-vindo.

Em vez de passar a mão em sua cabeça, como de costume, Ariane o abraçou com força contra os seus vastos seios, o que deixou Arian vermelho de cima a baixo, e <E> furiosa. Ela então o soltou e passou a mão em sua cabeça, como sempre, enquanto seus lábios exibiam um sorriso aconchegante. Arian sorriu de volta, enquanto tentava não chorar. Não fazia ideia do porquê estava tão emocionado. "Será que sua mãe era tão legal quanto Ariene?", pensou.

Logo que ela voltou para dentro de casa, Emily apareceu.

— Ei, Arian, amanhã vou em um encontro com o Knok, que tal esse vestido? — Girou em um vestido azul escuro, feito à mão.

— Parece que a insistência dele finalmente surtiu efeito.

— Como assim? Estamos namorando há um mês, não notou?

Arian ficou olhando para ela com um ar incrédulo.

— Certo, sua criatura pouco observadora, o vestido está bom ou não?

— Está... — mentiu. Não gostava de azul, e o vestido era meio rústico. Conseguia pensar em alguns muito mais bonitos, mas não lembrava onde os viu.

— Só isso?

— Solte o cabelo também, é muito bonito pra ficar sempre preso — completou ele, na tentativa de fugir do assunto.

Emily corou, mas depois fez uma cara triste.

— Mas está meio...

— Comparado ao das mulheres da cidade parece um cabelo muito bonito. Se bem que... está falando com alguém que fica feliz em dormir em cima de palha e ao do lado de um cavalo, não devo ter gostos normais...

Emily deu um tapa na cabeça dele e voltou para casa rindo. Naquele momento, Arian imaginou se tinha uma irmã e possuía um convívio similar com ela. A verdade é que queria juntar dinheiro não para sair daquele lugar, mas para pagar alguém que pudesse sumir com a cicatriz que ele deixou em Emily. Dizem que existiam alguns curandeiros que conseguiam, mas era muito caro. Não desistiu da ideia, mas demoraria mais com seu salário atual.

<E> estava girando na frente dele mostrando o vestido que copiou de Emily. Arian fez um sinal positivo com o dedo e <E> corou, além de dar um sorriso de todo tamanho em resposta. Poucos minutos depois, os dois dormiram.

No dia seguinte, Arian fez sua patrulha sem problemas. Era um serviço fácil, apenas ficava indo de um lado para o outro na estrada que passa pelo centro da cidade, podia ser a cavalo ou a pé. Estava pensando em pegar Ari emprestado amanhã. "Seria bom para ele fazer exercícios... A quem estou enganando, só não quero ficar andando a pé".

A estrada de terra era bem quente, o que levava os guardas a ficarem andando próximos às lojas e casas à beira da rua, em busca de sombra. Aquela cidade era calma, então raramente os guardas tinham o que fazer. Mas no final daquela tarde, um senhor veio correndo avisar sobre algo suspeito que viu, com alguns homens obrigando um casal a entrar em uma construção de pedra abandonada, próximo dali. Arian correu para lá o mais rápido que pôde. Um grupo pequeno de arruaceiros? Ou um grupo de mercenários? Se fosse o segundo teria que pedir reforço... Ou não? No tempo que ficou no grupo de Zack descobriu que mesmo desarmado podia lidar com um ou dois homens normais, sem problemas. Quando chegou lá, descobriu que tinha errado as duas hipóteses.

— Parem com isso! Já disse pra soltarem ela! Zack, por favor! Pare!

Dentro de uma antiga loja abandonada, já sem teto, e com o chão cheio de poeira e folhas secas, dois soldados seguravam Knok, que

se debatia, mas não conseguia se desvencilhar deles. Na frente dele, estava seu primo, Zack, segurando Emily contra o chão, com o vestido, que teve tanto trabalho para fazer, rasgado. Quando viu aquilo, o sangue de Arian ferveu.

— Sua vadia, pare de me chutar. Esse imbecil está com você há um mês e ainda não fizeram nada? Vou ter que mostrar a ele como se faz, aí quem sabe para de se comportar como uma criança.

— Zack, solte ela, agora! — Arian avançou sobre Zack, o empurrando para trás.

Zack se levantou, surpreso, ao notar quem o empurrou. Seu cabelo preto longo, e sempre bem arrumado, ficou todo bagunçado depois dele rolar no chão.

— O que pensa que está fazendo, Arian? É assim que me agradece por ter te subido de patente tão rápido, e aceitado o liberar do meu grupo para a patrulha da cidade?

Arian tentou se acalmar e respirar fundo, nada de bom acontecia quando perdia a calma, já teve mais de uma lição sobre isso no tempo que passou com o grupo de Zack. Tinha que imitar o líder da guarda, Cesar, e fazer as coisas com calma e pensando bastante. Queria socar Zack, mas ao invés disso, tentou falar da forma mais amigável que conseguiu.

— Sou grato a você por isso, mas Emily não te fez nada, e os pais dela estão pagando os impostos normalmente, não tem motivo para fazer algo assim com ela.

— Não acredito... Ela te conquistou também? A conhece há poucos meses, nem sequer é um parente, deixe de ser estúpido e saiba escolher de que lado ficar nessas horas, é seu último aviso, garoto!

Arian continuou parado, encarando Zack, com Emily atrás dele.

— Arian, pegue ela e saiam daqui! — disse Knok, atrás dele, ainda imobilizado pelo capanga de Zack.

— Chega, já perdi minha paciência. Matem esse idiota! — disse Zack para os homens segurando seu primo.

O primeiro deles tirou a espada e avançou contra Arian, enquanto o outro continuou segurando Knok.

Quando a espada do homem desceu sobre ele, Arian desviou instintivamente, agarrou a cabeça dele e prensou com força contra a parede.

Deu para escutar o som do osso quebrando contra a parede de pedra. O homem caiu na mesma hora com o rosto desfigurado.

— O que você... — O guarda segurando Knok parecia assustado, enquanto Zack permanecia olhando para Arian.

Arian olhou para sua mão cheia de sangue e ficou pálido. "De novo não! Ele está morto? Não era minha intenção. Por que sempre acabo fazendo algo assim? Era um assassino antes de perder a memória? E se me expulsarem da cidade por isso...?". Antes que pudesse pensar em mais alguma coisa, Zack correu em sua direção e acertou um soco em seu rosto. Arian mal sentiu, mas estava com medo de revidar. Mataria ele também? E veio outro soco, e outro, estava começando a doer, mas estava assustado demais consigo mesmo para reagir.

Começou a suar frio. Foi quando notou uma espada saindo pela frente de seu abdômen. Estava ficando zozzo. Cuspiu sangue enquanto caía para frente. Ao olhar para trás, viu o soldado que estava segurando Knok retirando a espada que cravou em suas costas, e tinha o atravessado até sair pela barriga. Ele havia nocauteado Knok e acertado Arian com a espada depois.

— Cadê sua coragem agora, Arian? Levante, anda! — Zack o estava chutando no estômago, onde o sangue escorria do buraco da espada. Sendo sádico, sabia como causar a maior dor possível nas pessoas, seja psicológica ou física.

Arian não conseguia respirar direito, estava perdendo a consciência. Como Stuart não estava com eles, Arian achou que Zack seria

intimidado com mais facilidade, mas se enganou. Zack foi na direção de Emily e a agarrou pelo cabelo, enquanto rasgava o resto de sua roupa com a outra mão. Mas de repente, Zack caiu para o lado, Emily tinha acertado a cabeça dele com uma pedra que catou no chão, e ele desmaiou na hora.

Knok tinha acordado e estava brigando com o capanga do seu primo, que acabou fugindo. Foi quando tudo se apagou para Arian.

Quando acordou estava em uma cama, na base da guarda da cidade.

— Qual sua raça, Arian? — O líder da guarda, Cesar, estava cuidando dele.

— Eu...sou humano — mentiu, enquanto tentava ignorar <E> agarrada em seu pescoço soluçando. Provavelmente estava assim desde que ele caiu desacordado.

— Humanos não se curam nessa velocidade ridícula... Quando te achamos, o sangramento já havia parado completamente.

Arian olhou para sua barriga, na tentativa de visualizar o ferimento, mas ela estava toda enfaixada.

— Seus ferimentos ainda não fecharam totalmente, melhor não se mexer muito. Se bem que não sou especialista, isso é mais uma diversão pessoal. Sempre quis ser médico, e como não temos um nessa cidade minúscula, sou sua melhor opção.

— C-certo — disse Arian, ainda intimidado por Cesar ter entrado no assunto das raças.

— E é por isso que recomendei não entrar no grupo de Zack, mesmo ele pagando bem. É um idiota de índole ruim, e lamento dizer, o pai dele é o dono de tudo por aqui, então não adianta reportar o que ele fez. Na verdade, a pessoa que o reportou a você devia ser nova na cidade. Todos os guardas ignoram o que ele faz por aqui. Não que eles sejam ruins... Bem, alguns são, mas a maioria só tem medo do que ele possa fazer com suas famílias — disse Cesar, como

sempre, falando com um ar entediado. Já devia ter passado por situações similares antes.

Knok estava olhando preocupado para Emily. Parecia estar pensando em algo.

— Vocês têm que sair da cidade. Meu primo... Quando ele mete algo na cabeça, ele... Não quero lembrar o que ele fez com as filhas de Tomas Darth. Ele se gabou para mim por dias. Se eu tivesse coragem já teria o matado há muito tempo — falou Knok furioso, apertando os punhos.

— Consegue andar? — perguntou Emily, vestindo uma manta militar, provavelmente emprestada, no lugar do vestido rasgado.

Arian se levantou. Estava com muita dor, mas conseguia se mover.

— Vou pegar dois cavalos para levar vocês para casa, esperem aqui — disse Knok.

Emily estava meio perdida, olhando para frente como se procurasse uma resposta. Na verdade, devia estar procurando as palavras para explicar a seu pai e mãe o que aconteceu e que teriam que sair da cidade.

Arian parecia incomodado com algo.

— O homem que eu matei...

— Ah, sim. Dwane não era de todo ruim, mas a ganância o colocou no grupo daquele psicopata, como muitos. Quando não estava trabalhando ele era bem simpático. A mulher dele morreu há alguns anos, então ele dedicava todo tempo livre para cuidar dos dois filhos... Vou ver o que fazer quanto a eles.

Arian pareceu arrasado com o que ouviu. Cesar olhou para ele, pensou um tempo, e falou:

— Arian, eu sei que é forte, mas nunca deixe isso subir a sua cabeça. Esse mundo é grande, e sempre vai existir alguém mais forte que você por aí, ficar arrogante só vai te levar para o tumulto mais cedo. Não vou contar para os filhos de Dwane os detalhes de

sua morte, até porque, eles saberem que o pai ajudava um sádico a fazer coisas horríveis com as pessoas, não seria uma lembrança boa. Mas evite matar. Isso provoca ressentimentos, e ódio, principalmente. Não importa o qual ruim uma pessoa seja, ela pode ter parentes que vão querer vingá-las. Cada pessoa que você matar, vai ser mais pessoas ressentidas com você se acumulando pelo resto da sua vida.

Depois disso Arian partiu com Knok e Emily. Algumas horas depois estavam na casa dela. Ariane forçou Arian a entrar na casa e deitar na cama deles.

Emily explicou o que aconteceu. Os pais dela na mesma hora começaram a fazer preparativos para sair dali, partiriam de manhã. Arian apagou antes que pudesse escutar mais da conversa deles, que estavam ao lado da cama. Sua última lembrança foi Ariane colocando um pano gelado em sua testa, para reduzir a febre causada pelo ferimento.

— Arian! — Um grito o despertou.

A sua frente, Zack o olhava com um sorriso sádico.

— Olá, Arian. É hora de acordar. Vim entregar seu último pagamento, e não vai querer perder sua festa de despedida...

Capítulo 24 – O Homem Sem Passado - Parte 3 - A primeira vez

Arian notou que seus pés e braços estavam amarrados. Devem ter feito isso enquanto ele estava desacordado por causa do ferimento. Dois homens o pegaram e o arrastaram até a sala da casa, onde Ariane e seu marido estavam lado a lado, cada um imobilizado por um capanga de Zack. Arian não reconhecia alguns que estavam ali. Deviam ser mercenários contratados.

As cadeiras e mesa que ficavam na sala foram retiradas, deixando o local como um enorme quarto vazio de madeira. Havia duas portas: uma era a única entrada e saída da casa, e a outra, dava para um corredor que dividia cômodos. Ambas estavam fechadas.

Stuart, como sempre, devia estar do lado de fora. Como Arian, o guarda costas gigante de Zack sempre odiava ver o que acontecia com quem não tinha dinheiro para pagar os impostos. Durante o tempo que Arian ficou no grupo, os dois sempre ficavam conversando fora das casas, tentando ignorar o que Zack fazia com as pessoas que não pagavam o que deviam.

Knok estava ali também, amordaçado e chorando, enquanto era pressionado contra o chão por um mercenário. No total, eram três guardas pessoais de Zack, três mercenários, e o próprio Zack.

— Por favor, eu lhe dou todo nosso dinheiro, e pode ficar com a casa. Vamos sair da cidade o mais rápido possível. Só nos deixe ir — disse o pai de Emily, Larkar, implorando.

— É... Você de fato não tem culpa sobre nada disso...

Zack ficou encarando Larkar por algum tempo.

— Tudo bem, um pouco de misericórdia apenas para você...

Zack avançou até o pai de Emily e cravou uma faca longa no meio do peito do homem, que não conseguiu reagir, ou sequer falar algo. Ele acertou exatamente no coração. Quando a arma foi retirada, Larkar caiu morto.

— Pai!! Não! — Emily gritou desesperada, enquanto era mantida ajoelhada no chão por um mercenário.

Ariane, sua mulher, não falou nada, as lágrimas em seu rosto eram mais que o bastante para expressar o que estava sentindo.

— Muito bem, com o pobre homem poupado do que iria ver a seguir, é hora de começarmos. — Ele então se virou para Arian. — Me diga, Arian, você reza para algum Deus? Certo, foi uma pergunta idiota. Como o encontraram sem memória, pelo que me falaram, mesmo que o fizesse, teria esquecido — disse Zack, agora se virando para Emily — E você, Emily, reza para quem?

A garota o olhou com raiva, enquanto lágrimas não paravam de correr de seus olhos.

— Não vai responder?

Zack começou a balançar sua faca na frente do rosto de Ariane.

— A-Alizen... — disse a garota, soluçando.

— A deusa dos celestiais... Ela cuida e protege todos que fazem o bem. Essa é a mais comum no Sul. Para ser honesto, eu acreditava nela, muito graças a minha mãe. Mas um dia, meu pai me provou o contrário... — Zack parecia perdido em pensamentos, andando de um lado para o outro da sala enquanto falava. — Eu acho esse serviço de cobrar imposto entediante, e não ligava muito quando alguém dizia que não podia pagar no momento. Ao menos, eu terminava mais cedo, e tinha menos dinheiro para contar. Até que meu pai me deu uma surra, me levou em uma das casas que estavam devendo há meses, e fez coisas com aquela família que parecem absurdas, até para mim hoje em dia. Eu vomitei e me senti mal por dias. Mas o que mais me impressionou, foi notar que ninguém impediu nada que meu pai fez. A mãe daquela família rezou o tempo inteiro, pedindo ajuda, enquanto as duas filhas pequenas eram mutiladas por cachorros na frente dela.

Arian e Emily estavam olhando horrorizados para Zack.

— Horrível, não? Depois eu fui obrigado a imitá-lo, e admito, com o tempo, comecei a me divertir com isso. O propósito é bem simples e lógico: as pessoas que escutam os rumores fazem tudo que podem para pagar em dia. O mais importante, contudo, é que nenhum deus jamais apareceu, não importa o quanto as pessoas implorassem, não importa o quanto rezassem, o quanto chamem seu nome, nenhuma recebeu ajuda. Um dia eu só pude pensar que, esses deuses, se existem mesmo, não devem ligar nem um pouco para nós. Então, Emily, evite perder seu tempo chamando por Alizen hoje, porque eu não acho que será uma exceção.

Zack se agachou na frente de Emily, que estava suando frio, mas tentava manter uma fachada firme.

— Emily, não se preocupe, não é sua vez ainda. Na verdade, eu te pouparia também, mas como o Arian gosta de você, e eu tenho que dar uma lição no meu primo, Knok, não tenho outra opção. Falando nisso, sempre achei incrível como você é comum em comparação a sua mãe... É mesmo filha dela? Seu pai também era bonito... Talvez seja filha de outro homem, não acha? Explicaria muita...

Emily cuspiu no rosto dele antes que terminasse a frase. Zack não se importou, e limpou o rosto usando um pedaço do vestido de Emily.

— Bom, vamos continuar. Homens, façam o que quiserem com a mãe. Mas vão com calma, e cuidado para não a matarem rápido. Não queremos poupar esse garoto de aprender uma lição.

O homem que estava segurando o pai de Emily foi na direção de Ariane. O outro, que estava a segurando, forçou o corpo da mulher contra o chão, enquanto rasgava seu vestido com uma pequena faca.

— Zack, sou eu que você quer, deixe ela em paz... Só me mate! — disse Arian, desesperado, e sem saber o que fazer. <E> estava a seu lado balançando a cabeça ferozmente, contra sua proposta.

— Está louco, garoto? Te matar seria um ato benevolente. Acho que nunca viu como eu trabalho. Quem mandou ficar do lado de fora

batendo papo com o Stuart, em vez de aprender algo. — Zack chegou perto dele e falou com calma. — O que vai acontecer a partir de agora é o seguinte: vou deixar você ficar aí vendo o que vão fazer com essa mulher, que você, provavelmente, já preza bastante. E depois vou fazer algo ainda pior com Emily, o que vai ser um bom aprendizado para o meu primo também. Depois que você tiver visto o bastante, eu vou te levar na forja, arrancar seus braços, suas pernas, língua, e cauterizar, afinal, não quero que você morra. Se você morrer a dor acaba, e não vai poder lembrar pelo resto da vida o que aconteceu aqui, por sua culpa! Parece bom o bastante para você?

Arian ficou pálido, mas desviou os olhos de Zack ao escutar os gritos de Ariane. Os dois homens de Zack já tinham arrancado toda a roupa dela. Emily estava gritando e chorando, e Knok desesperado, se debatendo, enquanto a mulher tentava resistir usando os braços e as pernas, e apanhava dos homens em cima dela. Arian tentou se soltar, mas a corda não cedia.

Ariane mordeu o braço de um dos homens em cima dela, que deu um urro de dor. Furioso, ele começou a levar socos ao rosto de Ariane repetidamente. Pedacos de sua pele e dentes sujaram a madeira em volta de seu corpo, até que, com o rosto todo desfigurado, ela parou de resistir.

Arian gritava e tentava se mexer desesperadamente, mas era em vão. Sua mente estava um caos de pensamentos, enquanto via a mulher que o ajudou, e tratou como um filho, com o rosto cheio de sangue, e aqueles dois homens fazendo o que queriam com ela. Lágrimas corriam dos seus olhos vendo o sofrimento da mulher. Ele estava gritando algo, mas não sabia mais nem o que era. Foi quando desistiu e fechou os olhos.

— O que pensa que está fazendo Arian? Abra esses olhos!

— Zack, não! — gritou Knok.

Logo depois Arian escutou gritos agonizantes de Emily, e abriu os olhos. Zack estava usando sua faca para escrever seu nome na

barriga da garota, enquanto cortava sua pele lentamente.

— Cada vez que você fechar os olhos eu vou escrever em uma parte do corpo diferente. Então acho melhor ficar de olhos abertos, amigo. Não fiz esse show para você ficar de olhos fechados perdendo tudo.

Os dentes de Arian estavam trincando, e ele podia sentir a pulsação de seu coração pelo corpo todo. Ele queria ajudar Emily, ele queria matar aqueles dois em cima de Ariane, ele... foi quando sua mente virou uma confusão de pensamentos, que acabaram se dividindo em 2 vertentes...

“Faça alguma coisa, você é mais forte que esses dois que estão te segurando, se levante! ”

“Mas como? Eu já tentei, eu não consigo...”

“Ou talvez consiga, e só está hesitando, com medo de matar alguém de novo devido ao que Cesar te falou...”

“Não, eu...”

A imagem do homem que ele matou no beco voltou rapidamente a sua mente, assim como os dois que decepcionou a cabeça. Ele então imaginou os filhos deles, chorando. Estava suando frio e suas mãos começaram a tremer. Quanto mais pensava, mais confuso ficava.

Os gemidos de Ariane, e gritos de Emily, o estavam enlouquecendo. E o rosto de sofrimento das duas... Arian não conseguia mais ver aquilo, e por reflexo fechou os olhos, sem pensar.

“Abra os olhos seu covarde, olhe o que estão fazendo com essa mulher na sua frente, ela vai morrer, e a culpa vai ser sua! ”

— Você não aprende mesmo... — Era a voz de Zack.

Arian abriu os olhos rapidamente, mas Zack não parou. Ele agarrou Emily pelo cabelo e cortou a coxa dela, novamente escrevendo seu nome. Knok espumava, Emily gritava, e Arian só observava, com olhos sem vida e pálido, sabendo que em parte, aquilo era culpa sua.

“Eu não queria, eu...”

“Essas duas vão morrer porque você não quer ter mortes nas suas mãos! Quantas mortes de inocentes quer carregar na sua consciência, por não ter coragem de matar um grupo de estupradores? ”

“As cordas, não consigo arreventá-las... Talvez se eu pular para trás... Mas... E se eu acabar matando Emily e Ariane no meio da confusão? E se esses homens tiverem família? ”

A lembrança do dia que cortou de leve o pescoço de Emily veio rapidamente à sua mente, mas na visão que teve, ele não conseguiu parar a tempo, e a cabeça da garota foi separada do corpo.

“Todos vão morrer se não fizer nada! Pare de se lamentar! Se não tem coragem de fazer nada, eu faço! Me deixe sair! ”

“Eu... Não... É muito arriscado...”

Os gritos de dor de Ariane pararam. Um dos homens em cima dela estava a estrangulando. Ela não conseguia mais falar.

— Parem com isso, ela vai morrer! — disse Arian, desesperado.

O rosto dela foi ficando roxo, e depois branco, até que as lágrimas pararam e seus braços ficaram moles. Estava morta.

— Esse seu fetiche por estrangulamento durante o sexo é doentio Duene. Que desperdício... — disse Zack, observando.

Arian parou de forçar a corda prendendo seus braços, estava sem forças, sem vontade, só queria morrer logo. Foi quando chegou a vez de Emily, e seu desespero voltou, enquanto lágrimas continuavam a correr de seus olhos.

— Agora, o prato principal — Zack agarrou Emily pelo cabelo e a arrastou até o meio da sala, enquanto a garota gritava. Cada vez que ela tentava reagir ele dava um soco no rosto dela, que acabou parando de resistir com o tempo. Knok se debatia, mas era em vão.

Arian, por outro lado, mal se mexia, mas parecia estar agonizando por dentro, para o prazer de Zack, que estava fazendo tudo enquanto olhava para ele.

Zack rasgou a roupa de Emily com sua faca, e depois cravou a arma no piso de madeira. Enquanto isso, a garota olhava chorando na direção de Arian. Não saiu som, mas o modo que os lábios se moveram deixava bem claro o que ela disse.

— Vai f-icar t-tudo bem...

Arian arregalou os olhos. Um choque passou pelo seu corpo e a imagem de uma mulher veio à sua mente. Não conseguia ver seu rosto, estava embaçado, mas ela disse a mesma coisa que Emily, enquanto ele só podia chorar de terror.

“Me deixe sair! ”

Tudo se apagou para ele. Não havia mais dor, angústia, culpa, só o silêncio, e sua mente analisando a sala com calma pela primeira vez. Mais importante, não havia mais dúvida nele.

Os dois homens que estavam segurando Arian voaram para trás quando ele levantou com toda força que tinha. Depois pulou na direção de Zack, o acertando com a cabeça. Ele foi lançado contra a parede.

— Matem ele! — disse Zack, furioso, enquanto tentava parar o sangramento do seu nariz.

Emily correu até a porta, mas foi parada por um dos homens de Zack. Os outros dois, que estavam com Ariane, vieram em direção a Arian, com espadas em punho.

Arian usou a faca que Zack havia cravada no chão, para soltar suas mãos, cortando a corda, ao mesmo tempo que os dois homens que estavam com Ariane, chegavam com suas espadas pela sua frente. Os dois que ele jogou para trás, quando se levantou, também estavam vindo em sua direção. Arian rolou para o lado e desviou dos golpes, usando a faca de Zack para cortar a corda prendendo suas pernas logo depois.

Quando se levantou, os homens pararam. Arian não sabia a expressão que estava fazendo, mas devia ser algo estranho o bastante para os fazer hesitar.

— Venham! — chamou Arian.

Um dos homens foi na direção dele, Arian desviou de sua espada e cravou a faca que tinha em mãos na garganta do homem. Depois correu na direção do outro, mais separado do grupo, agarrou sua cabeça e a explodiu contra a parede de madeira da casa. O outro veio em sua direção usando uma espada e escudo. Arian desviou do golpe, tomou a espada do homem, agarrou sua cabeça e prensou contra o chão, até o crânio explodir. O quarto homem se virou e correu. Arian arremessou a espada em sua mão nas costas dele, que caiu no chão. Arian foi até ele e esmagou sua cabeça com o pé. Depois pegou a espada cravada nas costas dele de volta.

— Stuart! — gritou Zack, acuado em um canto da sala, chamando desesperado pelo seu capanga mais competente, que estava do lado de fora da casa.

Só restavam Zack, o homem segurando Emily, e o homem segurando Knok. Quando Arian o encarou, o que estava com Emily a soltou e correu para a porta.

Arian arremessou a espada em sua mão, acertando o meio das costas do homem, que ficou preso a parede de madeira, agonizando. Em seguida, o que estava com Knok correu até a porta, mas foi parado pelo próprio Knok, que se jogou em cima dele. Arian trancou a porta e foi na direção de Zack, que estava com o rosto sangrando gritando por Stuart, em um canto da sala.

Zack entrou em posição ofensiva, e usando a espada que tinha na cintura, atacou Arian, que desviou do golpe, agarrou seu braço e torceu, até ele soltar a espada e cair de joelhos gritando. Não tinha mais tempo, Stuart iria entrar ali a qualquer momento. Torceu até escutar o estalo dos ossos do braço de Zack, que deu um berro. Arian então pegou a espada de Zack e cravou no ombro dele, o atravessando e prendendo a parede da casa. Ia falar alguma coisa,

mas antes que pudesse a porta foi arrombada, e um homem de mais de 2 metros com armadura completa, espada e escudo, veio na direção dele.

Arian tentou desviar, mas escorregou no sangue em baixo dos seus pés, e foi arremessado contra a parede pelo escudo de Stuart.

Sentiu uma pontada de dor muito forte na barriga, o ferimento tinha reaberto. Estava ficando zozzo. Como iria lidar com aquele gigante? Não era humano, e tinha tanta, ou mais força que ele, pelo que observou durante o tempo que ficou no grupo de Zack.

Ele veio novamente em direção a Arian, que pulou para o lado, pegando as armas mais próximas que viu, dois escudos, um em cada mão. "Por que pegou aqueles escudos sem nem pensar? Sabia lutar usando aquilo?", pensou rapidamente.

Arian desviou de outro golpe, e depois avançou na ofensiva, dando um salto e acertando os escudos contra o peitoral da armadura de Stuart. O gigante foi jogado para trás, mas logo recuperou a postura, e olhou com uma expressão triste para Arian.

— Lamento por tudo isso Arian, mas como sabe, não tenho opção, ele faria a mesma coisa com a minha família...

— Matá-lo resolve o seu problema... — disse Arian, lentamente. Estava cansado, falar era difícil.

— Não, o pai dele é muito pior, e foi ele que me contratou para tomar conta do filho.

Stuart correu contra Arian, que desviou do primeiro golpe de espada, mas foi acertado pelo escudo do gigante, que abriu um corte na lateral do seu abdômen. Não esperava que Stuart soubesse usar o escudo de forma ofensiva. De novo, um ataque com a espada seguido pelo escudo. Arian usou os dois escudos que estava segurando para se defender, enquanto esquivava com dificuldade. Estava mais lerdo que o normal, e sua visão ficando embaçada.

Sua respiração se tornava cada vez mais ofegante, e sangue estava saindo de sua barriga, enquanto um mal-estar tomava, lentamente,

conta do seu corpo. Felizmente, não estava sentindo dor alguma, só raiva de si mesmo por ter demorado tanto para decidir fazer algo. Foi quando notou que sua atenção estava o tempo todo voltada para as juntas da armadura de Stuart, sua mente estava lhe dando a resposta para o problema desde o princípio. Não sabia como, mas não importava.

Arian saltou na direção de Stuart, mas ao invés de atacá-lo de frente, desviou do golpe de espada, e foi para as costas dele, acertando a parte de trás do seu joelho, onde não havia armadura.

O homem berrou de dor e caiu, ajoelhado. Assim que o fez, Arian usou o outro escudo para tentar acertar seu pescoço, onde também não havia proteção. Mas Stuart se levantou com um urro de dor e conseguiu impedir o golpe.

Ele e Arian se afastaram alguns metros, no máximo de distância que a sala permitia. Estava quase caindo de joelhos, e respirando com dificuldade. Não tinha muito tempo, ou acabava com aquela luta ou iria perder sem Stuart ter que fazer nada.

— Seja qual for o resultado disso, foi bom conhecer você, Arian. Eu realmente lamento por tudo que teve que passar — disse Stuart, tirando seu elmo. Os olhos dele estavam avermelhados, e lágrimas corriam de seu rosto.

O gigante avançou. Arian novamente desviou dos golpes e acertou a junta atrás do joelho. Stuart tentou evitar, mas estava mais lerdo, devido ao joelho ferido anteriormente. Ele caiu de novo. Arian então mirou em seu pescoço, mas era só um blefe, quando ele tentou se proteger, Arian usou o escudo para acertar a junta do braço. Stuart soltou a espada com um grito estridente, e veio com o escudo mirando a cabeça de Arian. Ele desviou e acertou a junta do outro braço, que soltou o escudo. Depois voltou com os dois escudos na direção na cabeça de Stuart. Ele bloqueou com seus braceletes, mas o impacto o fez cair para trás.

Arian pulou em cima dele e começou a acertar sua cabeça com o escudo, enquanto ele tentava se proteger, até que o braço cedeu, e

Arian cravou a ponta do escudo em seu pescoço. O homem começou a agonizar, mexendo os braços de forma desesperada, enquanto sua boca pronunciava palavras incompletas.

— D-desp.. Arg... cul..

Arian não parou. Acertou o pescoço com o escudo de novo, e de novo, e de novo. Sangue voava para todo o lado pela veia aberta no pescoço do homem, até que seus braços caíram para o lado. Estava morto.

Com sangue cobrindo todo seu corpo, Arian soltou os escudos e olhou a sua volta. Emily estava o olhando assustada, enquanto se agarrava ao corpo de sua mãe. Knok ainda estava brigando com o homem que o estava imobilizando anteriormente. Arian foi até ele, agarrou o homem e quebrou seu pescoço, como se fosse um brinquedo. Knok o estava encarando de forma estranha. Ele falou alguma coisa para Arian, mas ele não conseguia escutar, estava tonto, e só tinha uma coisa em mente. Foi na direção de Zack, que gritava para ele, desesperadamente.

— Se me matar, meu pai vai acabar com todos vocês, e com essa vila, ele vai matar todo mundo!

Arian respirou fundo, tentando parecer o mais calmo que pode.

— Está louco? Quem falou em... matar...?

Os olhos de Arian não mostravam raiva alguma, ele parecia um corpo sem vida encarando Zack, que continuava gritando. Ele então deu vários socos na cabeça de Zack, mas não fortes o bastante para matá-lo, ou fazê-lo desmaiar, só queria o deixar tonto, como ele fez com Emily. Quando ele estava começando a querer desmaiar, arrancou a espada de seu ombro. Zack gritou de dor.

— Agora... O que você disse que ia fazer comigo mesmo?

Os olhos de Zack gelaram perante a figura coberta de sangue na sua frente. Knok estava puxando Arian e falando alguma coisa, mas ele não escutava, e apenas empurrou Knok, que foi jogado contra o chão.

Arian arrastou Zack pelos cabelos e desceu para a forja, onde Zack gritou de dor até desmaiar. Arian fez questão de executar tudo que Zack disse que ia fazer com ele. Quando saiu de lá sozinho, Emily e Knok vislumbraram Zack, desmaiado no chão de pedra da forja, sem os braços e as pernas, cauterizados por brasa, e sangue escorrendo no meio das pernas.

— Acho que... Ele não vai mais conseguir coletar impostos.. Nunca mais...

Depois de dizer isso, sorrindo, Arian caiu de joelhos, não havia mais força alguma em seu corpo. Ele então começou a rir, mas não sabia exatamente o porquê. Depois começou a socar o chão com força, até ficar com o punho em carne viva. Mas sentir dor não o ajudou...

— Por quê? Eu vinguei eles... Por que ainda estou me sentindo assim...? Maldição!

Arian abaixou a cabeça em direção ao chão ao notar que estava chorando. As lágrimas não paravam, por quê? Ele vingou Ariane e Larkar, então por que se sentia tão patético, tão impotente? Por que não sentiu satisfação no que fez com Zack? Foi então que as imagens de tudo que fez e presenciou começaram a vir para sua mente em cascata. Arian então vomitou.

Emily e Knok foram até ele e tentaram levantá-lo. Diziam algo, mas ele continuava sem conseguir escutar, até que tudo se apagou. Um tempo depois, acordou com uma voz conhecida.

— Saiam daqui, rápido, peguem o cavalo e vão! Quando o pai dele descobrir não vai descansar até matar todos vocês. Andem logo! Eu vou fazer algo quanto ao Zack.

Um homem o estava puxando, era Cesar, o chefe da guarda. Ele o levou até a carroça do pai de Emily, junto de um saco com várias de suas roupas e sua espada. Ele parecia estar com muita dificuldade em carregar a espada.

— Sigam para Eleonor, mas evitem a estrada principal, assim que descobrir o que aconteceu ele vai mandar um exército atrás de

vocês. Cuide deles, Knok, Arian perdeu muito sangue, não está em condições de fazer nada no momento. Vão, andem!

Arian olhou para si mesmo, confuso, estava todo sujo de sangue, e sua barriga doía muito. <E> estava em cima dele. Parecia preocupada. Foi quando as imagens de Ariane voltaram a sua cabeça, mas não lembrava de quase nada depois daquilo, sua memória estava toda picada. O que aconteceu? O que ele fez? Antes que pudesse pensar em mais alguma coisa, desmaiou.

Capítulo 25 – Lâminas Espirituais

O grupo de Joanne estava seguindo fazia algum tempo uma estrada pequena de terra, com espaço apenas para duas carruagens lado a lado. De vez em quando passavam por alguém, geralmente andando a cavalo ou usando uma carroça. Comparado as estradas principais do Sul, que tinham espaço para quatro a seis carroças lado a lado, e estavam sempre cheias de gente indo e vindo, essa era bem calma.

— Que calor infernal... Bem que podia chover um pouco, para variar... Onde estamos, Jon? — perguntou Joanne, se virando para o garoto que estava lendo um livro dentro da carruagem.

— À esquerda fica a Floresta de Ark, daqui até a cidade de Amira o caminho mais seguro é usar a estrada que beira a floresta. Vai ter uma encruzilhada mais à frente, é só seguir reto nela. Dizem que não tem muitos problemas com amaldiçoados por aqui, os licans matam a maioria dos que se aproximam da floresta — Jon falou isso só apontando com um dos braços, seus olhos continuavam no livro que estava segurando com uma das mãos.

— Licans? — questionaram Zek e Irene, ao mesmo tempo.

— Sério...? — disse Jon, meio incrédulo.

— Elas foram criadas desde que nasceram na Torre de Luz, não usamos esse termo por lá, você só sabe porque leu em algum livro — disse Joanne, defendendo as duas.

— Certo... É um dos nomes usados para os humanoides meio-animais. Lobisomens, ou meio-lobos, são os mais famosos, deles já devem ter ouvido falar... Pensando agora, imagino por que chamam assim... Demônios também podem ser infectados. Aí seriam Lobidemos...? Isso foi estúpido... De qualquer forma, a maioria dos que não podem se controlar para viver em cidades do sul, se refugiam nessa floresta. Dizem que são pacíficos a maior parte do tempo, e ainda mantem a população de amaldiçoados e vampiros controlada.

— Espera, eu li sobre isso... Mas os vampiros não vivem de forma pacífica na cidade mais bonita do centro do continente? — questionou Irene.

— Moonsong? Aqueles são outro tipo de vampiros, eles nascem vampiros, não são transformados. Os transformados, em sua maioria, são extremamente perigosos... Ao menos foi o que li, nunca vi um...

— Não gosto disso... Daqui até Amira é difícil ter problemas, mas de Amira a Sunkeep beirando a floresta amaldiçoada... Tem tanta coisa ruim naquela área que nem sei por onde começar... E os malditos de Distany não deixam ninguém cruzar pela cidade... Espera... — Dorian se virou para Arian. — Ei, poderoso 7º taradão dos orelhudos, não consegue que nos deixem passar por Distany?

— Não vejo problema... mas a floresta que fica na saída norte é bem fechada, não poderemos usar cavalos. Vai aumentar o tempo de viagem em 2 a 3 semanas — respondeu Arian, com um olhar distante. Estava a alguns metros à frente da carruagem, com Kadia a seu lado.

— Então vamos seguir o caminho planejado. Lara está carregando um item que drena ela, física e mentalmente, quanto mais tempo ficar carregando aquilo maiores as chances de algo dar muito errado.

— Algum problema? — perguntou Kadia, ao notar que Arian estava meio pálido.

— Eu não lembrava de quase nada entre o momento que Emily foi pega por Zack, até eu acordar na carroça e sairmos daquela cidade. Emily me contou o que aconteceu, mas reviver aquilo deixa uma sensação bem diferente...

— Aquilo foi estranho mesmo. A impressão era que a memória era sua, mas ao mesmo tempo não era.

— Acho que é mais ou menos isso... Eu...preciso de mais um tempo, eu tento explicar depois. Ao menos descobri algo novo graças a

você, apesar de não ser bem o que queria...

— Ainda tem problemas em matar pessoas?

<E> tinha desistido de tentar tirar a mão dela de Arian, e agora estava só a observando com uma cara emburrada.

— Você se acostuma... Mas meu problema era diferente, eu tinha medo de acabar matando quem eu gostava sem querer, quando meu corpo começava a se movimentar sozinho em combates... Nunca esqueci o que Cesar falou sobre acumular ressentimentos também... — Foi quando Arian notou que Kadia estava olhando de um lado para o outro da estrada, na direção da floresta que os cercava, e não mais prestando atenção no que ele dizia. — Ei, o que você...

— Detectei algo interessante...

Enquanto dizia isso, Kadia olhou para o seu Falcão negro, pousado sobre os pertences dela, na traseira do cavalo, que abriu voo e começou a rodar sobre a área em que eles estavam.

— A propósito, Arian, alguém já te disse que às vezes você fala igual um velho?

<E> olhou para ele com uma expressão de "concordo", para a surpresa do mesmo. Arian riu.

— Já... E que não sou divertido... Acho que isso acontece quando apagam a sua infância... Eu perdi 14 ou 15 anos, nunca soube exatamente minha idade.

— Pelo menos você tinha um fantasma particular, eu queria alguém pra conversar assim o tempo todo.

— Não sei se ia gostar tanto, ainda mais quando seu fantasma te impede de se aproximar de qualquer pessoa do sexo oposto.

— É sério...? Você é...?

Arian não respondeu, fez uma cara de desagrado enquanto olhava para frente. Estava encarando <E>. Kadia começou a rir sem parar.

— Vocês dois, falem baixo, não queremos chamar atenção — falou Joanne da carroça para os dois à sua frente. Marko e Dorian seguiam cada um de um lado da carruagem.

— Ela está colhendo informações sobre você — disse Kadia, olhando para a carruagem atrás deles.

Lara estava falando com Marko da janela da carruagem. Joanne reclamou no início, mas acabou deixando para lá. Jon e Zek estavam conversando algo, e Irene olhando a paisagem.

— Lara? Sabe algo sobre ela?

— Não, mas ela parece realmente saber sobre você. E não tem uma personalidade muito boa pelo que notei, cuidado com o que ela diz...

— Não consegue ler a mente dela.

— Sua falta de delicadeza é assustadora...

— Sempre escuto isso também. Chato e rude... Me pergunto se as mulheres só se aproximam de mim por curiosidade... Calma, não estou falando de você <E>, você só deve ter mau gosto mesmo.

— Pare com isso, odeio pessoas se auto depreciando... E não posso ler a mente de nenhuma delas, foram treinadas para bloquear. Ficam pensando em um bando de coisas superficiais sem nunca se concentrar em nada importante perto de mim. Mas a Irene parece interessada no Marko... Já a Zek...

Kadia se distraiu ao notar que Marko estava olhando para ela com um sorriso na cara e piscando.

— Acho que ele te ouviu... — disse Arian.

— Estamos chegando a uma encruzilhada, se preparem para uma possível emboscada — disse Joanne.

— É possível, estão nos cercando faz algum tempo, mas acho que vão esperar uns dias — sussurrou Kadia.

— Como é?! — respondeu Arian, assustado, olhando para os lados. <E> ficou em pé nas costas do cavalo e começou a olhar de um

lado para o outro empolgada.

— Para com isso! Disfarça... Não vão nos atacar por enquanto, estão esperando o resto do grupo, então deve demorar uns dias.

— Como pode estar tão calma?

Kadia fechou os olhos, como se estivesse se concentrando em algo.

— Tem só 12 deles, 5 arqueiros e 7 com armas de curta distância. Estão bem perto até, tem uma trilha na floresta à nossa volta.

— Você lê mentes ou tem visão em área?!

Arian estava olhando para ela perplexo.

— Não comprei o Nostrobulinous só por achar ele fofinho.

— Nostro o quê?!

Kadia apontou para cima, onde o falcão negro de Kadia ainda estava voando em círculos sobre a área.

— Posso entrar na mente de animais e ver o que estão vendo, é bem mais fácil do que com humanos. Posso ver tudo a nossa volta a uma distância enorme através dele.

— Deviam estar te pagando mais, deve ser a pessoa mais útil desse grupo... Não, espera, como disse que o pássaro se chama?

— Nostrobulinous.

Arian e <E> olharam para cima ao mesmo tempo, encarando o belo falcão de Kadia, com uma expressão de pena estampada em suas faces.

— Acha feio?

— Feio não descreve o que eu acho... — disse Arian, tentando não rir. Já <E> não era tão educada, estava rindo sem parar.

Kadia olhou para ele emburrada.

— Certo... Que nome daria então?

— Nost, me parece menos... humilhante?

— Que nome sem graça! E eu já dei um nome mais curto que o de costume, meu antigo pássaro tinha um nome bem maior.

— Pobre infeliz...

Depois disso, Kadia fechou a cara e não falou mais com ele por um tempo. <E> ficou entediada durante a tarde, então Arian teve que fazer algo que detestava, já que o deixava parecendo um louco para as pessoas à sua volta. Tirou um livro pequeno de uma bolsa, nas costas do cavalo, e o abriu na sua frente. De tempos em tempos passava a página, sem olhar para o livro. <E> adorava ler, mas não podia passar as páginas sozinha. Arian sempre carregava alguns livros com ele por isso. Ela lia qualquer coisa, desde manuais a contos. Arian propôs que ela ficasse bisbilhotando o que Jon estava lendo, mas pelo que entendeu da gesticulação da garota, ele lia e passava as páginas rápido demais, e ela não conseguia acompanhar.

Quando caiu a noite, pararam em uma clareira, à beira da floresta de Ark, perto da estrada. A carruagem ficou encostada perto de uma árvore larga de uns 30 metros de altura, bem no meio do local.

— Não era melhor termos ficado na estalagem daquela cidadezinha pela qual passamos faz algum tempo? — perguntou Dorian.

— Quero avançar o mais rápido possível, e aquela cidade é perigosa, só vale a pena pararmos em cidades protegidas por militares. — disse Joanne. — Muito bem, divisão de turnos para vigília em grupos, Kadia e Arian pegam o primeiro, Lara e Irene o segundo...

Lara soltou um resmungo sonoro nessa parte.

— Desista, não vou te colocar com ele. Marko e Dorian o terceiro, Jon, Eu e Zek o quarto.

— Eu não... ai!

Arian ia falar algo, mas Kadia o beliscou, o que ele interpretou como sinal para ficar quieto. Lara parece ter ficado incomodada com a intimidade dos dois, mas estava vermelha demais, graças ao comentário anterior de Joanne, para fazer qualquer coisa. Jon, por

outro lado, estava com um sorriso de orelha a orelha, e Zek parecia feliz também.

— O que ia dizer? — perguntou Joanne.

— Deixa pra lá.

— Muito bem, eu vou cozinhar algo e vamos dormir.

Logo depois de Joanne dizer isso, Lara, Zek, Irene e Jon fizeram uma cara horrível.

— Não precisa, Joanne, eu mesmo faço, vai descansar — disse Jon.

— Eu estou bem, fiquei sentada o dia todo, preciso fazer algo para me distrair — argumentou a líder do grupo, enquanto tirava utensílios de cozinha da carruagem.

Jon desistiu e fez um sinal de negativo para Lara, Irene e Zek, todas com uma cara de decepção. Kadia estava observando o grupo com curiosidade.

— Acho que ela não cozinha muito bem...

— Não precisa ler mentes para entender... — disse Arian. — E bem, sempre tem a opção da razão militar

— Não deixe a cara feia deles te assustarem, eu não cozinho tão mal assim... Na verdade acho que o problema está no paladar deles... E não, Arian, pare de olhar com essa cara pidona para Lara, proibi ela de te revelar qualquer coisa até chegarmos na metade do caminho. Metade das informações que ela sabe quando chegarmos à Amira, e a outra metade em Sunkeep. E não adianta resmungar, Lara diz que você é confiável, mas o que ela lembra é de você na infância, prefiro ter garantias de que vai ficar conosco até o final da viagem.

Arian se sentiu nos tempos de guild levando sermão da líder do grupo. Foi desagradável e nostálgico ao mesmo tempo. Pouco depois, comeu a pior carne de coelho de sua vida. Considerando o fato que ele quase não sentia o gosto do que comia atualmente, aquilo deveria estar ainda pior para os outros. Joanne não sabia usar temperos, ou misturava tudo por puro teste, gerando uma

aberração, que para piorar, estava tão bem passada que a carne ficou seca.

<E>, como sempre, nas refeições, estava com uma expressão triste, por não poder provar nada.

— Acredite <E>, não está perdendo nada dessa vez... — falou Arian baixinho, fazendo uma careta para a carne que estava comendo.

— Não! Lamento, até a ração militar é mais saborosa... — disse Marko, virando uma garrafa de vinho na boca, na tentativa de limpar o gosto ruim da comida.

— Está bêbado, Marko?

— Senhorita Joanne, com todo respeito, estou sempre bêbado! Mas mesmo meu paladar afetado pela bebida não vai conseguir digerir isso — disse ele, que logo depois ficou de pé e pegou seu machado — Vou caçar algo, quem vem comigo? Arian?

— Não obrigado, na última vez que cacei algo com você, quase cortou meu pescoço tentando acertar um cervo a distância.

— Eu vou, mas se o que o tarado por orelhudas disse é verdade, você fica na frente, Marko — disse Dorian.

— Irene, vá com eles. Sei que detesta minha comida, embora nunca seja honesta o bastante para falar.

Irene se levantou envergonhada e seguiu Dorian e Marko, que se embrenharam na floresta.

Voltaram com vários coelhos algum tempo depois. Marko estava falando alguma bobagem para Irene, enquanto Dorian dava risada.

Mais tarde todos foram dormir, enquanto Kadia e Arian começavam o turno de vigília, comendo o que restou dos coelhos que Marko pegou.

Sentaram em uma pedra, segurando suas armas na frente do corpo. Próximo deles estava uma enorme árvore, a qual a carruagem estava usando de cobertura. Tinha algumas árvores menores aqui e

ali, mas era um campo bem aberto, e dava para ver a estrada. Dorian estava em um saco de dormir embaixo da carruagem, as mulheres dividindo o espaço interno. Jon estava deitado no banco do cocheiro, tentando ler um livro usando uma vela. Zek se ofereceu para produzir luz com magia, mas ele recusou, dizendo que ela precisava dormir. Marko dormiu encostado na árvore gigante perto deles.

— Por que me impediu de falar com Joanne? — questionou Arian, olhando para Kadia.

— Você ia dizer que podia ficar mais tempo de guarda porque só precisa dormir metade do tempo de uma pessoa normal. Posso ler seus pensamentos superficiais sem tanto problema se encosto em você. Tenho uma ideia melhor de como podemos gastar esse tempo.

Arian fez um olhar de surpresa.

— Com o que exatamente...?

— Pare de pensar besteira! Mais tarde te conto. Posso continuar lendo sua mente enquanto estamos aqui?

— Não, se eu lembrar o resto agora não vou conseguir dormir.

— Sobre o que vamos conversar então?

— Já que está vasculhando meu passado, que tal me contar um pouco do seu.

Kadia olhou meio surpresa para Arian.

— Me parece justo... Posso pular as partes ruins? Também quero ter um sono tranquilo.

— <E> parece querer ouvir as partes ruins, mas acho que é só para te ver mal a noite mesmo... Conte o que preferir.

— Eu vim parar aqui por um portal. Eu tinha o equivalente a 16 anos na época.

— Está com quanto agora?

— Quanto eu pareço?

— Uns 20?

— Passou longe...

— Sua raça é como os elfos também?

— Não sou imortal como eles. Mas minha raça vive umas 20 vezes mais que os humanos.

— Então sua idade é...?

— Nunca disse que iria contar... — disse com um sorriso desafiador.

Depois disso, Kadia começou a falar sobre suas aventuras nos primeiros anos depois de vir parar naquele mundo, as pessoas estranhas que conheceu, e o que tinha feito de mais interessante. Também falou bastante de um humano que a ajudou quando tinha recém-chegado. Seus choques culturais devido a hábitos bem diferentes dos povos dos dois mundos foi a parte mais interessante, já que o resto ela superava sem grandes problemas lendo as mentes das pessoas à sua volta. Quando ela começou a falar dos cavalos do seu mundo em comparação ao dos humanos, os olhos de Arian brilharam. Começou a encher ela de perguntas, principalmente sobre os Nightmare, uma raça muito rara, originada do abismo, ou quarta dimensão negra, como chamavam o mundo de Kadia.

Quando veio a troca de turno, foram dormir, ambos encostados em uma árvore, perto de Marko.

Pouco tempo depois, acordaram, e se afastaram um pouco do grupo, para não acordar quem ainda estava dormindo.

— Já dormiram o bastante? — perguntou Jon, que estava de guarda com Joanne e Zek.

— Metade do que uma pessoa normal dorme é mais que o bastante para mim — disse Arian.

— O mesmo aqui — disse Kadia.

— Aonde vão? — perguntou Joanne.

— É hora da minha revanche — respondeu Kadia.

Na verdade acabou virando mais um treino, com Arian ensinando à Kadia as bases para usar uma espada direito, e posicionamento de pernas. Algo que ela admitiu nunca ter se preocupado até ali, já que a vantagem de ler mentes era o bastante para ganhar de quase qualquer pessoa.

Assim que acordou e viu os dois, Lara foi correndo até eles, dizendo que queria treinar também. Na verdade parecia que ela só queria ter o prazer de dar uma surra na Kadia com Arian olhando. Lara tinha mais técnica, e estava desviando dos golpes da demônio com facilidade, que parecia confusa tentando aplicar o que Arian lhe ensinou. Ela parecia mais lenta e fraca que o normal também. Seria a proximidade com a espada congelante de Lara, ou era alguma magia que a garota estava usando? O guardião não tinha certeza.

Embora sua arma não fosse afetada, toda vez que a espada de Kadia era defletida pela de Lara, uma forte luz branca saía da arma e jogava um vento gelado em sua direção. Kadia se irritou e começou a usar seus poderes ao máximo para ler a mente de Lara, que começou a xingá-la de trapaceira. Arian achou curioso como ela revelou seu segredo sobre ler mentes de forma tão fácil, bastou deixá-la nervosa.

— Para de tentar entrar na minha cabeça! — gritou Lara.

— Troca para uma espada normal então... Melhor, Arian, me empreste a sua, aí a luta vai ficar justa.

— Não é uma boa ideia... — disse ele.

— Se quer tanto uma, pode ficar com a minha — disse Lara, jogando a espada, que cravou no chão, a frente de Kadia.

Kadia hesitou por um momento, ao notar que Lara estava com um sorriso maligno no rosto.

— Kadia não...

Antes que Arian pudesse terminar a frase, Kadia não resistiu e agarrou o punho da espada. Assim que ela encostou na arma, a luz do cristal azul da espada perto do punho brilhou, um grito aterrador de um animal se fez ouvir por toda a área, e o braço de Kadia começou a congelar. Ela tentou soltar a espada, mas sua mão estava presa devido ao gelo se acumulando. Uma fumaça branca estava saindo da arma e congelando tudo a sua volta gradualmente, mesmo a vários metros do objeto o ar ficou muito gelado. Kadia gritou de dor. Lara então, calmamente, se aproximou e encostou na espada.

— Se acalme... — disse ela, falando com a arma.

Kadia conseguiu soltar a espada, e se jogou para trás, bastante ofegante.

— E é por isso que não se toca em uma arma espiritual de outro usuário — disse Lara, com um sorriso de todo tamanho, ao ver o susto que Kadia tomou.

—Sua...

Kadia saltou para cima de Lara, e ambas começaram a rolar no chão usando técnicas de luta corpo a corpo, enquanto Arian tentava pará-las. Quando encostou em Kadia, no entanto, sentiu uma dor de cabeça absurda e caiu sentado no chão. Depois disso decidiu esperar elas cansarem. Não conseguia entender como Lara estava dando conta da força monstruosa de Kadia. Depois de um tempo, as duas finalmente pararam, em uma espécie de empate por exaustão.

— Como você...? Qual a sua... — disse Kadia, ofegante, sem conseguir terminar a frase.

— Raça...? Acabou se levar uma surra de uma humana — disse Lara, também parecendo sem fôlego, mas tentando forçar uma risada.

— Você não ganhou... E isso é... impossível! Sou muito mais forte que um humano.

— Sua força? É inútil se eu puxar energia da dimensão dos celestiais para o meu corpo. Ela anula a força anormal de qualquer um vindo

das dimensões negras que chegue perto de mim. Por que acha que estava mais lenta e fraca que o normal? Pensou que era culpa da espada?

— Funciona comigo também? — perguntou Arian, interessado na conversa.

— Não, a sua força acima do normal é natural do seu corpo... não tem energia de outra dimensão envolvida.

— Espera, você sabe o que eu sou?

Lara o olhou pensativa por um tempo.

— Não exatamente, acho que só sua mãe sabia disso...

— Mãe?

Lara ia falar algo, mas viu Joanne olhando nervosa para ela.

— Desculpe...

Arian fez uma cara infeliz, não seria hoje o dia das respostas.

— Essas espadas, já li sobre várias, mas não sabia que faziam isso quando outras pessoas pegavam nelas... A sua faz o que Arian? — perguntou Kadia, tentando parecer mais composta do que realmente estava.

— A minha, pelo que foi avaliado por um especialista, está praticamente morta, então não faz nada tão chamativo. Mas não recomendaria tentar pegá-la também.

— Não mesmo, esse pedaço de lixo enferrujado quase quebrou meu braço uma vez... — disse Marko, aparecendo nas costas de Arian. Pela cara de sono, tinha acabado de acordar.

— Na verdade existe um erro no que eles disseram. Já li sobre casos em que a arma aceita dois donos, só é muito raro — disse Jon, que estava observando a situação com curiosidade, junto a Joanne e Zek.

— É como um livro ambulante que sabe tudo... — disse Dorian fascinado, atrás do garoto. Jon parecia meio incomodado com os estranhos olhos de interesse do mago.

— Só gostaria que a minha voltasse sozinha para minha mão. Já vi uma que fez isso. Seria muito prático poder arremessá-la e puxar de volta em combates. — disse Arian, olhando para sua espada.

— Assim? — Lara arremessou a espada dela em uma árvore próxima, e depois, ao colocar a mão para frente, a arma se soltou da árvore e voltou para sua mão sozinha, como se fosse puxada por ela.

— Que inveja... — disse o guardião, enquanto Lara dava risada.

Logo depois eles partiram. Voltando a posição de Kadia e Arian na frente e Marko e Dorian atrás da carruagem.

— Os outros chegaram... — disse Kadia.

— Como? — Arian não entendeu.

— Os mercenários. Mas não vão nos atacar ainda, estão esperando reforço... Não quer voltar à sua história enquanto isso?

— Maldição Kadia, quer mesmo se distrair com isso quando podemos ser atacados a qualquer momento? Vamos ficar em guarda, se sobrevivermos ao ataque, você continua.

— Você se preocupa demais, como pode ser tão medroso depois de tudo que dizem que já fez? Vai entender minha confiança em breve e... Opa, agora são 30...

O ataque só veio 3 dias depois, quando um grupo de mais de 50 mercenários já havia se juntado.

Capítulo 26 – Imprevistos

— Só pode ser brincadeira... Não tem mais? — disse Marko, no meio da pequena estrada de terra, mantendo o único mercenário ainda vivo no chão, fazendo peso no peito do homem com seu pé.

— Somos só nós — disse o homem, amedrontado.

Kadia avisou a todos do ataque pouco antes dos mercenários darem a ordem para os arqueiros atirarem. Com isso, Joanne criou uma barreira de ar à volta deles. Não era um vento tão forte, mas inutilizava completamente as flechas, alterando sua trajetória. Os 28 que vieram atacá-los diretamente não tiveram a mínima chance. Os arqueiros fugiram, assim que a equipe de curta distância começou a ser aniquilada.

Todos ali, tirando Kadia, tinham treinamento e organização militar para combate, o que tornou a defesa fácil. Somado a isso, Kadia podia ler de forma superficial a mente de Arian e Marko, e se posicionar na luta baseada nisso.

As sacerdotisas, junto a carruagem, mal precisaram fazer algo. Para tristeza de Lara, que parecia empolgada em mostrar serviço com sua chamativa espada branca desembainhada. Dorian barrou tudo que chegou perto da carroça usando seu truque de choque com a espada.

— Vou perguntar de novo, se não falar, vou esmagar seu peito — disse Marko, claramente de mau humor, pressionando seu pé com mais força contra o mercenário no chão.

— Calma, Marko — disse Irene, segurando o ombro dele. Os dois pareciam estar ficando estranhamente próximos nos últimos dias. Toda noite saiam para caçar juntos, na tentativa de evitar a comida de Joanne.

— Acho que ele disse a verdade, grandão — disse Kadia, com os olhos fortemente amarelados enquanto tocava a cabeça do homem.

— Um demônio! — gritou desesperado.

— Por que todos vocês agem assim? Sou a única tentando te ajudar aqui!

O homem começou a fazer um sinal triangular com a mão.

— O que é isso? — perguntou Kadia.

— É o símbolo do culto aos celestiais. Dizem que afasta demônios. Sério que não conhecia? — questionou Marko.

— Eu vivia no centro do continente, nunca vi ninguém orar para esse deus por lá.

— Deusa, Alizen, cuidado para não ofendê-la, ela tem muitos adoradores no grupo — Arian apontou na direção do grupo de Lara.

— Não conte comigo, fui obrigada a estudar naquela maldita prisão, não ligo para os deuses estúpidos do povo do sul e... Ai!

Joanne deu um tapa na cabeça de Lara.

— O que mais consegue tirar dele? — perguntou Joanne.

— Cada um deles recebeu 5 moedas de ouro, foram contratados há 10 dias por um homem de preto para nos interceptar na floresta. Não consigo ver o rosto do contratante, estava coberto por um capuz.

— 5 moedas com 40 dá.... — Kadia começou a usar os dedos para contar, o que fez Arian segurar uma risada.

Arian deu um urro quando Kadia pisou no seu pé com toda a força.

— Por que todas as mulheres que conheço querem me bater?!

— Eu não sou uma mulher e quero te bater metade do tempo que estamos juntos, imagina se fosse uma — disse Marko, enquanto dava risada.

— Eu posso ler seus pensamentos a essa distância, segurar o riso não funciona comigo! Não sou boa com números, só isso... — Kadia estava colada no rosto de Arian, para insatisfação de <E>, que a olhava com ódio.

— Me deem um tempo vocês dois. Mais alguma coisa? — perguntou Joanne.

Kadia se virou e voltou a tocar no homem. Pouco tempo depois parecia irritada olhando para o bandido.

— O que faria se soubesse que eles saquearam uma pequena vila, brincaram com as mulheres, obrigando os maridos a assistir, e depois os venderam como escravos?

— Já vi coisa pior. Só matem ele e o problema está resolvido — disse Marko, com calma.

Arian e Dorian, por outro lado, pareciam furiosos, ambos com as mãos em suas espadas. O homem estava tremendo.

— Humanos... Devia ter aprendido algo com o tal de Zack, Arian. Matar não é um castigo... Isso é! — Kadia encostou a mão na cabeça do homem e o encarou. Fez isso por algum tempo, até que ele começou a gritar desesperado.

— Não! Parem! Por favor! Não! Eu imploro! Não! — O homem chorava e se contorcia. Os gritos não paravam.

— O que você fez? — perguntou Jon, parecendo assustado.

— Conheci um homem que sofreu muito. Ele ficou 10 anos preso sendo torturado todos os dias para revelar informações. Dei a esse humano as sensações que aquela pessoa sentiu em seus piores momentos. Mas diferente do que ocorreu com aquele homem, as sensações não vão ficar mais fracas, ou parar depois de algum tempo. Ele vai sentir isso até morrer, seja se matando ou de outra forma... — disse ela, mais séria que o normal, e parecendo um pouco tonta.

— Isso é crueldade. O que torturar ele vai mudar? Ele tinha que ir preso. — Jon estava olhando Kadia com um ar de reprovação.

— Está vendo alguma cadeia por aqui, garoto? Ou quer que levemos ele conosco, até chegarmos na próxima cidade? — disse Dorian,

parecendo nervoso com o excesso de piedade de Jon. Que não parecia ter uma resposta para a pergunta.

— Espera... Pode fazer isso com qualquer um? — perguntou Marko à Kadia, dando um passo para trás, claramente assustado. Joanne e seu grupo a olharam de forma apreensiva também.

— Se eu encostar na pessoa por tempo o bastante... mas não dura muito se a cabeça... mente, for forte. E a pessoa tem que ficar parada por um bom tempo — disse, incomodada pelo medo de Marko.

Kadia deu um salto para frente tentando encostar em Marko de brincadeira, mas ele rapidamente se esquivou e instintivamente colocou a mão no cabo de seu machado, preso as costas.

— É sério grandão, até você? Toda vez isso acontece... — Kadia estava andando desengonçada e falando de forma arrastada, tinha algo errado com ela. — Por isso não revelo nada a pessoas próximas sobre poder ler men...

Antes de conseguir terminar a frase, Kadia caiu para trás, desequilibrada. Arian a segurou pouco antes de bater a cabeça no chão. Ela parecia ter ficado tonta de um momento para o outro.

— Por que você...?

Kadia parou de falar, ao notar que Arian estava bem perto dela, parecendo completamente alheio ao que viu.

— Você não...?

— O quê? Estou com medo? Se quisesse usar isso em mim já teria feito no tempo que ficou me tocando. De qualquer forma, não temos mais nada para tirar dele, nem se quiséssemos — falou o guardião, olhando para o homem gritando e se contorcendo no chão. Foi quando Kadia se apoiou no ombro dele. Arian olhou para ela, parecia mais pálida que o normal, e estava com um olhar estranho. — Por que você está...? Quanto essa magia usa da sua energia?

— Tudo... e meu pagamento... é igual ao das bruxas — falou ela, baixinho, e de uma forma muito sensual no ouvido de Arian, enquanto encostava toda sua parte frontal nele.

<E> estava possessa tentando a empurrar, sem sucesso. Lara estava com os olhos arregalados, se preparando para tirar sua espada.

— Vocês dois vão fazer isso aqui mesmo, ou preferem esperar a gente acampar? — disse Joanne, interrompendo.

Dorian estava completamente alheio, com um sorriso na cara vendo o homem se contorcer de dor no chão. A maioria tinha se assustado, mas ele pareceu ter adorado aquilo tudo.

Kadia, meio que tomando ciência do que estava fazendo, se afastou alguns metros de Arian, que parecia não saber bem o que fazer, ou dizer.

— Desculpe, eu... Ah, detesto quando isso acontece... —Kadia parecia envergonhada.

— Então... quanto tempo para Amira? — perguntou Arian, tentando desviar a atenção de todos olhando para eles.

— Mais uns 4 dias — respondeu Jon, que não tirava os olhos de Kadia. Zekasta, que tinha sido apelidada de Zek por Joanne, parecia incomodada com isso. A mulher era estranha, praticamente não falava, só ficava seguindo Jon, dia e noite, observando o que ele fazia. Tudo bem que ela foi colocada como guarda costas dele, mas aquilo parecia exagerado. Ela raramente estava sem seu elmo também. Era estranho ver uma mulher com cabelo tão curto, mas se ela queria ficar com aquilo na cabeça, de fato, ter muito cabelo só iria a fazer suar mais.

— Estou ficando sem álcool, não dá para fazer em 2 dias? — indagou Marko.

— Por que é tão viciado assim? Lutaria melhor sem ele.

Marko olhou mal-humorado para Dorian.

— Acredite, Dorian, se me ver sóbrio vai desejar que tivéssemos chegado em três dias.

Kadia, como sempre, parecia curiosa com o tópico.

Marko e Dorian pegaram todo dinheiro, e coisas de valor dos mercenários, para dividir entre o grupo.

— Não quer mesmo trocar seu cavalo, Arian? O seu parece estar nas últimas. Têm vários melhores dentre o que os mercenários estavam usando.

— Ele está bem, não vou abandoná-lo aqui.

— Então o taradão das elfas tem uma queda por cavalos também?

— Com certeza, se pudesse ele se casaria com um. Tinha que ver ele querendo cavar um túmulo para enterrar todo cavalo que encontrava morto nas trincheiras.

— É sério isso? — questionou Kadia.

Todos do grupo começaram a encarar Arian como se fosse uma criatura estranha.

— Certo! Eu não sou normal!

— Ele só gosta de animais, sempre foi... — defendeu Lara, parando no meio da frase. Arian estava começando a ficar nervoso. Parecia uma provocação ela saber tanto sobre ele e não falar nada.

— Que tal seguirmos viagem, antes que o Marko conte todas as coisas estranhas que fiz na vida?

— Já está escurecendo, amanhã seguimos viagem, vamos acampar perto daquela pedra, na beira da floresta. Irene, Lara e Zek, purifiquem os corpos, não queremos ser atacados por amaldiçoados mais tarde.

Acamparam perto de uma pedra colossal em forma triangular, à beira das árvores gigantescas da floresta de Ark. Enquanto isso, Dorian amarrou o mercenário ainda vivo em um cavalo, e o mandou pela estrada, como forma de se livrar dos gritos do homem.

Mais tarde, Marko estava voltando do meio da floresta com Irene, ambos respirando de forma irregular. O cabelo castanho de Irene estava mais escuro que o normal, molhado de suor, e mesmo com ela o prendendo com um rabo de cavalo, estava meio bagunçado. Sua camisa branca parecia molhada de suor também. Disseram que iriam caçar, mas pelo jeito fizeram outra coisa...

— Eu não acredito... — disse Joanne, olhando para os dois.

— O quê? Preciso aliviar a tensão daquele combate, ou mais precisamente, de não ter um combate. E eu não fiz nada que Irene não quisesse.

Irene, ao lado dele, ficou vermelha de cima a baixo. Joanne olhou os dois decepcionada.

— Não que eu fosse aceitar, mas por que a Irene? — perguntou.

— O cão de guarda do Jon tem um corpo bonito, mas nem olha na minha cara. Você provavelmente me daria lição de moral ou instruções, o que me faria não funcionar... Lara já tem seu alvo, e a Kadia...

— Me dá medo — completou Arian rindo.

Marko o encarou irritado, e todos começaram a rir.

— O que acontece quando ele fica sóbrio? — perguntou Kadia, baixinho a Arian, ainda ignorando completamente o espaço entre os dois. Estava encostando todo seu corpo nas costas de Arian, que no momento tentava controlar seus instintos, sem sucesso. Estava se inclinando levemente para frente para tentar esconder a resposta natural do seu corpo. <E> parecia ter notado, porque estava batendo nele enquanto gritava alguma coisa.

— Não é bonito... — Arian pensou, rapidamente, nas últimas vezes que Marko ficou sem álcool.

— Mas o que... — Kadia ficou completamente pasma ao pegar flashes rápidos das lembranças de Arian sobre o ocorrido.

— Pode me olhar assim o quanto quiser. Não vou explicar, é algo que vai ter que perguntar a ele se quiser respostas. Ele só falou comigo disso uma vez, e ficou sem me olhar nos olhos por semanas depois, então cuidado.

— Acho que não é uma boa hora. Posso continuar a ver seu passado?

— Depois, ainda estou me sentindo mal pela parte que me fez lembrar. Que tal voltarmos a treinar em vez disso? Você melhorou bastante seu trabalho de pés nos últimos dias, já está rendendo uma boa adversária sem usar seus olhos mágicos.

— Prefiro fazer isso durante a manhã, como sempre. No meu estado atual não vou conseguir lutar direito. — Kadia encostou a cabeça no ombro de Arian, para a surpresa do mesmo, que preferiu não falar nada. Comparado as investidas anteriores desde que ela entrou em seu pagamento, essa foi a mais sutil. <E> a estava imitando, usando o outro ombro para se encostar, enquanto olhava nervosa para Kadia. Arian estava tentando conter um sorriso. Não queria admitir, mas estava gostando daquilo. Lhe lembrava dos seus tempos de guild, principalmente de uma das companheiras do seu grupo.

— Dá para se afastar um pouco dele? Está parecendo uma prostituta querendo atenção... — falou Lara, caminhando até eles.

— É meu pagamento, não posso fazer nada... — falou a demônio, fazendo uma voz mais inocente que o normal e abraçando Arian, ao mesmo tempo que colava seu rosto ao dele.

A provocação funcionou, mas não com a pessoa que a demônio queria.

— Kadia, sei que você está vendo a <E> me chutando, pare, por favor! — sussurrou ele, de forma a evitar que Lara escutasse.

Os chutes de <E> eram o menor de seus problemas, na verdade. A reação natural do seu, corpo com Kadia se espremendo nele, que o

estava incomodando de verdade. Arian estava se inclinando ainda mais para frente, e ficando meio vermelho.

— O que o Marko está fazendo? — perguntou Kadia, ao notar ele puxando Jon para longe do grupo de Joanne.

— Tentando ajudar o Jon a dormir com a Joanne. Quer dizer, não com essas palavras, ele provavelmente teria um treco só de conseguir beijá-la... — disse Lara.

— O Jon gosta da Joanne? — perguntou Arian.

— Alguém já te disse que você é péssimo observador? — falou Kadia.

— Mais do que posso lembrar...

— “Jon, se quer ter uma chance com ela pare de fazer tudo que ela pede, vai lá e faz ela escutar o que você diz! Ficar aí, só aceitando ordens, e comendo aquela comida horrível com um sorriso na cara, não vai te ajudar. Confie em mim, entendo de mulheres, se não se impor um pouco, ela nunca vai te ver como homem. Agora vai lá e joga umas verdades na cara dela, ou pelo menos diz que vai ajudá-la, e não aceita um não como resposta!” — falou Kadia, replicando o que Marko estava dizendo a Jon. — Espera, ele parece menos interessado em ajudar o Jon, e mais em fazer ele ajudar Joanne, para ver se salva o jantar que ela está fazendo — disse Kadia.

— Agora faz sentido... Marko não daria conselhos amorosos de graça — disse Arian.

— Seu pagamento ainda está mesmo fazendo efeito? — questionou Lara, olhando para Kadia.

— Demônios demoram mais para recuperar energia... Acho que vou ter que ir para trás daquela árvore de novo...

— <E>, para de me chutar! — falou Arian, que rapidamente viu o erro que cometeu, ao citar o nome da fantasma em voz alta perto de Lara. Mas ela, estranhamente, ignorou aquilo.

— Incrível, está excitado, mas nem pensa em fazer nada comigo, nunca me senti tão ofendida! — disse Kadia, encostando seu rosto no de Arian.

— Desista, uma vez droguei ele para tentar fazê-lo dormir com uma prostituta, e nem isso funcionou... — falou Marko, caminhando até eles. Jon parecia ter seguido seus conselhos, e estava discutindo fervorosamente com Joanne.

— O que deu errado?

— Aquela fantasma louca parece ter acertado as partes baixas dele, antes da mulher conseguir consumir o ato... Ele ficou andando torto por dias...

Marko começou a rir, enquanto Arian fez uma cara infeliz, ao lembrar do ocorrido.

— Bem, mesmo que ele quisesse, não é como se eu fosse aceitar.

— Se fazendo de difícil, gostei... — Marko parecia estar começando a ficar mais à vontade com Kadia de novo.

— Demônios da minha raça ficam vulneráveis durante o sexo, podem forçar pactos permanentes em nós. Mas voltando ao assunto, planeja morrer sem nunca...? — questionou Kadia, olhando para Arian.

— Não... Ou pelo menos espero que não... Quem sabe um dia vai aparecer uma mulher pela qual eu me apaixone de verdade, e a <E> acabe aceitando.

<E> estava fazendo um não com a cabeça, para a tristeza de Arian.

— Bem, se me dá licença, vou me resolver comigo mesma.

— Tente não gemer tão alto, dava para escutar quando fez isso a primeira vez — disse Lara.

— Quem disse que eu não quero que vocês escutem? É uma forma engraçada de torturar o Arian, note como ele vai se encolher todo assim que começar a me escutar.

— K-Kadia, seu pagamento é mesmo igual ao das bruxas, ou é ficar sincera até demais? — perguntou Arian, incomodado.

— Quem sabe, eu não...

Antes de Kadia terminar a frase, o barulho de uma explosão veio de trás dela. Arian correu até ela e a jogou em cima de Lara, depois pulou em cima das duas, as pressionando contra o chão com seu corpo.

— É um portal temporário, se protejam! — gritou Joanne.

Um vento gelado, a uma velocidade absurda, estava varrendo todo local. Marko foi jogado para dentro da floresta. O núcleo se formou acima da cabeça de Kadia, Arian conseguiu puxá-la a tempo, antes de ser pega pelo vórtex e teleportada para a dimensão do portal, seja lá qual fosse.

— Qual dimensão? — perguntou Kadia.

— Seja qual for vai matar qualquer um de nós se formos teleportados, só o vento já está congelando tudo!

Arian parecia estar com dor, estava recebendo a maioria do vento congelante em suas costas, para tentar bloquear de acertar Lara e Kadia.

— Não se mexam, eu tenho resistência ao frio, se a Lara ou você forem pegas pela energia do vórtex vão... con... gelar.

— Temos que sair daqui! — gritou Lara.

— Se-se levantar vamos ser con-gelados, só... a parte mais... branda do vento... está nos pegando, enquanto... abaixados.

Arian estava ficando pálido, e com uma cara de quem estava sentindo muita dor, enquanto se agarrava ao chão, passando os braços por cima de Kadia e Lara.

— O coração dele está parando! — gritou Kadia, que estava encostando a mão em seu peito, por baixo da armadura.

— Arian! — gritou Lara.

Arian não conseguiu escutar o que elas estavam dizendo. Na verdade, não conseguia escutar mais nada. Respirar estava ficando muito difícil também. Pouco depois, desmaiou, e começou a ser empurrado pelo vento.

Capítulo 27 – Um mundo cruel

Jon estava atrás de uma árvore, com Zek. Joanne estava tentando se proteger atrás de uma rocha triangular, e manter seguro o que restou dos cavalos e carruagem. O teto da diligência tinha sido arrancado pelo vento, e dois, dos quatro cavalos, usados para puxá-la, tinham fugido para a floresta. Marko foi jogado para dentro da floresta também, e Irene estava atrás de uma árvore, a uma distância considerável deles.

A pior situação era a de Arian, Kadia e Lara. Eles estavam embaixo do portal temporário, por pouco não foram pegos por ele e teleportados. Jon se encontrava em uma briga interna. Odiava Lara, e isso só piorou durante a viagem, na qual em uma tentativa de salvar a vida dela, recebeu como recompensa ser empurrado pela mesma e sair rolando por um barranco enlameado. Mas, ao mesmo tempo, ser jogada em uma dimensão onde seria congelada, assim que chegasse, talvez fosse uma punição alta demais para seus pecados. "Bem, que os deuses decidam o destino dela, não cabe a mim", pensou ele.

Por outro lado, estava realmente torcendo para que Arian e Kadia saíssem vivos. Não que aprovasse o modo como Kadia decidiu punir aquele mercenário, mas graças a eles bloquearam um ataque que os teria matado com o grupo anterior, enviado pela torre de luz para escoltá-los. O modo como esse mundo funcionava, onde números não necessariamente significavam algo, era uma coisa que ainda não tinha se acostumado. A frase "exército de um homem só", realmente fazia sentido aqui.

De todas as coisas estranhas desse mundo, que eles chamavam de Vor, ou Midvor, para se referir ao continente em que estavam, os portais eram a parte mais curiosa, ao menos para Jon. Assim como você podia acabar teleportado para aquele mundo sem aviso, podia ser tirado dele e jogado em outro do nada também. Alguns portais eram permanentes, tendo apenas ciclos de quando ficavam maiores ou menores, e com isso afetando todo o ambiente a sua volta. O

real problema eram os portais temporários. Embora tivessem áreas onde havia mais chance de aparecerem, não era possível prever quando, e onde iria ocorrer, e nem a qual dimensão o portal iria estar ligado. Eles normalmente duravam pouco tempo, e muitos não faziam nada fora teleportar quem entrasse neles para sua dimensão. Mas dependendo da dimensão a que estavam ligados, podiam causar muito estrago. Existiam alguns casos documentados deles aparecendo no meio de grandes cidades, e matando milhares de pessoas no processo, com alagamentos, queimando toda área a sua volta, e até trazendo criaturas perigosas de outros mundos.

Seja a que local esse portal que apareceu ali ligasse, devia ser completamente gélido e inabitável. Só o vento dele estava congelando tudo naquela pequena área.

Depois de mais algum tempo, o portal finalmente desapareceu, e o vento parou.

— Todos bem? — gritou Joanne.

— Não, preciso de ajuda aqui! — gritou Kadia.

Joanne foi correndo até eles, seguida por Jon, Zek e Irene. Dorian apareceu em seguida, devia estar se protegendo no meio da floresta.

Lara virou Arian e tirou a armadura do peitoral dele. Seu corpo estava completamente pálido. Lara pressionou o peito dele com a mão, se preparando para fazer algo.

— Nem pense nisso Lara! Eu faço, você não pode se desgastar — gritou Joanne, chegando correndo.

— Dorian, acenda uma fogueira ao meu lado.

Joanne se aproximou, colocou as mãos nas costas de Arian, e começou a dizer algumas palavras. Ao mesmo tempo, a mão dela começou a emanar um brilho dourado. Dorian trouxe um tronco grande de madeira e usou magia para fazê-lo pegar fogo. Mas não parecia estar fazendo de bom grado... Ele mostrava certa antipatia

com o Arian, mas Jon pensava que era brincadeira, ao menos até agora.

Marko apareceu pouco depois, com o rosto machucado.

— Você está bem? — perguntou Irene.

— Estou, se preocupem mais com ele. Se o coração dele realmente parar, não vão querer ver o que vai acontecer aqui.

— Zek, me ajude aqui.

A mulher de cabelo militar saiu do lado de Jon e imitou o que Joanne estava fazendo.

Um tempo depois, Arian abriu os olhos, e deu uma grande tragada de ar, tentando respirar de forma desesperada.

— O que eu...?

— Seu coração quase congelou... Obrigado por proteger Lara. Se ela morresse, ou fosse teleportada com o que está carregando, estaríamos com um grande problema.

Arian respirava com dificuldade.

— Dorian, Marko e Irene, procurem os cavalos, eles correram para a floresta.

— Arian, descanse, está liberado da vigília por hoje.

— Eu fico cuidando dele! — Lara e Kadia falaram ao mesmo tempo.

Jon e Joanne riram.

— É, mas quem vai fazer isso sou eu, podem morrer de inveja. Vocês duas, vão ser o primeiro grupo a ficar de guarda.

— Com ela? — as duas falaram ao mesmo tempo, de novo.

— Vai ser bom, quem sabe não viram até amigas. Colaboraram bem depois que Arian desmaiou — Joanne estava fazendo um sorriso meio sádico.

Depois de discutir um pouco, as duas desistiram, ficando de guarda perto da carruagem, a uma distância considerável uma da outra.

No dia seguinte, a viagem continuou, com Arian deitado dentro da carruagem, ocupando um dos bancos, já que ainda não estava plenamente recuperado. Só dois cavalos para aquela carruagem pesada era pouco, então estavam indo um pouco mais devagar. Os outros dois tinham morrido, e os cavalos que pegaram dos mercenários desapareceram pela floresta.

Arian estava dormindo, enquanto Jon fingia ler um livro, mas estava mesmo é observando Arian com o canto dos olhos, tentando achar uma dica para o que ele era. Adorava mistérios, e alguém que acordou sem memórias e possui características que não batem com nenhuma raça específica, era muito curioso. Primeiro pensou que ele era um daqueles heróis sobre o qual lia em livros, mas depois notou que ele parecia mais comum do que as histórias sobre ele relatavam. Um verdadeiro exemplo de como aumentam as coisas e escondem defeitos quando transcrevem esses contos heroicos. Quando Lara falou que queria chamá-lo para missão, Jon leu todos os jornais com informações sobre ele que achou na biblioteca de Arcadia. Não serviu para muita coisa, mas ao menos tinha uma noção da vida daquele homem, e algumas curiosidades, como o mito de ter uma fantasma que vivia ao lado dele.

— Preocupado com ele? — perguntou Zek. Jon se surpreendeu com o comentário, já que a garota raramente falava.

— Não, se metade das histórias sobre ele forem verdade, isso não o mataria. Acho que estou é com inveja, ele é tudo que eu queria ser quando criança. Quer dizer, menos a parte de perder as memórias e coisas ruins que parecem ter acontecido na sua vida. Mas queria poder lutar, entrar em uma guild, ficar famoso. Talvez assim Joanne...

— Você é fantástico do jeito que é Jon. Conseguiu me ensinar o que os professores tentaram por anos, sem sucesso. Lutar não é tudo. Têm várias pessoas que fazem coisas fantásticas a termos de

combate em todos os cantos desse mundo, mas nunca vi ninguém tão inteligente quanto você... Você pode querer ser como ele, mas eu gostaria de ser como você.

Zek corou levemente ao dizer isso. Já Jon abaixou um pouco a cabeça, com uma expressão mista de vergonha e felicidade.

— Obrigado, Zekasta...

Empolgado pelo elogio, Jon começou a explicar a Zek sobre o livro de um antigo sábio que estava lendo, que teorizava sobre a possibilidade de prever a aparição de portais.

No dia seguinte, com Arian já parecendo bem, todos voltaram a suas posições padrão.

— Não podemos ir mais rápido? Estou na minha última garrafa. Aquele portal estúpido quebrou quase todo meu estoque.

— Estamos indo o mais rápido que dá Marko. Mas tem uma vila bem pequena perto daqui, talvez consiga algo lá — falou Jon.

— Esse é meu aprendiz! O seu próximo treino vai ser em um bordel em Amira, vou te ensinar tudo que sei, "você sabe quem" não vai conseguir mais te largar se usar minhas técnicas secretas. Olhe a Irene, não consegue me olhar sem corar agora, isso leva anos de prática.

Jon riu. Gostava de Marko, era engraçado, e ainda por cima o estava ajudando a se aproximar de Joanne, algo que tentava há tempos. Bom, na verdade não fez grande coisa, só conseguiu a vaga de assistente pessoal dela. Depois disso não sabia mais o que fazer, nunca interagiu muito com mulheres em seu mundo.

— Quero uma dessas... — disse Kadia, resmungando, enquanto olhava para a espada de Arian.

— Bem, todos nós queríamos... Mas uma com um espírito vivo. A semimorta do Arian não vale muita coisa — disse Joanne.

Arian deu algumas batidinhas no cabo da espada, como se estivesse consolando a arma, o que fez Jon rir. Não havia muita informação

sobre a arma nos relatos sobre ele, mas dizem que a possui desde que acordou. Em teoria, deve ser a única coisa constante em sua vida, além da tal fantasma, caso exista mesmo. Vendo que todos ficaram calados, Jon não se aguentou, e começou a acrescentar informações:

— Foram catalogadas 72 armas espirituais nos últimos 10 anos, mas pelos livros que pesquisei, já houve um tempo em que mais de 500 existiam, embora muitas delas fossem fracas comparado as que sobraram hoje. A do Arian é particularmente interessante. Nunca explicaram como as armas desapareceram, mas pelo que dá pra ver pela dele, elas morrem com o tempo, e a arma perde sua durabilidade depois disso. O porquê dá alma da criatura morrer, aí eu não sei.

— Quer dizer que sei algo que você não sabe? — disse Joanne.

Jon fez uma cara de dúvida. Infelizmente, não tinha como ele saber tudo no pouco tempo que estava naquele mundo.

— Compatibilidade. As almas precisam ser compatíveis e aceitar o dono, caso contrário a arma vira um objeto comum, e quebra com o tempo. Algumas almas de criaturas aceitam quase qualquer pessoa, e com isso duram mais, já outras, são mais complicadas, só aceitando pessoas com personalidades muito específicas, ou então um indivíduo com uma forte ligação com o dono anterior, que a criatura aprove. Imagino que criatura horrível usaram na arma da Lara para funcionarem tão bem juntas.

— A dela é famosa, está descrita nos livros que li, usaram um dragão de gelo derrotado por um herói antigo...

— Lancaster? — questionou Irene.

— Isso, há mais de 1000 anos. É meio irônico até, um cavaleiro de dragão matando um dragão... Mas de qualquer forma, Arkadian, o dragão dessa espada, era descrito como egoísta e pouco amigável, então é o par perfeito para Lara.

Lara estava com uma cara de quem queria matar os dois. Mas antes de dizer algo, foi interrompida.

— Arkadian... Tem algo a ver com a cidade de Arcadia? — perguntou Irene.

— Ele vivia nas montanhas que separam a cidade de Arcadia do mar. Com certeza foi a inspiração para o nome.

— Vocês não têm um assunto menos chato? — questionou Lara.

— O passado te dá respostas e lições importantes, Lara. Devia dar mais valor a ele, ainda mais na sua posição — disse Joanne.

— Qual o problema de vocês com a minha roupa?

Marko estava olhando fixamente para Kadia. O que fez Jon começar a reparar também. A roupa de couro dela estava rasgada em alguns pontos, o que estava a deixando ainda mais sensual que o normal. Deve ter ocorrido com galhos e pedras batendo nela, com o vento do portal.

— Eu não falei nada... — disse Marko.

— Não precisa, você também Jon, pare de... Arian! Tentem esconder o que estão pensando pelo menos!

— Ei, você que puxou o assunto de utilitários, eu estava pensando em outra coisa antes... Essa sua roupa apertada, bem... Ela chama atenção normalmente, que dirá rasgada... — disse Arian.

— Então o taradão das elfas gosta de mulheres normais também? Estou surpreso, e meio decepcionado...

— Não me compare a reles humanas, Dorian, sou muito superior a elas.

— Mas não mesmo — retrucaram Lara, Joanne e Irene, ao mesmo tempo.

— Droga, olha o que você fez Kadia, agora <E> está de mau humor de novo.

— Bem feito. E essa roupa me permite mover melhor, armaduras e roupas demais te deixam muito lento em combate. É mais difícil de colocar e tirar tudo também e...Arian! Jon! Marko!... Dorian, não sei como você consegue me bloquear o tempo inteiro, mas pela sua cara safada está pensando a mesma coisa!

— Do meu ponto de vista, isso é um elogio. Aposto que a Joanne e a Lara estão com inveja — disse Marko, com um sorriso safado na cara.

— Agora ele está te imaginando nua, Joanne, e o Jon também... E a Lara está se perguntando por que ninguém tentou imaginar ela nua ainda.

— Ei!

Todos do grupo começaram a rir.

— Não é que eu não goste, mas era mais divertido quando eu só imaginava que eles estavam fazendo isso... ser você deve ser horrível, Kadia — disse Joanne. — Bem, ao menos sei que o Jon tem bom gosto agora.

Jon ficou vermelho, fantasiava sobre Joanne desde que a conheceu, mas alguém dizer que ele estava fazendo era bem diferente. Zek fez uma cara meio triste, e começou a olhar seu próprio corpo, que não estava muito atrás do de Joanne e Lara, mas seu corte de cabelo curto, assim como uso de armadura boa parte do tempo, a deixavam com uma aparência mais masculina.

Estava próximo ao final do dia e seguiam a estrada para Amira sem contratempos, até que chegaram a uma encruzilhada.

— Para onde? — perguntou Joanne.

Antes que Jon pudesse falar algo, Arian comentou.

— Reto, à direita é uma pequena vila. Se bem que o Marko deve querer passar lá para conseguir algumas bebidas. Se tivéssemos andado um pouco mais ontem, poderíamos ter acampado lá. Tem uma meio-elfa que faz bolos deliciosos. Pena que nunca aceitou

minha oferta de ir para Distany. Sempre alega que adora essa vila e seus moradores.

— A Mirian? Só vim aqui uma vez, mas a filha dela era uma graça — comentou Marko.

— Arian... — Kadia estava olhando para baixo. Parecia não saber como continuar a frase. — O homem que eu olhei as memórias ontem... a vila que eles atacaram antes de serem contratados... Acho que...

Arian arregalou os olhos em desespero.

— Não! — O guardião virou o cavalo e seguiu a toda pela estrada à direita, com Marko atrás dele.

— A prioridade é a missão! Vocês foram pagos! Ei, Arian! — gritou Joanne, mas Arian e Marko a ignoraram.

— O que fazemos agora? Eu voto por deixar ele aqui — comentou Dorian.

Do nada, Kadia, que ainda parecia em dúvida, tocou seu cavalo e foi atrás de Arian e Marko.

— Se não seguirem ele, eu juro que largo essa missão — disse Lara, colocando a cabeça para fora da carroça, parecendo estar de extremo mau humor.

Joanne fez um olhar irritado.

— Vamos atrás deles. Está perto da hora de acamparmos mesmo.

Em pouco tempo chegaram na vila. Tinha corpos para todo lado, e várias casas destruídas. Encontraram Arian e Marko logo depois, tirando os destroços da frente de uma das casas. Era feita em madeira clara, com uma pequena horta na frente. O telhado estava queimado, e tinham toras de madeira bloqueando a porta.

— Mirian! Mirian! — gritava Arian, enquanto arrancava a porta queimada da casa.

Jon e Kadia, curiosos, o seguiram. Zek foi atrás de Jon logo depois.

— Miri... — Arian parou de falar ao ver a cena em sua frente.

Na sala da casa, presa a parede por duas estacas cravadas, uma em cada ombro, estava uma meio-elfa de olhos verdes. A roupa toda rasgada, a parte branca dos olhos meio esverdeada, a pele extremamente branca, e a ponta dos dedos preta.

— Mirian — Arian se aproximou, ajoelhando na frente dela. A mulher abriu os olhos lentamente. "Ainda está viva?", pensou Jon, surpreso.

— Aria... ajude... a Ane... eles... levaram... — Não conseguia falar direito. Na verdade, era impressionante que conseguisse sequer falar aquilo em sua condição atual.

— Por.. favor.. Aju...

— Eu entendi Mirian, eu juro que vou encontrá-la — falou o guardião, com lágrimas nos olhos. A madeira no chão estava estalando devido a pressão que ele estava fazendo com os punhos contra ela.

Kadia e Marko estavam na porta, mas não falaram nada, só observavam com um olhar de pena.

Arian se levantou com os olhos vermelhos, quase chorando, e tirou uma das espadas menores das costas. Ele então fechou os olhos e respirou fundo. Quando os abriu, tinha uma expressão fria, era quase como ver outra pessoa.

— Esse maldito covarde! — ao dizer isso, Arian cortou a cabeça de Mirian, para o total espanto de Jon. "Por que ele fez isso?", pensou o garoto, talvez eles pudessem salvá-la, tinha um grupo inteiro de sacerdotisas ali.

— O que você... — uma pessoa apareceu na sala segurando vários itens valiosos, que pareciam pertencer a casa. Pelo jeito estava nos fundos dela os coletando. O rosto era fino, coberto por uma barba mal cuidada.

O homem se virou para correr, mas Arian foi mais rápido, arremessando uma das espadas, presas as costas, na perna dele,

que caiu.

Arian o virou e cravou outra de suas espadas no ombro do mercenário, que deu um berro de dor.

— Onde é o acampamento de vocês?! Responda! — gritou o guardião.

— Não sei, eu juro, eu não...

— Um local com uma estátua antiga de uma celestial segurando uma lança. Tem um lago perto — disse Kadia, tocando o braço do homem.

— Ele fez isso? — perguntou Arian, apontando para Mirian.

— Ela não queria ficar quieta, e ficava gritando pela filha, então ele... — disse Kadia, com a voz baixa.

Arian o levantou no ar e bateu no chão com tanta força que a madeira abaixo dele rachou. O homem berrava, enquanto Arian dava socos com toda força em seus joelhos e cotovelos, agora quebrados. Depois arrastou o homem pelo pescoço e o cravou em uma das estacas que prendia Mirian a parede.

"O que ele está fazendo? Já tem a informação que queria, de que adianta torturar o homem?", pensou Jon. Arian parecia mais um mercenário qualquer, do que o herói que leu sobre.

— Não me deixe perto dela! Vai me contaminar, eu vou...

— Exatamente! — Arian então se virou e foi em direção a porta.

Jon não aguentou, e se colocou na frente dele.

— Por que fez aquilo? Talvez pudéssemos salvá-la.

— Não existe cura para a maldição.

— Como sequer tem certeza que era ela? Podia só ter perdido muito sangue! E para que fazer isso com o homem? Não importa o que ele tenha feito, o fazer sofrer não vai mudar nada!

— Jon, acredite, eu sei quando alguém sendo tomado pela maldição. E vai mudar sim, ele nunca mais vai ter a chance de fazer isso com alguém, e vai sentir um pouco do que proporcionou àquela mulher — falou Arian, pausadamente, tentando se controlar.

— Os Deuses vão julgá-lo, não cabe a nós...

Antes que Jon pudesse terminar, Arian contraiu o rosto, irritado, e começou a gritar:

— Deuses não existem! São só coisas que as pessoas inventaram para se confortar! Você já viu um? Já foi ajudado por um? Eles nunca vêm! Não importa o quanto você implore, não importa o quanto você esteja sofrendo, não importa o quão desesperado, eles nunca... vem! — Lágrimas caíam do rosto de Arian, enquanto gritava com Jon, que ficou ainda mais furioso quando Arian tentou negar sua fé.

— Tem milhares de pessoas nesse mundo, não tem como um único ser, por mais poderoso que seja, ajudar a todos. Deuses existem para nos trazer esperança, não para corrigir nossos erros ou intervir em todo ato cruel desse mundo.

— Então eles são inúteis! Quanta esperança viu nos olhos daquela mulher antes de eu ter que matá-la?

— Você está aqui, não está? Não sei quem é Ane, mas uma pessoa que pode ajudá-la acabou aparecendo antes da mulher morrer. Não lhe parece que os deuses o guiaram até aqui?

— Se tivessem, teríamos chegado antes da vila ser massacrada...

— Ei, garoto... Por favor!... Eu imploro!... M-Me tire daqui e peça às sacerdotisas para me curarem. E-Eu juro que me entrego para a guarda da cidade mais próxima! Ou podem até me levar com vocês!

Jon olhou para o homem chorando, sem saber o que fazer. Não tinha pena dele, mas ao mesmo tempo, achava um absurdo aquela violência sem sentido de Arian com o mesmo. Também estava ficando enjoado de ver a mulher morta a frente dele, tinha que sair dali ou iria vomitar.

— Se quiser soltá-lo, fique à vontade, ele vai te matar enquanto você dorme, e aí vai poder agradecer a sua Deusa pessoalmente.

— Não vou interferir na sua escolha. Mas você não é melhor que ele, o homem estava desarmado, não precisava fazer...

Foi interrompido com Arian o agarrando pelo pescoço e o levantando no ar.

— Arian! — Kadia foi até ele, mas parou. Zek tinha tirado sua espada e estava apontando para a garganta de Arian, que a estava ignorando.

— Eu não sei onde você vivia, Jon, e nem me importo. Mas esse é o mundo em que vivemos! Pessoas morrem o tempo todo, e a maioria delas não merece... Não merece! Mirian era uma pessoa maravilhosa, era boa com todo mundo e é assim que foi recompensada! Pessoas ruins fazem coisas horríveis o tempo todo, e eu não posso fazer nada, fora ter pelo menos a satisfação que eles morreram sofrendo tanto quanto quem mataram. Um dia, pode acabar em uma situação parecida. Pode até mesmo ter que matar alguém que goste, como tive que fazer aqui. E se acontecer, eu espero, sinceramente, que tenha a coragem de fazer o que tem que ser feito — Arian abaixou Jon no chão. Os dois tinham a mesma altura, só que Jon era bem mais magro.

Depois Arian se virou e saiu pela porta, onde Kadia os observava, junto a Joanne e Lara.

— Quem é você? — perguntou Kadia, olhando confusa para Arian.

— A parte que faz o que tem que ser feito — respondeu Arian, antes de sair apressado da casa, e montar em seu cavalo.

— Você não pode abandonar o grupo assim — falou Joanne, correndo até ele.

Arian a ignorou.

— Se eu não voltar até amanhã de manhã, sigam sem mim.

— Arian, eu entendo que queira vingança, mas isso não vai trazer Mirian de volta! — disse Marko, se aproximando com seu cavalo.

— Eles levaram a filha dela, Marko, levaram a Ane— falou, antes de tocar o cavalo que saiu a galope pela estrada.

Marko arregalou os olhos e fechou os punhos. Queria ir com ele, mas seu cavalo estava acabado, e os outros não teriam fôlego para levar alguém do peso dele na velocidade que Arian estava indo.

— Boa sorte, amigo — falou Marko, observando enquanto Arian sumia de vista rapidamente em seu cavalo.

— O que foi aquilo? A mente dele estava funcionando de forma completamente diferente — disse Kadia.

— Acabou de conhecer o que eu chamo de Aran.

Kadia fez um olhar de quem não estava entendendo, e o resto do grupo não parecia muito diferente.

— Viu as memórias dele, não viu? Ele disse que começou quando a família que o ajudou morreu. É um corpo, mas tem duas pessoas o dividindo.

— Ele foi possuído?

— Não, só se dividiu entre um covarde e um idiota ranzinza que se faz de forte. Lembra de quando eu acertei um soco nele na Arena? Ele não queria machucar a garota da espada e escudo, então deixou para o outro fazer o trabalho sujo, e ficar com a culpa pelo ocorrido. De certa forma, sinto mais pena dele do que da personalidade principal. É o Aran que tem que carregar tudo que o Arian não quer sentir, e fazer o que ele não tem coragem de fazer...

— Eu vou atrás dele — disse Lara, enquanto soltava um dos cavalos da carruagem.

— Vou pegar o caminho na mente daquele homem, me espera — disse Kadia.

— Ficou maluca, Lara? Se você morrer acaba com toda a missão — disse Joanne.

— Então me protejam! Porque eu vou, quer você queira, ou não!

Joanne respirou fundo e fechou os olhos. Quando abriu, foi até o outro cavalo, ainda preso a carruagem, o soltou e montou nele.

— Os cavalos de vocês estão cansados demais para nos acompanharem a galope, o resto de vocês fica aqui. Se não voltarmos até amanhã, vão atrás de nós, e façam qualquer coisa para conseguirem essa caixa preta presa ao cinto de Lara de volta.

Kadia voltou correndo da casa.

— O idiota se matou mordendo a língua, enquanto eu tentava pegar o caminho completo. Marko, você também sabe onde fica a estátua da celestial, não sabe?

Marko a olhou assustado.

— Juro que só vou pegar isso, não vou olhar mais nada.

Marko fechou os olhos e respirou fundo.

— Muito bem. Estou pensando no caminho, tente decorar.

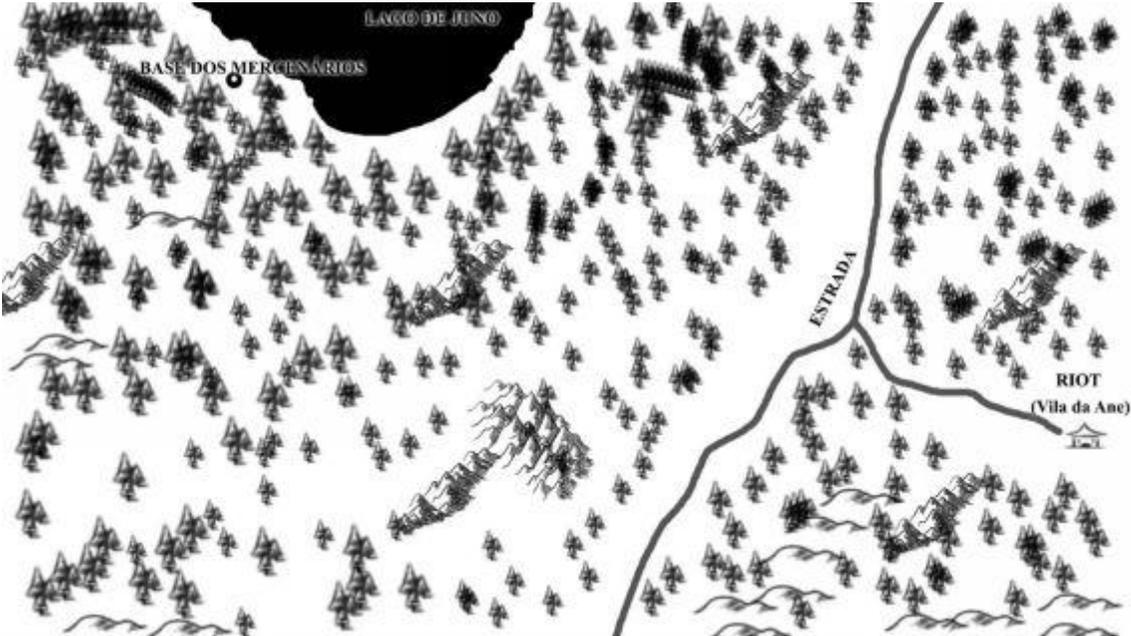
Kadia ficou olhando por um tempo, enquanto seus olhos estavam completamente amarelos.

— Vocês vão ter que ir com calma em algumas partes, se não vão errar, mas com os pontos de referência que dei, devem chegar lá. O importante é acharem o lago, depois é fácil.

— Certo, vamos!

Kadia subiu em seu cavalo e partiu a toda velocidade, com Lara e Joanne atrás dela.

MAPA 4 – VILAREJO DE RIOT



Capítulo 28 – O gélido norte

— Jorge, eu não tenho mais 20 anos, me dê um tempo para descansar — reclamou o homem de longos cabelos brancos, após algum tempo duelando no pátio do maior castelo do Norte, na cidade de Stronghold, capital do país. Sua postura e olhos azuis lhe davam um ar nobre, mas sua pele era extremamente branca e envelhecida.

— Madrid, leve-o para dentro e acenda a lareira do quarto do vovô, está muito frio hoje — disse o garoto de 11 anos, com um belo cabelo loiro, penteado para trás.

— Não se preocupe, estou bem, esse velho já se acostumou com o frio do Norte, são muitos anos o suportando. Agora vá para sua aula com os sábios, soube que está se saindo muito bem, continue assim.

O garoto deu um sorriso e saiu correndo para dentro do castelo, enquanto a beirada de sua volumosa capa negra, feita da pele de algum animal, era levemente arrastada pelo chão, cheio de neve.

— Queria que Nissius fosse assim, obediente e inteligente. Como o pai pode ter saído tão errado, e o filho tenha vindo tão bom?

— Nem tudo pode ser resolvido com criação, senhor... Nissius sempre teve uma índole ruim, se me permite dizer.

— O idiota ganancioso ao menos serviu para alguma coisa. Em 5 anos, esse garoto vai ser o melhor Rei que o Norte já teve — falou ele, enquanto Madrid, um homem careca, aparentando perto de 30 anos, vestido formalmente, caminhava para seu lado recolhendo o equipamento de duelo.

— Não acho que o pai dele vai concordar em entregar a coroa tão cedo, senhor.

— Não é como se ele governasse algo. Fica passeando por aí enquanto seu assistente fica no trono tomando todas as decisões. Se é para continuar assim, é melhor entregá-la de uma vez. Se ele recusar, eu mesmo o mato... — Nervoso enquanto falava isso, o

homem lentamente olhou para os alvos do campo de treinamento de arco e flecha, que explodiram, todos ao mesmo tempo.

— Não acho uma boa ideia chamar atenção dessa forma, senhor.

— Não, mas prova que ainda sou humano, e faço coisas estúpidas quando fico com raiva... Mas deixando isso de lado, como andam as coisas no Sul?

— Tudo indo de acordo com o previsto. Pelas últimas mensagens que enviaram, deve ocorrer em Amira.

— Ótimo. Se tudo correr como o planejado, seria uma preocupação a menos... Confirmaram a anomalia, o tal de Arian?

— A fonte diz que, em determinados momentos, existem similaridades com a descrição que o senhor passou, mas não tem certeza ainda.

— Que pena... Avise para eles tentarem trazê-lo, se possível. Mas se não conseguirem, podem matá-lo, seria um problema a menos no futuro. De qualquer forma, a prioridade é o item que descrevi. E tragam a portadora junto, não sei se Jane vai conseguir conter o objeto sem ela. Fora que, admito estar curioso para conhecer quem foi capaz de conter a maldição colocada naquilo.

— Senhor, perdão por questionar suas ordens, mas se queria garantir o sucesso da missão, não deveria ter mandado mais gente?

— Você ainda é novo nisso Madrid... Números são irrelevantes, aprendi isso com minha própria pele. E pensando agora, o preço que paguei pelos contratados vale por mais do que o exército todo que está na fronteira. O problema desses malditos, é que a maioria deles não liga mais para dinheiro, já tem mais que o bastante. Nunca gostei da frase "não tem preço", mas foi basicamente as coisas que tive que prometer a maioria deles. Com cinco daquela classe, no entanto, a chance de falha é quase zero.

— Pela descrição do grupo, imaginei que dois seriam o bastante. Temos os outros Classe S também.

— Já foi meu tempo de subestimar os inimigos, Madrid. Perdi batalhas demais por isso. Agora mando o dobro do necessário para lidar com eles, sempre — falou o velho, olhando as montanhas cobertas de neve, ao longe, enquanto parecia lembrar o passado.

Capítulo 29 – Sacrifícios

Arian sabia onde o grupo de mercenários estava, já passou por lá várias vezes. A estátua de Alizen, que Kadia descreveu ao ler a mente do homem, ficava na beira do lago de Juno. Bastava seguir por dentro da floresta, na área mais aberta, cheia de árvores de 30 a 50 metros de altura, que só iam aumentando de tamanho, conforme se adentrava para o interior da mata.

No meio da floresta de Ark haviam algumas árvores gigantes, com mais de 500 metros, e um portal permanente, que dizem ser o responsável pelo crescimento anormal das árvores e vegetação próximas a ele. As árvores do centro de Ark podiam ser vistas a uma enorme distância, e ajudavam as pessoas a se guiarem pela floresta. Aquela área da mata era tranquila, o único perigo era acabar indo na direção errada e adentrar áreas dominadas por licans.

Seu cavalo estava exausto, mas não tinha tempo para ter pena dele. Já passou um bom tempo que os mercenários saquearam aquela cidade, a maldição leva dias para começar a tomar conta do corpo, então Mirian estava ali faz tempo. Aquele homem, ou voltou para pegar o que não conseguiu carregar antes, ou não tinha saído da casa desde o ataque. Ane provavelmente estava morta ou tinha sido vendida, mas não havia opção senão checar.

Estava pensando nisso, quando seu cavalo parou e caiu no chão, tinha chegado a seu limite.

"Devia ter pego um White Astalon em Arcadia, como Marko aconselhou."

Arian tentou fazê-lo levantar, mas acabou desistindo.

— Desculpe amigo, vou ter que deixá-lo aqui. Se sobreviver, te encontro na volta.

Arian seguiu o resto do caminho correndo, já devia estar próximo. Foi quando começou a ouvir uivos.

Felizmente, não encontrou nenhum lican no caminho, e algum tempo depois, chegou ao acampamento dos mercenários. Lá estava a estátua de Alizen, bastante desgastada pelo tempo. Tinha pelo menos uns 50 metros de altura. Era a deusa mais venerada do Sul, então era normal ter estátuas dela em todo canto, mas aquela era difícil de esquecer, por ser maior que o normal. A volta dela, estavam montadas várias tendas. Era quase um deboche ver um bando de assassinos usando essa localização para uma base temporária. Mas fazia sentido, o lago de um lado, e a floresta de árvores gigantes do outro, davam uma boa proteção.

Não tinha tempo para uma aproximação furtiva, e tinha homens demais ali para tentar enfrentá-los de frente. Mais de 300, pelo menos, e um número enorme de prisioneiros que pegaram na vila, para vender como escravos. Decidiu pela aproximação mais simples.

"Você é péssimo em negociar, deixa que eu assumo."

"Você é tão ruim quanto eu..."

"É, mas não sou tão levado pelo emocional... Me colocou no comando a força na hora de decapitar Mirian, mas quando ofereço ajuda, você nega?"

"Eu sei o que estou fazendo... E não me orgulho de passar as coisas para você. Faço isso sem pensar a maioria das vezes, e me arrependo. Dessa vez eu resolvo."

"Como quiser... "

Arian foi andando pela beira do lago até a base deles. Um dos vigias o avistou, e, como previsto, vários homens armados foram em direção a ele.

Arian levantou os braços e gritou.

— Quero negociar!

Continuou andando, os homens vieram para o lado dele e o acompanharam até a beirada do acampamento, onde um homem negro, careca e com várias cicatrizes no rosto, o aguardava.

— O que quer negociar? — perguntou o homem.

— Uma garotinha, a pegaram na vila de Riot, perto daqui.

— Pegamos um monte de gente, seja mais específico.

Arian vislumbrou de leve as mais de 200 pessoas presas por cordas, em estacas de madeira. Respirou fundo, e seus dentes rangeram levemente, enquanto ele tentava manter a calma.

"Não tem como salvar toda aquela gente. Mesmo que entremos na ofensiva, eles vão começar a usar os escravos de reféns, e você mesmo vai acabar tendo que matá-los. Foco! Se não consegue, troque comigo."

"Quieto..."

— É uma meio-elfa de olhos verdes. Pelos 6 anos de idade, atende pelo nome de Ane.

— É... talvez tenhamos alguém com essa descrição. Mas pode pagar? Nessa idade elas valem uma fortuna para as pessoas certas...

— Quanto quer?

— 80 moedas de ouro.

Arian só tinha 68 com ele.

— Pago 50, é mais que o valor padrão — se começasse baixo, e fosse negociando, talvez 68 fosse o bastante. E se sobrasse, poderia usar para comprar algumas das crianças pegas no vilarejo.

— Mas olha quem temos aqui. Arian, o 7º guardião de Distany. Esse é seu título agora, não é? Eu gostava mais do anterior.

Um homem alto, de pelo menos 1,90 m de altura, pele morena, cabelo branco, e várias tatuagens pelo corpo, veio andando na direção dele.

— É sério, chefe? — perguntou o homem que estava negociando com Arian.

— Claro que é, nunca vou esquecer do desgraçado que deixou minha filha e a mãe dela morrerem, para salvar uma única garota em Midland.

Arian respirou fundo.

"Parece que as negociações falharam..."

— Não me conhece, eu creio. Não é surpresa, meu pequeno grupo não é dos mais famosos, e só viemos para o Sul recentemente. Mas eu sei tudo sobre você. Meu nome é Malak.

O homem colocou a mão para frente, na intenção de cumprimentá-lo. Arian ignorou, ele perderia completamente a vantagem se o sujeito conseguisse agarrar seu braço.

— Calma, eu não mordo. — disse ele rindo. — O que faz aqui, guardião? Deve ter mais o que fazer, do que perseguir pobres mercenários tentando ganhar a vida.

— Não quis dizer bandidos? Ou alguém pagou para vocês invadirem aquela vila?

"Brilhante, provoque o homem de quem quer comprar algo..."

— São tempos difíceis, se não nos dão serviços, temos que recorrer à pilhagem.

— Ele veio pela meio-elfa, chefe, a que o senhor pegou — disse o homem negro, que estava negociando com Arian antes.

— Mesmo? Por que não disseram logo. Venha comigo, Arian.

"Sabe que é uma armadilha ou coisa parecida, não?"

"Óbvio, mas não é como se eu tivesse opção. Se Ane ainda está viva, seguir esse homem é minha melhor chance de tirá-la dali."

"Que orgulho... Finalmente usando a cabeça."

Pararam no meio do acampamento, onde tinham vários homens bebendo e conversando. O que mais chamava atenção, no entanto,

era a área de prisioneiros atrás de Malak. Pareciam estar em péssimo estado físico, as crianças principalmente.

— Urimir, traga a garota, está na minha tenda — disse o homem para um subordinado que o seguia, enquanto olhava fixamente nos olhos de Arian.

— Homens, parem o que estão fazendo, temos um dos sete guardiões de Distany aqui!

Do nada, todo barulho das conversas à volta deles parou.

— Calma, não se assustem, não é um dos mais fortes. Mas por segurança, arqueiros, mirem nele, por favor.

Vários homens correram para pegar suas armas e, pouco depois, Arian tinha pelo menos 30 arqueiros mirando em suas costas, e 20 na sua parte frontal, todos a uma boa distância dele.

— Muito bem. Vamos aos negócios. Quanto ia pagar pela elfa?

— Ofereci 50 moedas.

— Está louco? Quero pelo menos 1000, e agora.

"Eu ri dessa..."

Nunca que uma pessoa sozinha conseguiria carregar aquele valor em moedas de ouro, Malak estava apenas debochando. Não tinha a intenção de vender a garota para ele.

— Não tem? Tudo bem, que tal 50 moedas por todos os nossos prisioneiros? Tem mais de 300 pessoas, ou pelo menos tinham quando as trouxemos, algumas podem ter morrido. Às vezes, meus homens são meio brutos.

— Senhor, está louco? Eles valem muito... — um dos homens de Malak comentou, mas foi interrompido.

— Calado! E então, Arian, vai mesmo desperdiçar a chance de salvar todas essas pessoas por uma mísera garotinha?

Malak falou isso bem alto, com o claro propósito dos prisioneiros ouvirem. Eles rapidamente começaram a gritar por ajuda, até os mercenários próximos os fazerem ficar quietos. Arian olhou de relance o grupo de mulheres e crianças presas, e depois voltou a encarar Malak.

"Não vai me fraquejar agora."

"Eu fiz uma promessa, e vou cumpri-la."

— Malak, eu me desculpo pelo que fiz, e se quiser, até me ajoelho, só peço que me entregue a garota.

— Foi o que imaginei... Parece que não mudou em nada seu modo de pensar — Malak começou a rir.

Arian fechou os punhos. Pelo modo que a conversa caminhava, já sabia que a única forma de sair dali com a garota, seria lutando.

— Já quer partir para a violência? Se acalme. Senhores, quem aqui tinha família em Midland?

Alguns levantaram a mão.

— Olha, a Ane chegou. Venha aqui Ane.

Uma garota de uns 6 anos, em um vestido creme, desgastado, veio até eles puxada por um dos subordinados de Malak. Ele a deixou do lado de Malak, que colocou a mão na cabeça da garota, de forma suave. Arian o olhou com ódio.

— Ei, calma, não fiz nada com ela, ainda... Gosto de garotas novas, mas nessa idade, com esse corpo minúsculo, provavelmente, iria matá-la. Só daqui a uns 4 anos, aí ela vai estar no ponto — falou Malak, enquanto passava a mão no cabelo da garota, que fechou os olhos, tentando não chorar.

— Isso, boa garota. Odeio meninas choronas, que bom que aprendeu a lição.

Arian observou que o corpo de Ane estava cheio de feridas e marcas vermelhas. Sua respiração aumentou de ritmo, enquanto sua bota

afundou um pouco na grama, conforme contraía os músculos de todo corpo, nervoso.

"Ignore. O importante é que ela está viva, as feridas, físicas ou emocionais, podem ser curadas depois, a prioridade é tirar ela daqui."

— Ane, já ouviu falar do horrível desastre de Midland, não? Metade da cidade foi destruída, com todos os habitantes da área afetada. Milhares de pessoas morreram, imagine mais de mil vezes o número de pessoas que estão atrás de nós, todas morrendo, do nada.

Arian respirou fundo, já sabia onde aquilo iria dar.

— Pois bem, lhes apresento, cavalheiros, senhores prisioneiros, e Ane, o culpado pela catástrofe de 3 anos atrás, que destruiu metade da cidade de Midland. Esse homem, que algumas pessoas acham que é um herói, matou milhares de pessoas, por uma única garota. Uma vida, por milhares... Não parece muito heroico para mim...

Ane olhou na direção de Arian, como se buscasse uma negação por parte dele.

— É mentira! Arian não faria algo assim! — disse a garota, tentando criar coragem para olhar nos olhos de Malak.

— Será? Você nega, Arian?

"Negue! Não tem por que criar desconfiança na garota de graça."

"Não vou mentir para ela!"

"Deixa de ser idiota! No que a verdade vai te ajudar aqui?"

Arian não respondeu, só olhou para baixo, pensativo. Como resultado, Ane começou a olhar para ele incrédula.

— Alguns vão alegar que todos cometem erros na vida, mas ele claramente não deve achar que foi um erro. E essa é a ironia, Ane. Sabe o que é ironia? Provavelmente não. Você está julgando esse homem por ter matado tantas pessoas por uma só. O que você não entendeu, é que nesse exato momento, ele está fazendo a mesma

coisa, de novo. Ele queria levar apenas você, ao invés de todas as pessoas que estão aí atrás, e provavelmente são seus amigos, não?

Ane parecia confusa, olhando para os prisioneiros atrás dela. A reação deles era variada, alguns olhavam a garota com pena, e outros estavam olhando para Arian, com ódio. O olhar das crianças era a pior parte.

— O quê? Não vai se defender? Dizer que não foi sua culpa? Creio que sabia o que iria acontecer quando tomou aquela decisão.

Arian não respondeu, estava olhando para Ane, que parecia confusa.

— Eu e você nos daríamos muito bem, Arian, somos dois desgraçados egoístas, que miram um objetivo e não estão nem aí para as consequências. Se você fosse um de nós, eu não me incomodaria tanto, talvez fôssemos até amigos. O problema é que, por algum motivo, você é considerado o mocinho.

— Quer mesmo me convencer que tem princípios? — questionou Arian, levemente irritado.

— Claro que tenho. Todo mundo tem sua honra, não importa o quão distorcida ela seja. Todos aqui sabem o que fizeram e o que são. Mas e você, Arian, acha justo que nos chamem de bandidos enquanto um assassino como você anda por aí sendo considerado um herói? Você só se preocupa consigo mesmo, e as pessoas que te interessam. Me diga, você se acha um bom exemplo para as crianças que sonham em ser como você?

— Eu nunca pedi por nada disso! E fiz o que tinha que fazer. O que as pessoas pensam disso não me importa... não mais... Agora, ou você me entrega a garota e saímos todos bem daqui, ou todos vocês vão morrer, nem que eu tenha que ir junto.

— Não, eu fico, leve as pessoas da vila! — disse Ane, enquanto tentava conter as lágrimas que escorriam lentamente pelo seu rosto.

"Por isso ela estava com aquele ar de dúvida? Estava pensando sobre isso?"

"Até nisso a garota lembra a mãe. Podiam ter nascido um pouco mais egoístas..."

— Que corajosa... mas o que te falei sobre chorar, Ane? — falou o líder dos mercenários, com um sorriso no rosto, enquanto a garota tremia de terror, tentando segurar as lágrimas.

— Ane, pode me odiar o quanto quiser depois, mas eu vou te tirar daqui, quer você queira, ou não.

— Está mesmo fazendo a escolha certa?

— Não existe escolha certa, Malak, só a que eu vou me arrepender menos depois. Agora entregue ela, é meu último aviso.

— Estou tentado a te obedecer. Mas que tipo de pai seria eu, se não me vingasse pela morte da minha mulher e filha?

Arian respirou fundo e tirou suas duas espadas médias das costas. Ao olhar em volta, viu um bando de homens formando um grande círculo, enquanto Malak se afastava lentamente dele, segurando Ane pelo pescoço. Claramente, estava a usando de refém.

Os arqueiros eram o maior problema ali, iriam o bombardear de flechas assim que Malak desse a ordem. A distância que os homens de Malak estavam de Arian, no círculo, era exatamente para não serem pegos pelas flechas.

Depois de tomar uma boa distância, Malak deu a ordem.

"Boa sorte..."

"Eles têm arqueiros dos dois lados. Preciso de um milagre, não sorte..."

— Agora, vamos ver se as lendas sobre você são verdade... Acabem com ele!

As flechas, no entanto, só vieram de um dos lados, então Arian conseguiu defletir e desviar as que iam acertá-lo.

— Mas o quê? — Malak olhou para o outro lado, tentando entender porque só um dos lados disparou. Foi quando começou a ouvir

gritos, e viu os arqueiros caindo um atrás do outro, enquanto um vulto negro passava por eles.

— É o cavaleiro da morte! — gritou um dos homens, enquanto vários deles começaram a correr.

Arian perdeu levemente a atenção no combate ao ouvir isso.

"Ignore, seja lá quem for está nos ajudando, por enquanto."

— É só um idiota vestido de preto, apenas matem ele... Não seus idiotas! Não se separem, é exatamente o que ele quer!

Coordenados por Malak, vários homens correram até o cavaleiro negro, que tinha terminado de matar os arqueiros.

Arian estava se movimentando de um lado para o outro, para não se deixar ser cercado. Poucos dos homens sabiam lutar bem o bastante para trocarem mais de três a quatro golpes com ele, mas a quantidade era problemática, porque podiam acertar por todos os lados, e ele tinha que se manter em movimento e girando. Ainda assim, graças a sua armadura estar o protegendo de boa parte dos golpes que não conseguia desviar, estava viável, até que algo inesperado aconteceu. Todos os homens de Malak caíram no chão, e começaram a gemer de dor.

Os olhos de Malak estavam brancos, e ele começou a pronunciar palavras estranhas. Era magia, e com as pessoas caídas... só podia ser...

"É um ritual de invocação!"

A terra a sua volta começou a tremer, e portais se abriram, dos quais vultos negros saíram caminhando. Demônios, mas não sabia de que tipo, estavam envoltos por uma fumaça negra.

"Ainda estão se formando, não adianta tentar identificar a raça".

— Achou mesmo que iria para cima de você só com um bando de mercenários que mal chegam a classe D? Nem mesmo a interferência daquele idiota vestido de preto vai fazer diferença... — disse Malak, com um sorriso macabro no rosto.

Ele colocou a mão na cabeça de Ane, e pronunciou algumas palavras. Uma tatuagem apareceu na testa da garota, e começou a se espalhar pelo corpo. Em seguida, a garota caiu no chão, agonizando de dor, e respirando com dificuldade.

— Ela não tem muito tempo. Agora decida, Arian, qual dos dois vai te causar menos arrependimento depois? Ela morrer enquanto você assiste, lutando contra esses demônios, ou você se matar, e eu interromper a maldição que coloquei nela? Com você morto, não teria motivos para fazer a coitada sofrer.

Antes que Arian pudesse pensar em uma solução, os dois vultos que saíram do portal avançaram na direção dele.

Capítulo 30 – Você não é o herói dessa história

Arian desviou do ataque dos seres encobertos por fumaça que foram para cima dele, e depois recuou alguns metros para trás.

"Ele é especialista em maldições, não deixe essas coisas encostarem em você!"

"Eu percebi!"

Todos os mercenários de Malak estavam no chão, assim como os prisioneiros.

— Vai sacrificar seus próprios homens?

— Infelizmente, só os prisioneiros não seriam o bastante para essa invocação... Como eu disse, somos parecidos. A diferença é que eu admito o que sou. Todos ganham a tatuagem de sacrifício antes de entrar para o grupo, eu nunca menti para eles sobre isso, nem que usaria em casos de emergência. Mas se eu matar você rápido, a maioria deve sobreviver.

As sombras que Malak invocou com magia tinham tomado mais forma, eram humanoides cobertos por um manto preto, bastante desgastado, usando espadas longas, com lâminas escuras e enferrujadas. Não tinham rosto ou pele dentro do capuz, o que dava a impressão de serem formados por uma densa fumaça negra.

"Emirages... Isso explica o uso de tantas pessoas. Eles variam de poder de acordo com a quantidade de energia e habilidade do invocador. Troque de espada, se me lembro bem..."

Os dois espectros invocados vieram em sua direção. Arian desviou dos golpes e tentou acertar um deles, mas foi em vão, a espada de prata e a normal passavam através dele, era como tentar acertar um fantasma. Arian então pulou para trás, trocou para sua espada bastarda, e avançou novamente contra os adversários. Emirages eram relativamente lentos, o perigo real eram as diversas maldições contidas em suas espadas. Arian conseguiu cortar a cabeça do primeiro, desviou do golpe do segundo, que veio por trás, e o cortou

ao meio logo depois. Ao menos sua espada espiritual funcionava contra eles. Mas foi em vão.

Eles viraram uma fumaça negra e se refizeram rapidamente. O segundo maior problema dos Emirages, suas almas estavam conectadas ao invocador. Enquanto ele estivesse vivo, eles eram imortais.

A alguma distância deles, outro ser, que também parecia um espectro, observava a luta. O cavaleiro da morte estava parado, olhando para Arian. Malak parecia incomodado com ele. Era um fator não previsto em seu plano.

"Ignore, quer aquele maluco nos ataque ou decida ajudar, pensar nisso não vai melhorar nossa situação. Tente se desvencilhar deles e atacar Malak. Se matar ele, os Emirages morrem."

O guardião pressionou o chão com força e avançou contra Malak, mas antes de chegar nele, o chão explodiu em sua frente, com a abertura de novos portais, e dois novos espectros saltaram em cima de Arian.

— Nunca fui bom com magia, e minha ligação com o plano escuro é muito pequena, então preciso usar a energia de corpos físicos para criar esses seres. Gostaria de invocar um classe SS, mas esses quatro Emirages classe A é o máximo que consigo com todas as pessoas desse local. Cuidado para eles não te acertarem, ou vai ser o último ferimento que vai ganhar.

Todos à volta de Arian gritavam e se contorciam no chão. Sua energia espiritual estava sendo drenada à força para manter as invocações de Malak. Ele também havia colocado uma tatuagem em todos os prisioneiros para marcação do sacrifício. Era algo comum para contrabandistas de escravos, para os manter submissos.

— Agora, o toque final. E isso sim, é minha especialidade.

Os olhos de Malak ficaram prateados, e a tatuagem em seu corpo se expandiu, deixando sua pele completamente negra. Claramente não era um humano, e estava assumindo sua verdadeira forma.

"Não faço a mínima ideia do que é isso... Mas lembra um..."

"Ironskin... Mas eles não tem olhos prateados, e não podem usar magia."

— Fique à vontade para correr ou tentar ganhar tempo. Mas quando essas criaturas desaparecem significa que a energia acabou, e todos os prisioneiros vão estar mortos. Sabe o que acontece quando a energia espiritual deles acaba? O ritual usa sua carne, sangue e ossos, e os converte em energia... E claro, Ane também não tem muito tempo. Já deve ter ouvido falar em como funciona a maldição que coloquei nela.

Depois de falar isso, Malak tirou sua espada da cintura, e lançou um feixe de ar com ela, era uma linha tão fina que Arian quase ignorou, mas instintivamente desviou para o lado. Agradeceu ao seu instinto logo depois, já que o feixe de ar abriu uma fissura fina no chão que cortou tudo à sua frente por vários metros, incluindo alguns mercenários. Ao mesmo tempo, os quatro espectros à volta de Arian avançaram contra ele.

Ele desviou e bloqueou, mas estava em completa desvantagem, e tendo que desviar da magia de Malak a todo momento, não conseguia sair da defensiva. Em determinado ponto, tentou bloquear a espada de dois espectros, mas não aguentou a força do golpe e caiu para trás. Sua espada bastarda voou alguns metros. Rolou para desviar dos golpes e tentou ficar de pé rapidamente, mas quando o fez, a espada de um dos espectros estava vindo na direção de seu pescoço, e não tinha mais tempo para bloquear.

Inesperadamente, o espectro foi cortado ao meio, por outro vulto negro, que surgiu na frente de Arian.

— Eu cuido dos espectros... Mate o invocador... — disse o ser em um manto negro à sua frente, vulgarmente conhecido como Cavaleiro da morte, com uma voz fantasmagórica. Arian estava confuso olhando para aquele ser, mas o grito de Ane o despertou. Não tinha tempo, e esse aliado estranho era sua única chance.

Arian ignorou os Emirages vindo em sua direção e foi para cima de Malak, com as duas espadas médias que carregava nas costas. Malak bloqueou a investida com sua espada. Arian desviou do golpe seguinte e rapidamente cruzou suas duas espadas no pescoço do inimigo. Mas não aconteceu o que ele esperava.

Malak riu quando as espadas de Arian quebraram. Seja o que for que a pele dele tenha se tornado, era completamente imune ao metal comum, e ainda o fazia quebrar com facilidade.

"Que droga! É mesmo uma espécie diferente de Ironskin. Provavelmente um híbrido, misturado com outra raça."

Arian pulou para trás e tentou desviar do contra-ataque de Malak. Precisava de sua espada bastarda, talvez ela conseguisse passar pela pele do demônio.

A localizou no campo e foi correndo até ela, enquanto desviada da magia de Malak, que também devia fazer uso da energia espiritual das pessoas a sua volta. A cada feixe de ar, gritos desesperados saíam da multidão de pessoas agonizando no chão.

Arian chegou até a espada, e desviou de outro feixe de ar logo depois.

— Cuidado! — O grito veio do cavaleiro negro, a alguns metros dele.

Arian se virou e viu um dos espectros vindo em sua direção. Conseguiu desviar a tempo de não perder a cabeça, mas logo depois Malak mandou outro feixe fino de ar. Arian pulou para desviar, mas sua perna foi pega. A armadura o salvou, mas tinha rachado, não aguentaria segurar algo assim de novo. O espectro havia sido aniquilado pela magia de Malak, mas já estava se refazendo.

Foi quando Arian sentiu uma forte fígada no pescoço. O espectro tinha conseguido fazer um corte nele. O ferimento, totalmente preto, começou a cobrir toda sua pele, se espalhando rapidamente. Arian foi ao chão e começou a gritar de dor.

— Eu disse para tomar cuidado com as espadas deles... — disse o mercenário, se aproximando e agachando na frente de Arian,

enquanto observava o inimigo se contorcendo em dor. O corpo de Arian, gradualmente, estava sendo tomado pela maldição.

— Adeus guardião, parece que sua história, acaba aqui...

Foi quando Malak notou algo estranho. De repente, a maldição parou de se espalhar pelo corpo de Arian, e estava regredindo, com seu corpo voltando à cor normal. A cor de seus olhos tinha mudado levemente para vermelho. Malak tentou se afastar, mas antes que conseguisse, Arian se levantou e agarrou seu braço, o puxou em sua direção, e acertou um soco que fez Malak voar a uma velocidade absurda para trás, até bater em uma enorme rocha, que quebrou com o choque, fazendo um barulho ensurdecedor.

O mercenário ficou sem ar, mesmo com o corpo sendo praticamente imune à espadas, aquele golpe foi como ser acertado por uma bigorna, ou uma pedra gigantesca. Tinha algo errado. Ele estudou Arian por anos, e normalmente, parecia ter de três a quatro vezes a força de uma pessoa normal, mas aquele soco foi infinitamente acima disso, e aquela mudança na cor dos olhos... ele era um demônio também?

Arian se levantou, respirando de forma ofegante. A cor de seus olhos tinha voltado ao normal.

— Infelizmente para você, seja lá qual for minha raça, ela parece ser imune à maldições.

A mancha negra no corpo de Arian regrediu, até sobrar apenas o ferimento feito pelo espectro, agora, não mais negro, apenas um corte normal, que desapareceu rapidamente. O padrão era sempre o mesmo: toda vez que seu corpo reagia a uma maldição, sua habilidade de regeneração e força aumentava absurdamente, por um curto período de tempo.

"Bom blefe... Desde que ele não saiba que nossa energia espiritual desce tanto depois disso, que quase entramos no nosso pagamento, vai ficar receoso de investir em maldições. Mas pare de se distrair com os gemidos da Ane, ou vai acabar morto!"

O cavaleiro negro estava a uma certa distância lutando contra os quatro espectros. Ele destruía um deles a todo momento, mas voltavam quase que instantaneamente. Se fosse humano era um classe A+ ou S, para estar aguentando aquilo.

Arian estava cansado, e seja lá como seu corpo combatia maldições, se sentia esgotado logo depois que ocorria. Mais um pouco e iria entrar em seu pagamento.

"Não temos mais tempo! Ou você arrisca tudo agora ou Ane irá morrer."

Ele estava certo. Arian forçou seus pés contra o chão e correu na direção de Malak, que com um movimento de sua espada, lançou novamente uma lâmina de ar contra o adversário.

"Por favor, aguentem!"

Arian cruzou seus braceletes na frente do corpo. Um estrondo forte o atingiu, e o bracelete rachou, além de seu braço ter começado a sangrar, provavelmente, cortado. Ainda assim, estava vivo.

Com o inimigo próximo, Malak desistiu da estratégia a longa distância e veio correndo em sua direção com a espada. Arian desviou e deu um giro, mirando sua espada no pescoço de Malak. Diferente da última vez, tinha conseguido penetrar sua pele, a espada bastarda funcionava. Mas o demônio colocou o braço na frente, não permitindo que a espada chegasse ao seu pescoço. Malak rapidamente pulou para trás. E mesmo ferido, riu ao ver o estado de Arian, que parecia quase esgotado, lutando para se manter de pé, e com os braços pingando sangue.

— Parece que talvez consiga me matar... mas vai salvar a garota a tempo?

Arian escutou um berro de Ane, logo depois de Malak usar algumas palavras em uma língua estranha. Estava sufocando, com seu corpo todo coberto pelas tatuagens de Malak.

— Sacrificou todos os seus homens e sua vida, e pra quê? Vai acabar morrendo aqui, sem realizar nada do que queria! Deixe-a e

eu vou embora, só pare a maldição!

— Engraçado, não? Quase não me importava com Haluna, era só uma garota que me serviu desde criança, até que ficou mais velha e pediu para eu deixá-la ir com a filha que teve comigo. "Não é um bom lugar para criar a garota", ela dizia. Até hoje não sei porque a deixei ir. Nunca achei que me importava. Ainda assim, aqui estou eu, sacrificando tudo que consegui na vida pela chance de matar o desgraçado que tirou a vida dela.

Malak avançou para cima de Arian, que fez o mesmo. O guardião desviou da arma do adversário, e cortou o braço já machucado de Malak, que segurava a espada. O demônio gritou de dor e tentou acertar um soco com o outro braço. Arian desviou, e o cortou em seguida. Ao invés de parar o movimento, ele girou e cravou sua espada no meio do peito de Malak.

— Arg...

Malak estava tentando falar, enquanto cuspiu sangue.

— É... Você é forte... Mas... Parece que não forte o bastante para salvar essa pobre... garota, que vai ver morrer aqui, enquanto você assiste, sem poder fazer nada...

O mercenário deu uma longa risada, enquanto Arian respirava ofegante, juntando o que lhe restava de fôlego para o próximo golpe.

— No fim das contas, Arian, você não é o herói dessa história... É só mais um homem cheio de sangue nas mãos, e mais lamentos do que vai conseguir contar antes de sua morte. Você não pode mais salvá-la... Não existe um final feliz para você, e um dia, vai acabar exatamente como eu... — disse Malak, com um sorriso de satisfação no rosto, já preparado para o que viria a seguir.

Arian gritou e a cabeça do homem foi separada do corpo com um corte seco de sua espada. Ele então foi rapidamente ver Ane, que ainda estava sufocando, enquanto as marcas em preto já cobriam todo seu corpo. Arian não entendia o que estava havendo, a

maldição devia sumir quando quem a conjurou morresse. Ele tentou fazê-la respirar pressionando seu peito, mas não surtia efeito. Depois de um tempo, a garota parou de se mexer. Arian não podia fazer nada, só assistir, enquanto ela morria na sua frente. Ele ganhou a luta, mas perdeu a batalha.

Os poucos homens de Malak que sobreviveram, estavam se levantando com dificuldade, e caminhando até Arian, lentamente. Mas ele não notou, estava cansado e desesperado demais para isso.

A noite estava silenciosa, iluminada pela lua, e a única coisa que se podia ouvir, era o grito de lamento e desespero de um homem de capa verde, com uma garota nos braços. As últimas palavras de um demônio morto, ecoavam em sua mente, e doíam mais do que qualquer coisa que já tinha sentido antes.

Capítulo 31 – Aquela que pode mudar o destino

O cavaleiro negro sumiu logo depois de Malak ser morto. À volta de Arian haviam apenas pedaços de corpos. A maioria das pessoas morreram depois de ter toda sua energia absorvida, e o ritual começou a consumir partes de seus corpos. Alguns poucos, no entanto, sobreviveram. Infelizmente, nenhum deles era do vilarejo. Na verdade, a parte onde os habitantes do vilarejo estavam, não tinha mais quase nada, fora suas roupas, que o ritual não consumia. Perto deles, iluminada pela luz da lua, a estátua de Alizen, para a qual Arian estava olhando com ódio.

Alguns sobreviventes estavam parados, parecendo em dúvida quanto ao que fazer, e outros, começaram a pegar os pertences dos mortos. Sete deles foram em direção a Arian, com suas armas em punho.

Arian os estava vendo, mas não se movia, não se importava mais.

“Vai mesmo deixar eles te matarem? ”

“Não quero mais sentir isso...”

“É ruim, não é? A maioria das vezes fui eu que tive que sentir essas coisas... Estou cansado Arian, cansado de lutar em vão, de perder quem nós gostamos, e principalmente, de ter que carregar sozinho a culpa pelas nossas escolhas... Então se quer morrer, por mim tudo bem. Mas fico feliz que, ao menos dessa vez, você teve a coragem de encarar as consequências sozinho. ”

Arian continuava a encarar a estátua de Alizen, agora na esperança de que se aquela deusa realmente existisse, como Jon falou, permitiria que ele morresse ali, sem a costumeira interferência da anomalia em seu corpo. Talvez ele finalmente pudesse encontrar paz... Foi quando notou que <E> o estava balançando, desesperada, apontando para os homens de Malak que caminhavam em sua direção.

— Eu estou cansado <E>, cansado de tudo isso...

A garota começou a gritar algo, enquanto chorava, mas como sempre, não saía nenhum som. Vê-la sofrendo o machucava, então ele fechou os olhos. Foi quando os homens se aproximaram correndo, prontos para cortar sua cabeça.

— O que está fazendo seu idiota?!

Arian abriu os olhos ao escutar aquela voz. Kadia pulou em sua frente e cortou os três homens que se aproximavam com apenas um golpe de sua enorme espada. Lara e Joanne mataram os que vinham pelas costas.

Arian não falou nada, só olhou para Lara e Joanne, com a garota em seus braços, e um olhar triste.

“Sacerdotisas... Talvez elas...”

Seu olhar mudou de alguém triste, para uma súplica.

— Vocês não podem fazer algo? O coração dela parou há pouco... talvez...

Joanne tocou na garota e começou a falar algumas palavras, mas nada mudou.

— A maldição é muito forte, não posso pará-la. Mesmo que tente reanimá-la, é inútil sem retirar a maldição antes.

Lara estava fechando e abrindo a mão, nervosa, vendo a situação.

Olhou para Arian, depois para a garota, e para o objeto que carregava na cintura, uma pequena caixa preta, do tamanho de um punho, cheia de inscrições.

— Lamento, Arian, não tem nada que eu possa fazer — disse Joanne para Arian, que fechou os olhos, tentando não chorar.

— Mas eu posso! — Lara, irritada, jogou o objeto que estava em sua cintura na mão de Joanne, que na mesma hora foi ao chão, parecendo estar com muita dor.

— O que você? Ai... minha cabeça, mas que droga, Lara!

— Aguarde um pouco.

— Me passe ela — disse Lara, chegando ao lado de Arian.

Ela segurou a garota, mas diferente de Joanne, não falou nada, só a observou, como se estivesse vendo além dela.

— A maldição foi ligada ao ritual de sacrifício, está usando a energia de alguns dos corpos restantes para manter ela ativa. Tenho que quebrar a ligação.

Um vento muito forte começou a vir da direção de Lara, enquanto seus olhos e mãos emitiam um brilho dourado. Logo depois, as tatuagens de Ane começaram a regredir.

— O que você... — Kadia estava olhando a toda volta, deslumbrada.

— Só pode ser brincadeira... Um demônio que pode ver os círculos de conversão da dimensão dos celestiais? — perguntou Joanne, suando frio, enquanto parecia tentar se concentrar com a pequena caixa preta na mão.

Kadia não respondeu, mas fez uma cara de quem falou o que não devia.

— Essa imbecil é a única que consegue tantos, uma vez abriu mais de 30 ao mesmo tempo, e nem sequer precisa recitar encantamentos para abri-los. Mas ela não vai conseguir conter esse objeto sozinha por algum tempo, depois de gastar energia com a maldição — falou Joanne, ficando cada vez mais pálida.

— Uma meio-elfa não vale o destino do Sul inteiro, Lara! — gritou Joanne.

Lara a ignorou e continuou. As tatuagens tinham parado de regredir, e vários corpos de homens de Malak começaram a ser desintegrados à volta deles.

— Droga, não é o bastante! Está puxando mais energia para se manter ativa... — Lara parecia irritada, era como se estivesse sendo desafiada pelo espírito de Malak. — Protejam os olhos. Não vou perder para um mago morto!

O vento aumentou ainda mais, empurrando tudo a volta de Lara. Arian notou que não estava mais se sentindo tão cansado e o ferimento em seu braço, feito pelas lâminas de ar de Malak, estavam se curando absurdamente rápido.

— Agora, volte! — gritou Lara.

Ane abriu os olhos, dando uma grande puxada de ar. Estava reganhando a cor normal, e as tatuagens desapareceram completamente.

Arian estava incrédulo. Já esteve em muitas situações parecidas, mas...

— É a primeira vez que... Elas nunca voltaram... — Os olhos de Arian estavam avermelhados de chorar, enquanto olhava para a pequena meio-elfa, que ainda respirava com dificuldade.

— É porque você não estava comigo — disse Lara, exibindo um sorriso confiante.

<E>, como sempre, quando se tratava de Lara, estava a observando com um olhar distante, embora seus lábios estivessem esboçando um sorriso.

— Minha mãe...? — perguntou Ane, ainda parecendo meio perdida.

Arian balançou a cabeça, e a garota começou a chorar. Ele tentou se aproximar para abraçá-la, mas ela recuou, se escondendo atrás de Lara. Arian já imaginava o motivo.

— Você vai ficar bem, Ane, eu juro... Pode levá-la, Lara? Acho que gostou de você.

Lara olhou meio desconfiada para a garota, mas concordou com a cabeça, e a pegou no colo.

— Lara, me ajuda aqui, droga! — gritou Joanne, que parecia um corpo sem vida.

Lara foi até ela e tocou a pequena caixa preta com uma das mãos. Logo depois disso, Joanne respirou fundo, e foi reganhando sua cor

pouco a pouco.

Arian pegou um dos cavalos dos mercenários. Não era muito bom, como era esperado, os cavalos bons eles vendiam, e só mantinham com eles os de baixo valor. Lara estava com seu cavalo ao lado de Joanne, com uma das mãos tocando a caixa preta que ela estava segurando. Ambas pareciam ter que ficar em contato com o objeto, pelo que Arian entendeu. Claramente tinha uma maldição naquilo, mas não sabia exatamente qual. A outra mão de Lara guiava o cavalo, ao mesmo tempo que seu braço dava suporte ao corpo de Ane, que estava na sua frente.

Galoparam em silêncio por algum tempo, enquanto voltavam para a cidade de Ane, até que Kadia, que parecia estar nervosa olhando para a caixa preta, desde que saíram da base dos mercenários, perguntou:

— O que é essa caixa?

— Nada demais. O que tem dentro que é interessante, a... — Lara parou antes de terminar a frase, com Joanne apertando o braço dela.

— Se sobrevivermos até o final da viagem, você vai descobrir — falou Joanne. E depois completou olhando para Arian. — No entanto, se dependermos desse maluco, não sei se vai ser possível...

— Me desculpe...

— Eu desculparia, se não achasse que você vai fazer de novo a qualquer momento... Admito que pensei em te despedir...

"Eu também te despediria..."

"Calado!"

— Mas depois de ver o que consegue fazer, seria um desperdício — completou Joanne.

Arian olhou para ela sem entender. Ela não estava lá durante a luta. Ao notar sua dúvida, Joanne riu.

— O falcão de Kadia chegou na área bem antes da gente, e Kadia estava descrevendo o que estava acontecendo através da visão dele, enquanto corríamos até você. Aquele cavaleiro de manto negro é seu amigo?

— Não. Já tinha ouvido falar, mas nunca tinha visto ele pessoalmente antes — disse, pensativo.

<E> estava do lado de Ane, tentando fazer carinho na cabeça da garota. Era uma visão estranha. Uma das poucas vezes que Arian viu ela se importar com alguém. Ficou imaginando se ambas teriam algo em comum.

O cavalo que Arian deixou para trás devido à exaustão, não estava mais lá, mas havia sangue no local onde ele caiu. Provavelmente foi pego por algum animal da floresta. Para levar um cavalo inteiro, provavelmente era um lican, ou uma criatura de tamanho similar.

Arian olhou para uma área mais densa e escura da floresta, para onde, provavelmente, devem ter arrastado o cavalo.

Precisava conseguir um novo cavalo em Amira. Um Harvest Drake dessa vez, ou talvez um White Astalon...

"Eu prefiro um White Astalon. Tem mais fôlego."

"Eu também, mas o Harvest corre mais. Depois eu decido."

"Uma pena o Nightmare não estar mais com a gente..."

"É..."

Se tivesse um Astalon ou Drake, podia ter chegado mais rápido. Se estivesse com o Nightmare, além de chegar em uma velocidade absurda, ainda teria auxílio no combate.

Enquanto Arian pensava nisso, do nada, Kadia começou a rir.

— Qual a graça? — perguntou Joanne.

— Ela está fazendo um ótimo trabalho em disfarçar... — disse Kadia, olhando para Lara.

— Saia da minha cabeça! — reclamou Lara.

— Ah, estava achando estranho mesmo. Só deve ter aceitado porque Arian pediu. Ela odeia crianças.

— Não as odeio, são elas que não gostam de mim.

— Pois é... Dizem que podem ver o que as pessoas têm por dentro...

— disse Joanne, rindo. — De qualquer forma... Não vamos poder continuar a viagem com essa garota. O que pretende fazer, Arian?

— Amira está perto, quando pararmos lá, eu arranjo alguém para escoltá-la até Distany — disse ele, enquanto olhava para a garota, que parecia estar dormindo.

— Dá para tirar esse sorriso da cara? Está me dando nos nervos, é quase como se estivesse debochando depois de tudo que fez — reclamou Joanne, reparando na cara de felicidade de Arian.

— Não, eu... só não estou acostumado com... milagres...

— Ei, não ouse chamar meu feito de milagre. Não foi uma ação divina, fui eu!

— Eu sei... Obrigado, Lara... de verdade... — falou ele, abrindo um largo sorriso.

Como Malak disse, ele podia ser só mais um homem egoísta, com muito sangue nas mãos. Mas ao menos por esse breve momento, sem lamentações.

Capítulo 32 – Amira

— Tem certeza que abençoaram todos os corpos? Se todos os mortos daqui virarem amaldiçoados, vai ser um desastre — Joanne estava falando com Jon, enquanto olhava para a vila de Ane. Eles tinham dormido em uma das casas que ainda estava inteira.

— Eu fiz uma marca em cada corpo que purificamos, e uma recontagem hoje de manhã, não se preocupe — respondeu Jon, fazendo anotações em alguns papéis.

— Sério? Pensei que não conseguisse lidar com mortos... — Joanne parecia surpresa.

— Eu tinha que superar isso uma hora ou outra... — Ao dizer isso, ele olhou de leve para Marko, que estava fazendo um sinal de positivo. Foi ele que o convenceu a tentar enfrentar seu horror a pessoas mortas.

— Excelente. Vamos embora então.

Ao se virar, Jon viu algo que estava o deixando abismado desde ontem a noite. Uma criança grudada em Lara não era algo que se via todo dia.

— O que foi? — perguntou Lara a Jon, enquanto ajudava Ane a entrar na carruagem. A garota não saiu do lado dela desde que voltaram à vila.

— Nada, é apenas que... uma criança gostando de você... é estranho — disse ele, com os olhos em Ane. A garota tinha acabado de perder a mãe e todos os amigos da vila, então sua forte expressão de tristeza era o esperado. Seus olhos estavam bastante inchados, indicando que deve ter chorado a noite toda.

Arian, por outro lado, parecia mais alegre que o normal. Mas, curiosamente, fazia um olhar triste sempre que olhava para Kadia, que estava o evitando desde que chegaram.

— Jon, eu... — Arian se virou para Jon, e Zek na mesma hora se colocou na frente dele, com a mão na bainha da espada.

— Calma, não vou fazer nada com ele, Zek. Na verdade, é o contrário. Queria me desculpar por ontem. Marko contou o que aconteceu. O outro eu... é estúpido...

— Ah... Está tudo bem. Eu exagerei também.

Os dois apertaram as mãos, enquanto Zek olhava desconfiada para Arian. Jon ainda estava meio nervoso com o que ocorreu, mas depois de Marko conversar com ele, contando pelo que Arian já havia passado, se sentiu um pouco mal pelo que tinha dito. Apesar disso, não se aguentou:

— Mas não acredita mesmo em deuses? — questionou Jon.

— Não é que eu não acredite. Tem muitos seres estranhos nesse mundo. Alguns tão poderosos que fogem à compreensão. Mas não acho que eles olham por nós, ou escutam a prece das pessoas. Anos atrás, eu acreditava, mas... — Arian parecia estar lembrando de algo. — Um amigo me disse uma vez que somos moldados através nossas experiências, e as minhas, em sua maioria, não foram muito bonitas... Hoje em dia, eu só acredito no que posso ver.

— Não viu Lara realizando um milagre ontem?

— Não, vi uma sacerdotisa poderosa salvando uma garotinha — Arian olhou para Lara com um sorriso ao dizer isso.

— Exatamente! Parem de dar crédito pelo que eu faço a pessoas que nunca viram! — disse Lara.

— Mas, Lara, você já viu a deusa Alizen, ou pelo menos disse que viu... — comentou Jon. — Deve ter sido ela que te permitiu salvar a garota.

— É sério? — perguntou o guardião, encarando Lara com curiosidade.

— Não, foi só um sonho, esqueçam isso! E ninguém permitiu nada, eu escolhi fazer, parem de tentar dar meu crédito a aquela mulher!

— Seu sonho iniciou essa missão, então deveria dar um pouco de crédito a ele, e a Alizen. Só não entendo porque ela escolheu

alguém como você para...

— Jon, calado — interrompeu Joanne, ao notar que ele iria revelar algo que não devia.

— Desculpe...

Seguiram viagem sem grandes problemas, fora uma estrada enlameada pela chuva, que obrigou parte do grupo a empurrar a carroça. Um dos poucos momentos em que Jon agradeceu por não ter uma força acima do normal. Dorian também ficou só olhando, enquanto Arian, Marko e Kadia empurravam a diligência pela estrada, afundados em meio metro de barro. Segundo Dorian, era ilógico quem tinha uma força normal tentar ajudar.

— Isso é nojento — reclamou Kadia, enquanto suas botas afundavam completamente na lama.

— Não se preocupe Kadia, você está muito sexy com essa lama pelo corpo todo — falou Marko, com um sorriso forçado no rosto.

"Tinha algo errado com ele", pensou Jon.

— Não, <E>, isso não é divertido! Sua visão de diversão é deturpada... Kadia, não faça isso! — gritou Arian. Os olhos da garota estavam começando a brilhar.

— Se eu usasse toda minha força, iríamos mais rápido.

— A madeira não foi feita para aguentar alguém com a força de 30 homens fazendo pressão sobre uma área pequena. Vai quebrar a carruagem!

— Não seria uma má ideia... — disse Marko, cujo humor só estava piorando.

Depois de um bom tempo e resmungos do pessoal que estava empurrando, voltaram a uma estrada mais firme. À noite, pararam à beira da floresta, como de costume. Mas, diferente das noites anteriores, Jon não conseguiu conversar com Marko. Ele se isolou, a uma boa distância deles, e estava sendo grosseiro com qualquer um que chegasse perto. Agora eram dois gerando um clima estranho no

grupo: Kadia evitando Arian, e Marko, depressivo. Tirando o último, todo resto do grupo estava sentado à volta de uma fogueira.

— O que está acontecendo? — falou Jon, pensando alto.

— Os mercenários levaram todas as bebidas da vila, e a dele acabou hoje de manhã — explicou Irene, observando Marko.

— Já vi pessoas que gostam muito de beber, mas nunca ficaram assim por um dia sem álcool.

— Só ignorem ele, até o infeliz encontrar álcool de novo. Sempre fica depressivo e rabugento quando está sóbrio — disse Arian, parecendo incomodado.

— Mas ele está chorando... — Irene estava com uma cara preocupada.

— Ele fez coisas que não consegue esquecer quando era mais novo... Sem o álcool, ele é obrigado a lidar com elas.

Após Arian dizer isso, todos olharam para Marko com ar de curiosidade.

— Eu ofereci pagar para apagarem a memória que o incomoda, mas ele se recusou... Pelo menos não é lua cheia, aí sim teríamos problemas de verdade.

— Kadia, o que você...? — Joanne questionou a demônio, que estava com uma cara horrível, enquanto olhava para Marko.

"Deve estar lendo a mente dele", pensou Jon. Ao observar a concentração da demônio, Arian pareceu ter chegado a mesma conclusão.

— Não conte a ele o que viu, ou ele não vai mais conseguir olhar na sua cara. E recomendo parar de encará-lo com essa expressão também — disse Arian, baixinho, e parecendo pouco à vontade em falar com Kadia, no momento.

— Por que está sussurrando? — questionou Irene.

— Ele pode nos ouvir se eu falar alto, tem uma audição bem melhor que o normal.

Kadia pareceu ter ignorado o que Arian falou.

— Mudando de assunto. É impressão minha, ou aconteceu algo entre vocês? Não se falaram o dia todo, e agora estão mantendo dois metros de distância um do outro... — perguntou Irene, observando que Arian e Kadia não tinham sentado lado a lado, como fizeram nos dias anteriores.

Era bem fácil notar que havia um clima ruim entre eles. Arian então olhou para Kadia, que continuava com o rosto virado na direção de Marko.

— Acho que ela viu as memórias da Ane do ocorrido na base dos mercenários.

— E qual o problema disso? — questionou Jon.

Arian olhou para o fogo a sua frente, pensativo, e disse:

— O que você faria Jon, salvaria 200 pessoas, ou uma única criança que você conhece?

Jon nem precisou pensar.

— Todas as vidas têm o mesmo valor, quer você conheça a pessoa ou não. Então escolheria o maior número possível de pessoas, óbvio.

— Então temos outra coisa que discordamos. E acho que Kadia está do seu lado.

Foi então que Jon se deu conta. O exemplo de Arian tinha acontecido ontem, no local onde ele resgatou Ane. Ele olhou para a garotinha, dormindo ao lado de Lara, sem saber o que dizer. "Ela valia pela vida de 200 pessoas...? Na teoria não, mas a opção de deixá-la morrer não parece correta também... Será que não existia uma terceira opção?", pensou o garoto.

— Uma demônio bisbilhoteira, um rato de livros religioso e moralista, um tarado por elfas de sangue frio, uma sacerdotisa com ego

inchado, e um cavaleiro gigante e chorão. Que grupo fantástico nós formamos... — disse Dorian, parecendo entediado.

Uma chuva de pedras pequenas voaram em cima dele logo depois, por parte de Arian, e o resto dos envolvidos em sua frase. Jon não sabia se ele fez de propósito ou não, mas tinha ajudado a aliviar o clima pesado daquela noite.

— Meu deus, sua louca! — Dorian começou a gritar de dor.

Querendo se juntar a brincadeira, mas sem entender bem a ideia, Zek arremessou uma pedra grande, a uma velocidade estúpida, que quebrou o ombro de Dorian. Depois disso teve que ficar ajudando a curar ele, junto com Irene, durante a noite. Apesar de achar engraçado inicialmente, Jon ficou com pena de Zek depois. Era raro vê-la tentando se enturmar, e bem quando tentou, acaba dessa forma. Arian, no entanto, ficou rindo daquilo até dormir. A magia da dimensão dos celestiais apenas ajudava o ferimento a se curar mais rápido que o normal, não tirava a dor, então Dorian ficou resmungando a noite toda.

Um dia de viagem depois, chegaram à Amira. Uma cidade cercada por um enorme muro de concreto e pedra, com mais de 50 metros de altura. Depois de Arcadia, era a cidade mais populosa do Sul. Jon nem precisou pensar para entender o porquê. Os muros altos passavam um ar de segurança ao local, e como ficava bem no meio do país, servia de passagem para vários viajantes, criando um ótimo local para comércio.

Assim como em Arcadia, era proibido andar a cavalo lá dentro, então, assim que passaram pelos enormes portões da entrada, tiveram que deixar seus cavalos e carruagem no estábulo. Marko disse que os encontraria mais tarde, e foi correndo atrás de um bar. A parte curiosa é ele não ter perguntado onde eles iriam ficar. Na entrada também tinha um letreiro com as regras da cidade. A lista de coisas escritas ali era absurda.

Existia um sistema de impostos no Sul, e uma obrigação de envio de tropas para fronteira quando necessário, mas fora isso, e algumas

leis básicas, cada cidade podia inventar as regras que bem entendesse. Na verdade, não só no Sul, nesse mundo, a independência das cidades era um sistema bem comum, e criava uma cultura bizarra de cidades completamente diferentes umas das outras.

— Ignore a placa com as regras, Jon. Só o que precisa saber é "jamais jogar nada no chão" e "agredir verbalmente alguém na rua". Ou seja, nada de discussões nervosas. A proibição de roupas muito reveladoras não vai ser um problema para você... — Arian então se virou para Kadia, se atentando a sua roupa de couro, colada ao corpo. — Já a Kadia, deveria passar longe dos guardas da cidade...

A demônio o ignorou.

— Não estou vendo nenhum guarda... — disse Jon, observando seus arredores.

— Eles usam roupas normais para se disfarçar no meio das pessoas. Existe uma obsessão por pegar alguém fazendo algo errado por aqui. Mas se quiser encontrá-los, preste atenção nos pulsos, só são admitidas pessoas que sabem usar magia na guarda dessa cidade, e todos são obrigados a usar braceletes de contenção. — Arian então se virou para Ane, que estava segurando a mão de Lara. — Preciso levar Ane até o estabelecimento da minha antiga Guild na cidade. Acho que consigo alguém de confiança para levá-la até Distany antes de partirmos. Se não conseguir, ela estará segura lá enquanto aguarda um dos guardiões de Distany vir buscá-la.

— Certo, vamos estar no alojamento principal da cidade... Amira Palace, acho que era esse o nome... Espero que ainda exista, faz muito tempo que vim aqui... — Joanne estava olhando de um lado para o outro da rua, como se tentasse se localizar.

— Mas nem pensar. Já viu como é o alojamento da guild do taradão das elfas? Tem até termas! Se usarmos o nome dele conseguimos os quartos com desconto — disse Dorian.

— Que tal, sabe, me consultar antes?! — reclamou Arian.

— Você iria ficar de frescura. Vamos lá, não tem lugar mais seguro do que aquela guild nessa cidade. Querem um local seguro, não?

— Se o que ele diz é verdade... — disse Joanne.

Arian parecia incomodado, mas acabou cedendo.

— Me sigam — disse ele, com uma cara de quem não estava gostando da ideia.

Seguiram para a parte leste da cidade. Estavam beirando o muro, até que em determinado ponto, ele começou a subir de altura. Jon estranhou, até notar que não era o muro que estava aumentando. A parte leste foi construída colada em uma montanha, e o muro continuava subindo por ela.

— O que é aquela construção gigantesca no topo? — Jon estava intrigado com aquilo fazia algum tempo.

Havia um prédio de concreto quadrado, de uns 6 a 7 andares de altura, no topo da montanha. Isso e uma estátua gigante de um cavaleiro e uma elfa, que parecia estar localizada bem no meio da cidade, chamavam bastante atenção.

— Uma prisão. Como eu disse, existe uma obsessão em prender pessoas por aqui, então construíram aquele local para intimidar quem entra na cidade, e comportar o excesso de prisioneiros. Marko já passou um mês lá quando foi pego saindo pelado de um certo estabelecimento... Se me lembro bem, se você jogar lixo no chão nessa cidade, te jogam lá por uma semana — disse o guardião, olhando para o cume da montanha.

Algum tempo depois, chegaram em estabelecimento enorme, de 10 andares, feito em madeira refinada e pedras com vários símbolos esculpidos. Atrás do local, um enorme paredão de pedra, do qual dava para ver água caindo. Parecia uma pousada de luxo, como algumas que viu em Arcadia. Na entrada, o nome, "Scarlet Dragons", cravado em uma placa de metal.

— Caramba! Isso não era tão grande da última vez que vim aqui — disse Joanne.

— A guild dele era minúscula cinco anos atrás. Acho que esse lugar nem era deles, só tinham uma sede bem pequena em Arcadia — disse Marko, aparecendo atrás deles com uma garrafa enorme nas mãos.

— Como nos achou? — perguntou Jon, intrigado.

— Pelo cheiro...

Jon ficou em dúvida se ele estava debochando ou falando a verdade, mas resolveu deixar para lá.

— Bem, tinha achado estranho quando o Dorian disse termas, mas como o local fica colado em uma montanha, faz sentido conseguir água por esse paredão de pedra aí atrás — disse Jon.

— Tinha algo assim no seu mundo? — perguntou Zek.

— Meu mundo não era tão diferente desse... Imagino se todos seguem os mesmos padrões...

— Não, meu mundo não tinha nada a ver com esse. Métricas, o modo de falar, costumes, era tudo completamente diferente. E os terrenos também — disse Kadia.

— Entendo... Talvez eu tenha dado sorte então. Mas tem algumas coisas que parecem coincidência até demais...

Enquanto Jon pensava, Arian entrou no local na frente deles. Tinha uma mulher usando uma roupa de funcionária, com o símbolo na guild, no balcão de recepção, mas ela nem olhou para a cara dele. Cabelo preto, preso em um rabo de cavalo, e um rosto bastante comum. Devia ter perto dos 40 anos. Ao notar a presença de alguém parando à frente dela, só perguntou de forma automatizada:

— Identificação, por favor.

Arian tirou uma corrente do pescoço. Tinha um pedaço de metal cheio de símbolos, preso nela.

— Arian, membro 0007, temporariamente desativado.

A mulher deu um pulo, no susto, quase caindo para trás. Depois olhou para o rosto dele, como se quisesse confirmar a identidade por baixo do capuz.

— Arian? Não acredito! Siren, Atlas, olha quem deu as caras! — gritou ela, na direção do bar da guild, que ficava a uns 20 metros da recepção.

Um loiro alto, com cabelo bem penteado para trás, e barba feita, levantou e veio correndo. Jon lembrou dos príncipes mimados que lia em histórias, quando o viu. Ao lado dele, veio um outro homem. Cabelo preto curto, olhos cansados, barba por fazer e usando um casaco de couro surrado. Era o completo oposto do loiro.

— Seu desgraçado. Por que não deu notícias? Está sumido dos registros faz mais de um ano. — disse o loiro, abraçando Arian, que parecia meio incomodado. — Pensei que tinha morrido na guerra, até começarem os rumores que um dos guardiões de Distany se chamava Arian.

— Oi, Siren... — assim que o homem o soltou, Arian rapidamente se afastou um metro para trás. Olhou então para o sujeito de cabelo preto e sorriu. — E... como era? Atlasianubis? —

Marko e Dorian caíram na risada quando escutaram o nome.

— Não use meu nome completo, idiota! Estou quase conseguindo fazer todo mundo que conheço esquecer dele... — disse Atlas, que ficou levemente envergonhado, olhando para as pessoas atrás de Arian.

— Mas é um belo nome — disse Kadia.

— Não escute essa louca, o nome do pássaro dela parece uma maldição em língua demoníaca — disse Marko.

Jon tentou segurar o riso, mas não conseguiu. E para piorar, Dorian, que estava caindo na risada, ainda completou:

— Acho que você tem chance com ela. Se não pela sua aparência, pelo seu nome exótico.

— Infelizmente, por mais bonita que essa mulher de... roupas reveladoras...?

Kadia não pareceu se importar, já devia estar acostumada com aquele tipo de comentário sobre sua vestimenta.

— Bem, já estou acompanhado.

Atlas apontou para uma mulher em um manto negro no bar, que veio até ele e parou a seu lado. Seu rosto estava encoberto por um capuz, mas seus lábios vermelhos chamavam atenção. Estava usando uma bota preta, e um... "Vestido preto? Que roupa maluca era aquela?", Jon se perguntou.

A mulher então falou algo no ouvido de Atlas.

— Sim, senhora... Bem, temos que ir. Outro dia a apresento a vocês.

Nisso, ele pegou a mão da garota e saíram pela porta da guild.

— Estão com você? — perguntou a atendente, olhando as várias pessoas atrás de Arian, observando o lugar.

— Sim, tem quartos sobrando para todos?

— Claro.

— E quero abrir uma missão, classe A+ ou S, para levar uma garota até Distany. 50 moedas de retorno.

— Classe C+ ou B já seriam mais que o bastante para uma escolta segura, e poderia pagar bem menos. A garota está sendo ameaçada ou algo parecido? — questionou a atendente.

— Só por segurança. Não quero correr riscos.

— Tudo bem.

— Classe? É como o rank dos sacerdotes? — perguntou Jon, interessado.

— É bem parecido. Pessoas dentro de guilds são divididas em classes, de acordo com os feitos e capacidade ofensiva ou defensiva. Ajuda a definir que tipo de missão elas são adequadas a fazer. É

parecido com o rank dos sacerdotes, como você disse, mas os critérios são diferentes — disse Joanne.

— Cinquenta moedas? Por uma escolta de poucos dias? Eu mesmo faço! — Siren escreveu seu nome no contrato, antes mesmo da atendente terminar de redigir.

— Para quando? — perguntou o homem loiro.

— O quanto antes. De preferência agora. Estou em outra missão. — disse Arian.

— Certo. Partimos amanhã então — falou Siren.

Arian foi até Lara e pegou a mão de Ane, que já não parecia mais tão assustada com ele, apesar da expressão triste que estava fazendo.

— Ane, sei que passou por muita coisa ruim até agora, e não posso lhe compensar pelo que perdeu, ninguém pode. É algo que vai ter que viver para sempre com você, e espero que supere. — A garota tinha um olhar perdido. Arian respirou fundo e completou: — Mas posso te prometer uma coisa: tudo vai melhorar a partir de agora. O Siren é legal, pode confiar nele. E não deixe ele ficar jogando charme para todos os homens bonitos que achar no caminho. — disse o guardião, apontando para o homem.

— Ei, não me divirto enquanto estou trabalhando — reclamou Siren dando uma risada.

Arian riu, e continuou:

— Lembra de Distany, Ane? O lugar que eu falava para sua mãe? Siren vai te levar para lá. Quando crescer pode decidir se quer ficar ou não, mas por enquanto, é o lugar mais seguro e feliz que existe para você. acredite em mim, você vai gostar. — Arian olhou pensativo para ela. Parecia estar escolhendo as palavras para o que diria a seguir. — O que aconteceu naquele acampamento, foi escolha minha, e só minha. Se sentir qualquer culpa por aquilo, vou ficar muito triste. Você é a vítima, não a culpada. Entendeu?

A garota não respondeu, parecia pensativa, enquanto a mão ainda estava agarrada a capa de Lara. Siren se aproximou dela e se agachou, ficando na altura da garota.

— Oi, Ane. Vou ser seu acompanhante daqui para frente. Sou muito mais divertido que o Arian, e como pode notar, mais bonito também

— Ele falou com um ar de deboche, o que conseguiu tirar um leve sorriso da cara da garota. O homem parecia ter jeito com crianças.

— Parece que antes de partirmos vamos ter que te dar um banho, não vou te levar na minha garupa com esse cheiro — disse o homem, fazendo uma cara feia. Ele então colocou a mão para frente, como se pedisse a garota para segurá-la — Vamos?

Ane finalmente soltou a capa de Lara. Siren então, pegou na mão dela, e a levou com ele.

Após algum tempo, e já distante no corredor, ela se virou para eles, e pela primeira, depois do ocorrido, falou algo:

— Obrigada — disse ela, olhando para Arian e Lara. O guardião e a sacerdotisa acenaram, dando um leve sorriso.

— Não tem problema ele dar banho nela? — Lara estava com um olhar desconfiado.

— Talvez se fosse um menino... Mas uma garota? Está segura, sem dúvidas — disse a atendente rindo.

— Arian, qual a sua classe? — perguntou Irene, tentando ler o que estava escrito no medalhão dele, que estava na mesa da recepção. Jon estava ficando admirado em como ela não tinha mais cerimônia alguma para falar com os novos membros do grupo.

— Não importa, estou desativado — disse ele, pegando o medalhão rapidamente e colocando no pescoço.

— Ele é um SS, por isso tanta gente o conhece, só existe ele e mais um na Scarlet Dragons que ganharam classe SS. Mesmo estando desativado, o líder continua vendendo ele como membro para conseguir mais afiliados — respondeu a recepcionista.

— Isso explica muita coisa... — disse Arian.

— Pera, significa que eu sou um SS também, por ter te derrotado?

— Dorian estava olhando para Arian com um ar de superioridade.

— Quando você me derrotou?

— Se não tivesse feito aquela trapaça de ficar azul teria levado uma surra.

Arian desistiu de discutir, não parecia querer entrar no assunto.

Logo depois, pegaram as chaves de seus quartos.

— Certo... pelos próximos 3 dias, façam o que quiserem, mas vou chamá-los de forma rotativa para fazer guarda na frente do nosso quarto. Mesmo com vocês dizendo que esse lugar é seguro, não quero arriscar.

Lara, Irene, Zek e Joanne ficaram no mesmo quarto. O resto do grupo estava em quartos separados. E para economizar, Joanne pediu a Marko para deixar Jon ficar com ele, no mesmo quarto.

Já era noite quando Jon estava voltando do Bar, onde comeu o melhor sanduíche desde que chegou aquele mundo, que, no geral, não tinha comidas muito saborosas. Subiu, junto a Kadia, Joanne, Irene e Zek, para o terceiro andar, e estava para entrar em seu quarto, quando algo lhe chamou atenção: Lara caiu, quando eles estavam passando na frente do quarto de Arian.

— Está caindo depois de dois copos de vinho? Você é muito fraca com bebida, Lara — disse Joanne.

Quem estava na frente provavelmente não podia ver, mas Lara empurrou um papel pequeno por baixo da porta do quarto de Arian, antes de se levantar. Jon ficou em dúvida se a dedurava para Joanne ou não. Lembrando do passado, não achava uma boa ideia. Ela quase não estava pegando no pé dele atualmente, mais concentrada em parecer uma boa moça na frente de Arian. Se queria falar algo secretamente com ele, que seja. Mas admitia, estava curioso para saber o que ela escreveu naquele papel.

MAPA 5 – AMIRA



Capítulo 33 – O Garoto Mágico dos Livros

Jon tinha acabado de acordar com o raiar do sol. Era o segundo dia, ou, na contagem de Joanne, o primeiro dos três que teriam de folga até continuarem a viagem. Marko só apareceu no quarto de madrugada, resmungando a toda altura que o tal cavaleiro da morte o estava perseguindo e era muita coincidência ele aparecer na cidade logo depois dele chegar aqui. Zek bateu na porta de seu quarto logo cedo, perguntando se estava tudo bem. Às vezes se sentia mal por Zek tratá-lo como um bebê. Entediado, foi até a biblioteca da guild pegar algo para ler.

Diferente da torre de luz, que tinha uma coleção muito maior e assuntos abrangentes, a maioria dos livros daquele lugar focava em assuntos de puro interesse dos membros da guild: guias para aventureiros iniciantes, como lidar com cada tipo de missão, guia de estratégias, teoria de combate contra diferentes criaturas, qual era o grupo ideal para cada tipo de missão, como escolher companheiros de grupo, identificar maldições, psicologia para pessoas com medo de matar, sistema de classe, como evoluir rapidamente em sua guild, heróis lendários e suas guilds, etc.

O mais interessante era um chamado "Livro dos Monstros", descrevendo todas as criaturas catalogadas até agora nesse mundo, suas principais características, e como lutar contra elas. Tinha mais de 10 volumes, e cada um deles era enorme. Jon decidiu começar por algo mais simples, uma coleção de dois volumes pequenos explicando sobre o sistema de classe em guilds. Quando estava saindo da biblioteca, para ler em seu quarto, viu Marko, caminhando em direção a Arian com um sorriso de todo tamanho na cara. Arian estava sentado em uma mesa do bar da guild, próximo a entrada, enquanto folheava uma pilha de papéis.

— Ei, Arian, veja, entrei na sua guild! — disse Marko, mostrando a corrente em seu pescoço.

— Pensei que não gostasse de guilds... — respondeu o guardião, olhando para o amigo.

— Eu ganho desconto de 50% se estiver nela, e não me deram nenhuma tarefa! Pensei que conseguiria pelo menos classe A, mostrando meu rank militar, mas só me deram C.

— Não te dão uma classe maior que C quando entra, mesmo que seja um classe S no exército, ou em outra guild. Tem que fazer algumas missões se quiser subir.

A conversa interessou Jon. Ele se aproximou rapidamente dos dois, enquanto carregava alguns livros debaixo do braço esquerdo e passava os olhos em outro, que segurava aberto, com o braço direito.

— O que precisa fazer para conseguir essa classe SS, que vocês comentaram ontem? Não está descrita nesse livro — perguntou Jon, enquanto folheava o volume 1 do livro sobre o sistema de classes.

— Não existe uma regra, mas, geralmente, derrotar uma criatura mítica sozinho, com testemunhas, ou matar outro rank SS. O último é o mais comum de ocorrer — Arian estava ouvindo e respondendo as perguntas, mas seus olhos permaneciam focados na pilha de papeis à sua frente.

— Qual dos dois você fez? — perguntou Jon.

— O segundo, mais ou menos...

— Como mais ou menos?

— Eu deveria ser A+ ou S, só me equiparo a um SS quando... — Arian parou de mexer nos papeis e olhou para Jon. — Lembra da Arena? Quando aquilo acontece... Só que não posso controlar, por isso deveriam ter me mantido como S. Além disso, pessoas vem atrás de você para tentar te matar, só pela fama, se tiver um SS em sua identificação.

— Entendi... Achei! Estava no volume 2. Olha, tem um rank acima de SS — Os olhos de Jon quase brilhavam, tamanho seu interesse folheando o livro.

— Não levaria essa parte a sério se fosse você — disse Arian, desinteressado, enquanto continuava folheando a pilha de papéis à sua frente, parecendo em dúvida.

— Alira, Wixen, Tiraval, Malacastor, Lunar, Lancaster, quase todos os heróis antigos desse mundo, são classificados como classe Ômega. Ao menos é o que diz nesse livro... Se classes SS são considerados semideuses, os Ômega não seriam equiparados a deuses?

— Isso é tudo bobagem, nunca vi um deles até hoje. Só existem em lendas e contos populares.

Arian parecia incomodado pelo assunto. Jon se perguntava como ele podia ser tão cético.

— Tem alguma forma de identificar a classe de alguém, fora esses medalhões? Não diz nada sobre isso aqui. Seria vantajoso saber a classe do seu adversário, não?

— Todos os classe SS de cada país são catalogados, e um folheto com a lista atualizada é distribuído de tempos em tempos para guilds e o exército. São todos famosos e considerados perigosos, então você pode decorar as características físicas de cada um, se quiser. Tem elas descritas em vários locais. — disse Marko, ao notar que Arian não estava mais querendo responder.

— Certo, mas e os outros?

— Não tem como saber, eu acho...

Vendo a dúvida de Marko, Arian voltou a entrar na conversa.

— Se os seres lutando não estiverem causando grande estrago na área a volta deles, são classe A, no máximo. Se estiverem causando algum estrago a seus arredores, como destruir paredes ou pequenas construções, classe S. Se vir muita coisa destruída e talvez até construções inteiras indo abaixo, está vendo um combate de classes SS. Já se o mito dos Ômegas fosse real, e baseado nos contos sobre eles, se eles lutassem... Bem, não sobraria muito dessa cidade de pé. Portanto, ainda bem que eles não existem.

— Precisa mesmo ver algo para acreditar que existe?

— Hum... Sim!

Os dois começaram a se encarar de forma séria e, prevendo uma nova discussão, Marko tentou mudar de assunto.

— Jon, como consegue ler tão rápido? Nunca vi nada parecido com o que está fazendo.

Jon estava folheando o livro olhando para a página e passando para a outra em um tempo que não daria para uma pessoa normal ler sequer uma frase. Mas como ele passava o olho e comentava os assuntos logo depois, claramente tinha lido a informação contida ali.

— Eu tenho facilidade em gravar e lembrar tudo que vejo, e de ler rapidamente.

Marko ficou olhando desconfiado para ele, até que Dorian apareceu atrás de Jon. Pela cara amassada, tinha acabado de acordar.

— Você já leu esse livro antes e queria só impressionar esses dois, admita... Não se preocupe, Marko vai te levar para o bordel de qualquer forma. Não precisa impressionar ele... — disse Dorian.

— Não, é sério.

— Certo, garoto mágico dos livros, se é assim, um teste então.

Dorian pegou um papel que estava no balcão, perto da recepção. Depois colocou na frente de Jon e tirou rapidamente.

— O que tinha no papel?

— “Atualização de Ranks SS pelo mundo: Moonsong - Azureos, Elune, Lazivel, Castius, Raziel | Norte (Reino humano) - Herz, Morgan, Arthur Frost, Valadar, Armitazen | Sul (Reino humano) - Maverik, Arian, Kalim, Floren, Diane...”

Jon citou todos os 8 países principais do continente, e seus ranks SS.

— Por Alizen! Que magia é essa? — perguntou Dorian, com os olhos arregalados.

— Não é magia, eu nasci assim...

— Magia inerita então, que não gasta energia? Como a da Kadia, de ler mentes.

— É, pode encarar dessa forma se quiser.

— Espera... Só consegue fazer isso com livros? — perguntou Marko.

— Não, qualquer coisa que eu veja, sempre lembro de tudo em detalhes.

Os olhos de Marko brilharam. Dorian estava com um sorriso na cara também, ambos pareciam estar pensando a mesma coisa.

— Então... Tem mais um lugar que vamos depois do almoço, fora o bordel. Pode me ajudar Dorian? Preciso de 3 homens para isso dar certo.

— Dividimos igualmente?

— Claro.

— E o Arian? — perguntou Jon.

— Ele é péssimo no que quero fazer, e está ocupado procurando uma missão para ir junto com a Lara.

— A Lara quer ir em uma missão? Joanne nunca vai deixar.

— Isso não é problema meu, venha comigo. Você vai me deixar rico, digo... nos deixar ricos. E pare de me olhar com essa cara, vai poder comprar coisas legais para Joanne com o dinheiro. Não quer dar algo a ela?

Jon não tinha como ir contra esse argumento, então concordou com a cabeça.

— Certo, sentem-se, vou explicar o que cada um tem que fazer.

Jon sentou na mesa que Arian estava, junto de Marko e Dorian. Estava dividindo sua atenção entre o que eles diziam e o livro a sua frente. Arian ignorou os três, até que pareceu ter achado o que procurava. Levantou e foi correndo falar com a recepcionista,

enquanto segurava uma pilha de papéis em uma mão, e apenas dois na outra. "Por que dois? E o que tinha na missão que ele achou para tê-lo deixado afobado daquela forma?", pensou Jon. Logo depois de devolver a pilha de papéis à moça da recepção, e pegar algo com ela, Arian olhou para o Sol, e correu para fora do local, como se estivesse atrasado para algum compromisso.

Capítulo 34 – A Fugitiva

— Tem certeza, Arian? Não são missões para sua classe, e o pagamento é péssimo, não é à toa que ninguém pegou ainda. — A recepcionista estava olhando confusa para os dois registros que Arian escolheu, junto ao bolo de missões disponíveis que ele trouxe de volta.

— Preciso de algo rápido e perto daqui, essas estão ótimas. A recompensa não importa. Fez as duas identificações temporárias que te pedi?

— Sim, estão aqui. Para que vai usá-las?

— Não quero reativar a minha antiga. Essas de membros temporários são a melhor opção.

— O certo seria colocar a garota na classe D, mas como deu sua palavra que ela é pelo menos A+, coloquei C, como fiz com seu amigo.

— Obrigado. — Arian pegou e conferiu rapidamente as identificações. — Bom, é isso. Devo voltar em 1, ou 2 dias.

— Boa sorte.

O guardião saiu apressado pela entrada da guild. Pela altura do Sol, já estava atrasado. Tinha passado um pouco da metade do dia, que foi quando Lara combinou dos dois se encontrarem, ou mais precisamente, dele ajudá-la a fugir. Se dirigiu para o beco que separava o prédio da guild das casas em volta. O quarto dela era na mesma altura do seu, quinto andar, e Lara disse que colocaria duas toalhas na janela, para ajudar na identificação. Não tinha uma corda, o que significa que ele teria que escalar para pegá-la.

Arian conversou com os guardas, pagos pela guild, que ficavam de vigília em volta do prédio. Mostrou sua identificação e avisou que iria pegar sua namorada pela janela, descrevendo tudo como um fetiche dela. Todas essas instruções estavam na carta que Lara deixou para ele, que foi passada por debaixo da porta. Arian não gostou da

ideia, e nem <E>, que estava querendo o matar com os olhos desde que falou a palavra namorada. Mas o pagamento que Lara prometeu era alto demais para ele recusar.

Escalou a construção, tentando ficar longe das janelas, enquanto um dos vigias ficava de olho nele, provavelmente para conferir se só iria fazer o que tinha combinado. Também mudou a cor de sua capa para a mesma cor da parede, na tentativa de chamar menos atenção. Tinha várias decorações de metal e pedra presas na parede, o que tornava fácil escalar. Foi até a janela com as duas toalhas. Ela dava para um banheiro, provavelmente do quarto de Joanne. Lara apareceu pouco depois, na janela ao lado, que dava para o comodo principal do quarto. Fingiu estar olhando a paisagem, e fez sinal com a mão para ele aguardar. No momento, o que ele queria mesmo saber é como Lara faria para fugir de Joanne e as outras, que estavam no mesmo quarto?

As mulheres dentro do quarto estavam conversando algo. Lara disse que precisava ir no banheiro, e logo depois apareceu na janela que Arian estava. Ele a segurou e pulou para o beco. O impacto quebraria as pernas de um humano normal, mas no caso dele não era nada demais. Logo depois viu uma fumaça negra saindo da janela com as duas toalhas, e os gritos de Joanne amaldiçoando Lara.

— O que você fez? — perguntou Arian, olhando confuso para cima.

— Disse que daria um jeito para elas não nos seguirem, não disse? Agora corre!

— Quer mesmo fazer isso? — perguntou, enquanto corria junto com ela para fora do beco.

— Vamos, ou não te conto nada!

O vigia fez um sinal de positivo para os dois, conforme eles saiam correndo pela rua. Arian e Lara sorriram de volta.

— Me sinto um idiota...

— Por quê? Eu sou a namorada com fetiche por fugas, você é só o namorado obediente.

— Não tinha uma história melhor? A sua deixou uma garotinha muito brava. — disse Arian, enquanto olhava para <E>, correndo com uma cara emburrada, ao lado dele. Seja qual for a dúvida que ela tem quanto a Lara, tinha deixado para lá no momento.

Lara não respondeu, só começou a rir, para o espanto de Arian.

"Ela sabe sobre <E>? Ou só achou o que eu falei engraçado?"

Os dois pararam depois de chegar em uma rua maior, cheia de charretes e carroças passando. Era uma das ruas principais. Como não se podia entrar em Amira a cavalo, para ir de um lugar para o outro se usava o transporte público. As charretes mais luxuosas eram pagas, e as mais simples, que cabiam bem mais pessoas, gratuitas.

— Certo... Vamos para a cidade de Avile, é bem próxima. Mas eu ainda acho arriscado.

— Não se preocupe, eu deixei a relíquia com elas. Então os que estão atrás daquilo não vão ter motivos para nos perseguir.

De fato, a pequena caixa preta, que Lara sempre carregava no cinto, não estava com ela. Arian só pode pensar que foi isso que ela usou como distração. O objeto produziu aquela fumaça quando ela o largou para trás.

— Tudo bem fazer isso? A Joanne parecia mal aquela vez que passou a caixa para ela.

— Tem três para segurá-la ali, não devem ter problema se ficarem todas juntas... Mas e agora, para onde?

— Temos que pegar uma charrete até a saída, é bom que já vejo um cavalo novo no estábulo. E Lara, cubra mais seu rosto com esse capuz, você chama muita atenção.

Lara obedeceu, com um enorme sorriso na cara. A roupa dela era simples, o que chamava atenção era seu rosto, que era lindo.

"Chama muita atenção dos outros, ou é você que não consegue parar de olhar para o rosto dela?"

"Eu gostava mais quando você ficava calado a maior parte do tempo..."

"Achei que você iria parar de me usar se fizesse isso, mas como não funcionou, vou voltar a te incomodar com mais frequência".

Arian tentou ignorar seus pensamentos e assobiou para uma charrete luxuosa que estava passando. Os dois entraram.

— Para a saída Sul, por favor.

— Sim, senhor.

No meio do caminho, perto do centro da cidade, uma estátua gigantesca chamou a atenção de Lara. Era um homem com uma armadura feita de pele de dragão e uma espada, segurando uma mulher em um dos braços. Ela tinha orelhas élficas e um cabelo bem longo. Tocava o rosto do cavaleiro com uma das mãos e ele a olhava, como se estivesse em transe.

— Essa estátua não está errada?

— Lancaster e Amira. Nunca leu a história deles? Era a favorita de Emily, uma das mais românticas entre os contos de heróis antigos. Tem esta estátua e outras menores, dos dois, em diferentes posições, espalhadas pela cidade toda.

— Emily?

— Uma garota que conheci... Era como uma irmã para mim.

Lara deve ter notado que ele não queria falar do assunto, porque logo mudou de tópico.

— A mulher de Lancaster não é a filha da rainha dos celestiais, Lux? Tem uma estátua deles juntos na cidade da luz. A demônio Amira traiu os dois e morreu pelas mãos de Lux. Fora ela, só tem o dragão com quem Lancaster fez seu pacto, dizem que está sempre na sombra dele.

— Sério? Eu nunca li. A história que Emily me contou não citava nenhuma Lux, e era bastante floreada no romance. A parte do dragão era meio diferente também. Vou perguntar ao Jon se ele sabe algo a respeito depois. — A atenção de Arian se voltou para uma loja enorme com um escudo e uma espada na frente, da qual eles estavam se aproximando. — Vamos descer aqui. Temos que comprar armas de prata se vamos mesmo fazer isso.

Arian pagou a carruagem, e os dois entraram em uma loja gigantesca de armas logo depois. Ele comprou quatro espadas de prata de média qualidade e uma normal, já que as dele tinham quebrado na luta contra Malak.

— Se quer uma espada reserva, não é melhor comprar uma de melhor qualidade?

— Elas nunca duraram muito mais que as de média qualidade para mim, e custam mais do que o dobro. Se tratando de armas, ou você gasta uma fortuna com uma arma quase inquebrável, ou então é melhor comprar uma barata, já sabendo que vai quebrar em algum momento. Se precisar lutar contra alguém com uma arma mágica, eu tenho a arma de maior confiança na minha cintura.

— Por que não usa só ela? Lâminas espirituais são quase tão eficazes quanto armas de prata contra criaturas mágicas.

Arian tirou a espada e mostrou a Lara. Estava cheia de fissuras.

— Não tem como reparar, já que a alma está praticamente morta. Quanto mais eu uso mais perto ela fica de quebrar. — Arian olhou para a espada, com um pouco de tristeza nos olhos. — Foi a única coisa constante, fora uma certa pessoa, que tive comigo desde que acordei há cinco anos. Não quero nem pensar no que vou fazer no dia que quebrar.

Arian pagou pelas espadas mostrando seu medalhão de Distany. O homem no balcão passou um objeto de metal quadrado, cheio de inscrições, em cima do medalhão, e considerou tudo pago.

— Que isso? Não tinha na cidade da luz, nem na que eu morava quando pequena.

Ambos saíram da loja e se dirigiram ao estábulo, que era perto dali, enquanto Arian explicava sobre o novo sistema de pagamento.

— Tem uma magia que estão usando nas grandes cidades que transfere o pagamento em créditos, é bem recente. No meu caso, usando o medalhão de Distany, fica creditado para o governo da cidade pagar. Se pagar usando o medalhão da guild, fica creditado para ela pagar. Cada cidade grande tem uma loja especial de troca, que faz a transação entre as cidades, guilds e lojas que estão participando do sistema. É bem mais eficiente do que carregar sacos de ouro por aí com você.

— Ainda acho pagar com moedas mais simples.

— É, mas em alguns anos acho que isso vai tomar o lugar das moedas.

— Certo. E para que quatro espadas? Não é melhor eu usar a minha? É muito superior a essas.

— Espadas revestidas de prata são mais eficientes contra amaldiçoados e licans. Se bem que a sua pode congelar eles... Mas suponho que gaste sua energia e da criatura na espada para isso, então é melhor não desperdiçar.

— Pegou algo tão difícil assim? Eu só queria me divertir um pouco.

— Não é difícil... Mas vários conhecidos da minha guild morreram exatamente por começarem a achar que eram fortes demais, e aí se descuidavam. Conseguir imaginar um classe A sendo morto por goblins? Já aconteceu, mais de uma vez.

— Você mudou muito. Quando o conheci, era descuidado e impulsivo. Admito que era mais divertido naquela época... — Lara o olhou como se buscasse um vestígio da pessoa que ela conhecia, ou talvez estivesse comparando os dois mentalmente.

"Notou como o modo que ela descreveu você é similar à sua confiança excessiva durante combates, anos atrás? Você era muito burro..."

"Inexperiente, não burro..."

Arian ia perguntar alguma coisa a ela, mas resolveu esperar. Tinham acabado de chegar ao estábulo principal, na saída da cidade. Ele foi diretamente ao setor de vendas.

— Quanto por um White Astalion?

— 100 moedas de ouro.

— Pode trazer todos aqui?

— Só tenho seis, mas para quê?

— Apenas um teste que gosto de fazer.

O homem trouxe os seis cavalos. Arian se afastou deles e começou a assobiar, como se estivesse os chamando. Eles ficaram o observando por um tempo, até que um deles foi em sua direção, andando calmamente. Arian acariciou a cabeça do animal.

— Fico com esse.

— Para que isso? — questionou Lara.

— Ele gostou, ou se interessou por mim. Isso faz diferença entre ficar a seu lado, ou fugir em horas críticas. Tem mais chance de nos darmos bem.

— Parece frescura...

Lara tentou fazer o mesmo, mas nenhum cavalo foi até ela. Ela então fez uma cara furiosa, e os cavalos recuaram para trás.

— Como eu disse, isso é bobagem.

Arian começou a rir.

— Depois pedimos para Kadia ler a mente deles e descobrir quem está certo.

"Isso se ela voltar a falar com você..."

"Poderia ficar quieto?"

Lara olhou para os cavalos por um tempo e se decidiu.

— Certo, eu fico com aquele com a marca preta na cabeça.

— Vão comprar ele também? — perguntou o homem que trouxe os cavalos.

— Não, só alugar por 3 dias.

Arian usou o mesmo sistema do medalhão de Distany para fazer o pagamento, e eles seguiram viagem saindo pelo portão da cidade. A estrada era bem movimentada, com carroças indo e vindo sem parar. Quando viraram para uma estrada um pouco menor, rumo à cidade que requisitou a missão, Arian finalmente perguntou.

— Que tal algumas respostas que me prometeu?

Lara o olhou pensativa, e então disse:

— Marven Stormlight.

— Como?

— Era seu nome, Marven Stormlight. Sua mãe se chamava Liaz Stormlight.

— Minha mãe... Ela está viva?

— Desapareceu há cinco anos, junto com você. Pensávamos que estavam mortos...

— Qual era a cidade?

— Fica ao sul da cidade de Breves, na União Central. Uma cidade chamada Ether.

Arian tentou usar as informações para localizar mais ou menos a cidade, na sua mente. A União Central era o maior país do continente, se localizando bem no centro do mesmo. Era um território enorme. E diferente do Sul e do Norte, a União Central não

tinha um Rei a qual todas as cidades respondiam. O que se tinha eram várias cidades, se unificando por tratados, e um concelho geral, com representantes de cada um dos principais territórios daquele continente. Tudo era decidido pela votação desse concelho, desde tratados de comércio, a punições por quebras de acordos pre-estabelecidos. O número de cidades na União Central era absurdo, então Arian estava com dificuldade para lembrar onde ficava Breves, que Lara acabou de citar.

— Antes que pense em ir para lá, desesperadamente, a cidade não existe mais.

— Como assim?

— Boa parte dela foi aniquilada por uma explosão há cinco anos, e todos os habitantes se tornaram amaldiçoados. Não existem provas, mas acham que foi o Lich.

— Aquele Lich? O da lenda da grande guerra do Sul e do Norte? Não achei que existia de verdade, e mesmo que exista, pensei que o problema dele era com o Sul.

— Eu também... Até por isso, ninguém tem certeza se foi ele mesmo, já que não existem outros casos parecidos na União Central.

Arian ficou mais um tempo pensativo.

— Já é melhor do que nada, mas... Como vim parar aqui se morava em uma cidade no meio do continente?

— Isso eu não sei dizer, embora ache possível bolar algumas teorias plausíveis.

— Certo. Sabe o que eu sou então?

— Talvez...

— Como talvez?

— É complicado... Me dê um tempo para elaborar sobre isso — disse Lara, com um sorriso sádico, enquanto observava o desespero de Arian.

Ela logo voltou a fazer uma expressão mais inocente. Arian estava começando a achar que tinha entendido os comentários de Joanne e Jon sobre a personalidade dela. Ele estava frustrado, de tudo que queria saber, isso era o que mais lhe afligia, isso e...

— Certo. Sabe se eu conhecia alguém com um nome que começava com a letra E? E como você me conheceu? Morava perto?

Lara deu uma risada leve. <E>, que estava sentada à frente de Arian no cavalo, olhou interessada, nesse momento.

— Infelizmente, suas perguntas se esgotaram, se eu responder tudo de uma vez, Joanne me mata. Na verdade, como disse na carta que deixei em seu quarto, ela queria que eu enrolasse você, e só contasse o que sei em Sunkeep. Já te contei mais ou menos metade das informações que tenho.

Arian soltou um resmungo, se amaldiçoando por não ter escolhido melhor as perguntas. O que conseguiu era melhor do que nada, mas não o ajudava muito em suas principais dúvidas, e ainda gerava mais perguntas.

— Agora é minha vez. Me conte sobre algumas de suas aventuras nos tempos de guild.

— Marko não te contou tudo?

— Só do tempo do exército para frente. Me conte algo que não contou para ele.

Arian ficou um tempo pensando.

— Conhece a cidade das Dungeons?

— Já ouvi falar, mas nunca fui lá. Uma ilha à leste daqui habitada pelos primeiros elfos, há mais de 5000 anos, antes de evacuarem o local. Hoje em dia, tem uma cidade controlada pelos humanos, e muitos aventureiros explorando as cavernas da ilha e um abismo gigante que tem lá, em busca de tesouros deixados pelos elfos, quando evacuaram o local às pressas — respondeu Lara, para a

surpresa de Arian. — Viu? Jon não é o único que sabe das coisas — completou ela.

Arian riu.

— Bem... No meu segundo ano na guild, fui mandado para lá...

Arian foi contando as histórias mais felizes que lembrava, até chegarem na cidade, à tarde. Os cavalos eram muito rápidos. Em montarias normais teriam demorado o dobro do tempo, e eles estariam muito cansados quando chegassem. Esses, no entanto, não tinham nem suado.

A vila era pequena, não parecia ter mais de 10.000 habitantes, e a maioria das casas era bem rústica. A cidade era cercada, do lado direito ficava um enorme lago, e à esquerda a floresta de Ark.

— Chegamos. Avile... faz tempo que vim aqui. É famosa pelo vinho e pão temperado.

— Tem interesse em algum dos dois?

— Não muito, não consigo beber nada que não seja água sem querer vomitar.

— Sério?

— Adoraria dizer que é uma piada ruim... Se ficar com pena e quiser me dizer o que eu sou agradeço.

— Não sou tão fácil...

"Olha para esse sorriso sádico... Gosto cada vez mais dela".

"Não, só aprecia qualquer coisa que me perturbe...".

— Muito bem... Os ataques ocorrem ao sul da cidade, sempre saindo da floresta de Ark. Não é uma missão tão difícil, mas sempre podem mudar de nível com adversidades, e tem muitos ninhos de goblins nessa área da floresta.

— Nunca vi um. Dizem que são nojentos.

— A nojeira é o de menos, eles atacam em grupo, da forma mais traiçoeira possível, e o sangue deles gruda na sua espada, é horrível de tirar... Temos que encontrar o contato na guarda da cidade, veio de lá a requisição. Para onde era a guarda...?

Arian se achou depois de um tempo, e os dois pararam na frente de uma pequena casa, que parecia ser a base do quartel do local.

— Viemos pela missão 568844EW, destruição de um núcleo pequeno de amaldiçoados na floresta de Ark. Precisamos de um observador — disse Arian, desmontando do cavalo e se apresentando na porta da casa.

Logo depois, um soldado apareceu na porta.

— Podem apresentar as identificações?

Arian passou os medalhões de membros temporários dele e de Lara.

— Baldur, classe B+, nunca ouvi falar. E Lara, classe C... Pensei que mandariam um classe B ou A...

— Não vai conseguir um classe A pagando 5 moedas de ouro... Acredite amigo, pode não parecer, mas é seu dia de sorte.

O militar olhou incrédulo para ele. Depois olhou para Lara, e ficou meio hipnotizado por um tempo, muito provavelmente, pela aparência dela. Lara parecia uma daquelas celestiais, com beleza sem igual, descritas em livros antigos, então não era surpresa chamar tanta atenção. Mas logo o homem voltou a si.

— Sei... Bem, se fracassarem vão acabar mortos, ou não levando nada, então não é como se tivéssemos algo a perder. Johan, você vai com eles como observador, para comprovar que o trabalho foi realizado.

Um garoto com cabelo até o ombro, bastante cacheado, saiu de dentro da casa, que servia de sede da guarda.

— Senhor, eu acabei de entrar para a guarda, não acho que tenha experiência para...

— Exatamente, nenhuma iniciação é melhor do que se meter no meio da floresta de Ark em uma aventura. E veja pelo lado bom, se voltar vivo vamos parar de pegar no seu pé. Seu trabalho é só observar, esses dois que vão ter que fazer todo trabalho pesado, então só torça para serem bons.

— É seu dia de sorte, Johan. Vai se aventurar com uma mulher linda e um guerreiro de alto nível — disse Lara, com um sorriso confiante.

O garoto corou e ficou encarando Lara. Era mais um hipnotizado pelo rosto dela. Mas o transe não durou muito tempo.

— Espero que esteja certa... — disse o garoto, de uns 14 anos, como se estivesse indo para seu enterro.

Lara e Arian riram. Depois o garoto montou em um cavalo e os três seguiram em direção à floresta. <E> estava em pé na traseira do cavalo. Parecia empolgada com a aventura.

— Não querem esperar até amanhã de manhã? — perguntou o garoto, checando sua espada na cintura. Não tinha armadura, só usava um uniforme cinza e botas pretas, como era o padrão da guarda local.

— Estamos com pressa. Vamos só fazer uma vistoria superficial, enquanto ainda temos luz do dia. Quando anoitecer voltamos. Se formos de manhã, vai ser mais difícil achar os amaldiçoados e a direção de onde estão vindo. Eles quase não se movem durante o dia — disse Arian.

— Que outra missão é essa que está carregando? — perguntou o garoto, ao notar que Arian tinha mais um papel com ele, com a beirada saindo do bolso da calça.

— Uma extra, pessoal, ou quase isso... Mas essa não precisa de observador — disse ele, colocando o papel para dentro do bolso.

Lara e o garoto o olharam com ar de dúvida, e ele explicou qual era a missão secundária que queria fazer, enquanto eles entravam no floresta.

A uma certa distância deles, um homem e uma mulher, cobertos por mantos negros, os observavam.

— O que acha? — perguntou o homem.

— Perda de tempo, não está com ela — disse a mulher.

— Ela pode estar escondendo.

— Poderia ver os portais para a dimensão negra abertos, se estivesse com ela.

— Que droga, pouparia um bocado de destruição em Amira... Voltamos ao plano A então, e aguardamos os reforços. Raziel foi pegar o que lhe pedi, e os outros devem estar chegando amanhã.

— Vamos voltar para Amira, temos preparativos a fazer — disse a mulher, virando seu cavalo.

— Vá na frente. Vou ficar por aqui, de olho neles.

— Como quiser.

A mulher partiu a galope com o cavalo, em direção à cidade de Amira. O homem ficou encarando as costas de Arian, enquanto ele e os outros dois a seu lado entravam na floresta.

— Entrar na floresta de Ark ao entardecer não é uma boa ideia... É bom não morrer agora, Arian, ou pode acabar perdendo a chance que vou te dar de descobrir tudo que sempre quis nos últimos anos...

Capítulo 35 – A Demônio Frustrada

— Quando vir a Lara de novo, eu mato ela! — disse Joanne, suando frio, enquanto segurava um objeto preto e quadrado, cheio de inscrições, junto com Zek. — Isso também é culpa sua Irene.

— Como eu ia saber que ela fingiria ir ao banheiro e depois pularia pela janela do quinto andar, deixando a relíquia para trás? — Irene estava olhando pela janela do quarto.

— Por que o Arian a ajudou, afinal? — perguntou Kadia, que tinha vindo correndo para o quarto delas, assim que escutou os gritos.

— Ela sabe coisas do passado dele... não preciso ler mentes para desvendar essa — disse Joanne, tentando forçar uma risada.

— Zek, qual o seu problema? — perguntou Irene, vendo a garota com um olhar distante. Diferente de Joanne, não parecia estar sofrendo enquanto encostava na relíquia.

— Sabem onde o Jon foi? — perguntou ela, desanimada.

— Eu o vi saindo com Dorian e Marko, quando fui pegar o almoço no bar. Ele está seguro com aqueles dois, não precisa ficar tão neurótica só porque falei para ficar de olho nele.

— Joanne, você não notou, ou só está fingindo? — perguntou Irene, olhando ela com um olhar desafiador.

Joanne parecia confusa com a pergunta.

— Pobre rato de livros... — disse Irene, balançando a cabeça, enquanto voltava a observar a rua.

— Não o chame assim — reclamou Zekasta.

Joanne achava incrível como Zek podia ficar brava sem transparecer isso no rosto.

— Zek, está levando o papel de guarda costas do Jon longe demais.

— Por Alizen, Joanne! Não é as costas do Jon que ela quer, mas sim o...

Zek saltou para cima de Irene e tapou sua boca antes dela completar a frase. A garota fez um olhar tão agressivo que Irene decidiu não reagir, só levantou as mãos, como se estivesse dizendo que entendeu o recado.

— Zek, solte-a, se perdermos uma sacerdotisa vai sobrar só eu e você para dividir esse negócio até Lara voltar. E volte logo aqui, é sufocante segurar isso sozinha.

Zek soltou Irene e voltou para o lado de Joanne. Kadia estava sentada em uma das camas, as observando, provavelmente tentando ler a mente delas.

— Me digam uma coisa, não é preciso ser uma pessoa de coração puro para virar uma sacerdotisa? Eu já vi um pouco da mente da Lara e... Ela não bate com isso.

— Isso é bobagem. É igual a história que espalham de que todos os demônios com olhos vermelhos são ruins, ou celestiais são todos bons. — disse Irene.

— Qualquer um com afinidade à dimensão dos celestiais pode ser uma sacerdotisa — Joanne disse isso olhando profundamente para Kadia, e completou — Que tal se testar, Kadia? Assim que tocar esse objeto, sua mente, como forma de se defender, vai subconscientemente tentar puxar energia da dimensão dos celestiais. É mais ou menos assim que testamos a aptidão das pessoas.

Kadia olhou para Joanne, desconfiada. Estava pegando lampejos do que ela queria com aquilo tudo.

— Não, obrigada.

— Um demônio com forte ligação com a dimensão dos celestiais? Seria engraçado...iria ser venerada na torre de luz, ou caçado até a morte pelos celestiais.

Kadia ficou pensativa por um tempo depois disso. Mas logo voltou a seu olhar distante e depressivo dos últimos dias.

— Kadia, pare de fazer essa cara, se tem um problema com o Arian fale logo com ele. Não vou aguentar mais duas semanas nesse clima, até chegarmos a Sunkeep — disse Irene.

Joanne olhou para Kadia por um tempo, e então disse:

— Kadia, o que você faria, se estivesse na situação dele? Escolheria uma pessoa que gosta, ou um bando de desconhecidos?

— Você entendeu errado. Não ligo de ele ter salvado a criança em vez das pessoas do vilarejo. Não acho errada a decisão que ele tomou, nem certa. Mas eu tinha alguém importante em Midland...

— O que o Arian tem a ver com isso?

— Segundo o que Malak falou, ele foi o responsável por metade da cidade ter sido destruída. Parece que foi o preço para salvar alguém que ele conhecia — disse Kadia.

— Então foi isso que você viu na mente da Ane... — constatou Joanne.

— Era um familiar, ou amante seu? — perguntou Irene.

— Minha família, ou o que sobrou dela, não está neste mundo... Mas lembra do homem que eu disse ter pego aquelas memórias horríveis, de um tempo em que foi torturado? Ele me deu onde morar e me ajudou, quando cheguei nesse mundo. Ele é... era, a melhor pessoa que conheci até hoje, nunca vi uma mente tão pura e honesta. — Kadia sorriu levemente, enquanto contava sobre o sujeito. — Quando ele ficou bem velho, eu já tinha juntado bastante dinheiro, e comprei para ele uma casa luxuosa em Midland, onde ele dizia ter o sonho de morar, desde que o conheci. Eu passava a maior parte do tempo viajando pelo continente central, mas o visitava de vez em quando. Alguns anos depois, no entanto, metade da cidade foi destruída, incluindo a casa onde ele estava... — Kadia passou a mão rapidamente na lágrima caiu de um de seus olhos. — Agora, eu te devolvo a pergunta, Joanne: O que faria se descobrisse que uma pessoa que você conheceu há pouco tempo, e sabe que não é ruim, foi o responsável por matar alguém que você gostava muito?

— Não faço ideia... Mas... Posso sugerir algo?

Kadia balançou a cabeça.

— Imagine que tem que escolher entre esse homem que você gostava, e metade das pessoas de Midland. E também que exista alguém que o Arian gosta muito, entre essas pessoas de Midland que vão morrer, caso você escolha o homem. O que você faria?

Kadia abriu levemente a boca, surpresa. Joanne sorriu, ao notar que tinha sido efetivo.

— “Tente se colocar no lugar da outra pessoa...” Não lembro mais onde li isso, mas acho que é da época que ainda morava em um orfanato. Não tinha nada para fazer, então ficava o dia todo na biblioteca da cidade. De qualquer forma, Arian prioriza quem ele gosta sobre qualquer coisa. Ele provavelmente faria a mesma coisa de novo, mesmo que se sentisse mal por você.

Kadia ficou pensativa por um tempo. Mas não parecia tão desanimada, só confusa.

— Livros são mais úteis do que imaginei... — disse Kadia, rindo.

— Infelizmente, eles não consertam sua personalidade. E graças a ela, não consigo manter um namorado, ou uma conversa longa sem espantar meus pretendentes... É pedir demais um homem culto, valente e que aprecie minha comida?

— Desista da última parte! — disse Kadia e Irene, ao mesmo tempo.

Zek começou a rir depois disso, para a surpresa do grupo. Até a forma de rir dela era estranha, já que o rosto não mexia muito.

— Então, vamos atrás da Lara ou não? — perguntou Irene.

— É inútil. Eu odeio admitir isso, mas somos reféns da boa vontade dela, a não ser que vocês queiram carregar isso juntinhas comigo o resto da viagem toda.

— Não tinha mais ninguém que aguentasse isso sozinha? — perguntou Kadia.

— Não, infelizmente, aquela criança mimada é a única que consegue conter esse objeto sozinha por tanto tempo. Se Alizen realmente a abençoou ou escolheu, tenho sérias dúvidas quanto a sanidade dela.

— Lara sempre foi assim? Digo... — Kadia não sabia bem como definir Lara.

— Só pensa nela mesma? Sim, se não for importante para ela, cuidado, porque não vai te ajudar, mesmo em uma hora crítica.

— Mas a criança meio-elfa...

— Adoraria dizer que ela fez aquilo por ter um bom coração, mas a verdade? Tenho quase certeza que só queria cair nas boas graças do Arian.

Kadia pareceu meio chocada com a resposta.

— E então, o que vai fazer com o seu dilema? — questionou Joanne.

— Não sei ainda. Não tenho raiva dele, mas também não consigo fingir que nada aconteceu... — disse ela, contraindo os lábios.

— Sei que pode parecer irrelevante, mas ouvir um pedido de desculpas sincero, por mais que sejam só palavras, às vezes, funciona.

— É... Acho que vou fazer isso, quando ele e Lara voltarem...

— Do encontro... — completou Irene.

Joanne tacou um travesseiro na cabeça dela.

— Preciso ir no banheiro — disse Zek.

— Que tédio... — disse Irene, olhando pela janela. — Ei, acho que tem alguém nos espionando...

Kadia levantou e foi até a janela. Seus olhos estavam completamente dourados.

— Ele foi mandado para confirmar a localização do objeto — disse ela, lendo a mente do sujeito no telhado de uma construção próxima. Kadia então saltou pela janela.

— Zek, vá ajudá-la e tentem capturá-lo. Se não conseguirem, matem-no — Zek correu para pegar sua espada e depois saltou pela janela, indo parar no telhado da construção que ficava ao lado da Guild.

— Por que não me mandou? Meu arco talvez seja mais efetivo — questionou Irene.

— Em termos de combate, Zek é muito superior a você. Agora venha aqui me ajudar a segurar esse negócio.

Irene obedeceu, fazendo uma cara de preocupação, enquanto tocava no objeto negro.

— Espero que a Lara volte logo, não tenho um bom pressentimento quanto a isso.

Capítulo 36 – A Floresta de Ark

— Vocês são mesmo classe B? — Perguntou Johan, olhando Arian e Lara. O garoto parecia bem pouco à vontade, observando a floresta a sua volta.

— Dissemos que era seu dia de sorte, Johan. Fora que esses são apenas amaldiçoados de baixo nível... Desde que tenha cuidado, mesmo classes D iniciantes dão conta — falou Arian.

Ele e Lara estavam matando os amaldiçoados que vinham em sua direção com facilidade, de cima de seus cavalos. Vindo de um em um, eles não eram ameaçadores, apenas corpos cheios de marcas negras que andam lentamente e mordem. O problema eram os amaldiçoados de alto nível, mas, felizmente, não tinham encontrado nenhum ainda.

Era o final da tarde, e ainda dava para ter uma boa visibilidade da floresta. A luz do sol passava entre as árvores, que nessa área, já tinham de 30 a 40 metros de altura, e só iam aumentando, conforme adentravam mais fundo na floresta. O chão era uma mistura de terra, grama baixa e folhas secas. Comparado a florestas densas e cheias de vegetação para todo lado que Arian já tinha visto, essa era bem mais aberta e fácil de se locomover. Se guiar era simples também. Se você quisesse sair, era só seguir na direção que as árvores iam reduzindo de tamanho.

— Não tem nada mais difícil de matar por aqui? — perguntou Lara, enquanto cravava sua espada na cabeça de mais um amaldiçoado, que avançou contra ela. A criatura gritava, enquanto a espada de prata parecia queimar sua pele com o mero toque. Lara então, retirou sua espada e cortou-lhe a cabeça.

Vendo Lara usando aquela espada, Arian lembrou das instruções que recebeu antes de entrar pela primeira vez naquela floresta: "Sempre andem com uma espada de prata quando forem para a floresta. Cortar amaldiçoados, vampiros, licans e algumas raças de demônios que vivem lá, é muito mais fácil se usar uma. Além disso, o contato

com a prata retarda a regeneração acelerada deles. Deixem a espada normal para humanos e criaturas comuns... Já ia esquecendo... Goblins! Cuidado com os malditos goblins! Eles são mais do que parecem...”

Arian seguia à risca essa regra. Tinha duas espadas nas costas, por baixo da capa possuía uma normal e uma de prata, cruzadas. Fora a de emergência, sempre na sua cintura.

— De onde você acha que eles estão vindo? — perguntou Lara, começando a ficar entediada.

— Não sei, mas a origem de grupos pequenos de amaldiçoados vindos da floresta costuma ser um grupo de mercenários mortos no meio dela.

— Precisavam mesmo criar uma missão para isso? Nós poderíamos ter usado a guarda da cidade para continuar esperando eles saírem da floresta e os matar com espadas de prata — sugeriu Johan.

— Não é uma boa ideia, quanto mais tempo deixar eles soltos aqui, mais criaturas vão contaminar. Mas o motivo de criarem missões são os amaldiçoados de alto nível e... Parem! Não se mexam!

Um rato preto enorme, com parte das costas em carne viva, e olhos verdes brilhantes, estava vindo lentamente na direção deles. Arian mirou sua espada na criatura, se preparando para arremessá-la, mas antes que o fizesse, Lara desmontou do cavalo e correu até o animal.

— Parem de frescura, é só um rato.

— Lara, não!

O rato pulou em sua direção, mas foi cortado pela sacerdotisa antes que chegasse a seu corpo. O que ela não viu, foram os outros dois que vieram de trás. Arian arremessou sua espada e acertou um, mas o outro pulou e mordeu o braço de Lara.

— Que nojo! — Ela cravou a espada no rato, que continuava a morder seu braço, até morrer pouco depois, soltando um gemido

bem sonoro.

Lara gritou de dor, conforme uma mancha negra, saindo da ferida que o rato fez nela, começou gradualmente a se espalhar por seu braço.

— Temos que voltar, agora! Você não tem muito tempo... — disse Johan, apavorado.

— Calado! Com quem acha que está falando?

Lara parou de gritar e se concentrou. A cor de seus olhos mudou de azul para dourado, e a pequena ferida em seu braço se curou rapidamente. Depois a mancha negra, que estava se espalhando, regrediu, até desaparecer.

— Uma sacerdotisa? Pensei que só grupos de alto nível tinham uma... — O garoto parecia aliviado e admirado ao mesmo tempo.

— Quem disse que não somos um grupo de alto nível? — disse Lara, tentando forçar um sorriso, enquanto se recuperava do susto. Johan parecia estar ficando cada vez mais confuso com aqueles dois.

— Ratos amaldiçoados são piores que humanos, são ruins de acertar, e ver. E está aí o motivo de pedirem o extermínio rápido de grupos de amaldiçoados, eles gradualmente vão infectando tudo que mordem na floresta. Chega a um ponto em que nenhum aventureiro de baixo nível se arriscaria a aceitar missões perto da cidade, e teriam que pagar um grupo de extermínio muito caro para resolver. Se absorvem muita energia na dimensão negra, quando são transformados, podem virar demônios de alto nível também.

— Já veio muito aqui? — perguntou Johan.

— Todo iniciante em guilds de Amira e Arcadia recebe missões relacionadas a floresta de Ark. Quase morri aqui, várias vezes...

— Por amaldiçoados?

— Não, goblins, quase sempre os malditos goblins. Licans inteligentes são horríveis também se um iniciante pega um deles

sozinho, é quase certo que vai morrer. E Johan, fique olhando para trás, os goblins quase sempre atacam pelas costas. Se virem você de olho, vão ignorar nosso grupo.

O garoto obedeceu na hora, de forma meio exagerada até, virando a cabeça de um lado para o outro e depois para trás, repetidamente.

Eles continuaram por mais algum tempo, até que o sol sumiu.

— Não é melhor voltarmos? Já vai anoitecer...

— Você está suando frio desde que entramos. Qual seu problema com a floresta? Morou do lado dela a vida toda — questionou Arian, incomodado com a covardia do rapaz.

— Minha mãe sempre me contava história horríveis deste lugar. Prometi a ela várias vezes, quando era mais novo, que nunca entraria aqui... Quem diria que eu acabaria fazendo exatamente o contrário... — Johan deu uma risada, tentando disfarçar, mas seus olhos ficaram levemente avermelhados, como se estivesse quase chorando. — Ela insistia tanto para eu não entrar aqui, e acabou morrendo exatamente por isso...

— Em uma missão?

— Não, ela trabalhava na cidade. Não sei o que aconteceu. Um dia acordei e ela só não estava lá. Pedi ajuda à guarda, e no dia seguinte me disseram que encontraram o corpo dela não muito fundo na floresta. Tiveram que queimar por causa da maldição, então nem puderam trazer de volta. Tudo que restou foi esse pedaço do vestido que me deram — o garoto mostrou o pedaço de roupa que ele tinha amarrado como uma atadura no pulso.

— Lamento por sua mãe, Johan, mas vai ter que superar seu medo um dia.

— Estou tentando, entrei para guarda logo depois que ela morreu. Já faz um ano desde então... Mas não pensei que entraria aqui tão cedo, e sem treinamento...

"Olha só, está se saindo melhor que você. Dois anos se passaram e continua ajudando meio-elfas, em vez de encarar seu problema..."

"Você não devia me ajudar em vez de me atormentar?"

"Sou um produto da sua mente doente, segundo a curandeira da guild disse uma vez, então a culpa é sua. Você é um masoquista que criou uma segunda personalidade para pegar no seu pé..."

Arian fez uma cara emburrada, discutir com Aran era inútil, porque, em tese, só estava discutindo consigo mesmo.

— Chega dessa conversa depressiva! Se quer treinamento só nos observe.

Lara parecia ter se recuperado, e avançava um pouco na frente deles, matando tudo que via com a espada de prata que Arian lhe deu.

— Vou aprender mesmo algo observando ela? É muito bonita, mas...

— Ignore ela. Correr por aí atacando tudo que passa pela sua frente, como ela está fazendo, é mais uma receita para morrer cedo do que outra coisa, principalmente nessa floresta.

— Ao menos ela parece estar se divertindo...

— Meu pai nunca me deixou fazer isso. Me tratava como um pedaço de vidro que poderia quebrar por qualquer coisa. — Lara estava ziguezagueando entre as árvores a galope. Parecia uma criança com energia em excesso, ou empolgada com um brinquedo novo.

— Queria ser uma aventureira? — perguntou Arian.

— Não, viver disso parece cansativo. Minha irmã que queria, mas era covarde demais para tentar. No entanto, com a companhia certa, é um passatempo divertido — disse ela, sorrindo para Arian.

— Vocês são casados? — perguntou Johan.

— Não.

— Sim.

O garoto olhou para eles confuso.

— Mantém o nosso disfarce... — sussurrou Lara, ao se aproximar do cavalo de Arian.

— Queremos nos casar, por enquanto somos só noivos. Ai!

<E>, que estava nas costas de seu cavalo, bateu na cabeça dele.

— O que foi? — questionou Johan.

— Um galho me acertou...

— Eu não vi nada caindo — O garoto olhou para o chão, e depois para cima, buscando o tal galho em meio as diversas árvores gigantes a volta deles.

Lara estava rindo sozinha.

“Ela sabe da <E>, não sabe? Não pode ser coincidência...”.

De repente, várias criaturas saíram de trás de uma árvore, a uns 30 metros deles. Os olhos verdes brilhantes chamavam bastante atenção a distância, não havia dúvida do que eram.

— Outro grupo, são quatro, vamos pegar um por...

Lara não esperou Arian completar a frase. Em vez disso correu na direção dos quatro amaldiçoados. Quando se viraram para ela, a garota colocou a mão para frente. Um brilho dourado saiu da palma de sua mão, e acertou os quatro amaldiçoados ao mesmo tempo. Eles voaram para trás, e começaram a agonizar, até seus corpos evaporarem completamente.

— O que você fez? — perguntou Johan.

— Lancei energia da dimensão celestial para dentro deles — disse ela, observando os corpos — Mas eu acho que não vai funcionar com lobisomens.

Um homem meio lobo de 2 metros de altura estava olhando para ela, em posição ofensiva, a uns 15 metros.

— Lara, não deixe ele encostar em você! Um lican pode arrancar seu braço com facilidade.

Arian desceu do cavalo e foi correndo até ela.

— Não queremos problemas. Estamos só eliminando os corpos — Arian se posicionou na frente de Lara e ficou encarando o homem lobo, com as mãos para frente, tentando mostrar que não queria feri-lo — Vai embora, anda...

— Não acho que está funcionando — disse Lara sorrindo, enquanto posicionava sua espada de prata e um brilho dourado saía da mão esquerda. — Esse é o tipo mais comum, não? Queria ver um lican meio-tigre ou meio-urso, dizem que são muito mais fortes.

O homem lobo respondeu a provocação da sacerdotisa. Rosnou para eles e abaixou lentamente o corpo, pronto para avançar sobre as vítimas.

— Pare de provocá-lo! Acredite, não vai querer...

Arian foi interrompido pelo som de um trovão. Assim que escutou o barulho, o lican desistiu de atacá-los e correu para dentro da floresta.

— Ele tem medo de trovão? Que animal medroso.

— Não era um trovão... Foi um Portal! — Arian estava olhando de um lado para o outro, procurando a direção do portal que se abriu. Não estava afetando eles fisicamente, então devia estar a uma boa distância.

Em poucos instantes, o céu ficou completamente nublado, e começou a ventar.

— O portal está alterando o clima. Temos que voltar. — disse Johan, virando o cavalo.

— Sim, continuamos amanhã. — confirmou Arian.

— Agora que ficou divertido? — Lara agitou a cabeça em desaprovação.

— Por que quer tanto morrer? Suba logo nesse cavalo, não vai poder me contar nada que eu quero se estiver morta.

— Como quiser, amor — disse ela, mostrando a língua para ele.

Arian riu. Não queria admitir, mas estava se divertindo com a brincadeira de noivos.

— Ai! Se controla, <E> — A fantasma não parecia estar se divertindo como ele. No momento estava agarrada em seu pescoço e puxando seu cabelo.

Um estrondo muito alto soou por toda a floresta, agora realmente vindo de um trovão. Logo depois começou a chover. Arian e Lara montaram em seus cavalos e se viraram na direção do vilarejo de onde vieram. Começaram a galopar, mas passado pouco tempo se depararam com algo estranho, e pararam. Tinha uma fumaça negra, cobrindo todo caminho a frente deles.

— Que droga é essa? — perguntou Lara, tentando controlar seu cavalo, que parecia bastante nervoso. O de Johan também estava recusando a obedecê-lo, e recuando na direção contrária à sombra. Apenas o de Arian parecia mais calmo.

— Se acalmem, ou vão cair desses cavalos. Eles sentem o seu emocional, se ficarem nervosos eles...

Antes que Arian pudesse terminar o que dizia, algo gritou de dentro da fumaça, e a névoa começou a avançar sobre eles.

— Corram! Rápido!

Todos se viraram na direção oposta e correram com seus cavalos para dentro da floresta, seguindo Arian.

— Sabe o que é aquilo? — perguntou Lara, olhando para trás a todo momento.

— Não!

— Então porque estamos correndo.

— Se vir algo que não conhece, corra! É a regra número um de expedições por aqui.

— Que covardia!

— Como quer lutar contra algo que não sabe o que é?

— Estamos avançando para o centro da floresta de Ark, à noite. Como isso parece uma ideia melhor do que enfrentar aquilo? — perguntou Johan, apavorado.

— É só fumaça! — disse Lara, virando a cabeça para olhar de novo.

Quando ela ameaçou frear para fazer algo, Arian agarrou as rédeas do cavalo dela e puxou, enquanto mantinha o controle do seu.

— Está louca?

— É energia da dimensão negra, eu posso purificar!

— Não é só energia, tem algo no centro soltando aquela fumaça! Dependendo do que for vamos morrer sem nem ter tempo de reagir.

Arian estava com dificuldade de guiar o cavalo por entre as árvores, enquanto puxava o de Lara, e ficava de olho para ver se ela não tinha decidido pular.

“Qual é o problema dela? É como se não desse a mínima por morrer aqui...”.

— Ao menos chute o que pode ser então! — gritou Lara, irritada.

— Um amaldiçoado level alto, talvez...

— Qual?

— Como eu vou saber? Eles revivem naquela forma porque recebem energia de portais negros que se abrem quando morrem. Alguns recebem tanta energia que se tornam demônios de raças variadas, ao invés de só começarem a se mexer e matar tudo que veem.

— P-pode ter vindo do portal que acabou de se abrir t-também... — disse Johan, tentando manter seu cavalo junto ao de Arian, e com uma cara de quem iria desmaiar de pavor a qualquer momento.

— Pode... — confirmou o guardião, que não tinha pensado nisso.

— Só temos que descobrir a raça então — Lara estava tentando puxar as rédeas do cavalo dela da mão de Arian.

— Tem mais de 5 mil raças de demônios documentadas naqueles livros de criaturas, e elas continuam se misturando para formar novas. Acha mesmo que eu decorei tudo aquilo e...

Outro grito vindo do meio da fumaça.

— Meus ouvidos! — gritou a sacerdotisa, cada vez mais nervosa.

— Está chegando mais perto! — Johan estava apavorado, batendo com as pernas na barriga de seu cavalo com força, na tentativa de fazê-lo correr mais rápido.

— Pare com isso, Johan! Ele está mais assustado que você com essa coisa. Está dando tudo que pode, bater nele não vai ajudar.

A fumaça continuava se aproximando cada vez mais.

— Lara, arremessa aquela energia que lançou antes na fumaça!

Lara virou uma das mãos e lançou um feixe dourado de luz na direção da fumaça. Um grito agudo soou por toda a floresta, enquanto parte da fumaça se dissipou.

— Funcionou! Acho que posso...

O grito aumentou e a fumaça começou a se expandir, de novo, indo ainda mais depressa na direção deles. Lara se preparou para lançar energia de novo.

— Esqueça isso! Só a deixou mais irritada.

— Podemos com ela, só tenho que aumentar a carga!

— Por que acha que não tem mais nada vindo na nossa direção, mesmo com esse barulho todo? Estão com medo dessa coisa! Seja lá o que isso for, nem os amaldiçoados normais, ou qualquer criatura nessa área da floresta, querem chegar perto. Escute o instinto deles ao invés dos seus desejos suicidas, maldição!

— Eu realmente gostava mais de você no passado...

Depois disso, Lara resolveu ficar calada. Pouco tempo depois, a chuva aumentou, e a noite tinha caído.

— Não estou vendo nada!

— Só me segue Johan! Ignora tudo e só presta atenção no meu cavalo.

— Consegue ver algo nessa escuridão?

— Eu vejo tudo!

Uma vantagem da qual nunca reclamou, Arian podia ver tão bem à noite quanto de dia, embora tudo ficasse menos colorido. Sua audição era superior a de um humano também, embora não tão boa quanto a de um animal.

— Cuidado com os galhos! Tem algumas árvores mais baixas por aqui.

— Ai! Mas que droga! — Lara havia batido em um dos galhos.

Uma luz forte veio do lado dele. Arian se assustou, até notar que era Lara, produzindo luz de sua espada. Tinha esquecido disso, era uma magia das mais simples para pessoas com ligação ao plano celestial.

— Acha que ele desistiu? — perguntou Johan.

Arian se virou para ver. A fumaça continuava atrás deles, apesar de estar mais distante agora. Mas não lembrava de nenhuma criatura que já tivesse enfrentado que produzisse aquela fumaça.

— Não! Ainda está nos seguindo.

— Meu cavalo não vai aguentar muito mais...

— Se ele começar a diminuir o ritmo, pule nas costas do meu!

Cavalgaram por mais algum tempo, até que o cavalo de Johan se recusou a continuar. A criatura finalmente sumiu também.

— Parem! — gritou Arian, enquanto tentava se localizar.

— Onde estamos? — perguntou o garoto.

— Não sei, mas entramos muito na floresta. Vamos ter que dormir aqui.

— Está louco? — Johan olhava de um lado para o outro, tremendo sem parar, por medo, ou frio, considerando que estava encharcado da chuva.

— Quer voltar e arriscar dar de cara com aquilo de novo? Fora que só eu posso ver a noite, vocês são presas fáceis aqui. E Lara vai chamar tudo que se move para cima de nós com essa luz que está produzindo. Reduz isso...

— Certo, como vamos dormir aqui então? — perguntou ela.

— Árvores. Com ratos amaldiçoados perambulando vamos ter que dormir em cima de uma delas. É mais seguro.

Arian apontou para uma árvore enorme, com mais de 100 metros de altura. Lara iluminou naquela direção.

— Deixem os cavalos presos no pé da árvore, vão fazer barulho se virem algo. A raça dos White Astalon pode ver no escuro e escutar muito melhor que nós.

Arian prendeu seu cavalo no galho de uma árvore ao lado da que eles iriam dormir.

— Me acorde se algo acontecer, garoto — disse ele, olhando para seu cavalo.

— Acha que ele te entende? — perguntou Johan, tremendo de frio. Todos estavam encharcados da chuva. Já Arian se encontrava em melhor situação. O manto dele era a prova d'água, e não tinha problema com um frio leve daqueles.

— Esses cavalos são mais inteligentes que o normal. Não acho que me entendem perfeitamente, mas com certeza vão fazer muito barulho se virem algo se aproximando.

Arian levou Lara, e depois Johan, para cima da árvore, no galho mais grosso que encontrou. Estavam a uns 20 metros do chão. Lara parecia estranhamente trêmula.

— Você tem medo de altura? — perguntou Johan.

— Não... Só não gosto de lugares altos.

“Não é a mesma coisa?”.

Cada um se ajeitou como podia ali, usando as cordas que trouxeram nos cavalos para se prenderem na árvore. Arian já estava acostumado àquilo, então apenas encostou as costas no tronco central e tentou relaxar. O galho que cada um deles ficou era bem largo, então conseguiam manter todo o corpo em cima do mesmo sem dificuldade.

Depois de algum tempo, Arian acordou com Lara se espremendo junto a ele, dando a desculpa de que não conseguiria dormir ali em cima, sem alguém segurando-a. Se ela tinha mesmo medo de altura, fazia sentido.

— Não está com frio?

— Tenho resistência ao frio, meu problema é com calor.

— Sorte a sua...

— Seria uma boa hora para dizer o que eu sou...

— Não foi o combinado. E eu já disse, eu não sei. Mas se quer uma dica...

Lara juntou mais ainda seu corpo ao dele, para o desespero do homem, que estava tentando controlar seus instintos. Dava para ver através da camisa branca encharcada de Lara. Ela aproximou seu rosto do dele e falou baixinho em seu ouvido.

— Meu pai disse que sua mãe era um membro importante do nosso país no passado, antes de se mudar.

— E o seu país seria?

— Meu nome é Lara Moonsong.

— Moonsong? O país dos vampiros? Então eu sou...

— Acho que não, sua mãe não tinha as características de um. Mas meu pai nunca quis dizer exatamente o que ela era, ou o que era o seu pai.

— Meu pai?

— Acho que já disse o bastante.

Lara apoiou a cabeça no ombro dele e fechou os olhos.

— Espera, então você é da família real?

— Princesa Lara, terceira filha de Alexander Moonsong — disse ela, sem abrir os olhos.

— Mas se você é uma vampira...

— Eu não sou uma...

— Como isso é possível?

— É uma longa história... e eu estou cansada...

Lara dormiu logo depois, apoiada no corpo de Arian.

A chuva parou pouco tempo depois. <E>, estranhamente, parecia estar com pena de Lara, ao invés de nervosa por estar se agarrando em Arian. Estava fazendo carinho na cabeça dela, que estava tremendo, seja por medo da altura, ou por estar com frio.

Ao ver Lara tremendo, Arian pensou um tempo, e então resolveu abraçá-la. Mesmo com a roupa molhada, seus corpos juntos deveriam gerar mais calor. Seu coração estava acelerado, e com certeza Lara devia poder sentir o que estava acontecendo no meio das pernas dele. Mas decidiu tentar ignorar isso.

"Genial! Agora sim que não vamos conseguir dormir..."

Graças àquela criatura na fumaça espantando tudo a uma boa distância deles, não tiveram problemas com nada os atacando

durante a noite. Quando amanheceu, o Sol os acordou. Tirando Arian, que mal conseguiu dormir com o corpo molhado de Lara se espremendo contra o dele. Só precisava de metade do tempo de sono de um humano normal, mas não tinha conseguido nem perto disso. Lara, por outro lado, parecia bastante revigorada. <E> estava de extremo mau humor. Podia não ter se importado de Lara usar Arian de aquecedor humano, mas ficou uma fera quando ele a abraçou, e com a reação natural dele a um corpo feminino encharcado, encostando nele a noite toda.

Arian olhou o mapa da floresta, que tinha com ele, e conseguiu se localizar.

— Vamos naquela direção.

— Ainda quer continuar? — perguntou Johan, descontente.

— Não faz sentido voltar agora. Devemos estar bem perto da fonte. Os amaldiçoados estavam vindo dessa direção, só temos que continuar seguindo para lá — apontou ele no mapa.

Subiram nos cavalos e avançaram. Algum tempo depois, encontraram a fonte dos amaldiçoados.

— Por Alizen! — disse o Johan, assustado.

— Fale baixo, eles têm uma audição melhor que a nossa.

A uns 100 metros deles, em uma área aberta, à beira da entrada de uma caverna, em uma rocha gigantesca, várias criaturas de aproximadamente 1 metro de altura andavam de um lado para o outro. Os corpos, humanoides, eram muito finos, e as cabeças lembravam a de ratos sem pelo, só que mais deformadas, e com orelhas mais longas. As cores variavam entre cinza e verde escuro.

— Goblins...? — questionou Lara.

Arian confirmou com a cabeça. Eles prenderam os cavalos em árvores e se aproximaram, até chegar a uns 20 metros de um deles. Ficaram escondidos em uma área com bastante vegetação.

"Parece um acampamento humano. Provavelmente era de mercenários, e foi tomado pelos goblins".

Tinha uma jaula grande de madeira cheia de amaldiçoados dentro, provavelmente os homens do acampamento mortos pelos goblins. Alguns ainda pareciam conscientes. Arian estava pensando no que fazer, quando um grupo de 13 mulheres em fila apareceu. Variando de aproximadamente 15 a 30 anos, cheias de machucados pelo corpo, estavam sendo escoltadas por vários goblins, que apontavam facas para elas, enquanto diziam alguma coisa. As mãos de todas estavam amarradas por cordas, e as roupas quase todas rasgadas, mal cobriam os seios.

— Maldito covarde! — falou Arian, dando um soco no chão.

— O que houve...? Espera, é a mesma coisa daquela casa... É o outro Arian, que o Marko falou? — questionou Lara.

— Sim... Aquele linguarudo te contou disso durante a viagem também?

— Contou. Mas por que trocaram?

— Uma meio-elfa daquele grupo parece com alguém que ele conhecia. O covarde não aguentou ver a situação deplorável dela, e me colocou para assumir, com a desculpa de que não conseguiria agir com calma olhando para ela...

Arian parecia levemente irritado, e menos expressivo.

— Que droga, estou morto de sono. Ele ficou excitado com seu corpo a noite inteira, graças a isso, mal conseguimos dormir.

— Bom saber... Mas então... por que não fez nada? — Lara estava com um sorriso perverso de todo tamanho na cara.

— Esse covarde? Nunca ia conseguir. Uma certa pessoa que ele conhece iria começar a chorar e ele daria para trás.

Lara riu e voltou a observar o acampamento dos goblins.

— O que eles estão fazendo com aquelas mulheres?

— Provavelmente levaram elas para tomar banho. Chega um momento que nem eles aguentam o cheiro.

— Eles as mantêm para trocar por dinheiro?

— Não, para procriar...

Lara olhou para ele assustada com a resposta.

— A maioria dos goblins nascem macho. Como acha que eles procriam tão rápido? Conseguem reproduzir com quase qualquer humanoide. E tirando casos raros, quase sempre nascem goblins puros, não importa a mãe.

— Eu preferiria morrer...

— Elas também... mas não dá. Eles cortam a língua das mulheres capturadas e costuram, para evitar que se matem mordendo a língua. E sempre deixam um, ou mais guardas, as vigiando. A maioria daquelas mulheres nem consegue pensar mais depois do que passaram, são só corpos que andam e procriam para eles. Foi isso que deixou meu outro eu abalado. Mesmo que ele salve a meio-elfa que está ali, ela dificilmente vai se recuperar. E ao que parece ela está grávida...

Lara não falou mais nada, só olhou com raiva na direção do acampamento.

— Vamos acabar com eles — disse ela, tirando sua lâmina espiritual da cintura.

— Pensei que não se importava com ninguém... Parece que Joanne se enganou...

— Não me importo com aquelas mulheres. Mas estou com raiva o bastante desses vermes para querer arrancar a cabeça de cada um deles.

— Precisamos de um plano, quando...

Arian parou de falar ao notar que Johan estava olhando para o acampamento sem mover um músculo, já fazia algum tempo.

— Johan, o que foi? — Arian o balançou.

— É... É a minha mãe... — disse ele, apontando para a última, das 13 mulheres em fila, sendo levadas para dentro da caverna.

Arian olhou para ele com pena. Cabelos negros caindo até o ombro e completamente sem cuidado, o corpo todo machucado, e um rosto bonito, mas completamente sem vida. Devia ser prisioneira deles há muito tempo. Apenas um resquício do que já foi a mãe dele um dia.

MAPA 6 – BASE DOS GOBLINS



Capítulo 37 – Os Malditos Goblins

— Johan, não se mexa, não podemos atacar agora — Arian estava segurando o ombro do garoto.

Ele não respondeu. Continuava estático, olhando para o grupo de mulheres, que havia parado no meio do acampamento. Os goblins sinalizaram para elas se sentarem, e as garotas obedeceram.

— O que eles estão fazendo? — perguntou Lara, intrigada, afastando um pouco a folhagem que estava bloqueando a sua visão.

— Elas estão molhadas, vão deixá-las ali secando. Se colocá-las dentro da caverna logo depois de se lavarem, iriam ficar doentes e morrer. Os goblins não as tratam bem, mas não querem nenhuma morta.

— São mais espertos do que pensei...

— Não, só aprenderam com tentativa e erro. Muitas devem ter morrido antes de aprenderem que não podiam levá-las molhadas para dentro das cavernas.

Estavam todas sentadas na grama, quase estáticas, era como ver bonecas sem expressão e mal cuidadas. Os quatro goblins tomando conta das garotas começaram a apalpar o peito de algumas delas, incluindo a mãe de Johan. O garoto tentou se levantar, mas Arian o puxou para trás.

— Maldição! Não se mexa, Johan! Eles já fizeram isso com ela milhares de vezes, uma a mais não vai fazer diferença.

— Como pode ser tão... — O garoto estava olhando furioso para ele.

— Se chama lógica, o que gostaria que meu outro eu tivesse em mais quantidade... Não seja estúpido e emocional como ele. Se seguir meu plano talvez consigamos resgatar sua mãe. Se sair correndo agora, só vai conseguir morrer e matar aquelas garotas no processo.

Arian começou a observar melhor o acampamento, enquanto Johan estava ofegante e com os dentes trincando de raiva a seu lado, vendo os goblins molestando as mulheres.

O local consistia de um círculo enorme no meio da mata, com pouca vegetação, somente grama, terra, e algumas árvores, aqui e ali. No meio tinha uma rocha enorme, com um buraco, onde umas cinco a sete pessoas, no máximo, poderiam entrar ao mesmo tempo. A caverna devia ser bem grande em seu interior, para os goblins estarem a usando como ninho.

A parte estranha é que haviam várias tendas militares espalhadas pelo local, mas não estavam sendo usadas. Os goblins deviam dormir todos dentro da caverna.

Aproximadamente 50 metros à esquerda da caverna, estavam as mulheres, pegando sol, e à direita, a uma distância similar, tinha uma jaula enorme, feita de madeira.

— Goblins não fazem acampamentos com tendas desse jeito. Os homens dentro da jaula são os mercenários desse acampamento, os goblins devem tê-los pego desprevenidos e tomado o local. Parece ser um ninho recém-criado. A jaula onde colocaram os prisioneiros têm uma divisão, amaldiçoados de um lado e não amaldiçoados de outro — explicou Arian, tentando pensar em um plano.

O lado dos amaldiçoados da jaula tinha mais de 40 pessoas com o corpo todo negro e olhos esverdeados, gritando sem parar, batendo com o próprio corpo, ou mordendo a grade da jaula. Um deles estava se espremendo por entre as grades, até que finalmente conseguiu sair e correu para a mata.

— Agora sabemos de onde estão vindo os amaldiçoados que encontramos na floresta... Eles estão tão magros, que os que ficam tentando se espremer pelas grades acabam conseguindo sair. Ainda bem que eles não pensam, caso contrário, todos já teriam fugido. E ao que parece, se os que fogem correm para o lado dos goblins, eles os matam, se correm para a floresta, eles ignoram...

— Por que estão prendendo eles? Não faz sentido — Lara estava observando a prisão, com um olhar intrigado.

— Goblins são sádicos e vingativos. Humanos caçam e matam sua raça a todo momento, e eles os fazem sofrer para se vingar. Aqueles da jaula, que já viraram amaldiçoados, devem ter morrido de fome, por isso são tão magros. Se vivem tempo o bastante, viram comida de goblins, e se morrem de fome, são jogados na jaula dos amaldiçoados. Bem capaz dos que ainda estão vivos matarem uns aos outros para sobreviver também, mas nem todos têm coragem de comer carne humana.

— Foi isso que eu disse que não faz sentido. Os mercenários vivos, tudo bem, mas para que estão juntando amaldiçoados?

— Defesa, talvez...? Nunca vi nada parecido. Mas se forem emboscados por um grupo de aventureiros, faria sentido soltar os amaldiçoados como distração... Mas... Não pensariam nisso sozinhos... Deve ter um goblin alterado comandando eles.

— Explica isso direito! — A garota elevou bastante a voz, mesmo que não estivesse gritando.

— Fala baixo Lara... — sussurrou Arian, enquanto pensava em como resumir rapidamente o que diria a seguir. — Alguns goblins nascem diferentes, eles ficam muito maiores e são mais inteligentes. Tem chance de ocorrer quando procriam com raças diferentes e as crias absorvem características da mãe. Pior ainda, essas crias modificadas geram descendentes que podem evoluir ainda mais.

— Entendi... O que fazemos então? — Lara parecia estranhamente motivada. Arian estava se forçando a ignorar as mulheres, mas ela não parecia realmente dar a mínima, estava ali só pela aventura e um desejo compreensível de matar aquelas criaturas horríveis.

— Esperamos o entardecer, quando a maioria dos goblins vai entrar na caverna, aí matamos os do lado de fora em silêncio, e atraímos os outros de dentro lentamente, até matarmos todos. É a forma mais...

— Mãe! — gritou Johan, como se estivesse sentindo dor.

Arian olhou de novo para o grupo de mulheres. O goblin não estava mais acariciando os peitos da mãe de Johan, mas sim tirando os panos que ela tinha na parte de baixo do corpo e abrindo suas pernas.

— Não! — gritou ele, tentando levantar, enquanto Arian o segurava pelo ombro.

— Só feche seus malditos olhos e pare de gritar, se nos descobrirem perdemos...

— Me solta! — gritou Johan, balançou sua espada na direção da cabeça de Arian, que desviou, mas acabou soltando o garoto no processo.

Alguns goblins pareciam ter ouvido o grito e começaram a se mexer no acampamento. Mas não eram eles que chamaram atenção, e sim um outro grupo de cinco pessoas vindo da floresta, do outro lado da base dos goblins. Estavam gritando sem parar conforme avançavam.

Johan se aproveitou da distração e atacou um dos goblins, que estava mais próximo, pelas costas. A espada do garoto atravessou as costas da criatura de um lado ao outro, e ela caiu no chão sem vida. Depois ele seguiu no sentido das mulheres capturadas.

— Garoto imbecil! — Arian estava olhando de um lado para o outro, tentando decidir o que fazer.

— Lara, eu cuido dos goblins, você vai na direção daquele criadouro de amaldiçoados e jogue energia da dimensão celestial lá dentro até matar todos. Os goblins vão tentar soltá-los em cima de nós, quando se sentirem acuados. Não tem muitos goblins daquele lado, mas fique de olho nas suas costas.

— E os mercenários vivos?

— Interrogue um deles sobre o que aconteceu prometendo que vai soltá-lo, e depois mate todos. O importante é se livrar dos

amaldiçoados. Esqueça a espada de prata agora, sua espada espiritual vai fazer muito mais efeito nos goblins.

— Isso vai ser divertido — disse ela, tirando sua espada e correndo para a prisão de madeira.

Arian tirou suas duas espadas das costas e correu ao encontro dos goblins, que estavam cercando Johan. O guardião rapidamente cortou a cabeça dos três, e avançou, matando os que corriam na direção dele.

Foi quando ouviu um grito. O grupo de aventureiros, que estava atacando o ninho pelo outro lado, já estava em quatro pessoas. Um acabara de ser morto, e a arqueira deles tinha sido capturada por um dos goblins. Estavam usando-a para obrigar o grupo a soltar as armas.

— Não soltem as armas! Eles vão matar vocês assim que fizerem! Ataquem! — gritou Arian, o mais alto que pode para o grupo.

Eles devem ter escutado, porque um deles decidiu avançar para cima do goblin que estava segurando a garota.

"Bondade a sua".

"Eles estão distraindo metade dessas pragas. Eu seria burro se deixasse eles morrerem".

Arian voltou a se atentar a seu lado do acampamento. Os quatro goblins, que estavam com as mulheres capturadas, tentavam fazê-las levantar, para levá-las para dentro da caverna. Mas as prisioneiras não estavam obedecendo. Não atacavam eles, mas algumas estavam se recusando a ficar de pé.

Arian foi na direção delas, com Johan correndo atrás. Mas bem antes de chegarem perto, uma saraivada de flechas começou a voar do centro do local. Cinco goblins, usando arcos pequenos, estavam atirando neles de dentro da caverna. Ao mesmo tempo, um bando de goblins começou a sair de dentro do esconderijo deles, com armas de diferentes tipos.

— Que droga! Johan, corte a cabeça, ou eles voltam para te pegar pelas costas! Eles se fingem de morto assim que você os ferir mais gravemente. E fique atrás de mim, a não ser que saiba desviar de flechas.

Arian desviava das flechas e bloqueava outras usando a espada, estava dividindo sua atenção com o que saía de dentro da caverna, e os goblins vindo correndo pelas suas laterais. Tinham poucos vindo pelas costas. Johan parecia saber o básico de combate, e estava conseguindo lidar com eles.

Do outro lado da base, o grupo de aventureiros tinha conseguido resgatar a arqueira, mas outro membro tinha morrido. Estavam em três agora, dois cavaleiros de armadura, espada e escudo, na frente, e a arqueira resgatada, atrás deles. A garota estava pedindo para eles recuarem, mas os dois guerreiros queriam vingar os amigos mortos, e continuavam tentando avançar. Devia ter uma outra saída da caverna, só isso explicaria tantos goblins surgindo em cima do grupo deles e do de Arian, ao mesmo tempo.

Do nada, todos se viraram para as jaulas de madeira, de onde veio uma gritaria ensurdecadora. Era Lara matando os amaldiçoados. Arian se aproveitou da distração para matar as criaturas que estavam no caminho e chegar até a entrada da caverna. Já tinha perdido a conta de quantos goblins tinha matado.

Os arqueiros continuavam atirando, e a aquela distância estava ficando difícil bloquear. O buraco da entrada era maior do que parecia de longe, e um cheiro horrível vinha lá de dentro, uma mistura de podridão com fezes. Vários goblins continuavam saindo, pareciam formigas. Mas não eram só eles, algumas mulheres, todas com uma aparência suja, roupa rasgada e parecendo mais mortas que vivas, saíram da caverna e estavam caminhando na direção deles, enquanto os goblins apontavam espadas nas costas das garotas.

Arian avançou para cima deles ignorando as reféns. Duas delas morreram, com os goblins atravessando facas pelas costas das

mesmas. As outras três, agora livres, começaram a andar como zumbis, na direção do grupo de 13 mulheres. Uma delas estava toda machucada. Um goblin estava abrindo cortes em sua pele, na tentativa de fazê-la obedecer.

"Ameaça inútil, morrer é o que elas mais desejam depois de tudo que passaram".

Se houvessem vários goblins, elas teriam sido arrastadas à força para onde eles quisessem. Mas como a maioria estava ocupado com a ameaça ao acampamento, tinham apenas sete com elas.

Mais uma mulher veio de dentro da caverna, sendo usada como refém. Arian a ignorou e matou o goblin atrás, ferindo o braço da garota no processo.

"Cuidado!"

"Ela está viva, se está achando ruim pode trocar comigo".

— O que está fazendo? — perguntou Johan, enquanto tentava matar um goblin que veio por trás deles.

— Se cair na ameaça deles você morre! Ignore as reféns, e tente matar os goblins atrás. Eles não esperam por essa reação. Essas mulheres estão quase mortas mentalmente, nem pense em se sentir culpado por matar uma delas enquanto tenta se defender. Olha o que aconteceu com o outro grupo.

Johan olhou para eles, só um cavaleiro e a arqueira ainda estavam vivos. Não sabiam o que fazer contra os goblins usando garotas como reféns.

— Ataquem seus idiotas, ou vocês vão morrer! — gritou Arian.

O cavaleiro, em um movimento estranho, tentou acertar o goblin que segurava a garota, mas errou e acertou um pedaço do pescoço dela, que caiu no chão agonizando. A arqueira se desesperou e foi até a mulher, mas acabou pega por um dos goblins antes disso. Agora a criatura estava ameaçando matar a garota, se o cavaleiro não soltasse a arma. O cavaleiro recuou. Mas a garota, em um

movimento inesperado, tirou uma faca da cintura e cravou na garganta da criatura. O cavaleiro a ajudou a levantar, e eles voltaram a avançar.

Arian continuava a girar de um lado para o outro com suas duas espadas, enquanto arrancava a cabeça dos goblins com golpes secos. Sua espada de prata quebrou, mas ele tinha duas reservas na cintura.

Já estavam perto do grupo de mulheres com a mãe de Johan, várias machucadas, graças a não estarem obedecendo aos goblins.

De repente, as flechas de dentro da caverna pararam de vir, e um humanoide verde de três metros de altura saiu de dentro do local. Sua pele lembrava a dos goblins, escamosa e enrugada, mas seu rosto tinha traços mais brutos, provavelmente a cria de um gigante da floresta com um goblin. Seu corpo era todo musculoso, e seus dentes pontiagudos. Seus olhos verdes e cabelo preto caindo para trás da cabeça, davam uma aparência quase humana.

Os goblins pararam de vir, apenas observavam a situação, aguardando o comando do líder.

— O que é isso?! — Johan recuou um pouco, assustado com a criatura.

— É o líder! Deixe-o comigo, mas continue vigiando minhas costas.

Nesse momento, a mãe de Johan e mais duas, começaram a ser arrastadas no chão pelos goblins. Queriam levá-las para dentro da caverna a todo custo.

— Eu tenho que ajudar minha mãe — disse Johan, em desespero, correndo até as prisioneiras.

— Não! Espera...

O garoto não ouviu, e se dirigiu correndo ao grupo de mulheres, que ainda estava a vários metros de distância. Assim que viram Johan, dois arqueiros, perto da entrada da caverna, atiraram. Arian pulou para o lado e bloqueou uma das flechas, mas a outra o acertou

raspando na perna. Ele caiu, assustado, mas se levantou e voltou a correr. As flechas pararam, eles deviam estar com medo de acertarem as mulheres, devido a proximidade. No momento tinham dez goblins tentando arrastá-las, enquanto elas resistiam.

Arian voltou sua atenção para o líder dos goblins, que avançou sobre ele. O guardião desviou por pouco do machado enorme do goblin alterado, e tentou vislumbrar o que tinha ocorrido com Johan.

O garoto estava cercado. As mulheres tentavam atrapalhar os goblins à volta dele, se jogando sobre suas costas e agarrando suas pernas. Johan tinha matado apenas dois, de sete. Um deles abriu um corte na perna direita do garoto, que caiu.

O líder deles gritou alguma coisa, e vários goblins correram até Arian, com armas em punho.

— Maldição! — gritou Arian, sendo atacado por todos os lados e ainda tendo que se preocupar com o líder, que vinha novamente com seu machado até ele.

Pulou para o lado, arrancou a cabeça de dois goblins e desviou de outro golpe do goblin gigante. Logo após, arremessou as duas espadas em sua mão contra alguns goblins que estavam cercado Johan, matando dois deles, e deixando os outros confusos o bastante com o que ocorreu para dar uma chance de Johan matá-los. Depois, pulou para trás do gigante, que avançava novamente contra ele. Tirou sua espada bastarda e cortou o tornozelo da criatura, que caiu de joelhos. Arian se jogou para trás, desviando dos braços do monstro, que tentou agarrá-lo. Em seguida, o guardião girou rapidamente com a espada, cortando ao meio quatro goblins que estavam tentando pegá-lo pelas costas.

Quando se virou para o goblin alterado novamente, já era tarde para desviar, só teve tempo de colocar seus braceletes cruzados à frente do corpo, para evitar que o machado o partisse ao meio. O choque da arma com o metal da armadura de Arian produziu um barulho muito alto. A lâmina do machado da criatura foi estilhaçada com o impacto, e Arian jogado vários metros para trás.

Ele rapidamente recuperou sua postura, mas se fosse um humano normal teria quebrado os dois braços. Seus braceletes estavam intactos, provando que o machado do gigante era menos letal que as lâminas de ar de Malak, que os tinham quebrado dias atrás. Eles já estavam como novos, tirando o fato de terem afinado, já que usam o metal das partes inteiras do bracelete para refazer as quebradas.

Se aproveitando da distração do inimigo, com o fato da lamina de sua arma ter quebrado, e Arian estar vivo, o guardião correu e deu um salto na direção do monstro, mirando a espada na cabeça.

A criatura colocou os braços na frente, desviando a trajetória da espada, que cortou apenas uma parte do seu ombro, ao invés da cabeça. O gigante gritou de dor, quando Arian retirou a espada e se jogou para trás. O goblin alterado avançou contra ele, com um grito de fúria.

— Gritar não te deixa mais forte, seu idiota, só mais burro!

Arian correu na direção do inimigo. Quando se aproximaram, desviou do que restava de sua arma e cortou o braço da criatura. Depois desviou do outro braço, que tentou acertá-lo com um soco, e o cortou também. Por fim, deu um salto e arrancou a cabeça do monstro, que caiu com um estrondo no chão.

Vendo o líder morto, os goblins restantes do local pararam o que estavam fazendo, e começaram a recuar, desesperados, para a floresta.

Do grupo de aventureiros, apenas um cavaleiro e a arqueira sobreviveram. Eles estavam correndo até Arian.

Johan ainda lutava contra dois goblins restantes, que não pareciam dispostos a fugir sem as mulheres.

— Morre seu desgraçado! — disse o garoto, arrancando a cabeça de um deles. Lara apareceu correndo e matou o outro, logo depois. Já devia ter acabado com os amaldiçoados e mercenários.

Mesmo machucado, e aparentemente exausto, Johan foi correndo soltar as cordas que prendiam os braços de sua mãe, que estava meio hipnotizada olhando para ele. Lara cortou as cordas das outras garotas rapidamente com sua espada espiritual.

"Pare-a!"

— Lara não! — gritou Arian, correndo até eles.

Assim que ela cortou a corda, a elfa grávida pegou a faca de um dos goblins mortos e começou a golpear a própria barriga, de forma desesperada. Arian chegou correndo e a parou acertando um soco em seu rosto, que a fez desmaiar no mesmo instante. Mas ela já estava cheia de ferimentos na barriga.

— O que ela...? — Lara parecia horrorizada.

— Estava tentando matar a coisa dentro dela... Como iria se sentir se tivesse um deles crescendo dentro de você? — Ele apontou para os goblins mortos à volta deles. — Quase todas as grávidas que vocês soltarem vão fazer isso. E algumas que não estão grávidas vão tentar se matar também, então não as soltem.

Arian rasgou um pedaço de sua capa e tentou parar o sangramento da barriga da elfa. As outras mulheres se aproximaram, tentando ajudar a garota, ainda desmaiada.

O cavaleiro e a arqueira chegaram até eles logo depois.

— Podemos nos juntar a vocês? Acabamos de perder mais da metade do nosso grupo — disse o cavaleiro, parecendo exausto. A arqueira que estava atrás dele tentava segurar as lágrimas, devido a perda dos aliados.

— Eu vi... Eu não quero a recompensa, é tudo de vocês, só me ajudem a salvar essa meio-elfa.

O sangue não parava de correr da barriga da garota.

"Peça ajuda a Lara!"

"Se ela usar energia demais nisso e não tiver para si mesma caso acabe ferida gravemente, você se responsabiliza pela morte dela?"

"Não... Eu..."

— Lara, pode tentar parar o sangramento da barriga dela, sem gastar muito da sua energia?

— Talvez.

Lara foi para o lado dele e colocou a mão sobre a barriga da elfa. Uma luz dourada começou a emanar de sua mão.

— Arian... — Johan estava observando alguns goblins tentando carregar mulheres com barrigas enormes saindo da caverna.

Arian se preparou para correr até elas, mas um som chamou sua atenção.

De repente, muitos gritos começaram a vir da floresta, eram de goblins. Estavam voltando.

— Essa não... — Arian parecia meio perdido quanto ao que fazer.

— O que foi? — perguntou Lara, que ainda estava tentando parar o sangramento na barriga da meio-elfa com magia.

— Reforços. Assim que atacamos, alguns deles devem ter corrido para chamar ajuda no ninho mais próximo, e ele deve ser dos grandes...

Vários goblins começaram a aparecer de todos os cantos da floresta. Estavam gritando algo. Deviam ter mais de 1000 os cercando.

— E agora? — perguntou o cavaleiro.

— Eu não sei... Nunca enfrentei algo assim... — Arian olhava de um lado para o outro, tentando achar uma saída para a situação deles.

— Vou me lembrar de nunca mais te fazer pedidos para aventuras... — disse Lara, que tinha finalmente conseguido estancar o sangue escorrendo da barriga da meio-elfa.

<E>, que estava empolgada com a batalha de antes, no momento, parecia preocupada.

— Agrupe as mulheres, Johan. Lara, não economize energia da espada, vamos com tudo e talvez eles se assustem. A arqueira fica no meio, nós três ficamos em volta das mulheres, formando um círculo. Se ficarmos próximos a elas, eles não vão usar flechas, com medo de matá-las.

Lara se levantou e foi para perto de Arian. Ela parecia ter levado a sério a parte de não economizar energia da arma, porque sua espada estava liberando mais ar gélido que o normal. Os outros se posicionaram como Arian instruiu.

Haviam três líderes, bem maiores que os outros goblins. Com um grito de um deles, os goblins avançaram de todas as direções. Quando chegaram neles, Arian e Lara começaram a girar suas espadas ferozmente no ar, matando vários a cada golpe.

Lara deu um grito, e uma luz branca saiu de sua espada, congelando mais de 20 goblins em linha, de uma vez só. Sempre que ela movia a espada, uma linha de ar gelado matava várias das criaturas em uma área pequena a sua frente, mas elas continuavam vindo, parecendo não ter fim.

O cavaleiro do outro grupo, que estava perto de Lara, caiu no chão, e vários goblins pularam sobre a sua cabeça. Mas nenhuma das lâminas o acertou, graças a armadura o protegendo. Logo depois, no entanto, os goblins miraram nas partes sem armadura. Mas antes que conseguissem acertá-lo, a arqueira correu e usou o próprio corpo para empurrar todos os goblins que pularam sobre ele. Ela o salvou, mas acabou esfaqueada ao deixar suas costas exposta. A garota caiu agonizando sobre o corpo do cavaleiro, e logo depois começou a ser puxada pelos goblins. Vendo isso, ele se levantou, em fúria, indo para cima das criaturas.

— Soltem-na! — gritou de forma estridente, enquanto matava um deles, e depois outros, e outro. Seus olhos eram puro ódio e desejo de vingança. Com um urro ele avançou mais um metro e chegou na

arqueira. Mas assim que encostou nela, três goblins o pegaram pelas costas, dando várias facadas nas partes onde a armadura não protegia. Depois mais três vieram pela frente e cravaram suas espadas em seu pescoço. Sangue escorria por várias partes de seu corpo, enquanto o guerreiro caía no chão, já morto, levando consigo a última imagem que viu: sua namorada morta, sendo arrastada e despida por um bando de criaturas horrendas.

Uma pilha de corpos estava se formando à volta deles, deixando cada vez mais difícil de se mexer. Arian e Lara tinham se afastado um pouco do grupo de mulheres, que agora, sem o cavaleiro para bloqueá-los, estavam sendo arrastadas por vários goblins. Quando pegaram sua mãe, Johan se desesperou, abandonou sua posição, e tentou avançar no meio dos goblins. Ele matou dois deles.

— Morram seus desgraçados! — gritou, furioso. Mas parou de falar quando seu peito foi perfurado por duas espadas curtas. O garoto caiu de joelhos. — Não! Não...! Alizen, por favor, nos ajude! Arthurian! Julius! — gritou ele, o nome dos deuses que lembrava, desesperado, vendo sua mãe ser levada pelas criaturas, sem poder fazer nada.

"Ajude-o!"

Arian tentou ir até Johan, mas não conseguia se mover direito em meio às pilhas de corpos.

— Malacastor... Lan-cast... Lunar... Alguém! — implorou o garoto, pela última vez, enquanto um dos goblins cortava seu pescoço.

Arian virou os olhos, tentando ignorar a raiva que estava sentindo, e se concentrar em permanecer vivo. Ainda podia aguentar mais um tempo, mas Lara estava ficando sem fôlego.

— Lara, se meus olhos ficarem azuis, corra até os cavalos e saia daqui o mais rápido que puder. Apenas siga em direção ao sol que você voltará ao vilarejo, mesmo com o tempo nublado, você pode ver ele através das nuvens.

— Não vou te deixar aqui! Eu sacrifiquei tudo por isso! — disse ela, usando sua espada para matar mais um punhado de criaturas em linha, que foram congeladas e estilhaçadas em pedaços logo depois.

"O que ela quis dizer?".

"Não tenho a mínima ideia, mas não é um bom momento para perguntar".

— Arian, pule quando eu mandar!

Lara levantou sua espada e gritou o nome do dragão cuja alma a habitava.

— Arcadian! — Os olhos dela mudaram de cor para um azul claro brilhante e um rosnado aterrador de um dragão pode ser ouvido, vindo de sua espada. A arma começou a emitir uma luz azul, e um vento absurdamente gélido estava saindo dela.

Os goblins pararam com medo. Os líderes, mais atrás, recuaram um pouco e ficaram observando a espada de Lara.

— O que vai fazer?

— Vou cravar a espada no chão e congelar o acampamento inteiro. Não vou poder usar a magia da espada por alguns dias depois disso, mas talvez eles fiquem com medo e desistam. Se você pular no mesmo momento que eu liberar a energia da espada no chão, vai ficar bem.

"A meio-elfa vai ser congelada junto, pare-a!"

"Cale a boca! Lara vai acabar morta, porque você está obcecado com a elfa".

Um brilho azul forte surgiu da espada de Lara, junto ao berro sonoro de um dragão, sinalizando que a arma tinha reunido energia o bastante para o que Lara iria fazer. Os líderes dos goblins gritaram algo, e os subordinados voltaram a avançar contra eles, no mesmo instante em que Lara estava para cravar sua espada no chão. Nesse momento, o chão começou a tremer abaixo deles.

— Gigantes? — perguntou ela, parando seu movimento, pouco antes da ponta da espada encostas no chão.

— Não...

A terra começou a explodir conforme raízes saíam do chão e começaram a prender todos os goblins, perfurando seus corpos no processo. Em pouquíssimo tempo, todos os goblins do local estavam imobilizados. Só Arian, Lara, o corpo de Johan, das mulheres, e dos outros aventureiros, não tinham sido afetados.

— Criaturas nojentas, parem de poluir a minha floresta! — gritou uma mulher caminhando lentamente por entre as árvores, até Arian e Lara.

As raízes começam a entrar de volta na terra, puxando as criaturas que prenderam junto. Em um piscar de olhos, o local estava deserto.

Cabelos pretos, lisos e absurdamente longos, olhos verdes brilhantes, e usando um vestido bem colado ao corpo, que misturava preto e verde. Arian lembrava de uma descrição idêntica, só não acreditava que aquele ser existia.

"Um dos heróis lendários...?"

— Lunar... — disse ele, incrédulo.



Capítulo 38 – A bruxa

O brilho azul da espada e olhos de Lara sumiu devagar, até que ela, exausta, caiu ajoelhada, respirando de forma ofegante. Ela então encarou com mais atenção a mulher de aparência exótica que estava parada olhando para eles.

— Aquela Lunar? A guardiã da floresta? — questionou ela. A aparência era similar a humana, mas tinha uma aura tão divina à volta dela, que a comparação parecia errada.

— Deusa da floresta para você, seguidora de Alizen — disse Lunar, olhando com desprezo para Lara.

— Você... Você não ouviu o garoto pedindo sua ajuda? Por que demorou tanto? Se tivesse chegado mais cedo... — Arian estava apontando para Johan, que jazia morto perto deles. A mãe dele tinha ido para junto do corpo, e o estava encarando, com os olhos cheios de lágrimas.

— Cuidado com a boca, mortal, ou vai acabar igual aos goblins... Ele chamou Alizen e mais uns três deuses antes de mim, eu fui meramente mais um nome que ele lembrou em desespero. — Lunar encarou primeiro o corpo de Johan, sem expressar nenhuma emoção. Só quando se atentou a mãe dele que ficou com um olhar de pena. — Eu não sou onipresente. Posso ouvir tudo na floresta, mas não me teleporto instantaneamente para onde quero. Ele deu sorte de eu estar perto, caçando um amaldiçoado de alto nível.

— No fim das contas, chamar por deuses e heróis ainda acabou sendo inútil... — Arian começou a forçar uma risada. — Quero ver o que o Jon vai dizer sobre isso...

— Humanos... Sempre insatisfeitos, vocês teriam morrido também se não fosse por mim...

— É o que você diz... Mas eu estava prestes a virar a luta — disse Lara, cravando sua espada à frente do corpo, enquanto ainda ajoelhada, recuperando seu fôlego.

— Você ia congelar a área com essa coisa, matando toda vegetação próxima, e aí eu mesmo iria te matar. O resultado seria o mesmo, você apenas não ia morrer por essas criaturas abomináveis.

Lara não respondeu, apenas encarou a mulher, como se tentasse demonstrar que não estava com medo dela. Lunar a ignorou, observou rapidamente os corpos dos aventureiros no chão, até seus olhos voltarem a mãe de Johan.

— Mas se te deixa mais feliz, guerreiro, tem algo que posso fazer pelo garoto...

Lunar se aproximou da mãe de Johan, que estava segurando o corpo do filho. Ela tocou a cabeça da mulher, que logo depois parou de chorar, e só parecia confusa, tentando dizer algo, mas sem conseguir por causa da língua cortada.

— O que você...? — perguntou Arian, sem entender o que ela tinha feito.

— Apaguei a memória dela do que viveu aqui e da existência do filho. Ela não pode sofrer se não lembrar de nada.

Arian continuou olhando para ela, meio decepcionado.

— O quê? Achou mesmo que ia reviver alguém? Não importa o deus que busque neste mundo, mortal, nenhum pode trazer os mortos de volta à vida, não sem se tornarem algo completamente diferente. E mesmo que...

A mulher parou de falar e começou a se aproximar de Arian, parecendo curiosa com algo.

— Marven...?

— Como você... Como sabe o nome real dele? — questionou Lara. Lunar a ignorou.

— Por que seu cabelo escureceu? E seus olhos...

— Você me conhece? — perguntou Arian, imóvel perante o olhar da mulher.

— Estava lá quando você nasceu... Eu era a melhor amiga da sua mãe... Fico feliz que tenha sobrevivido ao ataque à Ether. Mas... É estranho, seu cabelo e olhos escureceram muito, e está mais fraco também... Sua alma está completamente instável. O que fizeram com você?

Arian não respondeu, só a olhou ainda mais confuso. Ela então colocou a mão na cabeça dele.

— Ah, entendi... Parece que você passou por muita coisa... Interessante, uma pena que não consegue controlar... Talvez eu possa ajudar nisso...

Arian não precisava que ela dissesse, claramente estava lendo suas memórias, em uma velocidade absurda.

Depois de um breve instante, olhou profundamente nos olhos dele, com pena. Ela então retirou os braceletes dourados que estava usando. Deu um para Arian, e jogou o outro para Lara.

— Coloquem isso, tanto faz o braço. Se Marven perder o controle naquela forma que viu na Arena, use isso. Imagino que deva saber o que fazer com eles — disse Lunar, olhando na direção de Lara, que após pensar um pouco, acenou com a cabeça, e rapidamente colocou o bracelete por baixo do dela.

Eram bem finos e pequenos, pareciam mais bijuterias do que algo que poderia ser usado para defesa. Mas se podiam ajudá-lo de alguma forma quando perdia o controle, não tinha porque rejeitar. Os colocou facilmente por baixo do bracelete de sua armadura.

— Você não tem muito tempo Marven, ou Arian, como te chamam agora. Ele vai vir por você também, assim que ela se for, e ele descobrir a verdade. Eu gostaria de ajudar, mas sou apenas uma imortal qualquer fora de uma floresta, e ele não vai ser burro o bastante para se aproximar de uma. Precisa lembrar logo do que aconteceu.

— Não pode...?

— Posso tirar memórias, e alterá-las, não devolver. Mas ainda estão aí dentro, se eu posso ver alguns pedaços você também deveria poder. Como você mesmo disse ao Johan, quando entraram aqui: "Precisa encarar e superar." O que está te bloqueando é você mesmo.

Arian parecia perdido.

— Está a cara do seu pai... É tentador não manipular suas memórias para torná-lo em um dos meus amantes. Ao menos estaria protegido comigo...

<E> a olhou furiosa. E para a surpresa de Arian, Lunar olhou para ela também, achando graça da situação.

— Calma, criança. Estou só brincando.

<E> parecia surpresa com a fato da mulher estar interagindo com ela.

— Pode vê-la?

— Claro que posso. Tenho uma enorme ligação com o mundo espiritual. Eu vejo mais as almas das pessoas que seus corpos físicos.

Lunar acariciou levemente a cabeça de <E>.

"Não perca a chance, pergunte algo!"

— Sabe por que ela não sai do meu lado?

— Claro que sim. A alma dela está ligada a sua... devia gostar muito de você para ter... — Um grito agudo veio da floresta, interrompendo o que ela dizia. Era o mesmo da fumaça que os perseguiu. Lunar fechou os punhos, como se estivesse brava, e seus olhos emitiram um forte brilho esverdeado. — É melhor vocês correrem, ele está vindo para cá.

— O amaldiçoado de alto nível que comentou estar perseguindo, estava em uma fumaça? — questionou Arian.

— Sim. Pensei que tinha o matado, mas ainda está vivo. O portal que se abriu ontem jogou uma quantidade absurda de energia da dimensão negra nele. Saiam daqui, não tem a mínima chance contra um Diabo das profundezas amaldiçoado.

Arian concordou com a cabeça, suas respostas teriam que ficar para depois. Ele catou sua espada normal e a de prata, que tinha arremessado anteriormente, e encaixou nas bainhas, cruzadas em suas costas. Depois foi pegar a meio-elfa, que estava tossindo sangue.

— Leve outra garota, essa vai morrer em alguns instantes — disse Lunar, ainda com os olhos voltados para a floresta.

"Ignore o que ela disse, leve a meio-elfa!"

"Ela vai morrer seu idiota, não é melhor levar alguém com chance de sobreviver?"

"Ela não tem como ter certeza..."

— Está com sangramento interno. Só consegui parar o externo antes dos goblins voltarem — completou Lara, se levantando e indo até a garota.

— Leve a mãe do Johan no seu cavalo Lara, eu vou levar essa — disse Arian, pegando a elfa no colo.

— Uma decisão estúpida... Você entendeu o desejo da Emily errado, Arian... — disse Lunar.

— Está dando sermão no Arian errado, é o outro que quer levá-la.

— Não, você também quer, só está usando a vontade dele como desculpa para tomar a decisão burra. Por mais que o modo que vocês agem difira, ainda são a mesma pessoa, com as mesmas vontades.

Arian então olhou para as outras garotas capturadas pelos goblins, que pareciam pedir ajuda com os olhos.

— Se sobreviverem, eu levo as garotas restantes para próximo da vila e apago as memórias delas, assim que cuidar daquela abominação. Saiam logo daqui! — gritou Lunar, observando a dúvida nos olhos de Arian.

Arian, com a meio-elfa no colo, correu para seu cavalo, preso a uns 100 metros do acampamento. Lara ia ao lado dele, segurando a mão de Johan pela mão, aparentando um certo nojo de estar encostando na mulher.

Os dois montaram em seus cavalos com as mulheres, e saíram a toda velocidade. O tempo estava nublado, mas dava para ver o sol por trás das nuvens, e seguir em direção a ele. Outra opção era seguir no sentido em que as árvores vão diminuindo de tamanho. Ark era uma floresta muito simples de se guiar, por causa disso. Os gritos da criatura continuavam a soar pela mata, mas estavam ficando mais distantes. Depois de um tempo, a garota que Arian estava segurando na frente dele, parou de respirar. Ele rapidamente desceu do cavalo com a garota, a balançou, e tentou massagear o peito, para fazer o coração voltar a bater, mas foi inútil.

— Maldição!

— Ela avisou... Por que essa obsessão com meio-elfas? — perguntou Lara, de forma rígida. Parecia estar brava com a decisão estúpida dele.

— Eu... Fiz uma promessa a uma pessoa importante... E era o outro que queria isso, eu só seguia a vontade dele...

— Não gostei da Lunar, mas acho que ela estava certa quanto a você querer a mesma coisa, embora não admita. Para quem se dizia tão lógico, a escolha mais eficiente seria levar as duas em melhores condições.

— Não existe uma escolha certa!

— O que significa que não tem uma errada! Nossas escolhas são desejos egoístas, sejam eles bons ou ruins. Mas se não arriscar algo diferente às vezes, nunca vai ter certeza se tomou a escolha menos

dolorosa. Acredite, eu sei do que estou falando... Se tivesse me escutado teríamos duas vivas, ao invés de uma...

Arian não falou nada. Só fechou os olhos, tentando controlar as emoções que estava sentindo. Lara tinha razão para estar brava, quer se importasse com aquelas garotas, ou não, tinha gasto suas energias naquela meio-elfa para nada.

Arian observou melhor o corpo da garota, esquelética, mesmo com a barriga mais inchada, por causa da gravidez.

— Faça! — disse ele.

Lara desceu do cavalo e arremessou uma energia dourada da sua mão. Um leve brilho cobriu o corpo da meio-elfa. Aquilo evitaria que virasse uma amaldiçoada.

— Você estava certa. Espero que o idiota lembre disso da próxima vez também... Meu trabalho está feito, você assume agora — disse ele, em um tom sério.

O olhar de Arian mudou. Passou de uma expressão fria para um olhar triste. Ele pegou um papel em seu bolso, era a segunda missão que queria fazer naquela floresta, achar a filha meio-elfa desaparecida de fazendeiros da região. Ele amassou o papel e jogou na floresta.

— E agora?

— Vamos descansar um pouco aqui. Se precisarmos lutar de novo no nosso estado atual, vai ser problemático.

Lara não queria admitir, mas estava exausta. Comeram um pouco da ração militar que tinham com eles, e logo depois ela encostou em uma árvore e caiu no sono, enquanto Arian ficou de guarda. Algum tempo depois, quando já estava entardecendo, ela acordou.

— Não vai dormir também? — questionou ela, ao notar que Arian estava sentado ao seu lado, observando o céu, com um olhar triste.

— Não preciso. Eu estou bem.

— Exibido.

Arian deu uma risada.

— E você, como está?

— Ótima. Já podemos voltar e enfrentar mais 1000 goblins.

Estava mentindo. Sua energia espiritual podia ter se regenerado, mas fisicamente não parecia completamente recuperada. Ia precisar de uma noite de sono decente para isso.

— Vamos continuar então.

Ambos montaram em seus cavalos e partiram em direção à Avile. Cavalgaram por algum tempo, até que Lara quebrou o silêncio.

— Lembra que me pediu para interrogar os prisioneiros vivos?

— Foi o outro que fez isso. Mas eu vi o que ocorreu.

— Os goblins não capturaram aquelas mulheres, as pegaram dos mercenários, quando atacaram o acampamento. Elas que estavam naquelas gaiolas de madeira antes. Eles eram contrabandistas de escravos. Alguns soldados da guarda da cidade de Aville capturavam mulheres bonitas do local e vendiam a eles por um bom dinheiro.

"Então a mãe do garoto..."

Arian arregalou os olhos ao lembrar do que Johan tinha falado para ele. A mãe não morreu na floresta, como os guardas afirmaram, eles a pegaram e entregaram aos mercenários. Arian parecia furioso.

— Acelera! Tenho mais uma coisa para fazer antes de voltarmos à Amira.

Eles tocaram os cavalos e saíram a toda desviando das árvores. Algum tempo depois, no fim da tarde, chegaram na vila.

— Leve a mãe dele para o templo de Alizen da cidade, e depois me encontre no posto da guarda.

— Ela não pode ir sozinha?

— Lara... — Arian olhou sério para ela.

A mulher tentava dizer algo, mas as palavras não saíam direito pela falta da língua. Parecia estar tentando dizer “casa”, apontando para um local.

— Viu? Ela sabe para onde ir — Lara a ajudou a descer do cavalo. A mulher os agradeceu com a cabeça e correu para o centro da cidade.

— Vamos! — disse Arian, tocando o cavalo.

Lara e ele chegaram rapidamente na casa da guarda. A porta do local estava fechada, e podia se ouvir um bando de gritos lá de dentro. Arian desceu do cavalo, e arrombou a porta com um chute, que a fez voar.

La dentro, o cavaleiro negro estava segurando um dos guardas, com sua espada atravessada no peito do homem. Todos os outros estavam no chão, mortos de diferentes formas. O cômodo da casa estava com vários móveis quebrados, e papéis espalhados para todo lado. Arian tirou sua espada. O homem com o manto negro soltou o guarda, que caiu morto no chão, e se virou para ele, calmamente.

— Não sou seu inimigo. Eles estavam capturando mulheres e vendendo como escravas...

Arian fez um olhar de surpresa. Mas de fato, aquilo combinava com o padrão de ataques do cavaleiro negro.

— Não que alguém como você se importe, a não ser que tenha uma meio-elfa envolvida, mas não creio que vai ter algo contra o que fiz... — completou o cavaleiro.

Arian o olhou confuso. O cavaleiro claramente o conhecia, mas com o rosto coberto e a voz estranha que ele estava fazendo, não conseguia o identificar.

— Quem é você?!

— Se quiser descobrir, me siga!

O homem assobiou e pulou para fora da casa pela janela. Um cavalo negro o esperava do lado de fora. Ele subiu com um pulo e disparou pela cidade. Estava indo para a saída. Arian correu para fora da casa, subiu em seu cavalo e seguiu atrás dele, com Lara ao lado. Saíram da cidade e seguiram para a estrada principal, em direção à Amira. O cavaleiro negro estava pegando uma leve distância deles.

— Esses cavalos não deviam ser mais rápidos que o dele? — perguntou Lara.

— O forte deles é resistência, não velocidade. Aquele é um Black Varis, é mais rápido que os White Astalon, mas se cansa mais rápido. Em breve ele vai reduzir a velocidade e o alcançamos.

Os planos de Arian não deram tão certo. Quando começaram a alcançá-lo, já tinham chegado em Amira, e a noite tinha caído, dificultando a perseguição. Viram o cavaleiro negro desmontar do cavalo assim que passou pelos portões da cidade. Andar a cavalo dentro de Amira era proibido, e atrairia a atenção de muitos guardas. Ele seguiu correndo no sentido do subúrbio, um local cheio de becos e casas de madeira mais simples.

Arian e Lara desmontaram dos cavalos e foram atrás dele. Mas depois de algum tempo, o perderam de vista. No momento estavam em um beco sem saída, em uma parte mais nobre do subúrbio, cheia de lojas e casas de dois a três andares. Arian reconhecia o local. A uns 150 metros dali, ficava uma praça cheia de estátuas e museus, uma das áreas turísticas da cidade. Para lá o cavaleiro não iria, atrairia muita atenção, devido a fama que a figura dele vinha criando no sul.

— Mas que droga! Para onde ele foi? — Arian virou a cabeça de um lado para o outro e para cima, mas não viu nada.

Foi quando Lara e ele escutaram uma risada esquizofrênica atrás deles.

— Arian, cuidado! — Lara se jogou em cima dele, e os dois foram ao chão.

Algo passou por cima deles e explodiu, ao acertar a parede no fim do beco.

Arian se levantou e tentou entender o que estava acontecendo. Na direção oposta do corredor escuro onde eles estavam, uma mulher com um manto negro estava juntando uma energia negra nas mãos. Arian a reconheceu na hora. Era a mulher que estava com Atlas na guild. A mulher mandou uma nova rajada de energia escura contra eles. Conforme a magia passava pelo corredor, a madeira das paredes à volta deles estalava e a parte do chão de pedra rachava.

— É uma bruxa! — gritou Lara, colocando as mãos para frente e puxando energia dos celestiais, para bloquear o ataque seguinte da mulher de preto.

A energia negra se chocou com a que Lara tinha juntado na mão, criando uma onda de choque que arremessou eles para trás.

— Vão! — disse a mulher de preto, com uma voz esganiçada.

Dois homens, vestindo roupas simples de couro e usando espadas médias, saíram de trás dela e correram pelo beco até eles.

— Lara, aguenta aí! — Arian passou por ela e avançou na direção da bruxa.

Enquanto corria, Arian acertou um soco na cabeça do primeiro capanga da mulher, que caiu no chão imóvel. O segundo tentou cortá-lo usando sua espada, enquanto Arian ainda estava em movimento.

Arian pulou colocando os pés na parede ao lado, para dar impulso, e depois voltou chutando o segundo homem, que foi arremessado contra a parede, abrindo um buraco nela, e caindo inconsciente. Eram humanos comuns, não tinham a menor chance.

A mulher no manto negro lançou energia das mãos novamente. Arian se abaixou, instintivamente. A energia o empurrou em direção ao chão, como se aumentasse em muitas vezes o peso de seu corpo, mas não o acertou. Lara, atrás dele, bloqueou novamente, dessa vez sem ser jogada para trás. Seus olhos estavam dourados,

tamanha a quantidade de energia que estava puxando para se defender.

"Anda logo! Acabe com ela! E não pare, use a parede da próxima vez".

Arian se ergueu rapidamente e avançou contra a bruxa. Ela lançou uma esfera de energia novamente. Arian pulou na parede a direita para desviar, enquanto se mantinha correndo. Conseguiu dar 3 passos antes de perder o atrito com a parede, mas foi o bastante para a energia passar pelo lado dele sem afetá-lo. A mulher estava a poucos metros. Ele tirou sua espada de prata e a normal das costas, se preparando para matá-la, mas não esperava o que veio a seguir.

O cavaleiro negro surgiu por trás da mulher, e correu no sentido de Arian, que tentou repetir o movimento de usar a parede como impulso e depois chutá-lo. Mas ele hesitou quando viu quem era o cavaleiro.

"Atlas?"

— Não é nada pessoal, amigo — disse seu ex-companheiro de guilda, antes de imitar o movimento de Arian, e acertar um chute no seu estômago. A parede de madeira do lado de Arian estourou, e ele foi lançado para dentro da construção, enquanto Atlas seguiu na direção de Lara.

Capítulo 39 – A Escolha

Arian foi parar dentro de uma construção cheia de jaulas de animais. O local era um galpão enorme. Ele usou o impulso gerado pelo chute de Atlas e deu uma cambalhota para trás, recuperando a postura.

“Ele era o mais certinho do nosso grupo, por que está fazendo isso?”

“Não vai ter coragem de matá-lo. Vamos trocar.”

Seu olhar mudou de alguém surpreendido, para o de alguém analisando a situação.

Se concentrou em sua audição e tentou prever a posição de Atlas, que depois de acertá-lo, correu em direção a Lara, mas estava sendo atrasado por alguma coisa. Pela claridade surgindo do buraco feito pelo corpo de Arian, ela parecia estar lançando magia de gelo da espada contra o adversário.

Arian pegou suas duas espadas, que tinham caído perto dele, e depois correu e se jogou na parede, com os braços protegendo o rosto.

A parede de madeira explodiu, e Arian acertou Atlas em cheio, antes que chegasse em Lara. Com o impulso, ambos foram jogados contra a parede do outro lado do beco, quebraram ela com seus corpos, e rolaram no chão de terra dentro do local. Estavam em um armazém de materiais de construção.

— É, parece que não vai ser tão fácil... — Atlas pegou sua espada no chão e entrou em uma postura defensiva.

— Está me seguindo com essa fantasia desde quando? — perguntou o guardião, encarando Atlas, que estava vestido com uma capa negra meio rasgada, bem como descreviam o cavaleiro da morte.

— Só estava cumprindo as ordens do meu chefe, e aproveitando para fazer algumas coisas que queria no tempo livre. Devia me agradecer, se não estivesse te seguindo, não teria conseguido salvar nem mesmo a garota na luta contra Malak.

Arian se levantou e foi para cima dele com sua espada normal e a de prata, mas Atlas desviou do golpe, e contra-atacou.

"Não lutávamos bem melhor que ele?"

"Sim... Parece que ele andou tendo umas aulas."

Ambos começaram a desviar e bloquear dos golpes um do outro, enquanto andavam dentro do armazém escuro.

— Surpreso? — disse Atlas, com um sorriso de confiança no rosto. — Agora sei lutar tão bem, ou até melhor que você.

Os dois continuaram trocando golpes, com Atlas se mostrando em vantagem, até que a espada de prata de Arian quebrou. Por sorte, ainda tinha uma das espadas de prata reserva que comprou para usar em Ark em sua cintura. Tirou a espada e voltou a avançar contra o adversário.

— É melhor usar sua espada especial se quiser ter alguma chance. Não tenho uma arma espiritual, mas essa espada é de qualidade o bastante para arrebentar uma arma comum em poucos golpes.

"Não faço a mínima ideia do que ele fez para melhorar tão rápido, mas temos que acabar logo com isso. Lara não vai aguentar muito tempo contra uma bruxa, e esse imbecil parece estar nos enrolando de propósito..."

"Faça o que precisar, mas tente não matá-lo, deve ter uma explicação para ele estar fazendo isso. "

Arian avançou de novo, mas Atlas parecia estar prevendo seus ataques. Desesperado, partiu para improvisos, acertando um chute na barriga do inimigo. O golpe foi tão forte, que o corpo do homem arrebentou a parede do armazém, uma segunda parede depois dela, e foi parar dentro de uma casa. As construções daquela área pareciam ser feitas de uma madeira bem fina e frágil.

Arian correu até Atlas, que desviou de sua espada, rolando para o lado. Se levantou e voltou tentando acertá-lo logo depois, mas Arian bloqueou. Algumas pessoas gritavam, enquanto eles trocavam

golpes. Foi quando reparou que estavam na sala de uma casa, onde uma família parecia estar jantando.

— Peço desculpas por isso — disse Atlas, se dirigindo a família, enquanto lutava com Arian.

“Não tenho tempo para isso... Se ele ainda é o mesmo, então...”

Arian estava observando um pilar enorme no meio da sala. Devia ser o pilar de sustentação central da casa.

“Não faça isso!”

“ Fazemos isso, ou Lara vai ser pega, se já não foi...”

Arian trocou de sua espada de prata para a espada espiritual e voltou à ofensiva, atacando e desviando dos movimentos de Atlas, enquanto os dois destruíam a mobília e paredes da casa no processo. O pilar central já havia levado uma porção de golpes dos dois, e parecia prestes a quebrar.

O guardião tentou acertar outro chute em Atlas, mas ele previu isso e desviou, acertando um soco no rosto de Arian, logo depois. Ele voou para trás, batendo com as costas no pilar de madeira da casa, que estalou.

A maior parte das paredes estava quebrada, só uma coisa ainda a mantinha de pé. Arian se levantou e sorriu para o adversário. Depois girou sua espada espiritual, cortando o pilar de madeira com ela. Uma espada normal teria quebrado ao tentar cortar algo tão grosso, mas a dele apenas trincou de leve.

— Ficou maluco? — disse Atlas, que rapidamente olhou para a família atrás dele. Um pai, uma mãe, e duas crianças, se espremendo no canto da sala.

— É melhor ajudá-los. Você sobrevive a isso, eles não — Ao dizer isso, Arian chutou o pilar atrás dele e correu para um buraco na parede da sala. A casa começou a desmoronar, enquanto ele corria de volta para onde Lara estava.

Como previu, Atlas não seguiu ele. Ao invés disso correu para tentar proteger a família, colocando seu corpo em cima do deles. A casa desmoronou completamente logo depois.

“Você é louco! Vamos trocar de volta!”

O olhar de Arian mudou e ele virou a cabeça para trás, preocupado.

“Não volte! Eu fiz o necessário. Conhece aquele idiota de coração mole, era óbvio o que iria fazer, e a queda da casa não vai matá-lo... Ao menos ganhamos tempo. Fique bravo comigo depois, e vá logo ajudar a Lara!”

Arian correu de volta para Lara, mas ela não estava mais no beco. Ele pulou para cima do telhado do armazém de 2 andares, que Atlas o arremessou antes, e tentou visualizá-la. Não podia estar longe. Foi quando um grito ensurdecedor chamou sua atenção. Era a bruxa!

Indo para o telhado da casa de três andares à frente, finalmente achou Lara, ainda brigando com a mulher de preto. Estavam na ponta da enorme praça turística próxima dali. Lara lutava com sua espada, contra dois homens, enquanto bloqueava a magia da bruxa com a outra mão. Toda vez que a mulher lançava energia negra em sua direção, a mão de Lara brilhava, e a energia negra se dissipava antes de acertá-la. Os homens não pareciam ter a menor chance contra sua espada espiritual, que quebrava as armas dos adversários em poucos golpes trocados.

“Ela ainda não deve estar totalmente recuperada da luta contra os goblins, e mesmo assim consegue lutar com uma bruxa e vários mercenários ao mesmo tempo? Ainda que tenha aquela espada, é difícil acreditar que é humana”.

Bruxas não eram temidas a toa. Qualquer uma delas era naturalmente algo entre um classe S e SS. O nível de destruição que podiam causar era absurdo. Arian já tinha visto um grupo de várias sacerdotisas levar uma surra para uma única bruxa, então Lara estar conseguindo segurar as maldições e energia bruta que aquela estava lançando, sozinha, era algo impensável.

A praça estava cheia, mas assim que ouviram a risada da mulher de preto, todos começaram a correr gritando "bruxa!". Um dos homens lutando contra Lara tinha acabado de cair com a garganta cortada. A bruxa novamente lançou uma energia negra em cima de Lara. Essa parecia mais forte que as anteriores. Quando Lara bloqueou, foi lançada para trás, assim como o homem lutando contra ela. Mas o mercenário se levantou rapidamente e avançou contra a sacerdotisa, que ainda estava caída.

Arian correu pelos telhados e saltou na frente de Lara, acertando um soco que fez o mercenário voar vários metros para trás, e cair inconsciente. Quando o viu, a bruxa recuou, dando uma risada bizarra.

Bastante aberto e cheio de estátuas de dois a quatro metros, o local que eles estavam era cercado por várias construções bem acabadas, feitas de concreto e madeira, com um a dois andares. O chão ali era de concreto liso, diferente do chão rústico de pedras da maioria da cidade. As pessoas dentro das construções à volta deles, pareciam estar saindo apressadas. Foi quando começou a ouvir barulhos por todos os cantos da cidade, como se várias casas estivessem desmoronando, e poderes se chocando.

"A guarda da cidade já não devia estar aqui?"

"Acho que a bruxa tem amigos..."

Um homem de armadura de couro negra, com algumas partes prateadas, estava andando no sentido contrário da multidão, que corria desenfreada. Suas asas, parecidas com a de um celestial, só que negras, chamavam bastante atenção, mas humanos normais não podiam vê-las. Uma espada fina e longa, bastante chamativa, estava pendurada em sua cintura. Ao lado dele, havia uma mulher loira de olhos azuis. Um capuz cinza estava cobrindo a cabeça, mas pelo rosto fino, e beleza acima do normal, parecia uma elfa.

— Por que demoraram tanto? — gritou a mulher de preto. A voz dela era extremamente esganiçada.

— Tem muitos guardas na parte central da cidade, demorou até nos livrarmos de todos. — disse a mulher.

— Façam valer o que lhes foi oferecido, seus imbecis! — gritou a bruxa.

O homem de asas negras fez uma cara horrível para ela.

— Não se importe, ela está no meio de um ataque. Bruxas são difíceis de conversar — disse a elfa, colocando a mão no ombro dele. Pareciam próximos.

Arian engoliu a seco, quando finalmente lembrou de uma descrição que batia com eles.

Armitazen, uma elfa com mais de dez mil anos, e Valadar, o aprendiz dela, um demônio que, assim como Kadia, podia ler mentes e tinha uma força descomunal. Chamavam a raça dele de anjos da morte, pela semelhança com os celestiais, mas com asas negras em vez de brancas. Ambos eram classe SS do norte.

A elfa correu até eles. Arian se colocou na frente de Lara, atacando a mulher com sua espada de prata, mas ela desviou com facilidade, como se tivesse previsto o movimento.

— Patético... — disse ela, olhando decepcionada para Arian. — Pelo que me disseram, você deveria ser um desafio respeitável — ela tirou sua espada e redirecionou outro golpe — Será que não está lutando a sério por eu ser uma elfa? Vou me sentir ofendida — a mulher avançou para cima dele.

Arian desviou do primeiro golpe, mas o segundo e o terceiro fizeram cortes precisos em seu abdômen e parte do braço que a armadura não cobria. A mulher não parecia estar nem se esforçando.

“É uma elfa milenar, não podemos encarar ela na ofensiva! Recua!”

Arian tentou agarrar o braço de Lara e saltar para trás, mas antes que conseguisse, o homem com asas negras já estava ao seu lado. O sujeito colocou sua mão para frente. Quando a palma tocou o corpo de Arian, ele foi arremessado para trás até bater de costas em

uma estátua de três metros de Alizen, que rachou. Ele caiu para frente e cuspiu sangue. Sua espada de prata havia quebrado, agora só restavam a espada normal, nas costas, e sua espada espiritual, na cintura.

O homem saltou até ele colocando a mão sobre sua cabeça, mas antes que pudesse executar o que tinha em mente, foi arremessado vários metros para trás. Era Kadia, estava usando toda sua força, como dava para notar pelos olhos brilhando. Valadar só não foi cortado ao meio porque se defendeu a tempo, usando seu bracelete, mas parecia ter quebrado o braço com o impacto da espada da demônio.

— Ao menos agora temos um desafio. Espancar esse guardião patético não valeria o nosso pagamento — disse a elfa, confiante, enquanto caminhava até o homem de asas negras. Ela colocou a mão no braço dele e recitou algum encantamento. Uma luz dourada apareceu.

— Não precisa se desgastar com isso, eu me curo sozinho — Valadar parecia irritado. A mulher riu e se afastou. Embora ainda saísse sangue do ferimento que Kadia fez, ele já parecia poder mexer o braço.

Arian ainda estava meio zozinho, mas pode ver Marko chegando, carregando Irene e Joanne, uma em cada braço.

— O reforço chegou! — gritou Marko.

Joanne e Irene correram até Lara, e passaram a ela o objeto negro que estavam segurando. As duas pareceram extremamente aliviadas após fazer isso.

— Como nos encontraram tão rápido? — perguntou Lara, aparentando cansaço.

— Nost tem várias utilidades. Ele está desde ontem rodando a cidade procurando vocês — Kadia apontou para seu pássaro negro, voando sobre eles, enquanto ajudava Arian a se levantar. — Capturamos um classe S que tentou roubar a caixa negra há poucos

dias. Peguei um bando de informações úteis na cabeça dele. Eles enviaram cinco SS atrás de nós. Eles chegaram na cidade hoje de manhã, e tinham ordens de levar Lara e a caixa preta para o norte. Você parece ser do interesse deles também, mas é um objetivo secundário.

"Cinco SS? Estamos ferrados..."

— Você está bem? — perguntou Kadia, ao notar que Arian ainda estava tonto.

— É como se tivesse levado um soco seu em cheio, mas ele nem me tocou...

— Então você não deve estar muito bem. — disse ela, que ainda não parecia totalmente confortável falando com ele, mas estava se esforçando para voltar a interagir como fazia antes do evento com Malak.

"Ela não parece mais brava..."

"Essa é sua preocupação?! A gente está para morrer nas mãos de dois SS, e você só não quer ser odiado por mais alguém?"

— Onde estão os outros? — perguntou a bruxa, falando com Armitazen. Ela e seu aprendiz se colocaram do lado da mulher de preto, esperando a iniciativa dos adversários. Cada um dos grupos estava em um lado da praça.

— Kalimar e Herz foram acabar com a central da guarda e bloquear as duas maiores guilds de Amira. Mas Raziel já devia estar aqui. Ele disse que iria eliminar a guarda da entrada Sul, e depois se juntaria a nós. Deve ter acontecido algum imprevisto... — Armitazen estava pensativa, olhando para o lado Sul da cidade. — Mas se eles não vêm, eu mesmo chamo reforços.

A elfa fechou os olhos e começou a recitar encantamentos em uma velocidade absurda. Um portal se abriu ao seu lado, de onde saiu um gigante, com a pele feita de algo que lembravam pedras. Devia ter uns 8 metros de altura, e quando ele pisou no chão, a terra toda à volta do local tremeu.

— Eu fico com o guardião, você com os outros — disse Armitazen. Valadar acenou com a cabeça, concordando, e entrou em posição ofensiva.

— Marko, se transforme logo, ou vai cair desmaiado no primeiro golpe do Valadar — disse Arian, olhando para os adversários, enquanto desembainhava sua espada normal com a mão esquerda e a espiritual com a direita.

Seu amigo não parecia muito confortável com a proposta, mas acabou cedendo.

— Senhoras, por favor não se assustem com o que vão ver a seguir... Só vou ficar mais fofinho.

Marko fechou os olhos, parecendo estar se concentrando. Seu corpo ficou todo peludo, seus olhos vermelhos, e ele aumentou para perto de dois metros e meio de altura. Sua armadura não quebrou, se adaptando ao novo tamanho e largura do corpo. Era claramente feita com aquela transformação em mente. Sua aparência lembrava um urso humanoide, uma das variedades raras de licans. Ele tirou o machado das costas e entrou em posição ofensiva.

— Odeio essa forma, meu olfato está pegando tudo a uma distância enorme. Tem mais um bando desses mercenários que você e Lara mataram, se escondendo por aqui. Devem estar esperando a ordem da mulher de preto — disse Marko, olhando para dois corpos no chão, um morto por Lara e outro nocauteado por Arian. A voz de Marko estava estranha, e as palavras não muito bem pronunciadas, mas era possível entender.

— Um licantropo urso? É mais forte do que os lobos, mas vai precisar de bem mais que isso para parar Valadar. — Armitazen falou como se estivesse se gabando.

— Era isso que estavam com medo antes? Ele parece inofensivo. — Irene encostou a mão no braço de Marko, que parecia aliviado com a aproximação dela.

— Não era isso que eu vi nas memórias do Arian... — Kadia estava olhando perplexa para Marko.

Marko rosnou na direção de Arian.

— Ela estava me tocando, não fiz de propósito. Mas esperamos que ele não precise usar aquilo... Irene, Lara e Joanne acabem com a bruxa e os mercenários dela que estão nos becos próximos. Cadê a Zek e o Jon?

— Está ocorrendo um ataque perto da sua guild, eles foram ajudar os civis. E eu sou a líder do grupo Arian, pare de me dar ordens.

— Dois anos de guild, seis meses no exército e dois anos e meio como guardião... Eu com certeza entendo mais de combate do que você.

Joanne não o contrariou, apenas se posicionou do lado de Lara com sua espada em punho.

— E cadê o Dorian?

— Disse que vai ficar nos ajudando do local mais alto que consiga encontrar perto daqui. Mas não entendi o que ele quis dizer.

— Certo... Kadia, leia a mente do Marko e se posicione adequadamente, ele é muito forte e resistente, mas a agilidade nessa forma é baixa. E não deixe a mão do Valadar chegar perto do seu corpo.

— Se eu ganhar dele viro uma SS? — questionou a demônio, confiante.

— Espero que tenha mais alguma carta na manga para estar com essa confiança toda.

— São dois contra um, eu e Kadia vamos acabar com ele rápido e depois te ajudamos. — Marko parecia ainda mais confiante que Kadia.

— Não acho que vai ser tão fácil...

Os dois lados se preparam para avançar, quando Atlas apareceu no meio da praça, saltando de cima de uma construção próxima.

— Esperem! Arian, você fica onde está.

Arian o olhou com ceticismo. Ele então se aproximou do guardião, e tirou um pequeno cristal transparente do bolso.

— Estou com a garota da arena e a que Malak pegou, Nya e Ane eram os nomes, eu acho. Se você não ficar aí parado, ambas vão morrer.

Arian arregalou os olhos, e saiu de sua posição ofensiva.

— Está blefando...

— Sabe muito bem que não posso mentir.

Atlas jogou o cristal transparente de sua mão para Arian. Ao olhar dentro dele, Arian viu a imagem de Ane e Nya, ambas em um quarto escuro, com os braços amarrados, uma do lado da outra.

— Raziel interceptou a sua escolta, e depois pegou Ane. Pedi a ele para não matar Siren, mas não creio que ele vai poder se mexer por alguns meses.

Arian prensou os pés no chão com força e olhou para Atlas com ódio. Sua mão apertava com força o cabo da espada.

“Se acalme, idiota!”

— Sei que está nervoso. Mas também sei que é racional. Se nos atacar elas morrem. Ao invés disso, vou te dar a chance de salvá-las. — Atlas jogou para ele um pedaço de papel amassado. Arian abriu. Era um mapa de Amira. — Vá logo, você não tem muito tempo. — Ele se virou para a bruxa — E Jane, você fica aí, antes que destrua partes da cidade sem necessidade.

Ao notar que Arian ainda estava lá, decidindo o que fazer, Atlas se dirigiu novamente a ele.

— E Arian, se ainda está em dúvida por causa do que elas sabem do seu passado... Eu encontrei o homem que o treinou, ele é meu

professor agora, foi assim que melhorei tão rápido. Ele sabe muito mais sobre você do que essas sacerdotisas. Se vier conosco, ele conta tudo que você quiser saber.

Ao dizer isso, Atlas avançou sobre o grupo de Arian, seguido por Armitazen e Valadar. Com o novo adversário, e a bruxa na retaguarda, Joanne e os outros pareciam meio perdidos sobre quem iriam atacar.

— Arian! — gritou Marko, furioso, avançando sobre Valadar.

Arian ficou lá parado, olhando para o mapa e o cristal com a imagem de Nya e Ane, ao mesmo tempo que observava Lara, desviando dos golpes de Atlas, com Joanne a auxiliando, e Irene atirando flechas mais atrás. Marko estava ocupado lutando contra Valadar, junto de Kadia. Ele estava aguentando a força dos dois sem grandes problemas, e a todo momento arremessava um deles com, seja lá o que fosse, aquilo que soltava com a mão.

Armitazen observou a situação para ter certeza que Arian não iria avançar.

— Isso vai ser mais fácil do que pensei — disse a elfa, correndo até Lara.

“O que eu faço?”

“A escolha é sua, não vou interferir, ou julgar.”

Arian lembrou de Nya. Era chata, mas uma ótima pessoa. E Ane, que era tão gentil como sua mãe. Atlas não podia mentir devido a uma maldição, então a parte de ter encontrado o homem que o treinou antes de perder a memória, era verdade também. Ele tinha mesmo uma escolha?

Foi quando olhou para <E>, que estava com os olhos fixados em Lara, parecendo preocupada. Lara desviou dos primeiros golpes, mas estava prestes a ser atingida pelo próximo movimento de Armitazen.

Nesse momento, Arian lembrou do que ela disse a ele na floresta de Ark. Seu corpo então se moveu quase que sozinho.

Arian bloqueou o golpe de Armitazen com sua espada bastarda, e tentou acertar o pescoço de Atlas, que estava atacando Joanne, com a outra. O adversário desviou e pulou para trás, assim como Armitazen.

— Está louco? — disse Atlas.

Arian parecia surpreso com o que fez. Mas logo depois deu um leve sorriso, como se constatasse alguma coisa.

— Não, acho que estou pensando direito pela primeira vez em muito tempo... Se eu sempre escolho a mesma coisa, nunca foi uma escolha — disse ele, enquanto lágrimas caíam lentamente de seus olhos. Depois se virou para Lara. — Como alguém importante me disse, se eu não tentar algo diferente às vezes, nunca vou ter certeza se realmente fiz a escolha menos dolorosa.

Lara, pela primeira vez, perdeu sua expressão séria, e parecia emocionada olhando para ele.

— Matem-nas! — disse a mulher de preto, com um cristal na mão.

— Jane, não! — Atlas foi correndo até ela e pegou o cristal de sua mão, mas ela já o tinha quebrado. A mulher estava sorrindo de forma cruel, enquanto o ex-companheiro de guild de Arian a olhava com pena. Ele então se virou e deu um salto, que o levou para cima de uma das construções próximas, e então começou a correr. De acordo com o mapa que deu a Arian, era óbvio que estava indo para o local onde as garotas estavam presas.

— Volte aqui, Atlas! — gritou a bruxa, com um tom de desespero. Depois, furiosa, começou a arranhar o próprio rosto com as unhas. Seu rosto ficou cheio de sangue.

“Boa estratégia ao usar a piedade do Atlas”.

“Não pensei nisso”.

“Então você...”.

Arian olhou para o cristal em sua mão, e viu as garotas tossindo, enquanto o fogo se espalhava pelo local onde elas estavam. Ele fechou a mão com força e quebrou o cristal. Quer Atlas conseguisse ajudá-las ou não, ele já tinha feito sua escolha, mesmo que uma parte dele quisesse desesperadamente correr até as duas meio-elfas.

— Isso não muda nada, acabem logo com eles! — gritou a bruxa.

— Voltem ao plano inicial! — disse Arian, olhando para Joanne e Lara.

Arian avançou contra Armitazen, e Lara, ao lado de Joanne, contra a bruxa e alguns mercenários à volta da mesma. Kadia e Marko, já a vários metros dele, ainda lutavam contra Valadar, que parecia estar ganhando.

Arian mudou de estratégia e entrou na defensiva contra a elfa, o que parecia ter surtido efeito. A arma dela era de alta qualidade, puro zodium, mas não podia passar sua armadura, apenas fissurá-la de leve. Bastava então, Arian tomar cuidado com seu pescoço e abdômen, e esperar uma abertura.

— Acha mesmo que isso vai funcionar? — Armitazen parecia ter entendido perfeitamente sua intenção. — Não vou te testar mais garoto, já me decepcionou o bastante... — conforme falava isso, o gigante de pedra, vários metros atrás deles, avançou para cima de Arian, que pulou para o lado. Quando ele se levantou, sentiu uma pontada de dor nas costas e instintivamente pulou para frente.

Ao olhar para trás, viu Malak, ou o que já foi ele. Agora era um amaldiçoado, com os olhos verdes, uma expressão sem vida, e o corpo negro apodrecendo. Em suas mãos, uma espada larga de alta qualidade, provavelmente dada pela elfa.

— Meu forte não é luta com espadas, é invocação. Consegue continuar na defensiva contra nós três? O seu amigo ali foi um achado muito interessante. Atlas me falou dele e, felizmente, consegui revivê-lo como amaldiçoado, depois de algum trabalho

costurando o pescoço de volta. Dá próxima vez, recomendo cortar em mais pedaços... — disse a elfa, rindo. — Agora, vamos acabar com isso!

Suas costas doíam, não sabia o que Malak tinha perfurado quando o cortou, mas afetou algum órgão. Arian respirou fundo e ficou de pé. Tinha alguma chance contra aquilo? Já era difícil enfrentar Armitazen sozinha, com ela coordenando seus dois fantoches seria ainda pior.

“Precisamos de uma nova estratégia”

O ogro de pedra avançou sobre Arian, que desviou, e depois bloqueou o golpe de Malak. A espada de Armitazen pegou de raspão em seu rosto, enquanto Arian usava sua segunda espada para desviar um novo golpe de Malak. Toda vez que os dois se afastavam um pouco, o gigante o atacava, a coordenação era perfeita. Arian continuou desviando, conforme seu corpo ficava mais e mais ferido por movimentos calculados da elfa, sempre mirando seus pontos desprotegidos.

Em determinado momento, finalmente conseguiu uma abertura para atacar Malak. Infelizmente, tinha esquecido da dureza da pele da criatura, que continuava igual, mesmo se tornando um amaldiçoado. Arian se desesperou quando a espada normal, em sua mão esquerda quebrou, ao usá-la contra a criatura. Malak contra-atacou, e ele teve que se defender com seu bracelete, enquanto o outro braço, com a espada bastarda, bloqueava a espada de Armitazen.

— Adeus... — disse a elfa, com um ar de tédio.

Quando Arian bloqueou os dois, o meio do corpo ficou completamente desprotegido, e veio um chute do gigante, que o acertou em cheio. Ele foi arremessado para trás, só parando quando acertou uma estátua pequena, que ficou em pedaços. Ele tentou se levantar, mas estava tonto. Alguns ossos deviam estar quebrados, e a dor em suas costas, devido ao ferimento de Malak, estava aumentando. Sangue escorria lentamente do ferimento até suas pernas.

— Patético... Isso é o nível de um classe S. Me preparei para um SS à toa pelo jeito. Foi assim que deixou Emily morrer, Arian? Atlas me contou tudo.

Arian a olhou com ódio, e depois observou a situação a sua volta. Lara parecia cansada, com ela e Joanne tentando matar a bruxa e os mercenários a sua volta. A espada espiritual de Lara estava mantendo a luta balanceada, foi sorte ela não ter usado aquela magia absurda contra os goblins, ou o objeto teria perdido seus poderes temporariamente, e elas já teriam sido derrotadas. Como Lara estava usando parte de sua energia espiritual para conter o objeto amaldiçoado, bloquear as magias da bruxa ficou mais complicado, com ela frequentemente sendo jogada para trás, e ganhando vários cortes pelo corpo, gerados pelos resquícios da magia negra. Joanne tentou bloquear a energia da bruxa uma vez, mas quase morreu no processo, com Lara tendo que correr até ela para barrar a maldição que a mulher tinha lançado em sua líder. Depois disso elas começaram a se coordenar para barrar as magias da adversária ao mesmo tempo, mas ainda pareciam estar perdendo. Marko e Kadia estavam bastante machucados, e embora Valadar estivesse ferido também, ainda estava na vantagem contra eles.

Arian então tomou sua decisão. Se virou para o gigante de pedra de Armitazen, vindo em sua direção, cerrou os dentes e abaixou os braços, esperando para receber o ataque.

“Não faça isso, seu idiota!”

Arian não desviou, recebeu um chute em cheio, e foi lançado para trás a toda velocidade, arrebatando parte da parede de concreto de uma construção com as costas. Mesmo com a armadura o protegendo, vários ossos haviam quebrado.

A criatura não parou, e seguiu para cima de Arian, o lançando para dentro da construção. O guardião, no entanto, estava caído em meio aos destroços, rindo.

“Por que está rindo? Deve ter quebrado metade dos ossos do corpo”.

“Não importa... A luta vai acabar agora”.

— Diga adeus, sétimo guardião de Distany, você foi uma decepção... — falou Armitazen.

A criatura desceu um soco sobre ele com a intenção de esmagá-lo, mas algo inesperado aconteceu. Arian se levantou e direcionou um soco contra o punho do gigante, que vinha com força em sua direção. O impacto do soco dele contra o da criatura gerou o som de um trovão, que quebrou as janelas de todas as construções da área apenas com a onda de choque. A criatura foi arremessada para trás até bater em um prédio do outro lado da praça, que desmoronou em cima dela. Arian saiu andando em meio aos destroços do prédio, com uma energia azul o cercando. A cor de seus olhos tinha mudado para um tom azulado, energia fluía dentro deles.

— Adeus... — disse Arian, olhando para Armitazen.

Capítulo 40 – O Sétimo Guardião

— Finalmente! Vai me dar uma luta de verdade agora? — A elfa continuava confiante, enquanto Malak se posicionava ao lado dela, e o gigante de pedra levantava da construção do outro lado da praça e corria para atacar Arian.

O gigante desceu um soco em cima do guardião, que desviou do golpe, girou e acertou o braço da criatura com sua espada bastarda. O braço da criatura explodiu em vários pedaços, assim que a lâmina o tocou. Armitazen chegou tentando atacar suas costas com a espada, mas uma energia azul se acumulou na frente do local, bloqueando a lâmina. Enquanto ela se surpreendia com isso, Arian acertou um chute em seu peito que a fez voar para trás. Depois, usando sua espada, bloqueou a lâmina de ar formada pela espada de Malak, que veio pela sua lateral.

Como Malak não tinha mais alma, tudo que ele usava de magia gastava a energia da elfa, em vez da dele, e aquela magia parecia custar bastante energia, o que explicava porque Armitazen não usou aquilo antes.

Em seguida, o gigante tentou acertar um soco com o braço restante, mas Arian desviou, e estourou o braço da criatura com sua espada, depois girou e fez um corte no ar com a arma, de baixo para cima. Isso criou um feixe de energia que partiu o gigante ao meio.

Armitazen o estava observando incrédula, enquanto uma das mãos, com uma energia dourada, curava o lado direito do seu peito, onde tinha quebrado várias costelas. Todos os ferimentos de Arian pareciam ter sido cobertos pela energia azul que o cercava, e embora claramente tivesse quebrado vários ossos, estava se movendo normalmente, o que não fazia sentido para ela.

"Tem algo errado... Não estou com raiva, como costuma acontecer quando entro nessa forma...".

"As inscrições do bracelete que Lunar nos deu estão brilhando, deve ser ele. Aproveite e acabe com isso rápido, duvido que vá conseguir

manter o controle sobre esse negócio por muito tempo".

Arian estava olhando de um lado para o outro, tentando se adaptar ao excesso de informação que estava recebendo. Aquilo sempre acontecia quando entrava nesse estado, mas ele raramente se mantinha tão calmo. O padrão era ir ficando mais e mais nervoso, até perder o controle do seu corpo e não distinguir mais aliados de inimigos. No momento, podia ver boa parte da cidade. As pessoas estavam azuladas, e sua visão não se limitava mais ao que se encontrava à frente de seus olhos, podia ver qualquer coisa à sua volta. Era algo fantástico para lutas, já que ninguém podia te pegar de surpresa. Mas recebia tanta informação ao mesmo tempo, que se confundia. Se pudesse reduzir a distância para se concentrar apenas a alguns metros a sua volta, conseguiria lutar muito melhor. Infelizmente, não fazia ideia de como controlar seu campo de visão quando entrava nesse estado.

— Se pensa que já ganhou, está muito enganado. Não é o único com uma carta na manga. — Armitazen fechou os olhos e começou a recitar um bando de encantamentos, dava para ouvir várias mini explosões de portais se abrindo à volta dela.

Um demônio, parecendo um morcego humanoide de 5 metros de altura, apareceu atrás dela, assim como um novo gigante de pedra. Todos, junto com Malak, partiram para cima de Arian.

A vários metros deles, Joanne e Lara estavam pressionando a bruxa, que não tinha mais capangas para a ajudar, e estava tendo que se defender contra as duas, sozinha. Para surpresa de Lara, a mulher de preto sabia lutar fisicamente também, usando uma espada curta. Quando estava quase sendo desarmada, Atlas reapareceu tentando pegar Lara pelas costas. Joanne conseguiu protegê-la e evitar o ataque, ao mesmo tempo que Atlas recuou, quando uma lança fina, de zodium, quase acertou sua cabeça. Era Dorian, que deixou Atlas bastante confuso, tentando entender de onde veio aquilo. Ele devia estar em uma torre de vigia próxima dali. Irene estava tentando ajudar Kadia e Marko, que se encontravam em uma situação muito pior.

Tinham diversas estátuas e pedaços de construções destruídas à volta deles, representando quantas vezes Marko e Kadia já foram arremessados pela magia de Valadar. Os olhos dele tinham o mesmo brilho dourado de Kadia, e ele aparentemente estava lendo a mente de ambos, o que permitia prever tudo que iriam fazer.

— Não consegue bloquear ele?

— Eu só leio mentes, seu idiota, não posso afetá-las sem tocar o alvo!

— Não? — questionou Valadar, com um sorriso confiante.

Os olhos dele brilharam com mais força, e logo depois Kadia e Marko foram ao chão, gritando de dor.

— Não faz sentido... por que ele não... fez isso antes? — Kadia estava tentando resistir e se levantar.

— Deve gastar muita energia, mas... acho que quer acabar rápido... está preocupado com a companheira... — falou Marko, tentando se levantar, enquanto olhava para Arian lutando contra Armitazen e suas três criaturas, se mostrando claramente na vantagem.

Valadar, tentando manter a concentração nos adversários à sua frente, avançou contra Marko, mirando sua cabeça, enquanto ele não podia se mexer. O gigante, com muito esforço, conseguiu se jogar vários metros para trás, e cair rolando no chão, pouco antes de Valadar atravessar ele com a espada. Em seguida, ele mudou de alvo, correndo na direção de Kadia. Vendo a situação deles, Joanne gritou:

— Kadia, imite o que a Lara fez quando lutou contra você! É impossível você ter visto os círculos de conversão que ela criou para salvar Ane, se não tiver uma ligação absurda com aquela dimensão...

— Não posso... Eu... Não quero! — gritou ela, enquanto lembranças desagradáveis tomavam sua mente.

A espada de Valadar estava quase em seu pescoço. Marko tentou se levantar para ajudá-la, mas não conseguia. Acabaria assim? Foi quando tudo ficou lento, e ela começou a escutar a voz de seus pais.

"Não é sua culpa, Kadia... Me desculpe, filha... Está tudo bem, eles vão entender... Não importa o que aconteça daqui em diante, não se culpe... Viva, Kadia, não importa a dor, não importa a situação, lute pela sua vida, porque você vai ser a prova de que nós existimos..."

O som de uma explosão tomou o local, era um círculo de conversão enorme se abrindo acima de Kadia, ligando a dimensão dos celestiais.

Kadia deu um grito, como se estivesse sofrendo, enquanto levantava emitindo um forte brilho dourado dos olhos. Ela desviou do golpe de Valadar, e, usando sua espada, agora envolta em uma aura dourada, cortou fora o braço do inimigo. Seu poder de afetar mentes não tinha mais efeito algum nela. Depois, enquanto o demônio ainda estava surpreso, ela girou, e acertou um chute que o fez voar, pondo abaixo a construção atrás dele com o impacto. Sua força estava ainda maior que o normal. Mas logo após isso, Kadia caiu no chão, parecendo exausta.

— Uma demônio que pode se ligar a dimensão dos celestiais? — Atlas parecia admirado. — Mas não parece ter controle algum, gastou quase toda sua energia abrindo um portal enorme e puxando muita energia de uma vez...

Valadar levantou do meio dos destroços, furioso. Ele usou as asas para levantar voo e avançar sobre Kadia, que não parecia ter mais forças para se defender. Marko apareceu pouco antes dele chegar e acertou um soco na cabeça do demônio, que o arremessou vários metros para trás. Valadar se levantou, desviou do golpe seguinte do lican, e encostou sua mão no peito do adversário, o lançando para trás. Depois foi até o braço que Kadia havia cortado e recuperou sua arma. Enquanto ele se preparava para avançar novamente sobre Kadia, Marko tentou acertá-lo pelas costas, mas ele esquivou e

quase arrancou sua cabeça fora com a espada. Mesmo sem um braço, ainda era um inimigo absurdamente forte.

Arian tinha cortado o morcego humanoide de Armitazen ao meio usando a energia azul da espada. A criatura tinha poderes telepáticos que afetavam a mente dos adversários, mas assim como acontecia com Kadia, poderes telepáticos não funcionavam direito em Arian, se não houvesse contato físico, e o máximo que o adversário conseguiu foi nublar levemente sua visão, obrigando o guardião a focar em matá-lo primeiro.

A elfa então começou a usar uma magia estranha que criava paredes invisíveis, e isso estava limitando os movimentos de Arian. Os demônios dela pareciam conseguir passar pelas paredes, mas Arian estava batendo em uma a todo momento, até que o gigante de pedra acertou um soco nele, que o jogou vários metros para trás. Armitazen então chegou atacando pela lateral, mas o golpe foi bloqueado pela energia azul, que rapidamente se concentrou no ponto que a espada da elfa foi direcionada. A mulher, no entanto, parecia estar contando com isso, e com a outra mão, na qual estava segurando uma faca, mirou em outra parte do abdômen de Arian, que foi perfurado. Ela puxou a faca para o lado, tentando abrir um corte maior em sua barriga, mas Arian pulou para trás antes.

A energia azul rapidamente cobriu o ferimento, mas a dor ela não bloqueava, e Arian estava com muita dor, cheio de cortes e ossos quebrados pelo corpo todo. Ao mesmo tempo, estava ficando com raiva, o que era um sintoma de estar perto de perder o controle daquela forma.

— Estou impressionada. Ao menos agora está fazendo jus ao título de sétimo guardião de Distany. Mas não tem como ganhar... — Armitazen parecia estar sorrindo. Devia gostar de lutar. — Não quer mesmo aceitar a proposta do Atlas? Matar um espécime raro como você seria uma pena.

— Acho que você não entendeu. Não sei controlar isso direito, e estou com medo de machucar meus amigos...

— Não está lutando a sério?

A cada instante que passava ele ficava com mais raiva, gerando uma vontade louca de atacar qualquer coisa que estivesse na sua frente. Mas ao mesmo tempo, ganhava mais controle sobre a energia. O processo era sempre o mesmo, a diferença era que dessa vez estava demorando mais para ocorrer. Quanto mais perto de perder o controle, mais tinha a sensação de que outra pessoa estava controlando a energia azul para ele, o ajudando a fazer tudo que queria.

Arian olhou para sua mão, onde um pouco de energia se acumulou. Ele então tentou a dissipar, causando uma mini explosão, que fez a poeira à sua volta voar para os lados.

"Estamos no controle. É agora! Use tudo que pode, não temos muito tempo!".

— Venha com tudo dessa vez! Não teria graça se eu acabasse com você tão rápido — disse a elfa, tentando parecer confiante.

— Não... A luta acabou! — Arian levantou sua espada espiritual e a apontou para frente, mirando no gigante de Armitazen, que começou a correr em sua direção. Uma energia azul estava fluindo da lâmina.

— Está perdendo tempo. Não vai...

Antes que Armitazen terminasse sua frase, a energia em volta da espada se dissipou, criando uma forte onda de choque em linha reta. Todas as barreiras invisíveis da elfa explodiram, produzindo um forte somido, como se vidro estivesse sendo esmigalhado. Quando a onda de choque acertou o gigante de pedra, ele foi jogado para trás. O monstro rapidamente se levantou e correu furioso até Arian, que desviou dos golpes, e girou, cortando o ar com sua espada, o que criou uma lâmina de energia que partiu o gigante ao meio.

— Que porcaria é essa?! — Armitazen avançou sobre Arian com Malak a seu lado.

O mercenário estava lançando vários feixes de ar com sua espada, dos quais Arian estava desviando e bloqueando com sua espada. Ele então avançou contra Malak. Assim que sua espada encostou na dele, a arma de Malak foi esmigalhada em mil pedaços. Arian arrancou sua cabeça e saltou para trás.

— Dessa vez você não vai voltar!

Ele apontou a espada para frente e a energia dela se dissipou. A onda de choque destruiu completamente toda parte de cima do corpo de Malak, e depois, arreventou a frente da construção que estavam atrás dele.

Arian então se virou para Armitazen, que tinha recuado e lançou uma enorme bola de fogo em cima dele. O guardião fez um corte no ar com sua arma. A energia que saiu da espada dissipou a bola de fogo, e depois seguiu até a elfa. Se ela não tivesse desviado por pouco, teria sido arremessada. Nesse momento, a atenção de Arian mudou para Kadia, já bastante ferida, e a ponto de ser cortada ao meio por Valadar.

Arian deu um berro furioso, e então saltou na direção do demônio. O chão de concreto, de onde ele deu o impulso para sair, rachou, tamanha a força com a que o pressionou. A espada de Valadar foi bloqueada pela espada de Arian, antes de chegar em Kadia. Quando as lâminas se encostaram, a espada do demônio foi estilhaçada. Arian tentou parar na frente dele, mas acabou passando direto pelo adversário. Só parando alguns metros depois, e destruindo boa parte do chão no processo. Avançar em alta velocidade era fácil, parar onde ele queria, não.

Valadar veio com um soco pelas suas costas, sem ter ideia de que Arian podia ver em 360 graus naquela forma. O guardião desviou do golpe e então acertou um chute no peito do adversário, que arreventou sua armadura e o lançou contra o prédio que estava a suas costas. O demônio se chocou com toda força contra a parede, que rachou, e depois ele caiu para frente, parecendo estar com muita dor. Logo depois, Arian se virou, bloqueando uma bola de fogo

lançada por Armitazen. A mulher parecia admirada por ele ter notado aquilo, mesmo estando de costas para ela. Kadia, atrás dele, o olhava com uma mistura de gratidão e perplexidade.

— Você está bem?

— Não tenho mais muito tempo... Temos que acabar com eles antes de eu... — Ele parou de falar, ao notar que Lara tinha ido ao chão na luta contra a bruxa e Atlas.

Arian novamente deu um forte impulso para frente, agora tentando ajudar Lara, que parecia não ter mais forças para lutar contra Atlas, e ajudar Joanne a bloquear as magias da bruxa, ao mesmo tempo. Atlas conseguiu desviar da espada do guardião, mas quase perdeu o braço com a onda de choque que a arma criou. Arian desviou da espada dele, e depois apontou sua espada para a bruxa, contra a qual Joanne estava lutando.

— Joanne, pule para o lado! — gritou Arian, parecendo furioso.

A energia da espada se dissipou e uma onda de choque foi lançada até a mulher de preto. Pouco antes de acertar, no entanto, Atlas a empurrou, e recebeu o impacto, sendo arremessado para dentro de um prédio, que veio abaixo logo depois. Arian se virou e bloqueou outra bola de fogo de Armitazen. Ela havia invocado outro gigante de pedra, mas já parecia exausta, devia estar no limite de sua energia espiritual.

O guardião deu um berro furioso, dessa vez liberando parte da energia que estava a volta de seu corpo e arremessando longe tudo que estava perto, incluindo Lara e Joanne.

"Está ficando fora de controle. Tem que acabar com a luta, agora!"

— Maldição! Cadê o Raziel? Precisamos dele para lidar com essa aberração — gritou a elfa.

Arian pegou impulso e saltou sobre o gigante de pedra, o destruindo em um golpe da espada. Depois se virou e saltou para frente de Armitazen, descendo sua espada sobre ela. A mulher desviou a tempo, evitando ser cortada ao meio pela lâmina da arma dele, mas

foi pega pela onda de choque que o objeto produziu ao passar do lado dela, e acabou arremessada no meio dos destroços de uma construção próxima.

— Mestre! — gritou Valadar, ao ver o que aconteceu com Armitazen. Marko e Kadia estavam o encarando, ofegantes, tentando resistir a seu poder de afetar a mente, que já estava mais fraco, devido ao desgaste do adversário. O demônio estava usando sua segunda espada, que até o momento estava na cintura.

"Só falta ele, vai, rápido!"

Furioso e já começando a perder o controle do que estava fazendo, Arian saltou novamente para cima de Valadar. Ele desviou da espada do guardião e tentou usar sua magia da mão para arremessá-lo. Arian imitou o movimento, colocando a mão para frente, no mesmo sentido da mão de Valadar. Uma explosão foi gerada pelo choque da energia, produzindo um barulho de trovão ensurdecedor, enquanto ambos foram arremessados para trás, só parando quando acertaram construções próximas com seus corpos.

A construção à volta de onde Arian foi parar explodiu, jogando destroços de madeira e concreto para todo lado. Ele então deu um grito assustador, e a energia azul a sua volta aumentou.

— Nosso tempo acabou! Ele perdeu o controle! — gritou Marko.

— Dá para explicar o que é aquilo? — Joanne estava atrás de Marko, tentando se proteger dos destroços que estavam voando para todo lado.

— Seja lá o que Arian for, ele tem dois mecanismos de defesa: O primeiro ativa quando ele está prestes a morrer, é essa energia azul. Deixa ele resistente à magias, com uma força ridícula e cobre qualquer ferimento do corpo, a ponto de até fixar de volta ossos quebrados, temporariamente. O problema é que ele logo perde o controle, e começa a atacar qualquer coisa a sua volta, como um animal enfurecido. O segundo mecanismo reage a maldições, fazendo ele se regenerar muito rápido e bloquear o feitiço, mas isso

quase zera a energia espiritual dele, que já não deve estar nas melhores condições depois de tudo que ele já fez com essa energia estranha.

Atlas, a bruxa, Lara e Joanne estavam parados se encarando, enquanto dividiam sua atenção com a luta de Arian e Valadar, que podia matar todos ali a qualquer momento, pelo nível de destruição que estava causando.

Arian saltou a uma velocidade descomunal para construção que Valadar foi arremessado. O impacto do pé dele dando impulso para frente destruiu completamente o chão e fez voar tudo que estava em volta. Mas, assim que chegou lá, o demônio repetiu a magia que criava ondas de choque com a mão, na tentativa de parar a espada de Arian, prestes a cortá-lo ao meio. A energia da espada se dissipou quando encostou na mão de Valadar, e ambos foram arremessados novamente, mas dessa vez o guardião conseguiu parar no meio do caminho, pressionando seus pés contra o chão, e voltou a atacar o adversário, que estava caído.

O demônio desviou da espada, mas quando tentou se levantar, Arian desceu um soco em cheio em seu rosto. Deu para escutar os ossos da face quebrando, mas mesmo desfigurado, ele se levantou novamente. Arian girou sua espada, com a intenção clara de cortar a cabeça do adversário. Valadar colocou sua segunda espada na frente, para tentar bloquear o golpe. A espada, mesmo sendo de alta qualidade, foi esmigalhada, e o demônio foi lançado para trás com o impacto do golpe. Derrotado, e com o corpo todo machucado, deu um salto e voou até Armitazen, que estava saindo da construção que Arian a jogou toda machucada. Ele a pegou e voou o mais alto que pode.

Arian observou os dois, flexionou as pernas contra o chão e saltou na direção deles. O chão abaixo dele explodiu, abrindo uma cratera, e ele foi lançado para cima, em alta velocidade. Armitazen levantou sua mão e usou uma magia similar a onda de choque de Valadar, só que mais forte, para barrar a espada Arian de chegar neles. Como resultado, ela entrou em seu pagamento, e começou a sangrar por

todos os orifícios do corpo. Arian foi repellido e lançado contra o chão, abrindo uma pequena cratera onde caiu. Ele se levantou, deu um berro, e olhou para cima, mas o inimigo não estava mais à vista. O guardião então olhou para Marko, Atlas, Lara e os outros, saltando em direção a eles, com a clara intenção de matá-los.

Marko, que já estava de volta a sua forma humana, correu contra Arian, gritando:

— Eu vou tentar tirá-lo da cidade, não cheguem perto de mim! Não tenho muito controle nessa transformação.

Marko se transformou novamente, mas era diferente da primeira vez. Ele virou um meio-lobo negro de três metros de altura. Seus olhos mudaram de cor, para um amarelo muito forte. Ele saltou contra Arian, que tentou cortá-lo com sua espada. Marko colocou os braços na frente, ganhando um corte profundo neles, e sendo jogado para trás. Ele se levantou rapidamente, já com os braços quase totalmente regenerados, e rosnou na direção de Arian. Seu rosnado produziu um barulho ensurdecedor, que fez todos ali caírem no chão apavorados.

— Era isso que eu tinha visto nas memórias do Arian... Nunca vi um lobisomem assim... — disse Kadia, tentando controlar seu corpo, que estava tremendo contra sua vontade.

Marko saltou novamente contra o adversário, destruindo várias construções em linha, enquanto empurrava o corpo de Arian.

Atlas observava os dois, tentando ficar de pé. Mas estava suando frio, e seu corpo tremia.

— Olhos amarelos, mais de 3 metros de altura, regeneração absurda, e um uivo aterrador... Muito mais fortes que um lobisomem comum, e quase sempre, incontrolláveis. Nós os chamamos de... mestre dos lobisomens...

Capítulo 41 - Não Morra!

Arian e Marko estavam arremessando um ao outro pela área em volta da praça, quebrando tudo que tinha no caminho com seus corpos. O licantropo era gravemente ferido a todo momento pela espada do guardião, mas se regenerava no mesmo instante, dava um rugido assustador e voltava a atacá-lo. Dorian não parava de arremessar magias e suas lanças especiais contra Arian de uma torre próxima, mas não estavam surtindo efeito algum.

— Ele bem que podia ter usado mais isso contra os classe SS, e não agora que é inútil... — falou Joanne, observando a tentativa inútil de Dorian de parar Arian.

— É como ver dois semideuses loucos tentando se matar! — Atlas estava estático, observando os dois, enquanto mantinha Lara e Joanne em seu campo de visão. — Marko disse que ia tentar tirá-lo da cidade, mas está completamente descontrolado também... Proponho uma trégua temporária.

— Atlas, o que está fazendo? Só pegue a garota e vamos embora! — disse a bruxa, encarando Lara com uma expressão assustadora.

— Estou nisso para te ajudar Jane, não para deixar milhares de inocentes morrerem porque deixei um ex-companheiro sem controle no meio de uma cidade. Temos que pará-lo!

— Eu acho que... tenho uma ideia! — Lara apontou sua mão para o chão, e um círculo dourado, cheio de inscrições, começou a se formar.

— Não vai conseguir realizar essa magia sem um conector entre o alvo e você, Lara, não importa o quão poderosa seja — Joanne revezava sua atenção com Lara, Atlas, a bruxa, Marko e Arian brigando ao longe, enquanto pensava no que fazer.

— Já tenho um. Acho que ela previu que isso iria acontecer. — Lara levantou o braço, mostrando o bracelete que Lunar lhe deu. — Só preciso que alguém traga-o para cima desse círculo.

— Eu faço! — disse Atlas.

— Atlas!

— Depois, Jane! Isso é mais importante!

O homem se transformou em um lobisomem cinzento de 3 metros de altura, e correu até Arian e Marko. Assim que chegou lá, no entanto, o guardião quase o partiu ao meio. Para sorte dele, possuía uma agilidade impressionante naquela forma, mas depois de desviar de alguns golpes, Marko o pegou pelas costas e acertou um soco que o jogou longe, até bater em destroços de construções derrubadas, e abrir um rombo no local. Atlas se levantou lentamente, e voltou para a luta, dessa vez, mantendo mais distância, aparentemente, pensando no que fazer.

— Alguém tem outro plano? — questionou Lara, ao notar que Atlas não parecia estar sendo bem sucedido.

— Talvez... Não consigo acessar a mente de Arian sem tocá-lo, mas a do Marko... Acho que é possível — Kadia, que estava ajoelhada até aquele momento, se levantou. Parecia meio tonta, aparentando ter entrado em seu pagamento.

— Vamos lá! — Os olhos de Kadia mudaram de cor para um dourado brilhante, enquanto ela se concentrava. — Consegui!

Marko pareceu se acalmar, como se estivesse pensando pela primeira vez desde que se transformou. Ele então, correu até Arian, desviou do golpe de sua espada, e o arremessou para trás. Repetiu isso várias vezes, até perder o controle, obrigando Kadia a tentar se comunicar mentalmente com ele de novo. Atlas começou a auxiliá-lo, até que finalmente se aproximaram. Marko abraçou Arian e se jogou para dentro do círculo iluminado que Lara fez no chão.

— Agora, Lara! — gritou Joanne.

A sacerdotisa, que estava de olhos fechados se concentrando, abriu os olhos. Mini explosões puderam ser ouvidas de todos os lados, devido ao número de círculos de conversão que ela estava abrindo com a dimensão dos celestiais. Marko voltou a forma humana e se

jogou para fora do círculo. Mas Arian não conseguia sair, sempre que tentava era barrado por uma parede invisível. O bracelete que Lunar deu a ele, e a Lara, estava com as inscrições brilhando em dourado. Arian começou a gritar, colocando a mão na cabeça.

— Que porcaria é essa?! Isso não é uma possessão — Lara estava agindo como se estivesse com dor na cabeça também. — Droga! Volte, Arian! Anda!

De repente, Arian finalmente parou de gritar, e parecia ter ficado lúcido do que estava acontecendo. A energia azul a sua volta, e em seus olhos, se dissipou, e ele caiu no chão. Os ferimentos pelo seu corpo, que estavam sendo preenchidos pela energia azul até agora, se abriram por completo, e ele começou a gritar de dor. Lara caiu de joelhos também, parecendo esgotada.

Joanne foi correndo até Arian, junto com Irene, para tentar parar o sangramento.

— A situação dele está horrível, múltiplos ossos quebrados, sangramento interno, órgãos rompidos, se você não ajudar... — Joanne olhou para ela, que estava com dificuldade em levantar. — Já chegou no seu pagamento?

— Estou quase lá. Mas acho que ainda consigo curá-lo. — Lara se levantou e foi na direção de Arian.

Enquanto Lara se levantava para ir até Arian, Atlas, em sua forma de lobisomem, do nada, apareceu atrás dela e acertou sua cabeça. A garota desmaiou na hora. Ele então agarrou ela e a bruxa, e saltou, para o telhado de uma construção próxima. Depois começou a correr carregando uma delas em cada braço.

— Desgraçado! — gritou Marko, que parecia exausto, e tentava se levantar. — Kadia, plano B, jogue uma maldição no Arian, rápido!

— Como? Qual? — Kadia não estava entendendo nada.

— Qualquer uma! Rápido!

Logo depois de dizer isso, Marko agarrou Joanne e Irene e saltou para o telhado mais próximo, tentando localizar Atlas. Dava para ver explosões mais à frente. Era Dorian, arremessando bolas de fogo e suas lanças contra Atlas, tentando restringir os movimentos dele pelos telhados. Ele estava indo para saída norte da cidade.

Kadia correu até Arian, que estava agonizando. Só tinha uma coisa em que conseguia pensar em termos de maldição que pudesse o ajudar. "Será que isso serve?", pensou.

Os olhos dela ficaram completamente dourados. Kadia mordeu a própria língua e beijou Arian, mordendo a língua dele no processo, para que o sangue dela pudesse se misturar com o dele. Logo depois, Arian abriu os olhos, mas a cor deles estava diferente, foram de castanho para vermelhos. Ele começou a gritar, enquanto se contorcia no chão. As feridas pelo corpo se fecharam quase que por completo, tirando uma enorme nas costas, que continuava a sangrar, mas todos os ossos quebrados pareciam ter se regenerado.

— Mas o que... — Kadia não fazia a mínima ideia do que estava vendo.

Arian olhou confuso para a demônio, por um breve momento, e logo depois, foi ao chão gritando.

— Não! Por favor, não! Parem! Parem! Não! — Arian não parava de gritar, enquanto mantinha as duas mãos na cabeça. Ela tocou nele para tentar entender o que estava acontecendo. Era o pagamento dele, o obrigava a rever suas piores lembranças, como se fosse a primeira vez. E tinha outro pagamento. Estava tirando alguma coisa dele, mas Kadia não conseguiu entender o que era. Ela o beijou de novo, até ele se acalmar.

— O que você...? — Arian finalmente tinha voltado a si.

— Eu tentei realizar um pacto temporário, mas seu corpo bloqueou. Deve ser aquilo que o Marko tinha dito. Depois te passei um pouco da minha energia, para te estabilizar e tirar do pagamento.

— Mas você já não está no seu? — perguntou, ao observar que ela estava ofegante e extremamente vermelha.

— Ficar um pouco mais excitada do que já estou não vai me afetar, o seu pagamento é muito pior.

— Obrigado... — Arian então começou a olhar em volta. <E> parecia furiosa com Kadia, mas ao mesmo tempo estava apontando desesperada em uma direção. — Cadê a Lara?

Kadia apontou para um telhado próximo, na mesma direção que <E>.

— Atlas a pegou, Marko foi atrás deles.

— Desgraçado...

Arian se levantou com alguma dificuldade.

— Vamos! — Ele e Kadia saltaram para cima do prédio de 2 andares à frente, um dos poucos ainda inteiros na área.

Assim que caíram no telhado, viram uma grande explosão mais à frente. Atlas estava cercado no terraço de uma construção, com toda a área a frente dele pegando fogo, e Marko atrás. A labareda de fogo estava a uma altura absurda, Dorian devia estar alimentando aquilo com sua energia. Graças a isso, Marko conseguiu cercar Atlas. Arian e Kadia correram até lá o mais rápido que puderam.

— Se aproximem e ela morre — disse a bruxa, segurando uma faca contra o pescoço de Lara, que já estava acordada, mas sem saber o que fazer. Marko e Atlas se encaravam.

Arian e Kadia chegaram correndo, o que deixou Atlas e a bruxa ainda mais na defensiva.

— Vocês não têm saída, só devolvam a Lara, e os deixamos ir — Joanne estava conseguindo falar com calma, mas Arian podia ver que ela estava suando frio.

— Não podemos voltar sem ela. Então estamos em um impasse — Atlas parecia nervoso, revirando a área com os olhos, na busca de

uma saída, até que seus olhos pararam em Arian. Ele então apontou para o ex-companheiro de guild — Um contra um, se eu vencer levo ela, se eu perder, vocês levam.

— Ficou maluco?! — gritou a bruxa.

— Não temos outra opção, Jane.

— Quer uma luta? Por mim tudo bem — Marko deu um passo à frente, como se estivesse aceitando o desafio.

— Você não grandão, o Arian.

— Ele está acabado, olha o sangue escorrendo pela perna dele!

— Você não está muito melhor, e a minha situação não está boa também, depois dele me arremessar de um lado para o outro naquela forma. Não me curo tão rápido como você, Marko. Além disso, quero uma luta justa de espadas, e você com certeza não pode me dar isso.

— Isso é ridículo.

Atlas olhou para Jane, que não parecia feliz com a proposta.

— Se eles descumprirem o acordo, ou aquele mago atirar algo em mim, sabe o que fazer — falou Atlas, olhando para Jane.

A bruxa aproximou ainda a lâmina da faca da garganta de Lara.

Arian segurou a espada bastarda na sua mão com força, tentando conter a vontade de pular em cima daquela mulher e arrancar sua cabeça. Atlas se aproximou dele e o olhou nos olhos.

— Um contra um, eu não me transformo, e você não enlouquece, e mata todos nós com aquela energia azul.

— Feito — disse Arian, claramente com raiva. Ele então encostou no braço de Kadia, que estava a seu lado, e pensou:

"Kadia, se eu perder, pule em cima da Bruxa."

"Não tem vergonha? Seu amigo pretende manter o acordo" — disse Kadia, mentalmente, olhando frustrada para Arian.

"Vou ter vergonha se Lara morrer, não em descumprir um acordo".

Todos se afastaram para a ponta do terraço, cada grupo de um lado. Arian e Atlas no meio, se encarando. O guardião foi retirar sua espada média das costas, mas notou que não estava ali. Ele tinha a quebrado na luta anterior, assim como as espadas de prata. Joanne, entendendo o que ele queria, jogou para Arian sua espada. Agora estava com a espada bastarda na mão direita e com a de Joanne, que era um pouco fina, mas de alta qualidade, na mão esquerda.

— acredite, Arian, não é nada pessoal! — Atlas tirou sua espada e avançou sobre ele.

A luta seguiu com ambos desviando e defletindo os golpes um do outro. O som das espadas se chocando com força podia ser ouvido de longe. Ambos tinham força e agilidade superior a humana.

Arian estava sendo pressionado. Atlas parecia saber cada movimento que ele iria fazer.

"Acabe com ele logo! Você não tem muito tempo antes de desmaiar..."

"Aceito ideias, ele sabe cada movimento que vou fazer"

"Eu tenho uma, mas vai ser arriscado..."

Os olhos de Arian mudaram e sua expressão ficou mais fria. Era sua segunda personalidade.

Atlas defletiu os três primeiros golpes com confiança, mas então algo inesperado aconteceu. Arian acertou seu rosto, deixando um enorme corte.

— Como você?.. — Atlas perdeu um pouco da confiança e recuou para trás, tentando entender o que tinha ocorrido. — Ela vale mesmo isso? Posso te dar tudo que eles ofereceram, e até mais. Duvido que eles saibam mais sobre seu passado do que o homem que te treinou. Apenas se renda e peça para Marko não intervir, ele vai te escutar.

Arian o encarou pensativo, enquanto tentava recuperar o fôlego.

— Sei que sou egoísta, e tomo decisões horríveis às vezes, Atlas. Mas entre saber quem eu era, e a mulher que salvou uma pessoa importante para mim, eu escolho ela! — Arian então olhou levemente para o lado. — Além disso, alguém com quem me importo mais do que qualquer um aqui já fez sua escolha... — <E> estava a alguns metros deles, olhando preocupada para Lara, que já estava com um leve corte no pescoço, devido ao atrito com a faca da bruxa. Lara respirava fundo, claramente nervosa.

Arian avançou para cima de Atlas. Os dois voltaram a desviar e bloquear os golpes um do outro, até que Arian conseguiu ferir Atlas de novo, dessa vez um corte de leve no pescoço. Atlas continuava incrédulo, sem saber o que estava acontecendo.

"Está funcionando..."

O guardião estava alternando suas personalidades, cada uma delas tinha tempos e forma de lutar levemente distintas. A primeira lutava mais por instinto, e era emocional, lenta, a segunda, mais agressiva, observadora e rápida. Arian estava emulando a velocidade de uma espada normal com sua espada espiritual, mesmo que ela fosse muito mais leve que uma. Quando Atlas se adaptava ao tempo dos ataques, Arian trocava para a outra personalidade, que além de lutar de forma levemente diferente, usava da total velocidade acima do normal da espada bastarda. Atlas não conseguia se adaptar a troca rápida de estilo e velocidade.

A luta continuou. A calça de Arian estava ficando vermelha do sangue saindo do corte nas costas, quanto mais ele se mexia, mais a ferida abria. A visão de Arian estava embaçando, e Atlas começou a entrar na defensiva.

"Agora! É nossa última chance!"

Arian trocou de volta para a segunda personalidade, que girou o corpo, e usando sua espada espiritual, arrancou fora o braço direito de Atlas, no qual ele segurava sua arma. Arian voltou com a lâmina da outra espada, parando a milímetros da garganta do adversário, agora desarmado.

"Você é muito mole, devia ter matado ele!"

O cavaleiro se ajoelhou.

— Eu perdi. Desculpe, Jane — disse, virando a cabeça para a bruxa, envergonhado.

— Como sempre um inútil! — A mulher parecia furiosa, e a lâmina da faca dela começou a entrar no pescoço de Lara.

— Ela não vai cumprir o acordo! — gritou Kadia, pulando na direção da bruxa, enquanto a faca penetrava fundo na garganta da sacerdotisa.

Tudo aconteceu muito rápido. Kadia empurrou a mão da mulher antes que conseguisse penetrar com a faca totalmente no pescoço de Lara. Arian, ao mesmo tempo, arremessou a espada menor, que Joanne lhe deu, na Bruxa. Atlas pulou na direção dela e a agarrou, conseguindo desviar da espada.

— Desculpe por isso. Ela não está nos melhores dias — disse o inimigo em sua forma de lobisomem, parecendo exausto, e segurando Jane no braço que lhe restava.

Logo depois, saltou sobre o fogo atrás dele, que já estava bem mais baixo que antes, e saiu pulando rapidamente de telhado em telhado com a bruxa nos braços.

Dorian extinguiu o fogo assim que Atlas fugiu. Manter aquilo gastava uma quantidade enorme de energia, não foi à toa que a altura e o calor do fogo diminuíram com o tempo.

Lara estava desesperada, segurando seu pescoço no lugar do corte, enquanto o sangue escorria. Ela não estava conseguindo respirar.

— Calma, Lara, se concentre e me ajude a estancar isso — disse Joanne, tirando a caixa preta do cinto dela e a jogando na direção de Irene, que caiu no chão na mesma hora que tocou o objeto.

Joanne começou a pronunciar alguma coisa em língua élfica, enquanto suas mãos estavam em cima das de Lara, que tentava conter seu ferimento.

Lara estava ficando pálida e seus olhos perdendo vida. Foi quando viu Arian, tão pálido e deplorável quanto ela, caído no chão, com Kadia e Marko a seu lado, tentando mantê-lo acordado.

— Ele perdeu muito sangue... Vai morrer se continuar assim! Eu vou tentar o pacto de novo — Kadia mordeu a língua novamente e se aproximou da boca de Arian. Foi quando várias explosões começaram a ocorrer.

— Mas o que... — Kadia se assustou com a quantidade de círculos de conversão que foram abertos à sua volta.

Era Lara, agora com os olhos fechados, se concentrando, enquanto todo seu corpo emanava um forte brilho dourado, tamanha a quantidade de energia da dimensão celestial concentrada nela.

— Ah... — Lara conseguiu respirar novamente, e começou a tossir o sangue que tinha descido pela sua garganta. Ela então se forçou a levantar, cambaleando, e foi até Arian. Empurrou Kadia de perto dele e colocou a mão sobre o ferimento das costas, o estancando quase que instantaneamente.

— Seja grato... — disse ela, ainda com dificuldade em respirar — Não é todo mundo que tem uma sacerdotisa do meu nível para salvar sua vida.

Arian sorriu, mesmo parecendo mais morto do que vivo, mas logo depois começou a tossir sangue, e parecia não estar conseguindo respirar. Seus olhos então se fecharam e o coração parou de bater.

— Rápido, se afastem dele! — Marko puxou Kadia e Lara de perto do guardião. Mas então notou que nada estava acontecendo, e se desesperou pelo amigo. — Espera... O coração já parou... Por que ele não está se transformando de novo? Cadê a porcaria da energia azul?

— O ritual que a Lara fez para fazê-lo voltar ao normal deve estar barrando aquilo de ativar de novo — disse Joanne.

Lara se desvencilhou de Marko e voltou correndo para o lado de Arian. Ela colocou suas mãos em cima do peito dele, onde ficava o

coração, e sua mão começou a emanar um forte brilho, mas não estava fazendo efeito.

— Não consigo parar o sangramento interno... — Lara então fechou os olhos, e novamente vários círculos de conversão voltaram a abrir à sua volta. — Você não vai morrer aqui, não depois de tudo que eu sacrifiquei para ficar com você! Não depois de esperar 8 anos! — dizendo isso, Lara encostou seus lábios nos de Arian, o que rapidamente deixou todo corpo dele levemente mais claro, assim como o dela.

Um pouco depois, Arian abriu os olhos, voltando a respirar. Seu lábio e o de Lara se afastaram.

— Não faça isso comigo de novo, seu idiota! Se você morrer nada do que estou fazendo vai ter sentido... — Ela sorriu para ele, cheia de lágrimas escorrendo pelo rosto, e em seguida, desmaiou.

<E> estava em cima de Arian, o abraçando, enquanto chorava baixinho e soluçava, depois do susto de quase vê-lo morrer.

— Eu vou ficar bem, <E>, e ela também, só estamos cansados... — disse, fechando os olhos, e apagando logo depois.

Kadia se aproximou para confirmar que ambos estavam respirando, e depois questionou, confusa:

— O que ela fez? Uma humana não poderia realizar um pacto.

— O único jeito de acelerar a cura é transferindo uma alta quantidade de energia da dimensão dos celestiais para dentro do usuário. O jeito mais rápido de fazer isso é com contato labial — disse Joanne, suando frio, enquanto tentava conter a fumaça negra saindo do objeto em sua mão. Irene estava a seu lado, bastante pálida. Tinha quase desmaiado no curto espaço de tempo que teve de segurar o objeto sozinha.

Kadia observava os dois, perplexa, enquanto olhava para a própria mão.

— O que foi? — perguntou Marko, agora mais calmo.

— Acho que... Talvez... Eu devesse aprender a fazer isso...

— Beijar esse idiota? É fácil, pegue ele dormindo. De bônus aquela fantasma vai ficar furiosa por dias.

— Não... Isso eu já fiz... — disse Kadia, rindo. — Por mais que eu odeie isso, e toda dor que me causou... Se eu soubesse usar como elas, poderia ter ajudado a curá-lo...

— Bem, você tem excelentes professoras aqui, e ainda temos um bom tempo de viagem. Mas uma demônio com ligação celestial é com certeza a coisa mais bizarra que eu já vi — Marko deu uma longa risada. — A propósito, o que ia fazer antes de Lara te impedir?

— Um pacto superficial. Eu misturo meu sangue com o dele, e se ele aceitar, vira meu servo, e pode usar um pouco da minha energia para se curar de forma acelerada.

— Já tinha ouvido falar disso, mas pensei que envolvia sexo...

— Isso é para um pacto permanente. Se fizerem isso os dois estão ligados para o resto da vida, e se um morrer o outro também morre. Quase nenhum demônio se arrisca a utilizar. — Kadia estava olhando para o grupo. Arian e Lara desacordados, um ao lado do outro, e Joanne e Irene discutindo o que fazer. — Não era um pacto temporário que me mandou usar em Arian naquela hora?

— Qualquer maldição servia, não pensei em uma específica. Mas o pacto foi, de fato, a melhor ideia. Ele tem contras?

— O superficial dura no máximo um mês, aumenta a força, agilidade, permite usar algumas magias da dimensão negra e ganha uma alta capacidade regenerativa. Mas em contrapartida a pessoa tem que obedecer todas as ordens do demônio. O outro, não tem volta, estão ligados para toda vida, as almas se fundem. As vantagens e desvantagens mudam de acordo com a pessoa e o demônio em questão. No mundo de vocês, só vi duas pessoas usarem isso, até agora. Uma há muitos anos, e a outra na Arena. O guerreiro que lutou comigo tinha um pacto permanente, mas não o

usou a maior parte do tempo, e mesmo quando o ativou, não usou nem perto do que podia de poder.

— Interessante...

Marko se dirigiu até Joanne e Irene, que agora estavam verificando o estado de Arian e Lara.

— Certo, Joanne. Acho que já nos arriscamos o bastante por vocês. É hora de nos explicar o que exatamente estamos protegendo e por que.

Joanne se virou, olhou para o rosto de Marko e ficou pensativa por alguns instantes.

— Assim que esses dois acordarem, eu conto tudo...

Joanne foi interrompida por algo que deixou todos pasmos. Havia muito barulho pela cidade, desde gritos ao som de construções quebrando, mas nada se comparou com o de agora. Uma parte do muro do lado Sul de Amira tinha acabado de vir abaixo, e eles só podiam imaginar quem, ou que, teria conseguido fazer aquilo. Pouco depois, o chão da cidade inteira começou a tremer.

Capítulo 42 – A Batalha dos Anjos

— É um Ataluste, cuidado com o ácido que ele solta pela boca, e o cérebro dele está na calda, não adianta cortar a cabeça, ela é só um disfarce! — Zek, instruída por Jon, desviou do ácido que a criatura expeliu pela cabeça, e cortou sua calda. O animal caiu morto logo depois. Lembrava um cavalo sem pelos, só que com dentes pontiagudos, e uma causa de crocodilo.

Jon já tinha perdido as contas de quantas criaturas tinham matado. Quer dizer, Zek tinha matado, ele só a instruída com o conhecimento recém adquirido, lendo os 10 volumes do livro dos monstros, que encontrou na guild do Arian. Pelo que entendeu de pessoas que encontrou pelo caminho, alguém invadiu e soltou várias criaturas exóticas que estavam em exposição no centro da cidade, e elas estavam fazendo o maior estrago.

Se sentir útil foi reconfortante para ele. Zek lutava muito bem, mas sem as instruções sobre como derrotar cada criatura, teria sofrido bem mais. Seu elmo tinha entortado com um golpe que recebeu do Ataluste, e ela foi obrigada a tirá-lo. Seu cabelo preto, todo molhado de suor, estava parecendo ainda mais curto que o normal.

Jon e Zek chegaram a uma área aberta, com uma fonte no meio, onde vários corpos jaziam sem vida no chão. Tinha um orfanato em uma das laterais do local. O garoto tinha passado por lá na noite do dia anterior, quando voltava com Marko e Dorian para a guild, depois de executar o plano que eles tinham em mente para ganhar dinheiro. No dia seguinte, ao cair da noite, quando ouviu uma explosão vinda desse local, pediu a Joanne para deixá-lo ir ajudar. A sacerdotisa, embora tentada, até porque veio de um orfanato também, colocou a busca de Lara como prioridade, deixando apenas ele e Zek irem até o orfanato, que ficava na parte norte da cidade. O problema é que demorou muito mais do que esperava para chegar lá, graças a quantidade de criaturas que enfrentaram pelo caminho.

Metade do local já tinha ido abaixo, e várias pessoas pareciam estar presas nos escombros. No centro do local, haviam três guerreiros. Um Jon reconheceu, era da guild de Arian, uma mulher usando uma máscara prateada, armadura leve, espada e escudo. O segundo era um homem, usando um manto marrom. Pela falta de uma arma cortante, e o cajado de madeira que estava segurando, usado como catalizador para reduzir o custo de energia espiritual das magias, era um mago. O adversário era um homem loiro com asas de anjo, usando de uma armadura de metal reluzente e uma espada, que tinha uma mistura de metal dourado e prateado.

— Apenas os classe S restaram... Por mais que eu tenha achado estúpido quando inventaram esses ranks, é realmente funcional para prever os melhores adversários — disse o celestial, lutando contra eles.

Zek e Jon aproveitaram a distração do celestial com os inimigos, para correrem até os destroços do orfanato, na tentativa de tirar os sobreviventes de lá.

No meio da praça, o mago começou a falar um encantamento, enquanto a guerreira, em uma armadura de couro marrom, correu até o inimigo. Os olhos do celestial brilharam e o mago caiu gritando no chão, como se os olhos dele estivessem queimando. Jon já leu sobre aquilo. Um dos poderes dos celestiais era afetar a mente humana, ocasionando uma cegueira temporária. A guerreira da guild de Arian, com espada e escudo em punho, resistiu. Jon entendeu o porquê logo depois, ao reparar que a máscara dela não tinha abertura para os olhos. Como ela estava lutando sem ver nada ele não fazia ideia. Parecia estar concentrada, tentando escutar o celestial, que saltou na direção dela.

O golpe dele passou direto pelo seu corpo, sem afetá-la. Foi quando Jon ganhou a característica que precisava para identificar a raça.

— Uma ninfa... — Estava descrita no livro de criaturas mágicas que Jon leu. Podiam apagar sua forma física por uma curta fração de tempo, e conseguiam enxergar tudo à sua volta, mesmo de olhos

fechados, bastando que seus pés estivessem tocando o chão. Sua força era um pouco acima da humana, e só existiam mulheres de sua raça. Quem olhava por muito tempo para o rosto delas, acabava hipnotizado, se tornando seu escravo. O celestial continuou a atacando, até que ela pareceu ter se cansado.

— Seu truque é bom, mas gasta energia demais.

Ele então fingiu um ataque com a espada, e assim que a ninfa voltou a forma normal, acertou um soco que quebrou a máscara que ela estava usando. Ela caiu com o rosto todo arrebatado. Tentava se levantar, mas estava tonta.

— Foi uma boa luta. Mas não adianta se levantar e olhar para mim, na esperança que aconteça algo. Sua magia de escravizar humanos não funciona em celestiais. E agora, adeus... — O celestial se preparou para cortar a cabeça dela, que apenas fechou os olhos.

Mas antes da lâmina chegar ao pescoço da Ninfa, Zekasta saltou na frente dela e bloqueou o golpe. O chão abaixo de Zek rachou, tamanho o impacto do golpe do celestial. A espada dela estava com várias inscrições brilhando em dourado.

— Ela já está caída, não precisa matá-la! — disse Zek, encarando o celestial.

— Preciso, minha ordem foi eliminar todos os classe A e S da cidade, para garantir que não interrompam meu contratante... Não tenho nada contra nenhuma dessas pessoas, mas não vejo porquê poupá-los também. Alguns são poderosos o bastante para se recuperar e me atacar pelas costas a qualquer momento. Deixar adversários vivos é tolice.

O celestial acertou um chute em Zekasta, que a jogou contra uma parede de concreto, na qual ela bateu com toda força, gerando um forte barulho, e rachando parte da construção. Mas Jon não estava preocupado, isso não era nem perto do bastante para pará-la. Uma humana estaria morta, mas Zek não era uma. Ela se levantou, com

sua armadura prateada, intacta. Sua espada e armadura eram especiais, e ela, muito mais do que parecia.

— Zek, ele é inferior a você, não se preocupe em machucar alguém, só use tudo que pode! — gritou Jon.

Ao ouvir isso, os olhos de Zek mudaram de cor, indo para um alaranjado. Ela então avançou sobre o celestial, que tentou bloqueá-la com sua espada, mas foi jogado para trás, tamanho o impacto do golpe.

— O que você...? Não tem asas, mas esses olhos! — O celestial ficou um tempo olhando para ela, até constatar qual era sua raça. — Essa força, olhos levemente alaranjados... uma valkyrian?

Valkyrians eram a classe 2 dos celestiais, nasciam com algumas diferenças em comparação ao padrão da raça. Mas o principal: eram mais fortes fisicamente, e imunes à maioria das magias existentes. Joanne não dizia que era nela em quem mais confiava no grupo de graça. Apesar de Jon, internamente, ter achado tolice dela deixar o membro mais forte do seu grupo, depois de Lara, junto com ele em uma missão secundária.

— Mas, suas asas... Ah, aqueles que nascem com mutações... Pobre criança... Então nasceu sem asas e te mandaram para viver nesse mundo?

Zekasta continuou o encarando de forma séria. As inscrições em sua armadura, e espada, estavam brilhando, da mesma forma que as do celestial. Não eram armas desse mundo, mas da dimensão onde nasceram.

— Não teria raiva disso se fosse você. O mundo celestial foi feito para pessoas que podem voar. Você nunca conseguiria ir de um local a outro em seu estado... — Ele se posicionou na ofensiva, à frente dela. — Muito bem, Valkyrian, você tem mais força do que eu. Então trate de me dar uma luta digna.

Os dois começaram a se atacar. O celestial, com mais experiência, e Zek, tirando vantagem de sua força e agilidade superior. A

Valkyrian se distraiu olhando de leve para ver como estava Jon. Com o cabelo preto completamente branco, graças a poeira do local, ele continuava tentando tirar as pessoas dos destroços do orfanato. Nesse momento de distração, a espada do celestial veio com toda força sobre ela, que tentou bloquear, mas foi arremessada para trás pela força do golpe. Zek bateu com o corpo na construção ao lado do orfanato, e todo local onde Jon estava começou a tremer, ameaçando desabar. Zek olhou para ele, apavorada.

— Jon, saia daí! — gritou ela, enquanto se defendia do celestial, que voltou a atacá-la.

O garoto obedeceu, e se preparou para sair, mas então escutou o pedido de ajuda de uma criança, no meio dos destroços. Ele resistiu, até que escutou mais vozes pedindo socorro. Decidiu tentar ir até elas, mas quando finalmente achou duas gêmeas, cobertas de machucados, e com várias pedras em cima dos corpos, a parede em cima do local onde ele estava desmoronou. Jon fechou os olhos, não tinha mais o que fazer. Mas ele não morreu.

Zekasta tinha pulado para cima dele, e bloqueado a parede de esmagá-lo usando suas costas. Ela fez força, e jogou o bloco gigante de concreto para trás, mas antes que conseguisse se virar de volta para o adversário, uma espada tinha atravessado seu corpo, das costas ao peito. A arma atravessou sua armadura sem sofrer resistência.

— Achou mesmo que eu iria ficar olhando, enquanto você me ignorava? — disse o celestial, tirando a espada das costas de Zek de forma seca.

Zek cuspiu sangue, respirou fundo, e se virou para atacar o agressor, mas ele foi mais rápido e cortou seu braço direito, que segurava a espada. Ela gritou de dor. O homem então girou sua arma, abrindo um corte enorme no peito da garota. Em seguida, ela caiu nos braços de Jon, imóvel.

— A armadura padrão dos celestiais é leve, e muito resistente a armas comuns. Mas contra espadas celestiais, é completamente

inútil... — O sujeito estava encarando Zek, observando o estrago que tinha feito no peitoral da armadura da Valkyrian, que agora, estava completamente destruído, assim como a camisa preta que ela usava por baixo. O sangue escorria lentamente do ferimento, que subia de sua barriga até o peito.

— Desculpe... — disse Zek, com dificuldade. Ela então cuspiu muito sangue, gritou de dor, e logo depois, desmaiou.

— Por que está se desculpando? Eu... fui eu quem... — Jon não sabia o que fazer, só conseguia chorar.

— Não se preocupem, eu vou matar os dois, para nenhum ficar se sentindo culpado — disse o anjo, os olhando com frieza. — Adeus.

A espada do homem desceu. Jon não pode fazer nada, fora fechar os olhos e colocar seu corpo sobre o de Zekasta. Mas a dor não veio... Imaginou se tinha morrido e não sentiu...

Quando abriu os olhos, uma mulher com asas brancas e algumas partes douradas, estava na frente deles. Ela parou a espada do celestial com uma mão e depois chutou sua barriga. A força do golpe fez o corpo do homem abrir uma cratera com o corpo no meio da praça, onde ficava a fonte. A mulher então se virou para Jon, com seus olhos brilhando. Nunca vira aquela cor, mas já leu uma descrição que batia.

— Uma... Solar? — Foram as palavras que saíram de sua boca.

A classe mais alta de celestial, os semideuses entre eles. Os humanos os chamavam de solares, porque em batalha, seus olhos brilhavam em uma forte cor laranja, lembrando o sol, e suas asas brancas tinham algumas marcas douradas. Os cabelos loiros da mulher voavam com o vento em todas as direções. Eram muito longos, passando um pouco da cintura. Desde que chegou aquele mundo, era a coisa mais bonita que ele já tinha visto. Não estava apaixonado, mas admirado.

A mulher, no entanto, o encarou com frieza. Ela se agachou e colocou sua mão na ferida do peito de Zek.

— Sua intenção era nobre humano, mas ia custar a vida dessa garota, que estava disposta a dar a vida por você. Poderia continuar vivendo bem sabendo disso? A vida de alguém disposta a se sacrificar por você, vale menos do que essas pessoas que você nunca viu, e que fugiram em vez de te ajudar? Ou está vendo alguém que você tirou dos destroços aqui te ajudando?

Ela tinha lido a mente dele? Jon não teve certeza, mas já leu que os solares podiam fazer isso. Um forte brilho surgiu da mão da Solar, e o ferimento no peito de Zek regrediu quase que instantaneamente.

— Não tenho tempo de curá-la por completo, mas ela vai viver. Infelizmente, não graças a você... Ela gosta muito de você garoto, bem mais do que merece.

Jon não conseguia dizer nada, seu corpo estava paralisado. Não sabia se era pelo que a mulher disse, ou por sua presença, que era algo muito acima dele, algo divino. A mulher então se virou, e começou a caminhar lentamente até o celestial, que levantava com dificuldade do chão, tossindo sangue depois do chute que levou dela.

— Fica fora do meu caminho Lux, ou eu juro que mato você também. — Os olhos de celestial brilharam, mas Lux não parecia ter sido afetada, como os outros.

— É louvável o que está fazendo por ele, Herz, mas não vou deixar que mate todos aqui por isso... Vou acabar com sua obsessão de uma vez por todas. Encare como um presente, para você e para nossa raça, que você não para de manchar.

— Quem é você para me dizer isso? Largou tudo por aquele humano!

— Larguei, mas nunca massacrei inocentes para ficar com ele. Se deseja salvar seu amigo humano, procure outro caminho...

— Eu já tentei todos! Nosso pacto tem um limite, ele não vai aguentar muito mais tempo... Victor é minha única opção.

— Se acha isso, você vai morrer aqui.

Lux tirou uma espada da cintura e partiu para cima dele. A arma era majestosa, toda em prata, com símbolos esculpido na lâmina, todos com um forte brilho alaranjado.

Herz desviou do primeiro golpe, e tentou bloquear o segundo com sua espada, mas ela foi estilhaçada quando encostou na arma de Lux.

— Você não tem a mínima chance. Só fique quieto, vai ser rápido...

Lux foi interrompida pela explosão de uma construção perto dela. Todo o prédio veio abaixo. No meio da fumaça, dava para ver uma mulher com orelhas élficas, cabelo preto, e olhos amarelos, segurando pelo pescoço, uma mulher com chifres. O corpo dela foi sendo desintegrado, enquanto dava seu último grito. Depois disso, a mulher de cabelo preto caminhou lentamente para fora da fumaça, gerada pela queda da construção. Estava usando uma roupa que misturava marrom e branco. Usava uma cinta e luvas de couro, e por baixo, um vestido branco, que era aberto na parte da frente, revelando as pernas, cobertas por uma calça de couro marrom, bem justa. Era uma vestimenta estranha. A mulher era linda, embora não tivesse muita expressão, essa parte lembrava Zek.

— Já acabei com o meu, Lux, porque está demorando tanto? Lan pediu para sermos rápidas.

— E para evitar chamar atenção, sua maldita exibida! Como colocar um edifício de cinco andares abaixo é chamar pouca atenção?

— Amira...? — Herzin parecia muito assustado ao reconhecer a mulher que saiu da fumaça. Ele começou a caminhar lentamente para trás e, de repente, abriu as asas, se preparando para fugir.

Lux foi tão rápida que pareceu ter teleportado, aparecendo na frente dele e acertando um soco em seu peito. Sua mão estava com um forte brilho dourado, quando o fez. O choque dela com o corpo gerou o barulho de uma explosão, e o homem voou arrebatando tudo que tinha no caminho, até bater no muro da cidade, e o colocar abaixo com seu corpo.

— Dela você foge, seu desgraçado? — Lux parecia furiosa.

— Olha o que você fez... — disse Amira, apontando para a parte do muro destruída. Ainda não tinha muita expressão, mas parecia nervosa pelo modo que falou.

Lux a ignorou e voou atrás de seu adversário, com Amira correndo atrás. Quando a celestial enxergava uma pessoa viva em meio aos destroços, rapidamente lançava uma luz dourada para regenerar superficialmente seus ferimentos, mas não se dava ao trabalho de retirá-las, trabalho que Amira estava realizando.

Jon só conseguia olhar boquiaberto para a coisa toda. Tinha presenciado o mais perto que já chegou de uma luta envolvendo deuses. Em seus braços, Zekasta ainda respirava com dificuldade, mas tinha acordado.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Estou ótimo, Zek... graças a você. E... me desculpe... de verdade... Eu... Ele tinha razão, não é tão simples quando acontece com você...

Capítulo 43 – O Cavaleiro de Dragão

— O que está fazendo aqui, Lancaster? Pensei que não interferisse mais com os humanos...

Um homem de cabelo branco, aparentando uns trinta anos, com a pele mais branca que o normal e olhos vermelhos, estava a uns 10 metros de um sujeito de cabelo preto, com um ar bastante amigável.

O primeiro usava uma roupa de metal e couro, com um desenho bastante refinado. Já o segundo, usava uma armadura negra chamativa, com vários desenhos que lembravam partes de dragões.

— Estou apenas fazendo um favor para a mãe de um velho conhecido. Fora que, cinco classe SS contra aquelas pessoas parece um tanto... injusto? — disse Lancaster, o homem usando a armadura negra, parecendo bem relaxado.

— Fala como se você aqui, contra qualquer um de nós, fosse algo justo... — reclamou o outro, que parecia cansado, com várias partes de sua armadura quebradas devido a uma luta que já se prolongava há algum tempo.

— Sou só um reles humano, Raziél, já você é um vampiro milenar...

— Não... Você era um reles humano, mas isso foi há mais de 1000 anos, cavaleiro de dragão.

— É um título bonito... Infelizmente, Lux não gosta dele. Tentou cavaleiro dos celestiais, mas não pegou, para a felicidade da Amira.

Foi quando parte do muro, a vários metros de onde eles estavam, explodiu, voando fumaça e destroços para todo lado. Um pequeno pedaço do muro de 50 metros de altura veio ao chão.

— Falando nelas... Acho que devia ter sido mais claro na parte do 'cuidarem de dois classe SS sem chamar atenção'— sussurrou Lancaster, observando a situação.

— Pensei que era só você... — O vampiro parecia assustado.

— Me conhece há anos, Raziel, já me viu separado delas? Não posso fazer nada sem ser constantemente vigiado... Tentar dar um presente surpresa é um desafio a cada ano. Se bem que, eu não gosto de deixá-las sozinhas também... Somos um bando de idiotas ciumentos no fim das contas...

O vampiro o olhou com um ar de desagrado.

— Honestamente? Você devia ficar calado, Lancaster, fica mais ameaçador assim. O contraste do que pode fazer, e o quão patético parece quando fala alguma coisa, deve ser o que mais detesto em você...

— Se chama humildade, deveria aprender um pouco...

— Lux, para de destruir a minha cidade! — gritou a elfa de cabelo preto, se aproximando da celestial, que tinha acabado de chegar ao local, vindo pelo caminho destruído. A energia que Lux lançou sobre Herz causou mais estrago que o próprio indivíduo, que não seria capaz de abrir uma cratera em um muro de 50 metros, e colocar parte dele abaixo, apenas com o corpo.

— Não é sua cidade, só deram seu nome porque o Lan deu a ideia — retrucou a mulher, nervosa.

— Mas foi em honra a mim e ao Lan que construíram essas estátuas — apontou ela, para uma próxima, meio destruída por pedaços do muro.

O adversário delas estava caído em meio aos destroços, tentando se levantar, mas boa parte dos ossos do corpo estavam quebrados. A armadura foi completamente destruída, e seu rosto estava desfigurado. Ele parecia estar concentrando uma quantidade absurda de energia celestial em si mesmo, tentando se regenerar, enquanto Lux e Amira brigavam.

— Honra nada, você deu dinheiro para construir elas e esses muros. E ainda fica bancando a versão da história onde eu não existo, que você mesmo escreveu... “E ele olhou para ela, com aquela pele suave, e rosto indescritível, como se fosse a coisa mais bonita que já

viu na vida"... Você estava nua, toda machucada e coberta de lama dos pés à cabeça, parecia um animal querendo comê-lo vivo! Você mudou a história toda no seu livro.

— Essa é apenas a sua interpretação...

— Eu vi isso na mente do Lan!

— Ele estava quase morrendo, devia estar enxergando mal... E a história que você escreveu ficou muito pior: "Matou-a como se não fosse nada". Acha mesmo que conseguiria me matar?

— Quer testar...

As duas começaram a se encarar, com seus olhos brilhando. O chão abaixo delas começou a rachar, e um vento forte vinha da direção das duas.

Antes que começassem a brigar, no entanto, o celestial que Lux havia arremessado no muro, se levantou e lançou uma energia dourada em cima delas.

Lux empurrou Amira e desviou. Depois voou em direção ao adversário e quase o cortou ao meio com sua espada. Quando ele desviou do golpe, Lux acertou um soco que o lançou contra uma pequena estátua de Amira e Lancaster, a esmigalhando na hora.

— Ah, aquela estátua que eu quebrei era de vocês? Desculpa — provocou ela, fazendo uma voz inocente.

— Você fez de propósito!

Amira teleportou para frente do celestial arremessado, que tentava se levantar com dificuldade, e segurou sua cabeça. Ele gritou de dor, enquanto seu corpo era desintegrado, até não restar nada.

— Ótimo, se livrou desse estorvo. O idiota devia ter tentado fugir em vez de me atacar... — Lux começou a andar calmamente até Amira.

— E agora, vamos decidir quem é mais forte.

Lan estava observando as duas e rindo.

— Poderia parar de me ignorar? Isso me ofende — disse Raziel, olhando para ele.

— Não acha que elas ficam ainda mais lindas quando brigam?

— Não, parecem duas loucas imaturas, com mais poder do que realmente merecem.

— Olha como fala das minhas esposas, Raziel...

Lux e Amira estavam se encarando, enquanto tudo à volta delas voava, o chão estava rachando e a terra começou a tremer.

— Opa... Se eu não for lá pará-las, essa cidade vai virar pó. Vamos acabar logo com isso, seu vampiro ranzinza.

Raziel entrou em posição defensiva, enquanto olhava de um lado para o outro, procurando algo.

— Cadê aquela mulher que está sempre com vocês?

— Não vai querer ela aqui, é pior que essas duas, acabaria destruindo a cidade inteira sem querer.

Lancaster fez uma postura ofensiva.

— E então? Quer correr, ou acabar logo com isso?

— Não vim aqui só pelo pagamento, realmente desejo por um adversário a altura. E meu Rei pediu um relatório sobre o tal de Arian, trabalhar para o Lich era só um disfarce.

— Interessante... Espero que o garoto e seus amigos sobrevivam aos dois classe SS que sobraram, eram os mais fracos dos cinco que tinham aqui...

— Ironicamente, o mais forte deles está na sua frente, e não parece estar ligando muito...

— Sempre resmungando... Vamos resolver em um movimento então, não quero destruir mais essa cidade. Amira está sempre doando boa parte do dinheiro dela para cá.

— Muito bem.

Raziel desapareceu, deixando uma leve fumaça para trás. Lancaster fechou os olhos, e movimentou o escudo, que estava usando, rapidamente em três direções, exatamente os locais onde Raziel teleportou em sequência, tentando atacá-lo com uma espada curva. Depois, Lancaster abriu os olhos, e pareceu que iria cortar o ar, mas Raziel apareceu ali no momento que a espada desceu, levando o golpe em cheio, que destruiu sua armadura e abriu um rasgo em seu peito. Ele teleportou para trás, se ajoelhando.

— Eu perdi, de novo... Como combinado, vou abandonar a missão do Victor, e do meu Rei. Mas ele provavelmente vai me enviar de novo... — disse o vampiro, respirando com dificuldade, enquanto o ferimento em seu peito se regenerava rapidamente.

— Certo, certo... Agora, eu vou tentar parar aquelas duas antes que destruam tudo por aqui... — A armadura de Lancaster sumiu, deixando apenas a roupa comum que ele estava usando por baixo. Ele então correu em direção a Lux e Amira. — Amores, parem com isso, eu gosto do livro das duas...

Isso só as deixou ainda mais nervosas, e os três começaram a discutir. Um pouco depois, as garotas se acalmaram, e o chão parou de tremer. Raziel ficou lá, observando tudo como uma forma de se obrigar a encarar a realidade, de que um dos heróis mais famosos de seu mundo, e que ele admirava quando criança, não passava de um idiota loucamente apaixonado por uma demônio e uma celestial.

Capítulo 44 – A Verdade

"Força é uma arma de dois gumes, Arian. Por um lado, suas chances de sobreviver as adversidades são maiores, e você pode lutar pelo que deseja, ou defender quem ama, enquanto uma pessoa fraca só pode tentar, falhar, e morrer, quase sempre. Ser forte pode parecer algo vantajoso, mas só significa que você vai ter que conviver com suas falhas, ao invés de poder se libertar delas com a morte. E acredite, você vai falhar, inúmeras vezes. Não acredite nas histórias bonitinhas que lê por aí. Nós falhamos mais do que somos bem-sucedidos. Mas, às vezes, só às vezes, você vai realmente triunfar, e isso vai mantê-lo seguindo em frente. Jamais se esqueça desse sentimento de vitória, pois é isso que vai ajudá-lo, quando se encontrar em seu momento mais sombrio e desesperador."

Logo após relembrar as palavras do líder de sua antiga guild, Arian acordou. Estava no quarto de Joanne, na guild. Seus ferimentos externos nem apareciam mais, só as feridas internas não estavam completamente curadas, e como consequência, se mexer ainda lhe causava um pouco de dor. <E> estava ao seu lado, com sua cara de preocupação costumeira, quando ele acabava quase morto. Mas parecia aliviada ao vê-lo acordar. No quarto, estavam Joanne, Irene, Jon, Kadia, Zek, Dorian, uma garota loira de uns 10 anos e... Tinha um lobo preto gigante no quarto com eles.

Arian começou a rir, e o cachorro latiu para ele, parecendo irritado.

— Como ele conseguiu isso? — perguntou Arian.

— Assim que trouxemos vocês para guild, ele disse que precisava relaxar, e foi procurar um bordel que ainda estivesse aberto na cidade, depois da confusão. Mais tarde, apareceu nessa forma.

— É o pagamento dele. Já devia estar com pouca energia depois de se transformar duas vezes, e aí, o maluco ainda foi gastar mais energia em um bordel... Eu ainda falei para ele que esforço físico também gasta energia espiritual, quem mandou não me ouvir — Arian voltou a rir, e Marko, em sua forma de lobo, a rosar para ele.

O guardião então olhou ao seu redor, procurando alguém. — Cadê a Lara?

— Não é só o Marko que tem um pagamento estranho... — Joanne apontou para a garota loira a seu lado, aparentando uns 10 anos. Cabelo loiro, olhos azuis, e usando apenas um vestido preto, bastante simples.

Arian ficou cético, achando que era uma piada. Até notar que, de fato, ela era muito semelhante a Lara. Na verdade, tinha outra coisa que o estava incomodando na aparência da garota, mas preferiu não falar nada por enquanto.

Todos do grupo estavam no quarto. Joanne em pé, encostada na parede que ficava de frente para a cama de Arian. Dorian estava sentado em uma cadeira perto da porta. Marko e Kadia na beirada da cama de Arian. Jon sentado na cama ao lado, onde Zek estava deitada. Parecia estar ferida, mas o rosto continuava inexpressivo, como de costume.

O lobo preto começou a latir para Joanne.

— Ele quer as respostas que você prometeu, depois que Arian acordasse — disse Kadia, lendo a mente de Marko. — É curioso como a aparência é de um lobo, mas a mente ainda pensa como um humano.

Joanne pegou uma cadeira próxima e sentou nela, pensando por onde começar.

— Sendo o mais direta possível... Estamos carregando uma relíquia com a alma de Victor Magnus.

Todos ficaram em silêncio por um breve momento, até Arian perguntar:

— Aquele Victor? O Lich?

— Lich? — questionou Kadia.

— É nova no sul, Kadia?

— Cheguei aqui faz dois meses. Morei no centro do continente a maioria do tempo, desde que cheguei aqui. Não comentam de nenhum Lich por lá.

— Faz sentido, é algo mais comum nas lendas do Norte e Sul... Jon, você é o livro ambulante, resuma, por favor. — disse Joanne.

Todos olharam atentos para o garoto.

Jon pareceu meio envergonhado com tanta atenção, mas se concentrou, como se buscasse a história em sua mente, e começou:

— Victor Magnus é a figura de uma história de mais de 1000 anos atrás. Ele invadiu o sul, e quase o dominou por completo. Mas quando chegou a parte final, na Torre de Luz, comandada pelos Sacerdotes, a coisa mudou. Guiados por Lancaster, e um exército de celestiais, que vieram em seu auxílio, eles conseguiram virar a guerra e matar Victor. É o único caso documentado dos celestiais intervindo em uma guerra em nosso mundo, e essa é a versão mais aceita da história.

— Como assim? — questionou a demônio.

— A documentação nesse mundo é péssima, e varia do ponto de vista e conhecimento da pessoa que a escreveu. Cada guerra, fato importante, ou conto simples, costuma ter mais de uma versão. Geralmente, costuma-se acreditar na versão mais difundida. O conto da origem de Lancaster tem umas cinco versões, o conto de Lunar, possui pelo menos três, e por aí vai. A guerra contra Victor tem mais de dez versões, algumas com diferenças pequenas, e outras tão absurdas que a maioria ignora.

— Entendi. Mas o tal Victor. Se ele morreu, por que a preocupação com a alma dele nessa caixa? — questionou Kadia, confusa.

— Sim, já vou chegar lá... Depois de salvar o Sul, Lancaster marchou com seu exército de celestiais, na tentativa de tomar do Norte as terras que pegou do Sul. Mas para surpresa deles, encontraram Victor, revivido, defendendo a fronteira com um exército de corpos sem alma.

— Podia ser o filho dele, ou apenas alguém parecido... — Kadia parecia incrédula.

— Não, Victor foi revivido usando magia de uma das dimensões negras — Jon explicou.

— A dimensão negra — corrigiu Irene.

— Não, existem várias, as pessoas começaram a simplificar para uma ao longo dos anos, mas tem um monte delas, com diferenças notórias. De qualquer forma, Victor voltou como um corpo que se alimenta da alma dos outros, para tentar sustentar sua existência, ou mais precisamente, uma alma que devia estar morta, mas permaneceu no mundo dos vivos. Mesmo em um estado decrépito, e consumindo almas dos vivos para sobreviver, era visto como um herói tentando salvar o norte a qualquer custo. Um novo embate aconteceu entre o Victor e Lancaster na fronteira. Essa parte é confusa, e a que mais se altera em cada versão da história. Mas o resultado da batalha, que dizem ter sido tão colossal, que até mesmo alguns dragões tentaram intervir, incluindo um mítico dragão dimensional, foi a cratera que hoje forma a floresta dos amaldiçoados, onde ficava a antiga capital do Sul, Temeras.

— Já ouvi dos dragões azuis, brancos, negros e vermelhos, e diversas outras cores, mas dimensional é a primeira vez. O que ele seria? — perguntou Dorian, interessado.

— Segundo diz a lenda, ele é o Deus dos dragões, e mantém o fluxo entre as dimensões estável, viajando entre elas. Antes do conflito com Victor, é dito não haver muitos casos de portais temporários, e menos da metade dos portais fixos de hoje em dia existiam. Depois da batalha em que esse Dragão interviu, os portais temporários começaram a aparecer sem parar, como se a conexão entre as dimensões tivesse ficado instável. A explicação faz sentido, em geral... Onde eu estava?

— Fim da batalha do Sul e Norte — disse Arian, interessado. Tinha coisas ali que ele nunca tinha escutado.

— Bem, é aí que vem a parte interessante. Depois desse embate, e confirmada a morte de Victor pela segunda vez, uma figura fantasmagórica com a voz e aparência de Victor começou a aparecer no campo de batalha, sempre que o Sul invadia o Norte. Essa figura ganhou o nome de "Lich", um personagem originalmente tirado de uma história infantil para assustar crianças. Ele comia as almas delas, se não dormissem cedo... — Jon fez uma cara de "é estúpido, eu sei", nessa parte. — De qualquer forma, liderando um exército de amaldiçoados e humanos do norte, o Lich dizimava nosso exército, sempre que tentávamos invadir o país vizinho. Dizem que as criaturas que habitam a floresta da morte são resquícios do exército dele, além do local ter uma maldição deixada por Victor, para destruir lentamente o Sul. Os amaldiçoados, como os chamamos, são originados dessa magia.

— Espera, ele consegue bloquear os avanços do Sul com facilidade, pelo que você descreveu. Para que a maldição? Não seria mais fácil invadir o Sul de uma vez?

— A teoria é que Victor, desde que se transformou no Lich, fica mais fraco conforme se aproxima do portal que leva a dimensão dos celestiais. Por isso ele não avança mais para dentro do Sul, já que poderia ser aniquilado se o fizesse. Da mesma forma, a maldição que ele pôs aqui, que permite aos mortos andarem, fica mais fraca, até o ponto de não existir mais, conforme você adentra o Sul e se aproxima do portal para dimensão dos celestiais, onde se localiza a Torre de Luz, a base dos sacerdotes.

Jon se distraiu por um momento ao olhar para Zek, que estava sorrindo, uma coisa bem rara. Ela parecia gostar de escutar ele falar. Jon sempre achou isso curioso, já que a maioria das pessoas achava um tédio.

— Em suma, no Norte, Victor tem poder total, e é por isso que não tentamos mais invadi-lo. Atualmente, apenas brigamos pelo suprimento de água do grande lago da fronteira, nunca avançamos acima dele. Como resultado, o Lich não é visto faz muitos anos. Alguns acham que é tudo um mito, e outros acreditam, mas é fato

que estamos em tempos bem pacíficos, comparado há anos atrás. A guerra na fronteira existe mais para os dois países demonstrarem seu poder, e manterem um ao outro em alerta, do que uma real intenção de invadir.

— E o tal de Lancaster, não devia ter ajudado contra essas aparições do Lich? — perguntou Kadia.

— Dizem que morreu, ou se cansou de lutar, tem várias versões. Mas como ele é citado em lendas de batalhas menores, depois da guerra contra Victor, estar vivo é mais provável.

— Certo... E a maldição, como funciona exatamente? Não existe nada parecido fora do Sul. Eu achei muito estranho a primeira vez que vi pessoas cortando a cabeça dos mortos, antes de enterrá-los. — comentou Kadia.

— Quando alguém morre, ou mesmo está perto de morrer, no Sul, a maldição faz um pequeno portal da dimensão negra surgir ao lado do corpo, praticamente invisível aos olhos. O resultado da pessoa absorvendo muita energia da dimensão negra, depois de morta, é ela voltar a vida, como um corpo sem consciência, todo negro, e com olhos verdes, que só quer atacar tudo que vê pela frente. Quanto mais energia ela absorve, mais diferente seu corpo fica, a ponto de alguns se tornarem demônios de alto nível. Muitos acham que foi uma vingança do Victor por perder a guerra, mas para mim, me parece mais uma forma de destruir o Sul a longo prazo.

— A aula de história está boa, mas que tal explicarem essa tal alma do Victor que estão carregando? — falou Dorian, começando a parecer entediado.

— O ritual para criação do Lich descreve o transplante de metade de sua alma para um objeto, e a necessidade de se alimentar de outras almas, já que a dele para de produzir energia espiritual com o transplante. Ele é imortal, enquanto o objeto para o qual transplantou metade de sua alma existir, e estamos com ele aqui. Se o destruirmos, será possível matar Victor e a maldição que assombra o Sul há mais de 1000 anos, irá acabar, junto com ele. A maldição

está se expandindo e ficando mais forte ano a ano. Antigamente apenas corpos próximos a floresta dos amaldiçoados voltavam a vida, mas com os anos isso foi se espalhando, e hoje, mais da metade do Sul já sofre com a maldição, nos obrigando a purificar os corpos, ou cortar a cabeça deles, antes de enterrá-los. Nos casos mais graves, pessoas vivas estão se tornando amaldiçoadas, e isso só tende a piorar.

— Certo. E como se destrói essa coisa? — perguntou Kadia, olhando para o objeto na cintura de Lara.

— Há mais ou menos uns 100 anos, um Sacerdote encontrou escondido em uma catacumba do Norte, esse objeto com a alma de Victor. Sem saber como destruí-lo, no entanto, ele o levou para o templo dos sacerdotes e o selou na câmara que fica abaixo do portal da dimensão dos celestiais. Ele então começou a pesquisar formas de destruir o objeto: Tentou armas celestiais, magias de todo tipo, mas nada funcionava. Quando estava perto de sua morte, encontrou uma lenda sobre as Lâminas do Sol destruírem objetos amaldiçoados, e começou a viajar pelo mundo, tentando encontrar uma. Depois disso, nunca mais foi visto.

Jon fez uma pausa e olhou para Lara, que parecia entediada com a coisa toda, e estava olhando para Arian. Vê-la daquele tamanho era estranho. Se sentia superior a ela, que agora era bem mais jovem que ele, mesmo que temporariamente.

— É aí que a Lara entra. A câmara onde o sacerdote guardou a relíquia com a alma do Lich tinha um sistema que só se abriria para uma Sacerdote especial, que conseguisse invocar uma quantidade de energia muito maior que o normal. Lara foi a primeira sacerdotisa a ser permitida entrar na câmara desde que seu criador sumiu. O teste da entrada, no fim das contas, era só uma forma de encontrar alguém com poder o bastante para conter a maldição dessa relíquia, e poder carregá-la por aí, até um local onde pudesse ser destruída. Depois disso, fomos ordenados pelo líder dos sacerdotes a ir para Sunkeep, conseguir a espada feita com alma de Fênix, a Lâmina do Sol.

— Estava tão perto e o sacerdote que encontrou esse objeto não sabia que eles tinham uma? — questionou Kadia.

— Elas foram extintas. Ele sabia que a última documentada está perto da fronteira, com o Rei de Sunkeep, mas só servia de enfeite no palácio. Sem alguém que a alma da Fênix aceite, a arma é inútil, e há anos ninguém conseguia pegar nela. A coisa mudou há 10 anos, quando o príncipe de Sunkeep, agora coroado novo Rei, conseguiu empunhá-la. Precisamos chegar lá o mais rápido possível. Quanto mais demormos, mais tempo Victor vai ter para tentar pegar a relíquia de volta.

Kadia, Arian, Marko e Dorian estavam olhando meio incrédulos para a caixa preta, do tamanho de um punho, que Lara tirou do saco preso ao cinto e os mostrou. Parecia um objeto comum tirando alguns símbolos estranhos a toda volta do objeto quadrado.

— Supondo que eu acredite em vocês. Isso não é grande o bastante para mobilizar um exército de escolta? — questionou Kadia.

— Se alguém importante acreditasse na gente, sim... — falou Joanne. — Infelizmente, não tivemos muito apoio externo. Até na torre dos sacerdotes, uma parte acha isso tudo bobagem, enquanto os que acreditam, acham que devemos manter tudo sigiloso, e chamar pouca atenção. Daí o grupo pequeno, com os melhores guerreiros da torre. Quer dizer, menos o Jon, ele é meu assistente pessoal, por isso veio junto. — Joanne se sentou em uma cadeira, parecendo cansada. — Nada garante que toda essa lenda seja verdade, estamos apenas seguindo as instruções deixadas por um sacerdote que já morreu há muitos anos. A missão só foi iniciada por causa do sonho de Lara com a deusa Alizen, que a levou até o templo do sacerdote. Ao verem alguém conseguir entrar lá, alguns líderes da Torre de luz começaram a botar mais fé na história. — falou Joanne. — E dito tudo isso, espero que não voltem atrás agora. Precisaria matar todos vocês...

Arian e Dorian riram. Kadia não, provavelmente porque notou que havia um pouco de seriedade no que ela falou. <E> ficou atenta ao

que Jon falou o tempo inteiro, como era esperado de alguém que adorava ler e escutar contos e histórias do passado. Arian achava uma pena ela não poder segurar um livro por si mesma.

— Bem, Lara ainda não me contou tudo que sabe sobre mim, ou como me conheceu e quem eu era. Estou dentro. — disse Arian, voltando sua atenção para o grupo.

— Não disse que sou mais importante para você que suas memórias? — questionou Lara, insatisfeita com o que escutou.

— Você encolheu, mas a personalidade definitivamente continua a mesma — Arian ainda estava meio incrédulo com seu tamanho. A garota mostrou a língua para ele em resposta.

Kadia, que estava pensativa até ali, finalmente confirmou:

— Sem problemas por mim. Mas... gostaria que... me ensinassem a usar a magia dos celestiais.

— Será um grande prazer. Se tivesse domínio dela, talvez tivesse ganhado do Valadar sozinha — disse Joanne, parecendo bastante otimista.

— Poderia ser considerada uma classe SS? — Kadia parecia surpresa com o que Joanne disse.

— Se aprender a usar magia celestial como a Lara, com certeza.

— Vai sonhando — disse Lara, que fez uma cara desafiadora para Joanne, como se o que ela estivesse dizendo fosse impossível.

Isso só animou Kadia ainda mais, provavelmente pelo desafio.

— Contem comigo — disse a demônio.

Dorian balançou a cabeça, confirmando que iria continuar também. Joanne parecia menos tensa depois disso.

— A propósito, cadê minha espada? — perguntou Arian.

— Debaixo da cama. Essa porcaria tem um peso absurdo, tivemos que colocá-la em cima do seu corpo para ela ficar com o peso

normal e podermos trazê-la de volta.

Arian deu uma risada.

— Eu disse que a minha não fazia nada tão chamativo como a da Lara.

Arian se levantou, e pegou a espada. <E> ficou ao lado dele, curiosa para ver o que iria acontecer.

— Eu disse que essa era uma lâmina espiritual morta, ou semimorta, já que ainda faz algumas coisas estranhas. Mas acho que nunca comentei o tipo dela. Essa é uma Lâmina do Sol morta. Será que funciona contra a relíquia?

Joanne deu um pulo, parecendo muito interessada. Lara hesitou por um momento, e depois pegou a relíquia e a colocou no chão.

— Tente quebrar a caixa com ela, rápido, antes que comece a encher o quarto com uma fumaça amaldiçoada e mate todos aqui — disse Joanne.

— O que ela faz quando você toca nela, falando nisso? — perguntou Kadia.

— Abre vários mini portais da dimensão negra em volta de você, na tentativa de transformar a pessoa em um amaldiçoado. A única forma de conter é jogando energia da dimensão celestial em cima do objeto, constantemente. — Joanne explicou.

Arian levantou sua espada e a desceu com força sobre o objeto. Mas antes que a lâmina encostasse no mesmo, ele e a espada foram arremessados para trás, com Arian batendo de costas na parede, e a espada ficando cravada na mesma.

— É, acho que vamos precisar de uma Lâmina do Sol que funcione direito... — disse Dorian, caindo na risada. Marko estava rindo também, ou ao menos parecia estar. Na forma de lobo, no entanto, era difícil ter certeza, já que ele parecia estar soluçando. Arian, parecendo dolorido, voltou a deitar na cama.

— Valeu a tentativa — falou Joanne, enquanto Lara rapidamente pegava o objeto no chão, e parava a fumaça saindo dele com energia da dimensão celestial. — A cidade está a maior bagunça, e ainda estão contando os mortos. O líder da guarda descobriu que estávamos envolvidos no incidente, através de relatos. E não sei bem como, mas sabia se eu estava mentindo, ou não, quando me interrogou. Fui obrigada a contar tudo, e ele nos intimou a sair da cidade até amanhã, e nunca mais voltar aqui com esse objeto. Então, não vamos poder esperar o Arian e a Zek se curarem por completo.

— Eu estou bem, e meu braço vai estar funcional de novo em alguns dias. Eu me curo rápido. — disse Zek, não querendo parecer um empecilho.

— Sorte a sua que foi um corte liso, é muito raro conseguir colocar de volta seu braço e os ligamentos se reconectarem. Se Jon não tivesse juntado seu braço a você rapidamente e alinhado os ligamentos para seu corpo tentar reconectá-lo, teria perdido o membro. — comentou Joanne, ainda incrédula em como Jon conseguiu fazer isso. Ele relatou que desmaiou algumas vezes durante o processo, e que aprendeu lendo os livros da guild de Arian, sobre primeiros socorros. — Tudo explicado, partimos amanhã, façam os preparativos que acharem necessários.

Todos se levantaram de onde estavam sentados, tirando Arian e Zek, que continuaram deitados.

Nesse momento, Marko foi até Jon, e começou a empurrá-lo com a cabeça na direção de Joanne.

— Agora? Não pode ser depois? — perguntou o garoto, olhando para o lobo gigante.

Marko latiu para ele. Pelo jeito não podia ser depois. Jon então se dirigiu a Joanne, meio envergonhado.

— Eu... Eu queria agradecer por ter deixado eu e Zek irmos ajudar as pessoas naquele dia, mesmo ela sendo necessária. Então... — Jon

pegou algo em seu bolso, e estendeu sua mão, entregando um embrulho a Joanne. Ela pareceu um pouco chocada, mas logo abriu o presente. Era um colar dourado, com uma corrente bem fina, e um pingente no formato do simbolo de Alizen. No meio do pingente, tinha uma joia azul, muito bonita.

— É lindo... Mas onde conseguiu dinheiro para comprar algo assim? — perguntou ela, ainda pasma, observando o presente.

— Eu, Marko e Dorian ganhamos algum dinheiro em um cassino a alguns dias...

— Obrigada, Jon, nunca me deram um presente tão bonito — Joanne sorriu. Parecia verdadeiramente feliz. Depois deu um beijo na bochecha dele, o deixando completamente vermelho.

Zek, em contrapartida, fez uma cara de quem queria morrer vendo aquela cena. Jon então, foi até ela, ainda corado, tirou outro pequeno embrulho do bolso, e entregou na mão da garota.

— Zek, esse é para você. Eu espero não te dar mais tanto trabalho — disse ele, coçando a cabeça, meio envergonhado.

Zekasta o olhou meio inexpressiva, mas por dentro dava para ver como estava se sentindo, graças as bochechas levemente coradas, e seu olhos cheios de lágrimas. A garota então abriu o presente. Era um colar do mesmo modelo de Joanne, mas prateado, e o cristal no pingente de Alizen, em vez de azul, era laranja.

— Achei que combinava com seus olhos... Quer dizer, quando usa seus poderes, acho a cor deles muito bonita. — disse o garoto, sem saber exatamente como reagir, ou o que dizer naquela situação. Zek colocou o colar rapidamente, e estava com um leve sorriso, para o espanto de todo mundo ali, que estava acostumado a Zekasta séria e inexpressiva.

Ela então tentou se levantar e imitar o que Joanne fez, mas parou no meio do caminho, olhando para Kadia, que parecia estar dizendo algo a ela mentalmente. Quando voltou a levantar na direção de

Jon, se aproximou de seu rosto e beijou sua boca, em vez de sua bochecha. Quando se separaram, Jon virou um pimentão humano.

— Eu... A... — ele não sabia o que dizer, e Zek não parecia querer dizer nada, voltou a olhar com um sorriso para seu colar logo depois, com o rosto levemente corado.

Marko, Arian, Irene e Dorian começaram a rir sem parar, antes de sair do quarto. Joanne, no entanto, parecia um pouco incomodada, ou surpresa, não dava para ter certeza de qual dos dois. <E> estava meio corada olhando para os dois. Ela então puxou a camisa de Arian e apontou para os dois, e depois para seu pescoço.

— Eu adoraria <E>, mas fantasmas não podem usar colares — sussurrou ele, para a decepção da garota.

Logo depois, Irene trouxe uma pessoa toda enfaixada para o quarto em seus braços. Era Ane.

— A outra elfa morreu tentando proteger a menina com seu corpo. Mas parece que o tal de Atlas conseguiu salvar pelo menos essa a tempo — disse Joanne.

Ane estava enfaixada dos pés à cabeça, aparentemente seu corpo havia sido queimado gravemente, mas estava viva, o que importava muito mais para Arian do que sua aparência. Ela não conseguia falar, mas fechou os olhos, e depois os abriu, vagarosamente, como se dissesse que estava bem. Arian duvidava que fosse verdade, mas fazia parte da personalidade dela, assim como a de sua mãe, não querer preocupar os outros. Ele então começou a chorar. Não pode ter um final totalmente feliz, não conseguiu salvar todos que queria, mas ao menos ficou longe do pior resultado possível. Ane viva era muito mais do que ele esperava, depois da decisão que tomou.

Depois disso, Arian, como se estivesse sentindo grande alívio, voltou a dormir até o dia seguinte. Ele acertou um quarto para Ane, que ficaria aguardando um guardião de Distany vir buscá-la. Arian ofereceu o dinheiro do contrato a Siren, que estava com os ossos do corpo todos quebrados, em um dos quartos da guild. Foi encontrado

quase morto, um dia atrás. O cavaleiro recusou o dinheiro, dizendo que não conseguiu cumprir o contrato de proteger a garota e, portanto, se sentiria ofendido em ganhar algo.

Kadia também foi falar com ele, explicando sua história com o homem que a ajudou, assim que chegou nesse mundo. Arian, meio chocado com a revelação, pediu desculpas, e pareceu realmente triste pela dor que causou a ela. Depois decidiu contar quem era a garota que estava tentando salvar, e como o desastre que destruiu metade da cidade aconteceu.

— Não tem um dia que eu não lamente as vidas que se perderam naquele dia por minha culpa, mas, para mim, ela era mais importante do que todas elas juntas.

— Eu... entendo... Não consigo concordar, ou aceitar completamente, mas ao menos agora, entendo melhor sua escolha.

— Então... Estamos bem?

— Não sei, ainda tenho que digerir essa coisa toda direito. Mas eu acho que vamos ficar. — disse Kadia, sorrindo de leve para ele.

No dia seguinte, eles partiram. Arian estava fazendo carinho na cabeça de seu White Astalon, enquanto Joanne colocava os mantimentos em uma nova carruagem que comprou.

— Quer mesmo fazer isso, Marko? Parece realmente perigoso, e você tem família... — perguntou Arian. Seu amigo tinha voltado a forma humana no dia seguinte.

— Arian, eu sei que sou meio idiota as vezes, mas eu sou seu amigo, nunca se esqueça disso. Entrei nessa missão porque me importo com você, e não quero que morra, ao menos não antes de deixar pelo menos uns dois filhos para me chamarem de Tio Marko. — O guardião riu, e Marko continuou. — Então, enquanto quiser seguir esse grupo, pode contar comigo, com pagamento, ou não... Mas com pagamento é melhor.

Arian voltou a dar uma risada.

— Desculpe, Marko. E... obrigado.

O guardião então se fixou em Lara, que estava sentada dentro da diligência, com uma cara de tédio. Na frente dela, estava <E>, observando seu rosto, com uma expressão intrigada. Diferente de Marko, ela ainda não havia voltado ao normal, já que praticamente zerou a energia em seu corpo, o que cobrava um preço mais duradouro em comparação a Marko, que tinha apenas descido de uns 15%. Segundo Joanne, Lara tinha muito mais energia que uma pessoa normal, então demorava mais para recuperar tudo. Demoraria ainda uns 3 dias até sua energia voltar a um nível que a tirasse do seu pagamento.

Nada disso chamava tanta atenção de Arian, no entanto. O que mais o deixava perplexo, e obviamente a <E> também, é que, tirando a cor do cabelo e dos olhos, Lara era muito parecida com <E> naquela forma. Comparativamente, naquela idade, Arian achava <E> mais bonita, embora as duas fossem lindas. Veio então outro pensamento, se ele achava <E> mais bonita que Lara naquela idade, como ela seria mais velha? Lara era deslumbrante o bastante para chamar atenção se andasse sem capuz pelas ruas, se <E> fosse ainda mais bonita... O pensamento, que tirou um sorriso da sua cara, logo morreu, no entanto, já que <E> não tinha envelhecido nada desde que a conheceu.

Ele questionou Lara, mas ela disse não saber nada sobre uma garota parecida com ela, com cabelo branco e olhos vermelhos. Quando Arian perguntar sobre outras coisas, ela disse que já tinha dito pouco mais da metade do que sabia, contanto com o que disse antes e durante a missão em Ark. O resto ficaria para quando chegassem em Sunkeep.

Depois disso, partiram pelo portão Norte de Amira, escoltados pelo líder da guarda, que parecia querer se livrar deles o mais rápido possível. Seguiram viagem calados, com Arian e Kadia na frente, e Dorian e Marko atrás, como sempre. Em determinado momento, Irene puxou assunto.

— Estava pensando... Somos um grupo bem acima da média, que tal criarmos um nome, como fazem nas guilds?

Arian não pareceu interessado, mas o resto do grupo rapidamente começou a dar ideias.

— Os servos de Dorian.

— Os cavaleiros de Kadorarizekjonrane.

— O harém do Marko.

— Certo, esqueçam, essa ideia foi péssima. — disse Joanne, enquanto o grupo todo dava risada das propostas, principalmente a de Kadia, que era basicamente uma tentativa louca de fundir os nomes de todo grupo. — Para um bando de gente que quase morreu faz pouco tempo, vocês estão alegres até demais.

— Nem todos quase morreram... Esse mago folgado não fez nada a luta inteira — reclamou Irene.

— Se eu não tivesse guardado energia para um momento crítico, não teria conseguido bloquear a bruxa de escapar com a Lara. Do modo que eu vejo, fui o único a usar o cérebro nesse grupo.

Todos começaram a olhar feio para ele nesse momento.

— Deixem isso para lá, ao menos sobrevivemos. Mas fiquem de olhos abertos, Victor deve estar furioso com a falha do seu grupo, e se não chegarmos rápido em Sunkeep, vai mandar coisa ainda pior para nos interceptar. Temos uma semana ou menos para chegar à Sunkeep antes que isso aconteça.

Apesar do que Joanne disse, Arian estava olhando feliz para o grupo, tinha realmente simpatizado com a maioria deles... tirando Dorian. Cada vez mais eles o lembravam de seus tempos de guild, fazendo missões com seus companheiros. E mesmo que tenha perdido algumas pessoas que queria salvar, todos os membros do grupo sobreviveram, o que já era mais do que ele poderia esperar. Quase começava a desejar internamente que aquela jornada durasse um pouco mais do que 1 semana.

Quem pensaria que seu desejo seria realizado. Mas, infelizmente, como quase tudo em sua vida, não aconteceu do modo que ele queria.

Epílogo – 7 Vidas

Renascimento

Dois homens seguraram seus braços à beira de um precipício. Sua respiração estava ofegante, a dor em suas costas era insuportável, e a lembrança do que ocorrera naquele dia, ainda pior. Agora, já com tudo perdido, estava apenas esperando seu fim, o mais rápido possível.

O grande abismo. Por tanto tempo escutou histórias sobre aquele buraco gigantesco, que não parecia ter fundo, e que ninguém que tentou explorar teria voltado. Quem diria que terminaria ali.

Os guardas soltaram seus braços e empurraram levemente. Só estavam cumprindo ordens, e não pareciam muito felizes com elas. Os conhecia, mas preferia não olhar em seus olhos. Tinha medo de saber se estavam lhe julgando, ou com pena. Qualquer das opções iria doer.

Enquanto caía, muitas coisas passaram pela cabeça. Seus pais chorando, o julgamento no qual não podia se defender, as acusações ridículas, tudo por algo que estava ali desde que nasceu e não tinha controle. Já esperava que descobrissem faz alguns anos, e havia se preparado para o que viria quando ocorresse. No entanto, por que punir seus pais também? Seus outros filhos eram normais. Ao pensar nisso, sentiu as lágrimas surgindo em seus olhos semifechados. Agora, bastava esperar o fim de toda aquela dor. Só que o fim não veio.

Estava frio, seus olhos se abriram devagar, o vento os machucava. Suas costas ardiam, mas a dor estava mais suportável graças ao vento gelado.

Começou a prestar atenção à sua volta. O que era aquela coisa branca no chão? Onde diabos estava? Era isso que tinha no fundo do abismo? Nada estava fazendo sentido.

Seu instinto de sobrevivência falou mais forte e começou a procurar desesperadamente um local para se abrigar. Já não sabia há quanto tempo estava andando, sua mente não funcionava direito. E então viu uma construção. Ao menos aquilo reconhecia, mesmo que em um formato e material que nunca tinha visto.

Entrou procurando algo para se aquecer, o local estava praticamente vazio. Se enrolou nos panos e palha que encontrou e dormiu, antes que pudesse pensar em qualquer outra coisa.

Algum tempo depois, acordou por causa da dor. Não estava mais congelando, mas suas costas voltaram a doer de forma insuportável. Analisando o estado, não parecia haver uma solução. Chorou sabendo o que teria que fazer, mas falta de coragem nunca fora seu problema.

Naquele dia, os moradores da vila de Norei, uma pequena cidade nas montanhas a nordeste do continente, escutaram o grito de dor de uma criatura, que ecoou por toda montanha. Dias depois, mal notaram que a tal criatura estava vivendo entre os habitantes, como novo morador da vila. Sua história no mundo anterior terminara, era hora de refazer sua vida, do zero.

O Pedido

Por que os bonzinhos sempre acabam felizes nas histórias do seu povo? Nunca viu isso acontecer na vida real. Mesmo seu pai, que era considerado por muitos uma pessoa honrada, tinha podres.

Era algo necessário, o modo mais simples de se conseguir as coisas era por meios... errados? Por que são errados? Pessoas são egoístas, faz parte delas. Seu pai era egoísta também. Se não foi por satisfação própria, por que enfiaria alguém que afirmava amar em um lugar como aquele?

Era horrível, frio, as pessoas lhe julgavam antes de conhecer direito, e pior, tinha que fingir ser algo que não era para manter o nome da família intacto.

Fazia 2 dias que estava ali e já queria desesperadamente fugir.

Foi então que lembrou de sua parada de 3 meses antes de ir para aquele inferno.

Seus primeiros dias naquele lugar foram os mais felizes que teve em tempos. Mas o último mês foi horrível.

“Por que ela?” pensava. A maior parte do tempo era inofensiva e calada, uma linda estátua que servia para desabafar nos momentos de tédio.

Sua vida era previsível e prazerosa a maior parte do tempo. Fazia e tinha o que queria. Por que não podia continuar assim?

Aí veio aquele padre idiota e convenceu seu pai. E como se não fosse o bastante, aquilo. Nunca sentiu tanta inveja antes. Sabia que era errado, mas o que podia fazer? Sempre teve tudo que queria, mas quando finalmente desejava algo mais do que tudo, isso lhe foi negado.

Ah, aquela dor de novo... Fechou os olhos, tentando não chorar, e pediu desesperadamente por uma intervenção do destino.

Para sua surpresa, a intervenção veio, antes do que poderia imaginar, e de uma forma totalmente diferente.

O Lobo Solitário

Não sabia como estava vivo. Fazia 3 dias que seu corpo vagava pela água suja de um pântano. Sentiu muita dor no começo, com a água fétida queimando seu corpo, cheio de feridas abertas e carne mutilada. Mas o tormento parou no 2º dia, não sentia mais nada, não escutava mais nada.

A morte era assim? Provavelmente não. Ainda estava vivo, provavelmente preso a esse mundo pela culpa do ocorrido.

Seus pais, irmãos, toda uma vida de paz destruída porque queria se divertir, conhecer o mundo, e mais do que tudo, se provar para si mesmo, mostrar do que era capaz.

Se tivesse obedecido seus pais, nada daquilo teria acontecido. Era só o que conseguia pensar no momento, e claro, a raiva dos que

fizeram aquilo.

Seu corpo estava todo quebrado, seu rosto provavelmente irreconhecível de tanto que apanhou. Sua perna estava desfigurada a ponto de não conseguir se levantar.

Teve sorte, nenhum animal o encontrou, e 2 dias depois conseguiu se arrastar para fora dali.

Semanas depois, chegara a hora da retribuição, do modo mais cruel que pode imaginar... e que o assombraria pelo resto de sua vida.

A Promessa

A chuva caía com força naquela manhã.

Uma pessoa chorava na frente de um túmulo. Fazia horas que estava ali. Não conseguia aceitar a realidade. Não queria aceitar... Seus planos, todos arruinados... Não tinha mais nada... O que faria da vida agora?

Não sabia o que tinha feito aquilo, só ouvira rumores, e cada um deles parecia mais inacreditável que o outro. Mas não importava, descobriria por si mesmo.

— Eu juro, seja lá o que fez isso com você, eu vou achar, e fazer sentir tudo que estou passando agora. Eu juro para vocês — dizia, enquanto lágrimas corriam pelo seu rosto, disfarçadas pela chuva.

A lembrança do rosto novamente passou pela sua mente. Doía, e não sabia como fazer parar.

Abafado pelo barulho de um trovão, gritara com toda força, tentando colocar aquela dor para fora, inutilmente.

Novo Mundo

Onde estava? Ou melhor, como fora parar ali? Já lera sobre aquilo, mas nunca acreditou que seria possível. Estava quente, úmido, e o chão estava cedendo. Algo viscoso estava encostando em sua pele, enquanto seu pé afundava lentamente. Estava em um pântano?

Uma torre branca estava à sua frente. Era magnífica. Mas tinha outras preocupações no momento. Dez figuras em mantos brancos o estavam cercando no meio de uma clareira na mata.

Engoliu a seco, e só pode levantar os braços, esperando que entendessem o gesto.

Um deles falou alguma coisa, mas ele não entendia. Que idioma era aquele?

Fora levado para a torre por uma mulher de branco. Era linda, com um ar rígido, mas uma face tão bela, que não notou quanto tempo se passou de onde estava até a torre.

Eram boas pessoas, o alimentaram e deram um quarto. Descobriu depois que existiam mais casos como o dele, e já estavam acostumados a tratar isso.

Aprendeu a língua rapidamente com livros dos que vieram antes. Sempre fora bom nos estudos, e tinha certas vantagens sobre pessoas normais. Um ano depois estabeleceu um recorde, passando com louvor em diversas provas e se tornando um membro oficial do lugar. Conseguiu inclusive a posição que buscava, que lhe permitiria ficar ao lado daquela pessoa.

Não sabia quanto tempo levaria até conseguir dizer o que sente, ou como ela responderia, mas estar a seu lado era o bastante por enquanto. O que deixara para trás? Uma vida chata, algo muito mais interessante o esperava nesse mundo. Ou foi o que pensava... poucos meses depois, só desejava que tudo aquilo fosse um sonho ruim, do qual queria desesperadamente acordar.

O Pacto

Não conseguiu acalmar sua respiração, ou sequer focar seus pensamentos. O que demônios era isso?

Olhou fixamente pela janela da carruagem, contemplando a paisagem montanhosa... Não, a quem estava enganando? Só estava na esperança de ver sua silhueta ao longe.

Nunca sentiu aquilo por ninguém. Não era só atração. Muito mais que isso, uma ligação tão forte que doeu quando se separaram.

Para quem pensava nunca poder estar ao lado de uma pessoa sem ter medo de perdê-la para sua maldição, aquela foi a experiência mais feliz de toda sua vida. A primeira vez que conseguiu sorrir depois da morte de sua mãe.

Eles se encontrariam de novo em alguns anos, sabia disso, mas só isso não consolava, queria estar a seu lado para sempre. E embora fosse uma alegria estranha, se sentia feliz ao notar que seu par também estava abalado com a separação.

Mas estava tudo bem, mesmo desobedecendo seu pai e com o corpo debilitado, valeu a pena.

— Até que nos encontremos novamente... — falou sorrindo, e então lembrou de uma frase de seu livro favorito.

— Como a frase continuava? — "Não importa o que aconteça, eu sempre vou te encontrar. E até lá..."

Lembrou do complemento da frase e sorriu. Era perfeita para sua situação peculiar.

— Primeiro, vamos aprender a controlar isso — Seus olhos brilharam, não tinha mais medo de sua maldição. Agora, tinha que aprender a usá-la a seu favor.

Chega de se esconder. Chega de chorar e se lamentar. Era hora de lutar pela sua felicidade, que pela primeira vez acreditou ser possível.

Com um sorriso confiante, sua vida, parada no tempo, começou a andar novamente aquele dia.

O Homem Sem Passado

Um garoto acordou sem suas memórias perto de uma estrada do Sul. Com ele, apenas uma espada em condições ruins, mas com propriedades anormais. Ajudado por uma família, e depois por membros de uma guild, ele logo constatou que todos que ficavam

perto dele acabam sofrendo, e se isolou. Felizmente, ele nunca estava sozinho, uma companheira espiritual inseparável, estava sempre a seu lado. Nos seus momentos mais felizes, e nos mais tristes, ela sempre estava lá para apoiá-lo. E com ela, ele seguiu, em busca de um sentido para sua vida, e respostas para os mistérios que o cercavam.

Ele não ligava para o dinheiro e para fama que conseguiu, nada daquilo o trazia satisfação. Ele não era nobre, não agia como um herói, não lutava por justiça, não acreditava em deuses, sorte, ou destino. Era apenas alguém lutando pelo que queria, pelo que se importava.

Um dia, finalmente conseguiu respostas sobre si mesmo, ao entrar em uma missão, que, teoricamente, era para ser simples. Mas a missão não era o que aparentava, seus companheiros não eram o que pareciam, ou mesmo ele, era o que pensava. O que começou como uma escolta, virou algo sem precedentes na história do seu mundo.

Mas o garoto não ligava para isso. Não queria salvar o mundo, virar um herói, um Rei, ou ganhar reconhecimento, e continuou lutando apenas pelo que considerava importante para si mesmo. Ele sofreu, sorriu, chorou, criou laços, se perdeu, pensou em desistir, e cometeu vários erros, mas no final, ele conseguiu encontrar sua resposta. Anos mais tarde, sua história seria contada, como A Lenda de Arian.

Fim do Livro 1

Nota do autor

Muito obrigado a todos que leram esse livro, significa muito para mim.

Espero que tenham gostado do começo dessa aventura. Tenho ela na cabeça a muitos anos, mas admito colocar no papel foi bem mais difícil do que eu pensava. Sei a história que quero contar, mas passar as coisas com o devido sentimento, detalhes, tornar as batalhas épicas, ou emocionantes, e fazer com que cada capítulo seja interessante por si só, foi um desafio muito maior do que eu poderia supor. Português nunca foi meu forte também, então apanhei um bocado conforme aprendia a escrever mais corretamente, e repetir menos as palavras. Ainda tenho muito que melhorar nesse quesito, por sinal.

Além disso, foi um pouco ambicioso da minha parte, como autor iniciante, tentar criar várias batalhas detalhadas com muitos personagens no mesmo local (acho que é por isso que muitos autores gostam de dividir, deixando cada personagem enfrentando um inimigo em um local diferente. Mas embora facilite um bocado a descrição, admito que não sou fã do recurso). Você tem que pensar no que todos ali estão fazendo, a cada segundo, e como um interfere no combate do outro, ao mesmo tempo que torna a coisa toda o mais fácil possível de entender para o leitor (a parte mais difícil...). Apanhei um bocado reescrevendo combates, e espero que esse esforço tenha tornado eles compreensíveis e emocionantes aos leitores.

A <E> é outro caso peculiar, já que ela não pode interferir no mundo real, mas tenho que pensar no que ela está fazendo o tempo todo (e fico rindo sozinho com isso...). Esquecer que ela existe é bem fácil, principalmente no meio de lutas, mas soaria estranho ficar muito tempo sem informar sobre a personagem.

E caso alguém tenha dúvida, o epílogo, "7 Vidas", são sete passados de personagens diferentes que apareceram nesse livro 1. Tirando o

Arian, os outros eu não cito nome ou mesmo gênero, como forma de brincar com o leitor, deixando ele tentar adivinhar a quem pertence cada passado. Ao longo dos próximos livros vai ficar claro a quem pertence cada passado, e a pessoa vai poder notar se acertou quando leu a primeira vez. É uma brincadeira que eu quis fazer, de maneira a terminar o livro de um modo não tão comum.

De qualquer forma, assim como melhorei bastante escrevendo do começo ao fim desse livro 1, espero entregar um livro 2 ainda melhor. Se nada der errado, ele sai em algum momento da segunda metade 2018. Essa história está planejada para 6 livros, mas podem haver mudanças quanto a isso. E novamente, muito obrigado a todos que tiveram interesse em ler essa obra.

Marco Abreu – Janeiro de 2018

Preview do Livro 2

Victor Magnus, o Lich, está se dirigindo com um exército de amaldiçoados até Sunkeep, para tentar destruir a Lâmina do Sol, antes que Joanne a consiga. Enquanto isso, Arian, Lara e Kadia acabam teleportados para o meio da floresta dos amaldiçoados, sem ter a menor ideia de como sair.

Para mais informações sobre a obra e o autor acesse www.cronicasdearian.com

Table of Contents

[Capítulo 1 — Uma noite ruim](#)

[Capítulo 2 – A Elfa Idiota](#)

[Capítulo 3 - Por alguém que vale a pena morrer](#)

[Capítulo 4 - 8 contra 1](#)

[Capítulo 4.1 — 1 contra 8](#)

[Capítulo 5 - O vulto da morte](#)

[Capítulo 6 – A verdade sobre o Guardião](#)

[Capítulo 7 — Sem Opção](#)

[Capítulo 8 – O Guardião, a Fantasma e o Bêbado](#)

[Capítulo 9 – Arcadia](#)

[Capítulo 10 – 100 entram, só 8 saem.](#)

[Capítulo 11 – Os 8 campeões](#)

[Capítulo 12 – A Mulher de Olhos Dourados](#)

[Capítulo 13 – Kadia vs Arian](#)

[Capítulo 14 – Perspectiva](#)

[Capítulo 15 – O Sonho](#)

[Capítulo 16 – A Final](#)

[Capítulo 17 – Inesperado](#)

[Capítulo 18 – O Vencedor](#)

[Capítulo 19 – A Proposta](#)

[Capítulo 20 – A Demônio Curiosa](#)

[Capítulo 21 – O começo](#)

[Capítulo 22 – O Homem Sem Passado - Parte 1 - Lar](#)

[Capítulo 23 – O Homem Sem Passado - Parte 2 - Tudo por nada](#)

[Capítulo 24 – O Homem Sem Passado - Parte 3 - A primeira vez](#)

[Capítulo 25 – Lâminas Espirituais](#)

[Capítulo 26 – Imprevistos](#)

[Capítulo 27 – Um mundo cruel](#)

[Capítulo 28 – O gélido norte](#)

[Capítulo 29 – Sacrifícios](#)

[Capítulo 30 – Você não é o herói dessa história](#)

[Capítulo 31 – Aquela que pode mudar o destino](#)

[Capítulo 32 – Amira](#)

[Capítulo 33 – O Garoto Mágico dos Livros](#)

[Capítulo 34 – A Fugitiva](#)

[Capítulo 35 – A Demônio Frustrada](#)

[Capítulo 36 – A Floresta de Ark](#)

[Capítulo 37 – Os Malditos Goblins](#)

[Capítulo 38 – A bruxa](#)

[Capítulo 39 – A Escolha](#)

[Capítulo 40 – O Sétimo Guardião](#)

[Capítulo 41 - Não Morra!](#)

[Capítulo 42 – A Batalha dos Anjos](#)

[Capítulo 43 – O Cavaleiro de Dragão](#)

[Capítulo 44 – A Verdade](#)